



IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

NATAL • RN • 2023

O HABITAR NA CONTEMPORANEIDADE: DE SOFRIMENTOS
SILENCIADOS A POSSIBILIDADES DE SER.

📅 27 A 29 • SET • 2023 📍 WISH RESORT

Anais

2023 | V4
ISSN: 2763-7441



REALIZAÇÃO:

POIESIS

NÚCLEO DE ESTUDOS EM FENOMENOLOGIA

ORGANIZAÇÃO:



ASSOCIAÇÃO DE DIVINOS COMPANHINHOS

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO

POIESIS- Núcleo de Psicologia Fenomenológica
Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano – GESDH/UFRN

APOIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 17ª REGIÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA – DEPSI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI
GRUPO DE ESTUDOS SUBJETIVIDADE E DESENVOLVIMENTO HUMANO - GESDH/UFRN
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – ANPEPP
GRUPO DE TRABALHO PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP
NATAL CONVENTION & VISITORS BUREAU

ORGANIZAÇÃO

Amanda Rocha Assessoria de Eventos

PRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E INFORMAÇÕES

Amanda Rocha Assessoria de Eventos

HOME PAGE

www.nucleopoiesis.com.br

COMISSÃO ORGANIZADORA

Elza Dutra (Presidente)

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

Ana Andréa Barbosa Maux
Ana Karina Silva Azevedo
Cíntia Guedes Bezerra
Cynara Carvalho de Abreu
Kadidja Suelen de Lucena Santos
Melina Séfora Souza Rebouças
Symone Fernandes de Melo

COMISSÃO CIENTÍFICA

Elza Dutra
Ana Andréa Barbosa Maux
Ana Karina Silva Azevedo
Cíntia Guedes Bezerra
Cynara Carvalho de Abreu
Kadidja Suelen de Lucena Santos
Melina Séfora Souza Rebouças
Sílvia Raquel Santos de Moraes
Symone Fernandes de Melo

EQUIPE DE APOIO TÉCNICO

Amanda Melo Queiroz da Costa
Calebe Ivanildo Saldanha dos Santos
Larissa Marcela Peixoto de França
Lucas Gomes Maciel
Manuella Bila de Melo
Maria Eduarda de Brito Almeida Matias
Maria Vanessa Moraes da Silva
Natália Nogueira de Medeiros
Patricia Karla de Souza e Silva
Rita Pinto Amorim das Virgens
Sinthya de Cássia Oliveira da Rocha
Tainá Borges de Carvalho
Vitória Patrícia Bezerra de Medeiros

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO DOS ANAIS

Ana Andréa Barbosa Maux

Ana Karina Silva Azevedo

Cynara Carvalho de Abreu

Fabíola Barreto Gonçalves

Kátia Rejane da Silva

Lucas Gomes Maciel

Maria Vanessa Moraes da Silva

Melina Séfora Souza Rebouças

Symone Fernandes de Melo

SISTEMA DE INSCRIÇÃO, SUBMISSÃO DE TRABALHOS E EMISSÃO DE CERTIFICADOS

POTI RN - Projetos e Outsourcing em Tecnologia da Informação do Rio Grande do Norte

SECRETARIA GERAL

Kadidja Suelen de Lucena Santos

COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

Italo Roberto de Amorim Souto

Kadidja Suelen de Lucena Santos

CANAIS DE COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

www.nucleopoiesis.com.br

@poiesis_psi_feno

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

Catálogo da Publicação na Fonte UFRN/ Biblioteca setorial do Biociências

Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial (4. : 2023 : Natal, RN)
Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial [recurso eletrônico] : O habitar na contemporaneidade de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser. – Natal, RN: UFRN, 2023.
229p.: PDF.

ISSN: 2763-7441

Acesso: www.nucleopoiesis.com.br

Evento realizado nos dias 27, 28 e 29 de setembro de 2023.

1. Fenomenologia existencial – Congressos. 2. Contemporaneidade – Congressos. I. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. II. Título.

UFRN/BSC

CDU 165.62

Elaborado por Kátia Rejane da Silva – CRB 15/351

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

SUMÁRIO

LINHA TEMÁTICA.....	28
Práticas Clínicas, contemporaneidade e Saúde	28
UMA NARRATIVA EM PRIMEIRA PESSOA SOBRE SOFRIMENTO PSÍQUICO.....	29
Victoria Sandrin Junqueira.....	29
Vera Engler Cury.....	29
A ESCUTA DE ADOLESCENTES NO PLANTÃO PSICOLÓGICO.....	30
Léa Cristina De Lazzari Bessa	30
A EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE EM MULHERES: UM ESTUDO DE CASO	31
Luciana Fernandes de Medeiros.....	31
Irene Borges-Duarte	31
A EXPERIÊNCIA DE OBESIDADE DE SIMONE - UM ESTUDO DE CASO	32
Falbe Cristino de Menezes Neto.....	32
Márcia Helena Nogueira da Silva.....	32
Karla Carneiro	32
Lucas Guimarães Bloc.....	32
A EXPERIÊNCIA DE SER ATENDIDO EM ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO ONLINE	33
Paulo Evangelista	33
Gabriela Viana.....	33
Gabriel Carvalho	33
Claudia Lins	33
A EXPERIÊNCIA DE SEXUALIDADE PARA MULHERES IDOSAS: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA.....	34
Amanda Karênina Galvão de França.....	34
Ana Karina Silva Azevedo	34
A EXPERIÊNCIA DO PSICÓLOGO FENOMENÓLOGO HERMENÊUTICO: REFLEXÕES ACERCA DO SER-COM-O-OUTRO	35
Roberta da Costa Borges	35
A EXPERIÊNCIA VIVIDA POR PSICOTERAPEUTAS INFANTIS: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO.....	36
Karla Carneiro	36
Sarah Rebeca Viana Barreto.....	36
A INTERVENÇÃO ASSISTIDA POR ANIMAIS E A PSICOPATOLOGIA SEGUNDO KARL JASPERS.....	37
Lidiane Verônica Collares da Silva.....	37

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

A QUESTÃO DA TÉCNICA EM HEIDEGGER E A PRÁTICA CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	38
Adriana Raquel Negrão Duarte	38
Elza Dutra.....	38
A RELAÇÃO TERAPÊUTICA COMO SUPORTE PARA A SAÚDE EXISTENCIAL DO SUJEITO	39
Paulo César Borges De Sousa Filho	39
Karine Cardozo Rodrigues Machado	39
Karolyna Pessoa Teixeira Carlos.....	39
Josenilson Carlos Santana Pereira	39
A VIVÊNCIA DO TEMPO E A PSICOTERAPIA: UM ESTUDO DE CASO	40
Ariane Voltolini Paião.....	40
Andrés Eduardo Aguirre Antúnez	40
ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO (AT) EM ESCOLA E PSICOLOGIA EXISTENCIAL	41
Marcela de Freitas Andrade	41
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista	41
ANÁLISE DA IMPLANTAÇÃO DE UM PLANTÃO PSICOLÓGICO PARA ESTUDANTES DE MEDICINA	42
Lucca Barbosa	42
Paulo Evangelista	42
ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DO ACOLHIMENTO À IDEIAÇÃO SUICIDA: RESULTADOS PRELIMINARES	43
Hian Soares Teixeira	43
Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo	43
AS CONSTRUÇÕES SOCIAIS NOS PROCESSOS DE ADOÇÕES NECESSÁRIAS	44
Gessica Raquel Clemente Rodrigues.....	44
Ana Luiza Gomes de Medeiros	44
Mariana Cunha de Mello	44
Maria Stela Dantas Mendes.....	44
Míriam Câmara.....	44
AS JANELAS DA ALMA HOSPITALAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	45
Ciro de Almeida Sampaio	45
Ana Andréa Barbosa Maux	45
ATENDIMENTO A UM CLIENTE COM IDEIAÇÃO SUICIDA NO PLANTÃO PSICOLÓGICO: CASO CLÍNICO	46
Ana Caroline Oliveira Soares.....	46
Hian Soares Teixeira	46
Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo	46

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

ATENDIMENTO LUDOTERÁPICO A UMA CRIANÇA ENLUTADA EM UM CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO	47
Vitória Patrícia Bezerra de Medeiros	47
Larissa Marcela Peixoto de França.....	47
Tainá Borges de Carvalho	47
ATITUDE DE EMPATIA NA RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO.....	48
Nadini Brandão de Sousa Takaki	48
Vera Engler Cury.....	48
BODY POSITIVITY E O CORPORAR (LEIBEN).....	49
Gabriel César Silva Rodrigues	49
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista.....	49
CAMINHOS ATRAVESSADOS: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA O ENCAMINHAMENTO ENTRE PSICOTERAPEUTAS.....	50
Alisson de Oliveira Santos	50
Ciro de Almeida Sampaio	50
Ana Andréa Barbosa Maux	50
CÁRCERE AFETIVO DE MULHERES EM RELAÇÕES ABUSIVAS – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	51
Ana Amélia Melo de Oliveira	51
Melina Séfora Souza Rebouças	51
COMPREENSÕES FENOMENOLÓGICAS DE UM EXISTIR COM UMA DOENÇA NEURODEGENERATIVA	52
Talita Gomes Varela Barca	52
Ana Karina Silva Azevedo	52
Letícia Pinheiro Miranda.....	52
COMPREENSÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE EXPERIÊNCIAS DE SER-COTISTA NO CURSO DE MEDICINA DA UFRN.....	53
Natália Nogueira de Medeiros.....	53
Ana Karina Silva Azevedo	53
COMPULSIVIDADE COMO MARCA DO HORIZONTE HISTÓRICO DA TÉCNICA - UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA	54
Helma Aretuza Ramos Rodrigues	54
Melina Séfora Souza Rebouças	54
CORPO E OLHAR DO OUTRO NA COMPULSÃO ALIMENTAR E NA BULIMIA NERVOSA	55
Brenda Caracas.....	55
Lucas Bloc.....	55
Fugita Carvalho	55

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

Virgínia Moreira.....	55
CORPO E TRANSTORNOS ALIMENTARES À LUZ DA FENOMENOLOGIA DE SARTRE .	56
Nayana Leão e Silva de Castro.....	56
Eduardo Barreto Fernandes Silva.....	56
Francisco Luan de Souza Carvalho.....	56
Monalisa de Fátima Rodrigues Pimenta Teles.....	56
Lucas Guimarães Bloc.....	56
CURIOSO CASO DO MENINO QUE PAROU DE FALAR E O BRINCAR TERAPÊUTICO....	57
Sabrina Alvares Baptista de Albuquerque.....	57
Maria Beatriz Cytrynowicz.....	57
DA PATOLOGIA AO “SER CRIANÇA”: ESTUDO SOB A ÓTICA DA FENOMENOLOGIA..	58
Vitória Cavalcante Sousa.....	58
Joana Samya Carvalho Carneiro.....	58
Camila Pereira de Souza.....	58
DESVALORIZAÇÃO DO CORPO A PARTIR DE VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR HOMEM HOMOSSEXUAL.....	59
André Prado Nunes.....	59
DESVELANDO COMPREENSÕES FENOMENOLÓGICAS E EXPERIÊNCIAS DO SER- IDOSO NA CONTEMPORANEIDADE.....	60
Thainá Souza Cruz Belmiro.....	60
Amanda Karênina Galvão de França.....	60
Maria Vanessa Moraes da Silva.....	60
Ana Karina Silva Azevedo.....	60
DO QUINTAL AO APARTAMENTO: UMA COMPREENSÃO DA VIDA URBANA NA ERA PET-FRIENDLY.....	61
Sophia Porto Kalaf.....	61
Marlise Aparecida Bassani.....	61
EMOÇÕES E MASCULINIDADES: UMA EXPERIÊNCIA DE GRUPO À LUZ DA HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA.....	62
Pedro Otávio Maia Guedes.....	62
Cynara Carvalho de Abreu.....	62
Ana Andréa Barbosa Maux.....	62
ENTRE VIDA E MORTE, LUTO: COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA DAS PERDAS NO COTIDIANO.....	63
Kely Prata Silva.....	63
ESCUTA CLÍNICA DE CRIANÇAS COM IRMÃOS EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL	64
Caroline da Costa Oliveira.....	64
Symone Fernandes de Melo.....	64

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

EXISTÊNCIA EM LIBERDADE: A EXPERIÊNCIA DE UMA CRIANÇA EM LUDOTERAPIA	65
Nívea de Souza Silva.....	65
Larissa Marcela Peixoto de França.....	65
Symone Fernandes de Melo	65
Patrícia Karla de Souza e Silva	65
Cynara Carvalho de Abreu	65
EXPERIÊNCIA DE PLANTÃO PSICOLÓGICO HUMANISTA-FENOMENOLÓGICO	66
Francisco Luan de Souza Carvalho	66
Lucas Guimarães Bloc.....	66
Marianna Facó.....	66
Nayana Leão e Silva de Castro.....	66
Gabriela Frota de Paula Pessoa	66
EXPERIÊNCIA DE SER-CRIANÇA COM TDAH: COMPREENSÃO HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA	67
Débora Cristina Guerra de Araújo Vale	67
Ana Karina da Silva Azevedo	67
EXPERIÊNCIAS DE SOFRIMENTO NO ADOECIMENTO MENTAL SOB A PERSPECTIVA DA PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA.....	68
Vera Engler Cury.....	68
Luiza Eduarda Miranda	68
FENOMENOLOGIA DE SIMONE DE BEAUVOIR ENTRE IDOSAS: DE ONDE VEM SEU NOME?	69
Renata Soares	69
Ciro de Almeida Sampaio	69
FENOMENOLOGIA E CLÍNICA DA DEPRESSÃO: CUIDADO PSICOTERAPÊUTICO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19	70
Cristine Monteiro Mattar.....	70
Luana de Matos Guimarães	70
Giulia Radicetti Riedlinger Abbate	70
Debora Dias Amoroso	70
Marina de Castro Boldrini	70
FENOMENOLOGIA, CLÍNICA E POSITIVIDADE: OS PERIGOS INVISÍVEIS DA TERAPIA ONLINE	71
Bruna Rinaldi	71
Dalila Leal	71
Marcelo Sodelli	71

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

FORMAÇÃO MÉDICA E CONDIÇÕES DE ENRAIZAMENTO DE ESTUDANTES COTISTAS	72
Natália Nogueira de Medeiros.....	72
Ana Karina Silva Azevedo	72
GRUPO PSICOTERAPÊUTICO HUMANISTA-FENOMENOLÓGICO PARA PESSOAS COM QUEIXA DE ANSIEDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA	73
Willyan da Costa Mota.....	73
Elvira Ribeiro Madeira.....	73
Lucas Guimarães Bloc.....	73
GRUPOS DE ESCUTA PSICOLÓGICA PARA PACIENTES COM DOR CRÔNICA: UMA INTERVENÇÃO HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA	74
Marianna Facó Soares	74
Francisco Luan de Souza Carvalho	74
Lucas Bloc.....	74
GRUPOS INTERVENTIVOS PARA PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL ENTRE DOCENTES DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS	75
Shirley Macêdo.....	75
Jorge Tarcísio da Rocha Falcão.....	75
HERMENÊUTICA COMO HORIZONTE COMPREENSIVO À PRÁTICA PSICOLÓGICA EM SAÚDE.....	76
Ana Maria de Santana	76
HIKIKOMORI E O SER-NO-MUNDO-COM-OS-OUTROS: UMA INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	77
Caroline Carvalho Pimentel	77
Cíntia Guedes Bezerra.....	77
IMPLANTAÇÃO DE PRONTO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO EM UM CAPS AD: RELATO DE EXPERIÊNCIA	78
Willyan da Costa Mota.....	78
Janara Pinheiro Lopes	78
José Claudio Garcia Lira Neto	78
Lucas Guimarães Bloc.....	78
INTERSEÇÃO ENTRE CUIDADOS PALIATIVOS E FENOMENOLOGIA: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA	79
Pedro Casanova Martins dos Santos.....	79
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista	79
LAÇOS DO AMOR: O FAZER CLÍNICO NO PROCESSO DE ACOLHIMENTO E ADOÇÃO	80
Gessica Raquel Clemente Rodrigues.....	80
Maria Fernanda Souza Marques.....	80
Vanessa Caroline Freire Dantas	80

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

LIMITES: DIÁLOGO SOBRE SEXUALIDADE ENTRE PAIS E FILHOS(AS)	81
Vladya Tatyane Pereira de Lira	81
Marcus Túlio Caldas	81
MENINO OU MENINA? TRANSIÇÃO DE GÊNERO SOB A PERSPECTIVA MATERNA	82
Helma Aretuza Ramos Rodrigues	82
Symone Fernandes de Melo	82
MIGRANDO PARA O ONLINE? RELATOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DE PSICOTERAPEUTAS EXPERIENTES	83
Paula Couceiro Figueiredo	83
Paulo Eduardo Alves Evangelista	83
MULHERES NEGRAS: POTENCIAL TRANSFORMADOR NO GRUPO TERAPÊUTICO À LUZ DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL	84
Joice Roberta Modesto	84
NOVOS OLHARES SOBRE SEXUALIDADE DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)	85
Vladya Tatyane Pereira de Lira	85
Marcus Túlio Caldas	85
O MANEJO CLÍNICO DO AUTISMO EM GESTALT-TERAPIA	86
Gessica Raquel Clemente Rodrigues	86
Vanessa Caroline Freire Dantas	86
O MUNDO VIVIDO BORDERLINE SOB A LENTE DA PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA	87
José Waldo Saraiva Neto	87
Falbe Cristino de Menezes Neto	87
Lucas Guimarães Bloc	87
O PAPEL DA SUPERVISÃO NO PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM OLHAR HUMANISTA- FENOMENOLÓGICO	88
Francisco Luan de Souza Carvalho	88
Lucas Guimarães Bloc	88
Mariana Facó	88
Nayana Leão e Silva de Castro	88
Gabriela Frota de Paula Pessoa	88
O QUE VOCÊ FARIA? RECURSO TERAPÊUTICO PARA REFLEXÕES SOBRE ESCOLHAS NA ADOLESCÊNCIA	89
Ana Izabel Oliveira Lima	89
Sarah Hannany Marques Bandeira	89
Tatiany Karla Lima dos Santos	89
O USO DA TINTA COMO POSSIBILIDADE DE LIVRE EXPRESSÃO NA LUDOTERAPIA ..	90

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

Larissa Marcela Peixoto de França.....	90
Lucas Gomes Maciel.....	90
Pedro Sonehara de Moraes.....	90
Vitória Patrícia Bezerra de Medeiros.....	90
Patrícia Karla de Souza e Silva.....	90
PERFORMANCE CONJUGAL E O CONFRONTO COM OS EXISTENCIAIS NA CLÍNICA COM CASAIS.....	91
Leandra Rossi.....	91
PLANTÃO DE ESCUTA PSICOLÓGICA: SUA IMPLANTAÇÃO NUM CURSO DE MEDICINA.....	92
Sara Benevides de Lucena.....	92
Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa.....	92
PLANTÃO PSICOLÓGICO E RELAÇÕES FAMILIARES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA RELAÇÃO DE SUPORTE.....	93
Carolina da Natividade Rodrigues Correa.....	93
Matheus Venicio da Silva Fontenele.....	93
PLANTÃO PSICOLÓGICO E SOFRIMENTO PSÍQUICO UNIVERSITÁRIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	94
Isabella Figueiredo da Silva.....	94
Flávio Lúcio Almeida Lima.....	94
Ebson Lucas Leopoldo de Araújo.....	94
Daniel Marinho Pontes.....	94
PLANTÃO PSICOLÓGICO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE MANAUS-AM: UMA VISÃO CONTEMPORÂNEA.....	95
Jane da Silva Paes.....	95
Janderson Costa Meira.....	95
Ruy Siqueira de Lima.....	95
PLANTÃO PSICOLÓGICO ON-LINE NA UNIVERSIDADE: ANÁLISE DAS DEMANDAS PSICOLÓGICAS.....	96
Paulo Evangelista.....	96
Júlia Alves.....	96
Alice Moreira Pauffero.....	96
Lucas de Paula Alves Oliveira.....	96
PLANTÃO PSICOLÓGICO: ACOLHIMENTO E CAMINHOS DE INTERVENÇÃO NO ATENDIMENTO A MULHERES.....	97
Hélio Luiz De Souza Costa.....	97
Luciana Fernandes de Medeiros.....	97
PLANTÃO PSICOLÓGICO: O VÍNCULO ENTRE PLANTONISTAS.....	98

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

Luiza Karol Rocha Pimenta	98
Verônica Santos Resende	98
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista	98
PRIVATIZAÇÕES, SUICÍDIO E O VIVER SEM GARANTIAS: REFLEXÕES PELA PSICOLOGIA EXISTENCIAL	99
Elina Eunice Montechiari Pietrani.....	99
PSICOTERAPIA CENTRADA NO CLIENTE: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO CLÍNICA DESAFIADORA E ATUAL.....	100
Vitória Dourado Aves	100
Vera Engler Cury.....	100
PSICOTERAPIA EM GRUPO NA INFÂNCIA: UMA POSSIBILIDADE VIVENCIAL E TERAPÊUTICA.....	101
Beatriz Mendes e Madruga.....	101
Ana Andrea Barbosa Maux	101
PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL E PSICODÉLICOS: UM NOVO PARADIGMA TEÓRICO E TÉCNICO?	102
Fábio Nogueira Pereira.....	102
RED (CRESCER É UMA FERA): ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE SER NO MUNDO ADOLESCENTE	103
Jaqueline Vilar Greco Ramalho.....	103
REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE IDOSOS	104
Thainá Souza Cruz Belmiro	104
Ana Karina Silva Azevedo	104
REFLEXÕES SOBRE A FINITUDE E PRÁTICAS DE CUIDADO EM SAÚDE	105
Frederico Noronha Clemente	105
Andrea Paula da Costa Munção	105
REFLEXÕES SOBRE O IMPACTO DO INSTAGRAM NA AUTOIMAGEM DE MULHERES	106
Beatriz de Breyne Fenner	106
REFLEXÕES SOBRE O PLANTÃO PSICOLÓGICO COM CRIANÇAS	107
Bruna Gabriella Carvalho de Oliveira.....	107
Ana Karina Silva Azevedo	107
Lara Raquel Rodrigues e Souza	107
Talita Gomes Varela Barca	107
Calebe Ivanildo Saldanha dos Santos.....	107
RELATO DE EXPERIÊNCIA ENCONTRO CLÍNICO NA VISÃO DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL DE JP.....	108
Yara Jakeline Barbosa Nóbrega Lima.....	108

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

Telma Regina Lago Costa	108
REVISÃO DE LITERATURA: PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL PARA A ESQUIZOFRENIA, UMA BREVE RETÓRICA	109
Davi Arnaut Conduru	109
George Mariane Soares Santana.....	109
Elen Greice Melo Amorim Fernandes.....	109
SER EM UM NOVO MUNDO: ESTUDANTES MIGRANTES E O HABITAR	110
Rita Pinto Amorim das Virgens	110
Symone Fernandes de Melo	110
Maria Luisa Paes Barreto Pereira de Macedo Machado.....	110
Patrícia Karla de Souza e Silva	110
SER-EM-FAMÍLIA: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS A RESPEITO DO CONCEITO ESTRANGEMENT.....	111
Mariana M Belonio	111
Myrna Coelho.....	111
SOFRIMENTO EM BURNOUT: UMA APROXIMAÇÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL	112
Carolina Gonçalves Mutafi	112
THE VOICE CAPS AD: UM ENCONTRO FENOMENOLÓGICO.....	113
Nayara Manhães Chagas Cobuci.....	113
TRABALHO COM GRUPOS EM INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO	114
Fernanda Fiuza Bastos de Moraes Pinto	114
Gessica Raquel Clemente Rodrigues.....	114
Clara Beatriz de Andrade Pereira	114
Klaus Macena Fontenelle	114
Lucas Victor Lemos Germano	114
TRABALHO, HORIZONTE EPOCAL E A CONDIÇÃO DE NAUFRÁGIO EXISTENCIAL NA ATUALIDADE.....	115
Caroline Garpelli Barbosa	115
TRANSTORNOS ALIMENTARES COMO FENÔMENOS EPOCAIS	116
Gabriel César Silva Rodrigues	116
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista	116
ÚLTIMO GRITO: COMPREENSÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE SUICÍDIO EM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA	117
Amanda Melo Queiroz da Costa	117
Ana Karina Silva Azevedo	117
UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICO SOBRE O SOFRIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE.....	118

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

Lívia Grijó Halfeld	118
VIOLÊNCIA VELADA E RELACIONAMENTO ABUSIVO NOS CASAMENTOS NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA E HERMENÊUTICA	119
Daniela de Melo Julianetti.....	119
VIVÊNCIA DO TEMPO EM UNIVERSITÁRIAS DEPRIMIDAS NA PANDEMIA SEGUNDO O MÉTODO FENÔMENO-ESTRUTURAL	120
Ariane Voltolini Paião.....	120
Andrés Eduardo Aguirre Antúnez.....	120
VIVÊNCIAS DE ESTAGIÁRIOS EM ATENDIMENTOS DE PLANTÃO PSICOLÓGICO	121
Vera Engler Cury.....	121
Lucas Silva Suniga.....	121
Vitória Dourado Alves	121
Ana Clara Aguiar Padilha.....	121
Luiza Eduarda Miranda	121
LINHA TEMÁTICA.....	122
Fenomenologia, pesquisa e formação em psicologia	122
A ABORDAGEM HUMANIZADA DOS BOMBEIROS NOS EVENTOS DE TENTATIVA DE SUICÍDIO	123
Kelli Cristina Santos Bastos.....	123
Ana Maria Lopes Calvo Feijoo	123
A ESCUTA FENOMENOLÓGICA DE MULHERES EM BRAQUITERAPIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	124
Yoná Ingrid Trajano de Moraes	124
Bruna Ribeiro da Silva	124
Akaliny Araújo Martins da Silva.....	124
Luciana Fernandes de Medeiros.....	124
Andrea Cristina Taelin Biselli.....	125
Ida Elizabeth Cardinalli.....	125
A EXPERIÊNCIA VIVIDA POR PACIENTES ANSIOSOS EM PSICOTERAPIA DE GRUPO HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA	126
Bruna Soares Picanço.....	126
Lucas Guimarães Bloc.....	126
A FALTA DE UM OLHAR EXISTENCIALISTA NO ESPORTE.....	127
Lucas Vitorino da Silva.....	127
A INTERSUBJETIVIDADE NA PSICOTERAPIA DE GRUPO HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	128
Fugita Carvalho	128
Karla Carneiro	128

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

Lucas Bloc.....	128
A MONITORIA COMO INCREMENTO À FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA HEIDEGGERIANA	129
Pedro Sonehara de Moraes.....	129
Hector Lucca Feitosa Guerra.....	129
Cynara Carvalho de Abreu	129
A TEMPORALIDADE MANÍACA DE JOÃO SOB A PERSPECTIVA DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY	130
Juliana Lima de Araújo	130
Virginia Moreira.....	130
AQUARELA COMO ABERTURA DE SENTIDOS: O CASO DE UM VINCENT	131
Lucas Gomes Maciel.....	131
Cynara Carvalho de Abreu	131
COMPREENSÕES FENOMENOLÓGICAS ACERCA DO SUICÍDIO NA POPULAÇÃO IDOSA NORTE-RIOGRANDENSE	132
Lara Raquel Rodrigues e Souza	132
Ana Karina Silva Azevedo	132
Bruna Gabriella Carvalho de Oliveira.....	132
Natália Azevedo de Brito	132
Ana Carolina de Araújo Soares	132
COMPREENSÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS ACERCA DA EXPERIÊNCIA SUICÍDIO NA INFÂNCIA: “E EXISTE?”	133
Manuella Bila de Melo	133
Ana Karina Silva Azevedo	133
COMPREENSÕES SOBRE A EXISTÊNCIA: POSSIBILIDADES DE SER-NO-MUNDO ATRAVÉS DOS SONHOS.....	134
Michelle Vanessa dos Prazeres Santos.....	134
Noelle Lira Furtado Zibemberg.....	134
Ana Izabel Oliveira Lima	134
CONSTRUÇÕES DE SENTIDO PELOS ALUNOS DE C&T/UFRN: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA.....	135
Frederico Noronha Clemente	135
Andrea Paula da Costa Munção	135
Lucas Resende Piatti	135
Morgana de Gusmão Moraes.....	135
CONTRIBUIÇÕES DA DASEINSANÁLISE DE BINSWANGER PARA A PESQUISA EM PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA.....	136
Priscila Silva Navas.....	136

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA PARA A SUPERAÇÃO DO PARADIGMA DA SUBJETIVIDADE	137
Deborah Moreira Guimarães	137
CONTRIBUIÇÕES DE SIMONE DE BEAUVOIR PARA UMA PERSPECTIVA CRÍTICA EM FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL	138
Luana de Matos Guimarães	138
CORPOLATRIA E A CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM NA CONTEMPORANEIDADE: UMA DISCUSSÃO FENOMENOLÓGICA	139
Gabriela Frota de Paula Pessoa	139
Jurema Barros Dantas	139
Yago Façanha de Sousa Mota	139
Rayane Pauline Morais Torres	139
DASEIN NO METAVERSO	140
Débora de Alcântara Rulkowski	140
Flávia Meneses Duarte	140
DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA	141
Mila Ruela da Silva	141
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista	141
DESENVOLVENDO RECURSOS TERAPÊUTICOS NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	142
Ana Izabel Oliveira Lima	142
Carina Cavalcanti de Souza	142
Emerson Gadelha Lacerda	142
DO ADOECIMENTO E ANGÚSTIA A POSSIBILIDADES DE SER: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	143
Yoná Ingrid Trajano de Moraes	143
Luciana Fernandes de Medeiros	143
ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO NA UTI MATERNA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	144
Joelson Pereira da Silva	144
Manuella Mayara de Medeiros Nunes	144
Sebastião Elan dos Santos Lima	144
EXISTÊNCIA EM MOVIMENTO: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	145
Nívea de Souza Silva	145
Cynara Carvalho de Abreu	145
EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO CLÍNICO SOB A ÓTICA DA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL	146

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

Perry Garcia Valadares.....	146
Gabriela Kiyo Alves Kanashiro	146
Telma Regina Lago Costa.....	146
FENOMENOLOGIA E ARTETERAPIA: PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES.....	147
Jane da Silva Paes.....	147
Marisa Bel Rebelo Vieira.....	147
FENOMENOLOGIA E SAÚDE MENTAL INFANTOJUVENIL: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO BÁSICO EM PSICOLOGIA	148
Isabelly Dias Vieira.....	148
Matheus Matos Franco.....	148
Rosa Angela Cortez de Brito.....	148
HERMENÊUTICA COLABORATIVA: UM MÉTODO FENOMENOLÓGICO COMO AÇÃO CLÍNICA NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO	149
Shirley Macêdo.....	149
INFÂNCIAS E DESAFIOS VIRTUAIS: QUANDO O BRINCAR É SOBRE A MORTE	150
Manuella Bila de Melo.....	150
Ana Karina Silva Azevedo.....	150
MÃE SOLO: UMA EXPERIÊNCIA DE CUIDADO À LUZ DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA.....	151
Leonardo Pereira Soares Santos Pessoa.....	151
Maria Fernanda Coutinho Alves	151
Mariana Fernanda Barreto Calosso	151
MEDICALIZAÇÃO DA JUVENTUDE: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA.....	152
Gabriela Frota de Paula Pessoa	152
Lucas Guimarães Bloc.....	152
Francisco Luan de Souza Carvalho.....	152
MEMÓRIA VIVA DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA: A VISÃO DE JOSÉ PAULO GIOVANETTI	153
Mila Ruela da Silva.....	153
Lucas Emmanuel Padilha de Melo.....	153
Marcela de Freitas Andrade	153
Pedro Casanova Martins dos Santos.....	153
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista.....	153
NARRATIVAS DE ESTAGIÁRIOS DE PLANTÃO PSICOLÓGICO: FUNDAMENTOS E MODO DE REALIZAÇÃO.....	154
André Prado Nunes	154
O HABITAR DE CRIANÇAS ACOLHIDAS NA MODALIDADE CASA-LAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	155

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

Larissa Marcela Peixoto de França.....	155
Rita Pinto Amorim das Virgens	155
Symone Fernandes de Melo	155
Gabriela de Lourdes Costa	155
Patrícia Karla de Souza e Silva	155
O SER-PARA-A-MORTE DENTRO DO HOSPITAL	156
Noelle Lira Furtado Zibemberg.....	156
Michelle Vanessa dos Prazeres Santos.....	156
Ana Izabel Oliveira Lima	156
Manuela Polidoro Lima.....	156
O VAZIO DO SER-ADOLESCENTE NA CONTEMPORANEIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PLANTÃO PSICOLÓGICO.....	157
Pedro Sonehara de Moraes.....	157
Cynara Carvalho de Abreu.....	157
OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA SEXUAL NA PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS DO CEDECA	158
Aliny Camila da Silva	158
Ana Izabel Oliveira Lima	158
Ester Barroso Faustino Gomes	158
PLANTÃO PSICOLÓGICO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: DIVISOR DE ÁGUAS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA	159
Beatriz Queiroz Rossati.....	159
Paulo Eduardo R A Evangelista	159
REFLEXÕES SOBRE SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA- EXISTENCIAL: UM CONCEITO PARA ALÉM DA TÉCNICA	160
Luciana Fernandes de Medeiros.....	160
Irene Borges-Duarte	160
RELATO DA CONSTRUÇÃO DE UMA LIGA ACADÊMICA DE FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL E HUMANISMO	161
Sarah Fernandes Farias.....	161
Viviane Calixto Santos Monteiro	161
RELEITURA DA TEORIA ROGERIANA DA PERSONALIDADE SOBRE FENÔMENOS DA AUTOIMAGEM E AUTOESTIMA	162
Maria Clara Silva Lima	162
Paulo Coelho Castelo Branco.....	162
REPERCUSSÕES DO ENSINO REMOTO PARA A FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS	163
Sílvia Raquel Santos de Moraes.....	163
Elza Maria do Socorro Dutra.....	163

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

SUICÍDIO NO NORDESTE E HETEROIDENTIFICAÇÃO RACIAL: O QUE OS DADOS NOS CONTAM?.....	164
Maria Eduarda de Brito Almeida Matias.....	164
Cecília Abreu da França Gonçalves.....	164
Lara Raquel Rodrigues e Souza.....	164
Natália Azevedo de Brito.....	164
Ana Karina Silva Azevedo.....	164
TENDÊNCIAS DA COMUNIDADE CIENTÍFICA CENTRADA NA PESSOA DO BRASIL: REVISÃO SISTEMÁTICA.....	165
Matheus Venicio da Silva Fontenele.....	165
José Alves de Souza Filho.....	165
TERAPIA CENTRADA NA PESSOA E PROCESSO DE REORGANIZAÇÃO DA AUTOIMAGEM E AUTOESTIMA.....	166
Maria Clara Silva Lima.....	166
Paulo Coelho Castelo Branco.....	166
TRISSOMIA DO 21 E ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: UMA EXPERIÊNCIA SOBRE HABITAR.....	167
Natália Azevedo de Brito.....	167
Cecília Abreu de França Gonçalves.....	167
Symone Fernandes de Melo.....	167
Cynara Carvalho de Abreu.....	167
Patrícia Karla de Souza e Silva.....	167
UM OLHAR SOBRE A VIVÊNCIA DE CULPA EM TERAPIA DASEINSANALÍTICA.....	168
Fernanda Soares Guglielmelli.....	168
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista.....	168
UMA BREVE PERSPECTIVA DO ENSINO DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL EM SALA DE AULA.....	169
Lucas Vitorino da Silva.....	169
Ana Sandra Fernandes Arcoverde Nóbrega.....	169
Laura Santa Cruz Araújo.....	169
UMA COMPREENSÃO ONTOLÓGICA DA AFETIVIDADE ANCORADA NA ANALÍTICA EXISTENCIAL HEIDEGGERIANA.....	170
Stanley Kreiter Bezerra Medeiros.....	170
VERSÕES DE SENTIDO E INTERVENÇÕES CENTRADAS EM PESSOAS: AUTOIMAGEM E AUTOESTIMA.....	171
Maria Clara Silva Lima.....	171
Paulo Coelho Castelo Branco.....	171
LINHA TEMÁTICA.....	172

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

Diálogos interdisciplinares.....	172
A BUSCA DA FELICIDADE NO MITO DE SÍSIFO EM CAMUS.....	173
Igor Rosa Dias de Jesus.....	173
Anderson José Caetano de Souza.....	173
Maria Catharina Baptista de Paula.....	173
Douglas Rogerio Lima de Medeiros.....	173
Claudia Aparecida Amorim Tallemberg.....	173
A EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES QUE INGRESSARAM NA UNIVERSIDADE DURANTE O ENSINO REMOTO.....	174
Maria Virgínia Valadares Borges.....	174
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista.....	174
A EXPERIÊNCIA DE UNIVERSITÁRIOS NA EDUCAÇÃO VIRTUAL: DO CONTEXTO PANDÊMICO À CONTEMPORANEIDADE.....	175
João Felipe Leite Costa.....	175
José Waldo Saraiva Neto.....	175
Georges Daniel Janja Bloc Boris.....	175
A MÍDIA E A MORTE-ESPETÁCULO: REFLEXÕES SOBRE O SOFRIMENTO PELA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA-HERMENÊUTICA.....	176
Vitória dos Anjos Noletto Moura.....	176
Beatriz Coppi Durante.....	176
Flavia Puertas Franco Garcia.....	176
Robson Corassini Fernandes Maia.....	176
Vanessa Cristina Frediani.....	176
A PINTURA DE SALVADOR DALÍ ENTRELAÇADA AS IDEIAS FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAIS HEIDEGGERIANAS.....	177
Letícia Pinheiro Miranda.....	177
ANÁLISE HERMENÊUTICA DE PERSONAGEM: GAARA DO DESERTO.....	178
Beatriz Queiroz Rossati.....	178
Mila Ruela da Silva.....	178
Paulo Eduardo R A Evangelista.....	178
ARTETERAPIA E PERSPECTIVAS DE FUTURO NO ENSINO MÉDIO A LUZ DA LOGOTERAPIA.....	179
Fernanda Fiuza Bastos de Moraes Pinto.....	179
Laylla Cristiane de Moura Carvalho.....	179
Analândia Fiuza Bastos de Moraes Pinto.....	179
Giulia Gabrielle Sousa Santos.....	179
AUTONOMIA CURA: CUIDADOS APÓS TENTATIVA DE SUICÍDIO NO CONTEXTO DA ATENÇÃO BÁSICA.....	180

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

Miguel Resende de Almeida	180
Izabel Pereira da Silva	180
É POSSÍVEL TREINAR OU ENSINAR EMPATIA? INTERLOCUÇÃO ENTRE PSICOLOGIA E MEDICINA	181
Nadini Brandão de Sousa Takaki	181
Vera Engler Cury.....	181
ENCANTO E POSSIBILIDADES DE SER: A FENOMENOLOGIA SOB O OLHAR DA ANIMAÇÃO	182
Maria Eduarda de Brito Almeida Matias.....	182
Tainá Borges de Carvalho	182
Cynara Carvalho de Abreu	182
EXISTENCIALISMO EM CLARICE LISPECTOR PELA PERSPECTIVA DE ALUNOS DE PSICOLOGIA	183
Luiza Karol Rocha Pimenta	183
Mila Ruela da Silva	183
Bruna Miranda Rodrigues	183
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista	183
FINITUDE EM “OS AMIGOS”: UM DIÁLOGO ENTRE ARTE, FILOSOFIA E PSICOLOGIA	184
Priscilla Dalledone	184
GESTALTPEDAGOGIA E FENOMENOLOGIA: UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR EM PROL DA EDUCAÇÃO	185
Ciro de Almeida Sampaio	185
Lillian Argolo Amaral	185
INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER: ENTRE O LEVE E O PESADO DO EXISTIR	186
Natália Azevedo de Brito	186
LIVRO “OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER” À LUZ DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL	187
Letícia Pinheiro Miranda.....	187
Symone Fernandes de Melo	187
MEDO DA ETERNIDADE: O ETERNO ENQUANTO (IM)POSSIBILIDADE DO EXISTIR ..	188
Natália Azevedo de Brito	188
Symone Fernandes de Melo	188
MÚSICA “NINE INCH NAILS” À LUZ DA HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA	189
Letícia Pinheiro Miranda.....	189
Ana Karina Silva Azevedo	189
NÃO-MONOGAMIA COMO ABERTURA DO SER PARA A EXPERIÊNCIA	190
Igor Rosa Dias de Jesus.....	190

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

Tayná Garcia Santos de Souza	190
Gabriela Peçanha Mossri	190
O CONSULTÓRIO SOU EU	191
Alisson de Oliveira Santos	191
Ana Andréa Barbosa Maux	191
PSICOTERAPIA TRANSPESSOAL E ENTEÓGENOS: TECNOLOGIAS ANCESTRAIS E NOVAS FENOMENOLOGIAS	192
Fábio Nogueira Pereira	192
QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA, UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA EXISTENCIAL	193
Lidiane Verônica Collares da Silva	193
José Assunção Fernandes Leite	193
SER-COM-RUPTURA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO HEIDEGGERIANO	194
Amanda Karênina Galvão de França	194
UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO FILME O SÉTIMO SELO	195
Lidiane Verônica Collares da Silva	195
LINHA TEMÁTICA	196
Prática psicológicas, Direitos Humanos, Decolonialidade	196
A ANGÚSTIA NUMA PERSPECTIVA DECOLONIAL: CONTRIBUIÇÕES DE FRANTZ FANON	197
Maiara de Souza Benedito	197
A QUESTÃO IDENTITÁRIA, VIOLÊNCIA DE GÊNERO E A EXPERIÊNCIA DAS MULHERES NORDESTINAS	198
Amanda Melo Queiroz da Costa	198
Ana Karina Silva Azevedo	198
ASSÉDIO SEXUAL NA UNIVERSIDADE: REFLEXÕES SUSCITADAS PELA ESCUTA EM SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA	199
Maria Luisa Paes Barreto Pereira de Macedo Machado	199
Patrícia Karla de Souza e Silva	199
Rita Pinto Amorim das Virgens	199
Sofia SantAnna Costa Barbosa	199
Symone Fernandes de Melo	199
BODY POSITIVITY E A ORGANIZAÇÃO COLETIVA	200
Gabriel César Silva Rodrigues	200
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista	200
COMPREENDENDO O SENTIDO DO EXISTIR EM ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA	201

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

Sinthya de Cássia Oliveira da Rocha.....	201
Ana Karina Silva Azevedo	201
CONFLITOS ÉTICOS NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA: O DIREITO À MORTE E À VIDA	202
Yasmin Meireles Aragão.....	202
Andrés Eduardo Aguirre Antúnez	202
CONJUGALIDADE CONTEMPORÂNEA: A FAMÍLIA HOMOAFETIVA NA PERSPECTIVA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA	203
Cleiton Cavalcanti do Nascimento	203
Valdir Eneias de Melo	203
CUIDADO ENTRE MULHERES: A ÉTICA AMOROSA DE HOOKS NUM SERVIÇO DE PSICOLOGIA	204
Thamiris Magalhães Iorio	204
Cristine Monteiro Mattar	204
ENXERGANDO OS INVISÍVEIS: O ENVELHECER LGBTI+ À LUZ DA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA	205
Maria Vanessa Morais da Silva.....	205
Ana Karina Silva Azevedo	205
EXISTÊNCIAS INTERDITADAS POR VIOLÊNCIAS SEXUAIS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES	206
Ana Amélia Melo de Oliveira	206
FANON E A PSICOLOGIA: A CONEXÃO ENTRE A CONSCIÊNCIA E A LIBERDADE	207
Hélio Luiz De Souza Costa	207
GORDOFOBIA E O MODO DE SER-GORDO: REFLEXÃO SOBRE O SOFRIMENTO NA CORPOREIDADE	208
Vitória dos Anjos Noleto Moura	208
INSTINTO MATERNO: UMA CRISTALIZAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA MATERNIDADE?	209
Lidiane Verônica Collares da Silva.....	209
Sofia Ravinny Leal de Sousa.....	209
Ana Maria Lopez Calvo de Feijóo	209
IFEN/ UERJ	209
INTERAÇÃO LÚDICA NO ESPAÇO CLÍNICO: POSSIBILIDADES DE EXPRESSÃO E COMPREENSÃO DO SER	210
Jéssica Vaz Galdino.....	210
ITINERÁRIOS TERAPÊUTICOS DE MULHERES TRANS E TRAVESTIS: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO.....	211
Jorge Luís Lira da Silva.....	211
Ana Margareth Manique de Melo	211

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

Pablo Raphael Ribeiro Dias	211
LUTO POR MORTE VIOLENTA: A CLÍNICA COMO TESTEMUNHO	212
Sofia Santanna Costa Barbosa.....	212
Maria Luisa Paes Barreto Pereira de Macedo Machado.....	212
Luana Cabral, Symone Fernandes de Melo.....	212
Vitória Patrícia Bezerra de Medeiros	212
MATERNAR E SER-AÍ DE FORMA AUTÊNTICA EM UM MITWELT PATRIARCAL	213
Isabela Parente Quadrelli.....	213
Luciana Santos da Silva	213
NÃO-ENLUTÁVEIS: O FENÔMENO DA INVISIBILIDADE DO SUICÍDIO TRANS	214
Sofia Lobo Costa Meskó	214
NÃO-LUGARES HABITÁVEIS: UMA ANÁLISE HERMENÊUTICA DA IDENTIDADE DE NÃO-BINÁRIA DE GÊNERO.....	215
Sofia Lobo C Meskó.....	215
OLHA A MARICONA: HOMOSSEXUALIDADE E VELHICE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL	216
Jorge Luís Lira da Silva.....	216
Ana Margareth Manique de Melo	216
Pablo Raphael Ribeiro Dias	216
POPULAÇÃO LGBTQIAPN+ E FAMÍLIA ESCOLHIDA: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO- HERMENÊUTICAS	217
Lucas Gomes Maciel	217
Pedro Sonehara de Moraes.....	217
Cecília Abreu de França Gonçalves	217
Maria Vanessa Moraes da Silva.....	217
Ana Karina Silva Azevedo	217
SER-MULHER ESTUDANTE DE PÓS-GRADUAÇÃO NA PANDEMIA DE COVID-19: UM ESTUDO DE CASO	218
Raphaela Regina Joaquina Stein Develi.....	218
Camila de Barros Dutra	218
Aneliana da Silva Prado	218
Joanneliese de Lucas Freitas	218
SEXUALIDADE DISSIDENTES: DIÁLOGOS ENTRE PAIS E FILHOS (AS) JOVENS.....	219
Vladya Tatyane Pereira de Lira.....	219
Marcus Túlio Caldas	219
MESAS INSTITUCIONAIS.....	220
MESA INSTITUCIONAL 1 – LEFE.....	221

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

CARTOGRAFIA CLÍNICA EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE, DIREITO E FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS INYERPROFICIONAIS: LEFE EM AÇÃO	221
André Prado Nunes	221
Heloisa Antonelli Aun.....	221
Henriette Tognetti Penha Morato	221
MESA INSTITUCIONAL 2 – LACLIFEP.....	222
CONTEMPORANEIDADE, SOFRIMENTO E AÇÃO CLÍNICA: ENTRE CUIDADOS E SILENCIAMENTOS	222
Rui Gonçalves da Luz Neto.....	222
Eder Oliveira Teixeira	222
Luiz Santos Pereira Henriques	222
Pedro Pereira Cavalcanti Filho.....	222
MESA INSTITUCIONAL 3 – IFEN	223
A VIOLÊNCIA CHEGOU À ESCOLA: O QUE FAZER?.....	223
Myriam Moreira Protasio	223
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa.....	223
Flávia Moreira Protasio	223
Elaine Lopez Feijoo.....	223
MESA INSTITUCIONAL 4 – NUCAFE	224
MUDANÇA DA SITUAÇÃO HERMENÊUTICA POR MEIO DAS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DECOLONIAL: LIMITES E POSSIBILIDADES	224
Alexandre Trzan	224
Marina Cecchini	224
Debora Elianne	224
Maíra Clini	224
MESA INSTITUCIONAL 5 - INSTITUTO DASEIN	225
MODOS DISSONANTES DE HABITAR O MUNDO	225
Marco Casanova.....	225
Deborah Guimarães.....	225
Beto Machado.....	225
André Sendra.....	225
MESA INSTITUCIONAL 6 – POIESIS.....	226
ATENÇÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL EM DIFERENTES CONTEXTOS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	226
Elza Dutra.....	226
Cíntia Guedes	226
Ana Andréa Maux	226
Melina Séfora Rebouças.....	226

Anais do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial

O habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser

MESA INSTITUCIONAL 7 – UFRN.....	227
FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA NA UFRN: QUESTÕES DA CONTEMPORANEIDADE.....	227
Symone Melo	227
Ana Karina Azevedo	227
Cynara Abreu	227
MESA INSTITUCIONAL 8– APHETO.....	228
PESQUISAS E INTERVENÇÕES CLÍNICAS HUMANISTA-FENOMENOLÓGICAS	228
Lucas Bloc.....	228
Anna Karynne Melo	228
Karla Carneiro	228
Márcia Nogueira.....	228
MESA INSTITUCIONAL 9 – ABD.....	229
A HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DASEINSANALYSE.....	229
Carlos Eduardo Freire	229
Maria de Fátima de Almeida Prado.....	229
David Cytrynowicz.....	229
Ida Cardinali.....	229



LINHA TEMÁTICA

Práticas Clínicas, contemporaneidade e Saúde

UMA NARRATIVA EM PRIMEIRA PESSOA SOBRE SOFRIMENTO PSÍQUICO

Victoria Sandrin Junqueira
Puc Campinas
Bolsista FAPIC
Vera Engler Cury
Puc Campinas

Esta pesquisa assume como temática a experiência subjetiva de sofrimento psíquico de uma pessoa diagnosticada com transtorno bipolar a partir da obra autobiográfica *Uma Mente Inquieta: memórias de loucura e instabilidade de humor*. Objetiva apreender os elementos significativos da experiência vivida pela autora, Kay Redfield Jamison, de forma a analisar fenomenologicamente os elementos estruturantes, isto é, essenciais, do sofrimento de pacientes que assumem esse diagnóstico. Assim, intenta descrever, compreender e interpretar à luz dos pressupostos teórico-práticos da abordagem centrada na pessoa, desenvolvida por Carl Rogers; e da psicologia fenomenológica, proposta pelo filósofo Edmund Husserl e Edith Stein, o caminho percorrido pela autora para conseguir superar as dificuldades vivenciadas em decorrência dos sintomas dessa doença. O método fenomenológico diz respeito a três momentos ou fases que se interpenetram: descrição, compreensão e interpretação dos elementos da experiência em foco. Com ênfase em uma compreensão subjetiva do sujeito diante de uma psicopatologia, o estudo realizou uma narrativa síntese, que admite o desenvolvimento de elementos descritivos relatados nas vivências da autora. Esses elementos permeiam as relações intrapessoais e interpessoais do indivíduo, como a subjetividade, a temporalidade, os sintomas e a adesão ao tratamento. Ainda nesse sentido, como resultado parcial, realizou um levantamento bibliográfico em bases de dados, seguido de uma seleção de artigos científicos que versavam com a temática da pesquisa. Para o corpus, selecionou doze materiais publicados entre os anos de 2012 e 2022. Posto isso, foi possível elencar associações entre os elementos da narrativa e os estudos científicos, obtendo a concepção de ter o sintoma como uma forma de existência e de estar-no-mundo do psicótico. Além disso, atenta à compreensão das significações construídas pelo próprio sujeito, isto é, postula a ideia de inserir o protagonismo do sujeito, assim como sua subjetividade na compreensão da experiência vivida. Em suma, este estudo busca contribuir com novos conhecimentos para uma melhor compreensão sobre esse tipo de transtorno psicopatológico, uma vez que é oferecida uma ampliação do olhar para a experiência subjetiva, deslocando o foco de diagnósticos objetivos.

Palavras-chave: Transtorno Bipolar; psicologia humanista; fenomenologia; intervenção psicológica; experiência vivida.

A ESCUTA DE ADOLESCENTES NO PLANTÃO PSICOLÓGICO

Léa Cristina De Lazzari Bessa

Universidade Paulista- UNIP de Ribeirão Preto

A adolescência é um período de várias mudanças corpóreas, marcadas pela puberdade e vivenciadas, muitas vezes, de forma impactante. De acordo com a Fenomenologia, a adolescência não obedece a uma teoria desenvolvimentista, não é uma transição da infância para a vida adulta, é singular, pois ao olhar para as questões genéricas e universais, estariam sendo negligenciados o caráter de transitoriedade e de nidade presentes no Dasein e que o acompanham em toda a sua existência. A tendência é a de tutelar a criança e o adolescente, atravessados pelo que se conhece teoricamente, mas é na práxis que o próprio fenômeno aparece. O que o ser apresenta está na coexistência. O horizonte histórico e as determinações do mundo que nos contornam são importantes para termos a compreensão do que ocorre com o adolescente, mas é imprescindível que se busque o sentido. Este trabalho tem como objetivo desenvolver uma reflexão sobre as demandas dos adolescentes no Plantão Psicológico – que procuram uma escuta, na sua emergência – e o modo como o plantonista pode desenvolver uma escuta afinada com as questões da contemporaneidade. Nessa proposta, o atendimento consiste em um único encontro, podendo ou não retornar. A procura pode ser espontânea, realizada pelo paciente, pais, ou responsáveis, ou até mesmo encaminhada pelos serviços de saúde municipais ou pelas escolas. Os atendimentos ocorrem no Centro de Psicologia Aplicada, de uma universidade do interior de São Paulo, nos dias e horários estabelecidos para o plantão. Os pacientes são atendidos no momento da procura, recebendo supervisão imediata. Os adolescentes comparecem acompanhados dos pais ou responsáveis, obedecendo aos cuidados éticos estabelecidos. O estudo aponta situações de desamparo, angústia, questionamentos, ambiguidades. Os adolescentes buscam no plantão a compreensão de sua dor, sem enquadramentos, sem rótulos de “aborrecentes”. Alguns atendimentos registraram situações de risco, como ideação suicida e automutilação, sendo necessário encaminhar os pacientes para atendimento psiquiátrico. O estudo conclui que, apenas com uma escuta demorada, suspendendo os pressupostos teóricos, é possível buscar o que se mostra como demanda. Importante realizar questionamentos, mas sem dar caminhos, com serenidade, com um atendente que esteja desperto para o outro, implicado como terapeuta.

Palavras-chave: plantão psicológico; adolescência; fenomenologia.

A EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE EM MULHERES: UM ESTUDO DE CASO

Luciana Fernandes de Medeiros
Facisa/UFRN

Irene Borges-Duarte
Universidade de Évora/Portugal

Mesmo com os movimentos feministas que contribuíram para a emancipação da mulher e a problematização das desigualdades de gênero, muitas mulheres sofrem com a questão do sexo e da sexualidade, seja porque ainda se sentem aprisionadas com as normativas, seja porque há uma expectativa romântica associada à sexualidade. Esse trabalho faz parte de uma pesquisa que objetiva compreender e analisar a experiência da sexualidade em mulheres sob a perspectiva fenomenológica-existencial. Mais especificamente, identificar concepções de sexualidade e como estas contribuíram para as vivências sexuais. Nesse trabalho, será discutido um estudo de caso. Para isso, foi realizada uma entrevista em profundidade com uma mulher, 50 anos, de nível superior, funcionária pública, dois casamentos, divorciada e com dois filhos. A entrevista foi analisada a partir da técnica de análise do discurso e as reflexões dela decorrentes foram construídas a partir da perspectiva fenomenológica-existencial. Observa-se que a história da participante em relação à sua sexualidade foi permeada de tabus e medos. Seu primeiro relacionamento culminou em uma gravidez não desejada, por falta de conhecimento, tendo feito um aborto aos 17 anos. Percebe-se, em seus relacionamentos conjugais, uma vivência de ser-para-o-outro, uma idealização do casamento como algo em que a mulher deve se dedicar ao cônjuge. Em função do seu engajamento político, se divorciou sempre que a relação chegou a um determinado limiar de tolerância. Isso mostra a importância da reflexão sobre a relação afetiva para além dos valores absorvidos no mundo fático. A participante relata que na adolescência focava muito no prazer do outro, fruto da absorção da cotidianidade mediana. Com o decorrer do tempo, foi aprendendo sobre sexualidade e percebendo um poder-ser no sentido de identificar como desejava o sexo para si. A participante considera que a sexualidade é muito mais do que se pensa e ainda se coloca como existente que vê outras possibilidades para si, além da heterossexualidade. Conclui-se que, no caso da participante em questão, tem sido muito importante sua vivência em um mundo social e politicamente engajado o que lhe possibilitou assumir um cuidado mais próprio sobre sua existência e sobre sua sexualidade. Mais do que as prescrições do mundo fático, refletir sobre os relacionamentos afetivos e vivenciar uma sexualidade mais plena requer um certo engajamento filosófico e político.

Palavras-chave: fenomenologia-existencial; sexualidade; mulher; estudo de caso.

A EXPERIÊNCIA DE OBESIDADE DE SIMONE - UM ESTUDO DE CASO

Falbe Cristino de Menezes Neto
Universidade de Fortaleza

Márcia Helena Nogueira da Silva
Universidade de Fortaleza

Karla Carneiro
Universidade de Fortaleza

Lucas Guimarães Bloc
Universidade de Fortaleza

O presente trabalho tem como objetivo compreender, a partir de um estudo de caso de psicoterapia, a experiência de corpo vivido na obesidade. Ao longo de 6 meses, o estudo analisou atendimentos de psicoterapia em uma perspectiva fenomenológico-existencial por meio do Projeto Cuidar-Psi II do Laboratório Apheto, no Serviço de Psicologia Aplicada da Clínica Escola da Universidade de Fortaleza. O material fonte para a escrita deste trabalho foram os registros de sessão e as versões de sentido do psicoterapeuta responsável, articuladas teoricamente com a Fenomenologia de Merleau-Ponty. A paciente em questão é Simone (nome fictício), 29 anos, enfermeira de um grande hospital público da cidade de Fortaleza e tem obesidade grau III. Ela chegou ao projeto encaminhada pelo serviço de nutrição. No início do processo psicoterapêutico, na sua fala, ela trazia uma divisão muito nítida do seu corpo e dela mesma, como se seu corpo fosse uma entidade estrangeira a ela. Na Fenomenologia da ambiguidade de Merleau-Ponty, o corpo toma esse lugar da fronteira entre o Eu e o Mundo; por meio da nossa corporeidade, somos uma “consciência encarnada”. O autor também resgata os conceitos de Lieb (corpo sujeito) e Körper (corpo objeto) para pensar essa categoria. A experiência de Körper remete à vivência de um corpo como coisa que é possuída e operacionalizada. Simone, em seu discurso, apresentava um corpo cingido: em uma das sessões, relatava ter medo de ir ao psiquiatra e lhe ser receitado algum remédio que a deixasse letárgica pois “sua mente, sua criatividade e sua imaginação eram as únicas que ainda lhe davam liberdade”. O corpo, para ela, era algo externo ameaçador, uma fronteira murada que dificultava seu acesso ao mundo ao redor. Na perspectiva mundana, não há distinção entre uma mente e um corpo, há uma consciência que é encarnada. Conforme o processo psicoterapêutico prosseguiu, na sua vida pessoal, a paciente foi se permitindo a novas experiências. Promovendo uma integração dessa experiência corporal, ela foi percebendo o corpo também como ela mesma: apesar de impor algumas limitações, ainda sim, havia possibilidades para além dele. Em suma, o estudo aponta que a corporeidade é um elemento fundamental na psicoterapia de Simone, o que pode ser parte fundamental do mundo vivido, da obesidade. Nesse processo, a integração desse corpo que sou e do corpo que tenho pode ser um elemento fundamental para a facilitação de uma abertura às possibilidades de ser no mundo.

Palavras-chave: obesidade; Merleau-Ponty; corporeidade; psicoterapia.

A EXPERIÊNCIA DE SER ATENDIDO EM ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO ONLINE

Paulo Evangelista
UFMG

Gabriela Viana
UFMG

Gabriel Carvalho
UFMG

Claudia Lins
UFMG

O aconselhamento psicológico é modalidade de atenção psicológica plástica. Seu *setting* é o encontro intersubjetivo. Sua duração é enquanto perdurar a decisão de autoexploração do cliente. Com a ocorrência da pandemia mundial de covid-19 e o conseqüente confinamento, o serviço de Plantão Psicológico, mantido na Universidade Federal de Minas Gerais, passou por reformulação para atender a clientela por meio das Tecnologias da Informação e da Comunicação, tornando-se “Aconselhamento Psicológico Online”. Os atendimentos ocorriam a partir de solicitação por e-mail e posterior agendamento. Havia poucos estudos sobre atendimentos remotos e a maioria focava a eficácia sendo realizada sob parâmetros da Terapia Cognitivo-Comportamental. Não havia pesquisas sobre a qualidade da relação. Esta pesquisa visa responder como é, para os clientes, ser atendidos de modo online. A pesquisa teve a devida aprovação em Comitê de Ética em Pesquisa. Como método, o estudo realizou sete entrevistas individuais, por meio da internet, com participantes escolhidos aleatoriamente dentre os 130 atendidos pelo serviço entre março de agosto de 2020. Os respondentes são 4 homens e 3 mulheres, estudantes da universidade, com idade média 26,7 anos, dos quais 57% (4) já havia recebido atendimento psicológico presencial e 29% (2) relatavam pouca ou nenhuma familiaridade com as Tecnologias de Informação e Comunicação. Após as entrevistas, seguiu os processos de gravar, transcrever e analisar fenomenológico-hermeneuticamente o corpus. Como resultados, o estudo aponta que os participantes afirmaram que o atendimento: 1) é como uma conversa; 2) é como um amparo; 3) exige mais preocupação com a privacidade; 4) traz uma sensação de impessoalidade; 5) possibilita ser visto; 6) facilita procurar e receber atendimento psicológico; 7) é porta de entrada para serviços psicológicos; 8) é estar sujeito a interrupções no atendimento e a dificuldades no diálogo. Esses achados convergem com os de outras pesquisas no mesmo período e ampliam a compreensão acerca dessa experiência. Ainda que a sensação de proximidade possa ocorrer e que haja eficácia na modalidade online, para os usuários, há diferenças. É importante conhecer as ferramentas digitais de modo a compreender e desenvolver a modalidade online a fim de explorar os recursos que elas possibilitam e zelar pelas dificuldades que apresentam.

Palavras-chave: aconselhamento psicológico; intervenção baseada em internet; psicologia existencial; método fenomenológico-hermenêutico.

A EXPERIÊNCIA DE SEXUALIDADE PARA MULHERES IDOSAS: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA

Amanda Karênina Galvão de França
UFRN

Ana Karina Silva Azevedo
UFRN

A sexualidade de mulheres idosas é um tema marcado por tabus e interdições que parecem negar esta experiência às mulheres. Assim, sua discussão tem se mostrado velada na cotidianidade, em especial pelos significados que circundam a historicidade sobre o ser mulher idosa, associando-a a seu papel como avó, cuja existência se delinea a partir do cuidado à família. Ademais, também há escassez dessa discussão em âmbito acadêmico. Diante desse contexto, objetivamos tematizar a historicidade e sua relação com a compreensão da sexualidade de mulheres idosas, indagando sobre a existência, ou não, de espaço a essas experiências na vida dessas mulheres. Para tanto, propomos a compreensão da experiência de sexualidade em mulheres idosas da cidade de Natal, à luz da fenomenologia hermenêutica. Nesse sentido, é imprescindível o estudo do envelhecimento feminino, de modo que contemple discussões relativas ao gênero e a sexualidade. Nesses estudos, apresenta-se que a sexualidade feminina só importa quando significa o potencial de gerar vida, logo a menopausa seria sinônimo de assexualidade. Sob influência de tais crenças, o mundo, cenário de possibilidades de poder-ser do Dasein é apresentado às mulheres idosas, orientando seu movimento de poder-ser, conforme desvela possibilidades. No entanto, para as mulheres, especialmente as idosas, a possibilidade de vivenciar a sexualidade parece ser velada, por não ser vislumbrada em seus horizontes históricos. A razão disso é que a trama de mundo que enlaça existências de mulheres idosas, é marcada pelo patriarcado, o qual concebe a sexualidade, nesta faixa etária, como tema presente e passível de ser visibilizado apenas em experiências de homens. Assim, são construídos sentidos sedimentados acerca do modo de ser de mulheres idosas na impessoalidade, caracterizada pelas prescrições de mundo que encobrem o ser-aí de ser-si-mesmo. Compreendemos que, no acolhimento da angústia, tonalidade afetiva que confronta o ser-aí com a indeterminação da existência, são desveladas possibilidades de singularização do projeto de vida do Dasein. Portanto, pensamos que, tematizar a sexualidade de mulheres idosas, é lançar a elas, a possibilidade de ampliar seu horizonte compreensivo para um ser-mulher-idosa que deseja e cuja corporeidade é atravessada pela sexualidade, a qual também é parte do seu existir. Assim, questionando os sentidos já sedimentados acerca de seus modos de ser, é possível visibilizar outras vias de realização da existência.

Palavras-chave: envelhecimento feminino; gênero; sexualidade; fenomenologia.

A EXPERIÊNCIA DO PSICÓLOGO FENOMENÓLOGO HERMENÊUTICO: REFLEXÕES ACERCA DO SER-COM-O-OUTRO

Roberta da Costa Borges

O texto tem a intenção de refletir acerca da experiência que permeia o exercício do psicólogo em uma clínica psicológica em nosso horizonte histórico atual. A perspectiva é fenomenológico-hermenêutica nos moldes do pensamento de Martin Heidegger. Este estudo buscou repousar o olhar à decisiva questão: como se dá o exercício da psicologia clínica a partir de uma perspectiva fenomenológico-hermenêutica no momento atual? Por esse caminho, configurou o objetivo geral, qual seja: o de demonstrar o exercício da psicologia clínica a partir do pensamento de Heidegger, tomando-o como indicativo formal à compreensão de ser-com-o-outro. Para tanto, a pesquisa foi ao enalço de alguns objetivos específicos, tais como: descrever a analítica existencial de Heidegger em Ser e Tempo para esclarecer o modo-de-ser do homem que permite pensar a clínica; identificar as determinações presentes na era da técnica para entender como é possível haver essa prática clínica fenomenológico-hermenêutica no mundo contemporâneo; apresentar trechos de situações clínicas para refletir sobre a possibilidade de uma clínica que se mostre como lugar das múltiplas alteridades. Buscando trilhar um caminho, o estudo realizou uma revisão narrativa da literatura, com análise dos discursos clínicos baseada na interpretação fenomenológica hermenêutica. Como resultado, estão os seguintes achados: a angústia frequente de Escarlet, que teme que a escolha do passado seja suficiente para mantê-la no mesmo lugar em seu casamento; o modo-de-ser ressentido de Jussara, que em preocupação substitutiva, espera que façam o que ela quer, então, chama a atenção da mãe diante de inúmeras tentativas de suicídio; e ainda o discurso de Fabíola, que parece fazer tudo pra ter controle, estar em todo lugar, e, quando não consegue, sente raiva, vomita tudo o que come, torna-se vítima o tempo inteiro, num ser-com-o-outro que aparece no modo da codependência de modo ôntico. Tais possibilidades interpretativas demonstram a experiência do psicólogo clínico na Daseinsanálise.

Palavras-chave: clínica psicológica; fenomenologia hermenêutica; discursos clínicos.

A EXPERIÊNCIA VIVIDA POR PSICOTERAPEUTAS INFANTIS: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO

Karla Carneiro

Universidade de Fortaleza

Sarah Rebeca Viana Barreto

Universidade de Fortaleza

A psicoterapia com crianças é uma intervenção que preconiza o cuidado e o desenvolvimento, sobretudo, socioemocional, desenvolvendo habilidades de vida. Psicólogos infantis compreendem a psicoterapia como um espaço para a criança e a família pensarem sobre os relacionamentos consigo e com o outro que incluem lidar com emoções, comportamentos e conflitos que atravessam o existir. De modo fenomenológico, esta pesquisa tem como fio condutor a experiência em ser psicoterapeuta infantil. Com o objetivo de acessar os mais variados significados decorrentes do que é ser psicoterapeuta infantil atualmente, esta pesquisa qualitativa prioriza o vivido por meio da fenomenologia de Merleau-Ponty. Para tanto, realizou uma pesquisa qualitativa no período de março a abril de 2021, da qual cinco psicoterapeutas participaram de uma entrevista aberta, cujos dados foram submetidos à análise fenomenológica mundana. Os resultados e a discussão mostram que a experiência em ser psicoterapeuta infantil inclui compreender: aspectos do desenvolvimento humano; as diferenças entre as faixas etárias das crianças e a importância da ludicidade; o contexto sociocultural da criança e questões contemporâneas; as atitudes necessárias para o psicoterapeuta. Em relação ao psicoterapeuta, emergiu do estudo o quanto é fundamental a formação continuada e os cuidados éticos e legais na prática clínica. Nessa perspectiva, destaca o quanto os estágios universitários com crianças já constituem uma experiência significativa e o que a supervisão, após a graduação, pode agregar à prática clínica, além de cursos e formações que possam potencializar essa atuação. Também ganham destaque o papel da escola e da família no processo psicoterapêutico que, em uma perspectiva fenomenológica, consistem em contornos do mundo vivido da criança. O psicólogo deve ficar atento à experiência escolar e familiar, pois nele caberão o estabelecimento de limites, escuta ativa, orientação, construção e desconstrução de sentidos sobre o existir da criança atendida. O estudo conclui que a experiência em ser psicoterapeuta infantil, embora singular, apresenta direções comuns, temas universais, que delimitam essa prática e podem ser mais bem entendidos adotando um olhar mundano para a criança.

Palavras-chave: psicologia da criança; psicoterapeutas; pesquisa qualitativa; estudo fenomenológico.

A INTERVENÇÃO ASSISTIDA POR ANIMAIS E A PSICOPATOLOGIA SEGUNDO KARL JASPERS

Lidiane Verônica Collares da Silva
Centro universitário UNDB

A intenção central deste estudo é apresentar a Psicopatologia segundo Karl Jaspers como alternativa para a compreensão dos fenômenos psicopatológicos na prática das Intervenções Assistidas por Animais. Há registros do fim do século XVIII do uso de animais como auxiliares no tratamento de pessoas diagnosticadas com transtornos psicológicos em um sanatório situado em YorkShire, na Inglaterra. No entanto, foi a partir das iniciativas de Boris Levinson, nos Estados Unidos; e Nise da Silveira, no Brasil, no século XX, que a Intervenção Assistida por Animais foi consolidada como atividade auxiliar no acompanhamento de pessoas com transtornos psicológicos. O trabalho pretende caracterizar de que forma o método fenomenológico foi utilizado em Psicopatologia com base em Karl Jaspers, propondo-o como possibilidade de compreensão do homem; descrever a história desse tipo de intervenção, identificar os animais mais utilizados e as atividades que têm sido realizadas no acompanhamento de pacientes psiquiátricos. A metodologia do trabalho consistiu em buscar periódicos eletrônicos em plataformas on-line de pesquisas científicas com base nos indexadores “intervenção assistida por animais”, “psicopatologia”, “transtornos psicológicos” e “doença mental”, bem como em livros sobre relação do homem com animal, psicopatologia e fenomenologia. Para tanto, realizou uma análise das publicações científicas que apresentaram a Intervenção Assistida por Animais em contexto psiquiátrico, para que, assim, fossem descritos os pontos em comum nelas existentes, dessa forma, apresenta também uma abordagem descritiva, partindo da ideia de que o fenômeno pode falar por si. A Psicopatologia Compreensiva devolveu a importância da vida do homem e sua historicidade à produção do diagnóstico e ao prognóstico do paciente. Para analisar de maneira efetiva o adoecimento do paciente, é necessário voltar-se para o modo como a pessoa vivencia o mundo e as suas relações com o outro. Entretanto, vivenciar o mundo e o outro não se refere apenas à vivência com outros humanos mas também à forma como ele também percebe os animais, as plantas e até mesmo os objetos inanimados. Sob essa perspectiva, as pesquisas baseadas na Intervenção Assistida por Animais podem contribuir para a compreensão dos fenômenos psicopatológicos, porquanto a interação entre animal e paciente fornece ao psicólogo informações sobre a forma como ele estrutura suas relações no mundo e como percebe o outro e a si mesmo nesse processo.

Palavras-chave: fenomenologia; psicopatologia; intervenções assistidas por animais; Karl Jaspers.

A QUESTÃO DA TÉCNICA EM HEIDEGGER E A PRÁTICA CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Adriana Raquel Negrão Duarte
UFPB

Elza Dutra
UFRN

Esse trabalho possui como objetivo traçar um diálogo entre a questão da técnica e a prática clínica psicológica de base fenomenológico-existencial. Para atender ao objetivo em questão, este estudo busca situar brevemente o mundo contemporâneo no qual a psicologia clínica vem tecendo a sua prática, o que foi feito à luz dos conceitos basilares do ensaio *Era da Técnica*, conforme pensado pelo escritor e filósofo Martin Heidegger. O mergulho nessa discussão evidencia que a técnica parece ser o elemento contemporâneo que promove a articulação do homem com o mundo, com as coisas e com as pessoas, o que leva a inferir que já não se vive mais sem ela. O estudo questiona, inclusive, se esta tem criado força própria, de modo que a técnica produz mais técnica, fazendo suscitar nas pessoas o constante desejo e a necessidade de utilização dela como meio para se atingir determinados fins. Tais movimentos denotam o imperativo do seu crescimento, a infiltração da técnica no cotidiano e, quem sabe, no modo de ser. Em meio à dinâmica da vida, a pesquisa busca refletir sobre a prática clínica psicológica, pois esta também indica não estar isenta da influência do pensamento que calcula, das intervenções reducionistas, do imediatismo e da tentativa de controle sob toda e qualquer manifestação de sofrimento e angústia, como se ela não pudesse fazer parte da experiência vivida. Diante disso, questiona se esse cenário no qual a psicologia clínica repousa tem favorecido a busca de novos sentidos para a existência. Como proposta para se pensar essas questões, o foco do estudo é a prática clínica de base fenomenológico-existencial, que pode ser tomada como *techné*, ou seja, uma forma de desvelamento que se traduz por um “deixar acontecer”. Na condição de desvelamento, permite que o ser venha à luz tal como ele se constitui no seu modo de ser, demonstrando, dessa forma, que o âmbito das práticas clínicas pode ser firmado por um pensamento meditante, recurso fundamental para as conduções psicoterapêuticas e que favorece a construção de um espaço clínico de abertura a outras possibilidades da existência.

Palavras-chave: prática clínica; Heidegger; clínica fenomenológica.

A RELAÇÃO TERAPÊUTICA COMO SUPORTE PARA A SAÚDE EXISTENCIAL DO SUJEITO

Paulo César Borges De Sousa Filho
UNIFACID

Karine Cardozo Rodrigues Machado
UNIFACID

Karolyna Pessoa Teixeira Carlos
UNIFACID

Josenilson Carlos Santana Pereira
UNIFACID

A saúde existencial envolve um encontro profundo e verdadeiro entre o paciente e seu eu interior, bem como uma disposição para fazer escolhas mais assertivas, com responsabilidade sobre elas, vivenciando o seu mundo com maior flexibilidade e não como algo fechado ou acabado. Na clínica psicológica, o atendimento identifica, cada vez mais, a fragilidade de pessoas que buscam ajuda para tratar dessa temática, principalmente nas relações adoecidas com o outro e com o ambiente que as cerca. Dessa forma, este estudo estabelece como objetivos identificar a saúde existencial, descrever a prática clínica existencial fenomenológica e apresentar recursos utilizados na psicoterapia que propiciem a saúde existencial dos clientes. Parte do pressuposto de que, na psicoterapia, os trabalhos que envolvem a saúde existencial e os processos autodestrutivos (que podem levar a pessoa a definir existencialmente) serão experimentados tendo a relação terapêutica como uma das possibilidades do processo de cura. O tratamento enfatiza que, nas relações, existe a cura e a doença. Nessa perspectiva, o mesmo problema que faz com que o sujeito sofra pode ser o problema que o transforma, e, nesse encontro com o outro é que, de fato, é possível encontrar a si mesmo e, assim, a pessoa poderá sentir-se completa, sem perder, aos poucos, sua dignidade existencial. As psicoterapias de base existencial e fenomenológica trazem o diálogo como o centro. Para tanto, o cliente precisa ser ouvido pelo próprio terapeuta e por si mesmo. A própria relação terapêutica deve ter como foco ajudar o cliente a retomar sua saúde existencial, pois a pessoa saudável existencialmente passa a se compreender e a compreender seus semelhantes como seres complexos, não cristalizados, resultando disso uma vida com menos julgamentos de si e dos outros. A psicoterapia fenomenológica existencial colabora também nas atitudes facilitadoras, visto que a congruência, a consideração positiva incondicional e a empatia tornam o ambiente propício para a abertura do ser, ressaltando que as coisas mais importantes são as que libertam o sujeito do lugar de coadjuvante e o torna protagonista de sua história.

Palavras-chave: psicoterapia; relação terapêutica; saúde existencial.

A VIVÊNCIA DO TEMPO E A PSICOTERAPIA: UM ESTUDO DE CASO

Ariane Voltolini Paião

Universidade de São Paulo

Bolsista FAPESP

Andrés Eduardo Aguirre Antúñez

Universidade de São Paulo

A identificação dos sintomas é um importante recurso para o diagnóstico e para o tratamento das doenças físicas. No entanto, quando se trata das psicopatologias, olhar apenas para os sintomas pode ser uma forma limitada de lidar com o sofrimento e com a subjetividade humana. A Psicopatologia fenomenológica apresentada por Eugène Minkowski tem influência da fenomenologia de Edmund Husserl e compreende os transtornos psicopatológicos como uma manifestação profunda de uma modificação existencial e não apenas como um conjunto de sintomas. Apesar das semelhanças entre os comportamentos sintomáticos dos pacientes, as vivências patológicas possuem um significado absoluto e profundamente singular. Assim, o foco terapêutico não consiste na redução dos sintomas, mas na ampliação das possibilidades de compreensão existenciais. Minkowski, influenciado também pela filosofia de Henri Bergson, utilizava uma abordagem diagnóstica e terapêutica do ser humano em sua totalidade estrutural, baseada na atitude compreensiva e na análise minuciosa da linguagem verbal e gestual, considerando a experiência temporal e espacial e a relação interpessoal como aspectos indissociáveis da existência. Diante disso, o objetivo deste trabalho é apresentar um estudo de caso de uma paciente com sintomas depressivos e ansiosos sob a ótica da Psicopatologia fenomenológica e da vivência do tempo desenvolvida por Minkowski. A paciente, aluna da área de exatas, apresentava sintomas depressivos e ansiosos. Passou por 30 sessões de psicoterapia, orientada pela Psicopatologia fenomenológica, que possibilitaram captar aspectos da vivência do tempo acelerada. O presente era sacrificado em prol do futuro, que ao invés de abertura para possibilidades, era sentido como constrição, atuava como um credor das metas estipuladas. Nesse contexto, o tratamento utilizou o manejo da temporalidade como recurso terapêutico: o passado como lastro e fortalecimento; o contato com o presente como um trabalho de acesso aos sentimentos concomitante à construção de um futuro sustentado por sentidos mais autênticos dos que os vividos até então. No decorrer do processo, a aluna começou a ampliar as possibilidades da sua vida e a vivência do tempo, o que pode ter contribuído para a redução dos sintomas inicialmente apresentados. Diante desse caso, o estudo considera o manejo da temporalidade um importante recurso terapêutico para lidar com o sofrimento.

Palavras-chave: tempo; psicoterapia; psicopatologia fenomenológica; estudo de caso.

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO (AT) EM ESCOLA E PSICOLOGIA EXISTENCIAL

Marcela de Freitas Andrade

Universidade Federal de Minas Gerais

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Universidade Federal de Minas Gerais

Este relato visa discutir a prática do Acompanhamento Terapêutico em escolas, com base na experiência de estágio da autora, acompanhando dois alunos em um colégio particular ao longo de um ano letivo. O objetivo da intervenção era auxiliar crianças com necessidades específicas educacionais e sociais na realização das atividades acadêmicas e em suas relações. O estudo tem como base de análise uma estudante de 14 anos, diagnosticada com Transtorno Opositor Desafiador e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade; e um aluno de 15 anos, diagnosticado com autismo e esquizofrenia. A escola considerava ambos como problemáticos, por interromperem o andamento da aula e entrarem sempre em conflito com os colegas e professores. Ao conhecê-los, porém, o estudo apontou vivências próprias do ser-adolescente, como as dificuldades inerentes ao amadurecimento corpóreo, psicológico e social. Essa inevitabilidade do crescer traz junto a descoberta da responsabilidade por ser si mesmo, agindo e lidando com as consequências de suas ações. Assim, o vir-a-ser, o poder-ser ou poder-não-ser podem levar tanto a um sentimento de desabrigo e angústia como de expectativa e esperança. Por isso, também na infância e na adolescência há a possibilidade de um crescer adoecido, psicopatológico, que vai se dar quando as possibilidades se cerceiam e não se tem recursos para lidar com o que se depara no viver. Porém, no contexto do Acompanhamento Terapêutico em escola, há uma tendência de direcionar as intervenções para garantir o bom funcionamento do aluno segundo as expectativas da escola (e muitas vezes dos pais), visando ao ajustamento. O diagnóstico vai nessa mesma direção, identificando os alunos-problema. No contexto escolar, o resultado disso é um *boom* nos psicodiagnósticos infantis, de modo a sobrepor o que há de singular no indivíduo e a busca de modos específicos de ser e estar com ele, o que contribuiria para sua inserção na escola e na convivência. Nessa experiência, isso ocorreu quando, com a aluna, as ações disciplinatórias foram insuficientes. O atendimento, em vez disso, buscou estabelecer uma relação de parceria, em que, juntas, psicóloga e paciente analisaram os conflitos da adolescente, encontrando novos modos de ser na escola. Postura semelhante ocorreu com o aluno, que, por meio do acompanhamento da psicologia escolar, teve espaço para desvelar e expressar seus anseios e limites. Portanto, a contribuição que esse relato tem a fazer é a de criar possibilidades quanto ao fazer de um Acompanhamento Terapêutico em escola, tanto a partir dos desafios encontrados quanto das vivências positivas na relação com os alunos.

Palavras-chave: acompanhamento terapêutico; psicologia escolar; autismo; Transtorno Opositor Desafiador; psicologia existencial.

ANÁLISE DA IMPLANTAÇÃO DE UM PLANTÃO PSICOLÓGICO PARA ESTUDANTES DE MEDICINA

Lucca Barbosa
UFMG

Paulo Evangelista
UFMG

Tema: o estudo trata de uma análise do processo de implantação de um serviço de Plantão Psicológico na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, a partir de uma compreensão de sua cultura institucional. A implantação do serviço tem por base duas justificativas: o pedido dos alunos da Medicina, que entendem haver a necessidade de um serviço de saúde mental na Faculdade de Medicina; e os indicativos da literatura da área que aponta um grave adoecimento mental entre os estudantes de Medicina. O estudo permite compreender que esse fenômeno também ocorre nesse espaço. Problema de pesquisa: o estudo aponta haver uma especificidade nos modos-de-ser envolvidos na instituição da Medicina, que estão em jogo ao longo da formação na área, e que, portanto, compõem sua cultura institucional. O processo de implantação de um serviço de Plantão Psicológico na Faculdade de Medicina espera desvelar essas relações e seus atores institucionais específicos. Objetivos: a pesquisa visa analisar o desenvolvimento da implantação desse serviço, levando em conta o desenrolar das relações institucionais que ocorrerem nesses trâmites, tendo em vista compreender o que desse processo diz respeito aos modos-de-ser no mundo médico, e de como são suas dinâmicas na cultura institucional da Faculdade de Medicina. Método: o estudo tem sua base na etnografia, utilizando da escrita de Diários de Bordo. Com esse material e por meio de uma análise fenomenológico-hermenêutica, visa compreender o mundo da Faculdade de Medicina e desvelar o sentido das ações tomadas por seus atores institucionais. Discussão: o estudo aponta que há um sofrimento existencial agravado e específico dos estudantes de Medicina. Com isso, postula que deve haver algo específico na cultura institucional presente nesse espaço que corrobore esse adoecimento. Considerações parciais: a partir dos primeiros diálogos com atores da instituição, registra características de pedido, queixa e demanda relativas ao sofrimento existencial presente na instituição que desvelam o modo-de-ser médico, e que se relacionam com esse próprio sofrimento. Os primeiros contatos revelaram uma compreensão sobre sofrimento existencial marcado por um pensamento biomédico, com uma lógica como se houvesse uma “doença institucional”, cujo principal sintoma é o suicídio, de forma que o Plantão Psicológico agiria como um tratamento a esse sintoma. Esse tipo de compreensão é limitante no que tange à lida com o sofrimento existencial, pois abre uma fenda entre uma existência humana e um organismo biológico-psicológico.

Palavras-chave: plantão psicológico; etnografia; cultura institucional.

ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DO ACOLHIMENTO À IDEACÃO SUICIDA: RESULTADOS PRELIMINARES

Hian Soares Teixeira

Universidade Federal do Pará

Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo

Universidade Federal do Pará

Este estudo analisa um serviço de Plantão Psicológico em uma universidade pública como estratégia de promoção de saúde mental aos estudantes, em especial, para os que estão em vulnerabilidade socioeconômica. Esse público faz parte de uma população com altos índices de ideação suicida e de tentativa de suicídio (Dutra, 2012) e essa demanda pode tornar-se um desafio ao mobilizar o terapeuta com suas próprias questões sobre o tema (Zana; Kóvacs, 2013). Nesse serviço, os estagiários tiveram a oportunidade de atender esse tipo de demanda e o presente estudo tem como objetivo compreender a experiência de terapeutas iniciantes ao acolher clientes com ideação suicida em atendimentos de Plantão Psicológico. O estudo consiste em uma pesquisa empírica de abordagem fenomenológica. Para tanto, utilizou como instrumento entrevista semiestruturada com cinco psicólogos, ex-estagiários do serviço, que atenderam clientes com ideação suicida no Plantão Psicológico durante seus estágios de conclusão do curso. Inicialmente, os colaboradores falaram livremente sobre a experiência de atender um cliente com ideação suicida, em seguida, responderam às seguintes perguntas: houve mudanças no atendimento após confirmar a demanda do cliente? Você consegue identificar algo em comum na facilitação nesses atendimentos? Haveria alguma diferença caso fosse um atendimento de psicoterapia? Após as entrevistas, houve a transcrição e, para a análise dos dados, a base do estudo foi o método fenomenológico-empírico (Giorgi, 1985). Os resultados, quando finalizados, apresentarão o cruzamento de dados com o referencial teórico da abordagem centrada na pessoa. Este estudo pretende apresentar os resultados parciais da aplicação da primeira etapa do método, ou seja, a identificação do sentido geral de cada uma das entrevistas. O atendimento ao cliente com ideação suicida é destacado como um desafio de estar disponível para acolher a dor do outro, assim como uma experiência de proximidade, que possui como centralidade o desejo de ajudar. Os entrevistados também relataram vivências de nervosismo pela falta de preparo teórico e pela responsabilidade por esse atendimento, além de sensações de impotência diante da intensidade do sofrimento do cliente. Por fim, emergiu a experiência de aprendizado profissional, crescimento pessoal e autorrealização. A partir dos relatos, o estudo aponta que o contato psicológico entre ambos suscitou o respeito pela dor do outro, uma sensibilidade empática e o desejo autêntico de se estar presente.

Palavras-chave: ideação suicida; plantão psicológico, Abordagem Centrada na Pessoa, método fenomenológico empírico.

AS CONSTRUÇÕES SOCIAIS NOS PROCESSOS DE ADOÇÕES NECESSÁRIAS

Gessica Raquel Clemente Rodrigues

Faculdade Católica do RN

Ana Luiza Gomes de Medeiros

Faculdade Católica do RN

Mariana Cunha de Mello

Faculdade Católica do RN

Maria Stela Dantas Mendes

Faculdade Católica do RN

Míriam Câmara

Faculdade Católica do RN

A adoção é uma prática legal que garante o direito à família para crianças e adolescentes. Contudo, alguns casos de adoção fogem do padrão de perfil estabelecido pelos adotantes e podem passar por uma maior dificuldade em ser adotados, configurando processos de adoções necessárias, como crianças e adolescentes com maior idade, que possuem deficiências ou doenças, além de grupos de irmãos. O presente resumo visa: discutir as idealizações que emergem no processo de adoção; apresentar a disparidade entre o perfil de crianças e adolescentes disponíveis e os interesses dos adotantes; e debater sobre as construções sociais em torno das adoções necessárias. Alguns pretendentes compreendem a adoção como a seleção de um filho que foi idealizado. Essa expectativa pode estar relacionada ao desejo de ter um filho com características específicas, como aparência, habilidades ou personalidade. Porém, é necessário compreender que a adoção trata da vinculação a um sujeito que possui todo um contexto de vida atrelado a ele. Conforme o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento, o estado do Rio Grande do Norte conta com 447 pretendentes cadastrados no banco de dados e com 48 crianças disponíveis para adoção. Esses dados mostram a disparidade entre os perfis, já que a quantidade de pretendentes é superior à de crianças disponíveis para adoção. Tal realidade é observada e experienciada pelos equipamentos e pelas pessoas envolvidas na adoção, como é o caso do grupo de extensão *Laços do Amor*, que apoia a adoção no município de Mossoró, Rio Grande do Norte, e atende crianças e adolescentes em instituições de acolhimento, considerando as diversas causas que envolvem o tema. A experiência aponta para alguns fatores que levam a essa discrepância, pois a maioria das crianças e dos adolescentes que esperam por uma família está em processo de adoções necessárias, seja devido à raça, às deficiências ou à idade. Portanto, é necessário refletir sobre alguns conceitos da Fenomenologia existencial como ser-no-mundo e ser-com-outro. Para essa perspectiva teórica, o eu está sempre na relação com os outros e, a partir desses contatos, partilha vivências que o constituem como sujeito. Além disso, os sujeitos existem no mundo e estão sempre em constituição. Assim, seria um equívoco afirmar que crianças e adolescentes que apresentam perfil da adoção necessária não podem aprender e mostrar a si mesmos de outros modos, haja vista que estão sempre vindo a ser a partir das experiências.

Palavras-chave: adoção necessária; projeto de extensão; fenomenologia-existencial.

AS JANELAS DA ALMA HOSPITALAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ciro de Almeida Sampaio

Centro Gestáltico de Fortaleza - CGF

Ana Andréa Barbosa Maux

POIESIS - Núcleo de Psicologia Fenomenológica

O contexto hospitalar implica postura fenomenológica do psicólogo. Cada paciente traz consigo suas referências do próprio habitar, com vivências que vão desde sofrimentos silenciados até as possibilidades de ser. Para o paciente, há privação de liberdade, autonomia interrompida, vulnerabilidades expostas e sofrimento diante do impacto do existir cotidiano atravessado pela imposição de rotinas e práticas hospitalares muitas vezes destituídas de humanização. Este estudo objetiva partilhar a experiência de um psicólogo hospitalar e a postura fenomenológica nas visitas aos que estão nas enfermarias em busca do encontro genuíno que valide a experiência do paciente no processo de hospitalização. O sentido precisa ser dado pelo próprio paciente, não por apontamentos profissionais cheios de ideias *a priori* sobre o que seria ou não melhor para o que se encontra internado. A fim de ampliar a compreensão do papel do psicólogo hospitalar, tem como base a Fenomenologia para nortear atuação em um hospital de Natal, Rio Grande do Norte, no primeiro semestre de 2022. As enfermarias não têm janelas nos leitos, mas havia um leito específico, com duas janelas (uma atrás do paciente e outra em sua lateral esquerda). O psicólogo apontava esse “privilégio” de ser o único leito com janelas e intervinha estimulando os pacientes que ocupavam o local para que observassem o trânsito, as árvores, ouvissem os pássaros ou exercitassem a orientação alopsíquica. Ademais, ele exaltava os benefícios que as janelas poderiam lhes trazer. Até que um dia, um paciente (sexo masculino, 57 anos) ocupou esse leito trazendo consigo um caderninho de anotações. Seu passatempo era voltado para atividade introspectiva de expressão escrita em diário. Aquele leito ter janelas era insignificante, uma vez que sua experiência de hospitalização estava permeada por anotar tudo o que via e ouvia dentro da enfermaria: a rotina, o nome dos profissionais que o atendiam, a descrição das dietas que recebia dia após dia, as pessoas que vinham visitá-lo e os respectivos horários de comparecimento, as descrições das características dos colegas e acompanhantes de leito, as curiosidades que lhe chamavam a atenção no cotidiano, e tudo o que lhe tocasse importante escrever. Esse contexto foi mobilizador para reorganização profissional, recapitulando a importância de uma postura fenomenológica sem avaliações prematuras e com abertura ao que se poderia revelar. O equívoco da psicologia hospitalar era não enxergar que as janelas da alma não estavam no concreto: estavam nos próprios pacientes.

Palavras-chave: fenomenologia; hospital; postura fenomenológica; psicologia; psicologia hospitalar.

ATENDIMENTO A UM CLIENTE COM IDEACÃO SUICIDA NO PLANTÃO PSICOLÓGICO: CASO CLÍNICO

Ana Caroline Oliveira Soares
Universidade Federal do Pará

Hian Soares Teixeira
Universidade Federal do Pará

Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo
Universidade Federal do Pará

O Plantão Psicológico é um serviço de saúde mental que oferece uma escuta breve no momento mais próximo possível da necessidade do cliente e que pode intervir em crises suicidas. No contexto da assistência estudantil, funciona como suporte para o sofrimento psicológico dos alunos. Esta pesquisa tem como objetivo compreender o efeito dessa intervenção terapêutica na experiência de um estudante com ideação suicida, por meio da análise documental das versões de sentido (Amatuzzi, 2001) dos atendimentos. Bernardo é um jovem de 20 anos, homossexual, em situação de vulnerabilidade socioeconômica e que apresentou demanda inicial de intensa ideação suicida. O estudo analisou cinco atendimentos do paciente, ao longo de 7 meses, por diferentes plantonistas que participaram de todas as supervisões do caso. No primeiro atendimento, relatou que sofreu violência, homofobia e *bullying* a vida toda, o que o levou a tentar o suicídio; o plantonista suspendeu suas identificações, mas se preocupou ao realizar a avaliação de risco, pois o cliente não possuía rede de apoio. O procedimento foi encaminhar o paciente para consulta psiquiátrica e para atendimento com a assistente social. Ao retornar ao plantão, Bernardo falou sobre a vontade contraditória de continuar vivendo e sobre planos de trocar de curso. No terceiro atendimento, ele relatou comportamentos de risco sexual, que o terapeuta associou à tentativa de experimentar o mundo; falou de sentimentos ambíguos sobre a família, que aparecem em seus sonhos; e utilizou recursos expressivos para facilitar sua comunicação, desenhou um menino sentado com a cabeça nos joelhos dentro de uma gaiola que estava com a porta aberta e expressou que se sente sem asas, o terapeuta ressaltou a sensação de impotência e pontuou que ali ele tinha voz e seria ouvido. Após 5 meses, Bernardo retorna ao serviço e muda o conteúdo das sessões, conta que está feliz e seguindo seu próprio modo de viver, trocou de curso e está muito bem, mesmo que ainda se sinta sozinho. Na última sessão, ele relata sua mudança de vida após conseguir os auxílios oferecidos pela universidade, também lembrou do desenho e disse: "o passarinho saiu da gaiola, mas não precisei jogá-la fora, eu limpei ela e a guardei porque faz parte da minha história". O estudo conclui que o serviço cumpriu a função de oferecer suporte existencial enquanto ele aguardava por outros serviços necessários da rede e postula que os atendimentos facilitaram o processo do cliente de autoaceitação e de despertar da autenticidade.

Palavras-chave: plantão psicológico; Abordagem Centrada na Pessoa; ideação suicida, versão de sentido; estudo de caso.

ATENDIMENTO LUDOTERÁPICO A UMA CRIANÇA ENLUTADA EM UM CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO

Vitória Patrícia Bezerra de Medeiros

Universidade Federal do Rio Grande no Norte

Larissa Marcela Peixoto de França

Universidade Federal do Rio Grande no Norte

Tainá Borges de Carvalho

Universidade Federal do Rio Grande no Norte

No ano de 2020, o mundo enfrentou a crise do novo coronavírus, vírus de alta letalidade, pouco conhecido até então. Concomitantemente, no Brasil, uma crise ético-política acentua vulnerabilidades, com o incremento da pobreza e miséria no país. Nesse cenário hostil à vida, com a presença de muitas contingências em relação à interação entre pessoas e a imprevisibilidade em relação ao futuro, muitas pessoas perderam a vida. O presente trabalho busca relatar a experiência de atendimento ludoterápico a uma criança enlutada, pós-pandemia da covid-19, em um Serviço-Escola de Psicologia, partindo, para tal, da psicologia fenomenológico-existencial. A criança tem 7 anos, é do sexo masculino, e perdeu a mãe (sua única figura de cuidado) durante a pandemia. O acompanhamento terapêutico ofertado à criança sinaliza sua sensação de estar desalojada no mundo. A partir disso e estando também imerso em uma atmosfera pandêmica, a criança é confrontada com o caráter impermanente das coisas, das pessoas, desvelando o seu temor como disposição afetiva. Dessa maneira, a criança demonstra preocupação com a avó e o avô em relação à insegurança tanto que, quando distante, faz ligações para eles recorrentemente, de modo a ter certeza de que estão bem. Teme, ainda, enfrentar situações de privação temporária, logo, expressa o medo de faltar luz, internet, água e dinheiro – questões adultas, que não dizem respeito à infância. Ao longo do processo ludoterápico, é possível observar um estar-sendo expressivamente adulto que, para além do conteúdo de suas preocupações, apresenta um discurso racional e um brincar restrito e pouco simbólico nas sessões. Em sua história de vida, experienciou cedo a vulnerabilidade e a fragilidade inerentes à condição de finitude, então, o controle é via adotada para lidar com o temor. O caráter de ser-aí pressupõe um estar-jogado que assusta a criança e a faz procurar segurança e garantias em seu ambiente e em suas relações. Sabendo disso, a ludoterapia consiste em um espaço propício para que esse sujeito possa resgatar o ser criança e, no seu tempo, compreender a sua experiência de enlutamento e desvelar possibilidades para um poder-ser mais próprio. Ademais, o estudo considera a relevância da escuta aos avós, de modo a ajudá-los na construção de caminhos no cuidado com o neto.

Palavras-chave: ludoterapia; luto; finitude; temor.

ATTITUDE DE EMPATIA NA RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO

Nadini Brandão de Sousa Takaki

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Bolsista CAPES

Vera Engler Cury

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Definida como uma capacidade de penetrar no mundo do outro e compreender sua experiência subjetiva, a empatia é uma das atitudes fundamentais da relação de ajuda. Na relação médico-paciente, a empatia tem ocupado lugar de destaque na contemporaneidade devido à sua associação com melhores resultados clínicos e maior adesão ao tratamento por parte do paciente, concomitantemente à observação de seu declínio no decorrer da formação médica. As pesquisas na área sugerem que a dimensão cognitiva da empatia deve ser aprimorada, enquanto a afetiva se mostra prejudicial à prática clínica. Esta pesquisa fenomenológica tem como objetivo compreender a atitude de empatia a partir da vivência de médicos residentes de clínica médica na interação com seus pacientes a partir do referencial da abordagem centrada na pessoa. Participaram do estudo sete médicos residentes de um hospital universitário localizado no estado de São Paulo, cuja formação variou de R1 a R3. A partir de encontros dialógicos realizados com cada participante, a pesquisadora elaborou narrativas compreensivas sobre o vivido nos encontros, as quais deram origem a uma narrativa-síntese que visava apreender o sentido da experiência dos participantes no que se refere à atitude empática. Os elementos que estruturam a vivência dos participantes são: 1) o que está em jogo não é o papel profissional, mas a constituição pessoal. Tornar-se médico é parte de um processo mais amplo de tornar-se pessoa; 2) a capacidade de compreender o outro está intimamente relacionada a um voltar-se para si; 3) a angústia decorre do envolvimento afetivo com o paciente e com os familiares; e 4) o contexto pode constituir um obstáculo ou favorecer a atitude empática. O envolvimento afetivo surge como inevitável aos participantes. A idealização da relação e a descoberta das dificuldades a partir do contato com os pacientes e familiares mobiliza angústias no médico em formação, que busca aprimorar, à sua maneira, a capacidade de se relacionar com o outro. O estudo conclui que é necessário que a formação em medicina inclua a dimensão vivencial dos médicos, possibilitando que os sentimentos despertados na relação com pacientes e familiares possam ser compreendidos e elaborados, contribuindo para o amadurecimento pessoal e profissional, bem como para relações mais humanizadas no contexto da saúde.

Palavras-chave: relação médico-paciente; compreensão empática; pesquisa fenomenológica; Abordagem Centrada na Pessoa, psicologia clínica.

BODY POSITIVITY E O CORPORAR (LEIBEN)

Gabriel César Silva Rodrigues

Universidade Federal de Minas Gerais

Bolsista CAPES

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Universidade Federal de Minas Gerais

Introdução: nos Seminários de Zollikon, Heidegger contribui para uma compreensão do modo de ser corporal humano utilizando o verbo neológico corporar (*leiben*), por meio qual todo modo de ser envolvido com os entes do mundo pressupõe um corpo que desaparece como entidade. Contrariamente, a contemporaneidade valoriza o corpo estético, objetivado e objetificado, objeto de prazer estético alheio, o que ocasiona sofrimento psicológico para muitos com corpos físicos divergentes do padrão hegemônico. A *body positivity* busca promover a aceitação do corpo tal como é e está, recusando a necessidade de mudança para adequação ao padrão estético. Critica o modelo hegemônico de corpo bonito e promove conexão com seu entorno, significando a beleza como um atributo relacional entre ser e mundo. O movimento assume um posicionamento contrário às tendências atuais pautadas na técnica, que descrevem o corpo como mensurável, ente disposto modificável que deve ser explorado. A fenomenologia-existencial busca, com base no termo corporar, desvelar o caráter imensurável e situacional do corpo, sendo possível destacar proximidades entre os objetivos *body positive* e o arcabouço teórico da Fenomenologia. Desenvolvimento: ao definir beleza como atributo relacional, a comunidade *body positive* resgata a faceta de *leib* do corporar, ou seja, apresenta o corpo como propiciador de encontro com o aí situado e o manuseio formador do conhecimento humano. O processo de subjetivação que destaca o corpo como ferramenta de uso é associado aos homens e privado às mulheres, reduzidas a seu corpo-para-outros, instigando o que a Psicologia Social nomeará como objetificação. A técnica moderna busca incessantemente o controle da natureza, inclusive, do corpo humano, reduzindo-o a objeto biológico previsível e que deve suprimir demandas específicas. No contexto apresentado, exercícios físicos e cirurgias são modos de desabrigar que adéquam a mulher ao padrão estético. O modo poético, ou seja, de aceitação do desvelar do ente a partir de si mesmo, é coerente com as recusas *body positive* de alteração do corpo para sua habitação. O movimento mostra como a sociedade instiga adoecimentos ao encerrar possibilidades de habitação do corpo em contexto. Considerações finais: a *body positivity* consiste em um contraponto às tendências atuais de desvelamento técnico do corpo, tornando-se uma importante aliada para o tratamento de sofrimentos existenciais, em especial, os atrelados ao corpo, como os transtornos alimentares.

Palavras-chave: body positive; era da técnica; corporeidade; saúde.

CAMINHOS ATRAVESSADOS: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA O ENCAMINHAMENTO ENTRE PSICOTERAPEUTAS

Alisson de Oliveira Santos

Estácio Natal

Ciro de Almeida Sampaio

Centro Gestáltico de Fortaleza

Ana Andréa Barbosa Maux

Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Norte

Atender todas as demandas que chegam ao consultório é uma possibilidade ou regra ao profissional da psicologia? Na contemporaneidade, impera atendimentos sob um modo de produção desenfreado, inclusive como parte do desenvolvimento de uma carreira. Uma característica do tempo da técnica parece apresentar uma necessidade ou uma naturalização do quantitativo. A própria saúde suplementar imprime um fazer que envolve atender muito em pouco tempo. A maneira célere, objetiva e prática dos fantasmas da época apresentam um jeito de ser que não se demora sobre as questões, trazendo risco ao modo sereno e à postura do psicoterapeuta por dificultar abertura ao que se apresenta em cada nova demanda. A escuta ao chamado de atender ou encaminhar poderá ser atravessada pela objetividade moderna, dificultando a sintonia com as possibilidades do existir. O presente relato de experiência visa apresentar as inquietações acerca dos atravessamentos dos psicoterapeutas no encaminhamento, a partir da demanda e das angústias profissionais que se desvelam, que vão de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser psicólogo nesse habitar na contemporaneidade clínica. A questão de pesquisa é: a demanda que surge encontra lugar habitável para ser vivenciada na experiência com-o-outro e encontra presença e disponibilidade do profissional para acolhê-la? Nesse sentido, afeta perceber a possibilidade de haver desamparo ao sofrimento de quem pede escuta a partir da compreensão de que os encaminhamentos surgem como indisponibilidade de sustentar o desalojamento humano negado fora do consultório. É preciso notar que a pressão prática, objetiva e resolutiva invade a postura do psicoterapeuta e interpela sua relação e suas intervenções tecnicando-as. Nesse processo, emerge no profissional a angústia por não se enquadrar como capacitado para a solução de problema. Não aparece na condição de possibilidade a sustentação da angústia como campo de trabalho por entendê-la como um de seus limites de atuação. Outra questão é: até que ponto o limite ético e de atuação é comprometido, sendo necessário o encaminhamento a outro profissional da psicologia? Enfrentar as mobilizações que as demandas clínicas demandam constitui o processo de atuação profissional. Os atos da existência, que nos constituem, necessitam desse amparo; é parte do desenvolvimento de cuidado. Não é somente uma brisa suave que marcará o fazer do psicólogo; muitas vezes é rasgado o véu que vela e desvela o existir. A direção que a angústia profissional aponta seria então a sinalizadora de permanência ou de encaminhamento?

Palavras-chave: atendimento; encaminhamento; fenomenologia; psicologia clínica.

CÁRCERE AFETIVO DE MULHERES EM RELAÇÕES ABUSIVAS – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Amélia Melo de Oliveira
Núcleo Poiesis

Melina Séfora Souza Rebouças
Núcleo Poiesis

O exercício da psicoterapia clínica tem sido espaço de escuta, caminhada, abertura, acontecimentos, de encontro de existências únicas que se apresentam e dizem do modo de ser e de existir das pacientes, tratando dores, alegrias, dúvidas, medos, angústias e possibilidades. Ao longo dessa jornada, esses encontros provocam experiências profundamente inquietantes e que lançam reflexões sobre a condição de mulheres que vivenciaram/vivenciam relações abusivas, e sobre como elas são invisibilizadas por seus parceiros e por vários elementos que tecem a construção do lugar da mulher e do feminino. Testemunhar essas experiências leva a pensar sobre os sentidos que estão sedimentados e arraigados a partir de determinado horizonte histórico de ser-no-mundo e de ser-mulher; sobre seus papéis nessas relações atravessadas por angústia, medo, silenciamento e invisibilidade. Essas mulheres externam um sentimento de dependência emocional desses parceiros, tendo medo de sair e de se lançar em uma nova relação, optando por permanecer nesse cárcere afetivo. O uso da expressão cárcere afetivo serve para metaforizar esse estar-com a que muitas mulheres se submetem. É, portanto, o estado de aprisionamento, um estar-com, mesmo havendo condições financeiras e sociais para saírem dessa relação. Esse estado de dependência emocional do cárcere afetivo oprime, restringe, sufoca e impede a mobilidade de sair e existir livre desse aprisionamento a que se autoinfligem. Nesses casos, há um horizonte histórico que as situa nesse contexto, colocando-as impossibilitadas de vislumbrar algum sentido que seja a liberdade. O presente trabalho busca, a partir das afetações das experiências clínicas com mulheres, tecer reflexões sobre esse lugar de aprisionamento. Nesse caminhar terapêutico, essas mulheres vão tecendo uma rede de sentidos e significados capaz de ressignificar suas existências. Portanto, é nesse espaço de escuta que se acolhem todas as dimensões trazidas, sentidas, compreendidas ou não compreendidas, no qual o ser-á mulher possa existir em sua inteireza, sendo elas as autoras de suas histórias e de suas escrevivências. Nesse processo, o psicoterapeuta precisa se conectar, ficando ao lado da paciente, uma vez que o cuidado é propulsor de uma libertação para gerar nas mulheres possibilidades de serem e de existirem livres de qualquer cárcere afetivo.

Palavras-chave: cárcere afetivo de mulheres; relações abusivas; sofrimento existencial; fenomenologia heideggeriana; psicologia clínica.

COMPREENSÕES FENOMENOLÓGICAS DE UM EXISTIR COM UMA DOENÇA NEURODEGENERATIVA

Talita Gomes Varela Barca
UFRN

Ana Karina Silva Azevedo
UFRN

Letícia Pinheiro Miranda
UFRN

O presente estudo propõe uma reflexão sobre uma escuta clínica psicológica realizada no Serviço-Escola de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte a partir de encontros com paciente diagnosticada com doença neurodegenerativa genética rara que, ao longo de seu desenvolvimento, pode afetar a coordenação motora, a fala e a visão. O quadro sintomático acarreta significativamente a redução da expectativa de vida do indivíduo. O estudo reflete sobre os atravessamentos desse diagnóstico na trama do existir da vida da paciente, analisando o caráter do paradoxo da existência, em que a morte, que anuncia o não mais ser do Dasein, amedronta o existente e produz afetações em relação à própria finitude. Para a Fenomenologia heideggeriana, o Dasein é o único ente que existe. Como traços ontológicos fundamentais, a teoria aponta que somos-com-os-outros porque não existe ser humano isolado dos seus semelhantes; somos-no-mundo, pois nos significamos a partir de nossas escolhas; e somos-para-morte, pois não podemos optar por não morrer. Identificando a morte como um fenômeno incognoscível, intransponível e incontornável, ela constitui uma limitação da unidade originária do ser-aí, abrindo o horizonte de realização da existência que aponta para a finitude de todas as possibilidades, o que anuncia nossa nadaidade. Nos atendimentos à paciente, as pesquisadoras observaram o desvelamento de uma afinação ao mundo pelo temor, aparecendo, em especial, no encurtamento da compreensão das possibilidades frente à indeterminação do vir-a-ser, o qual convoca, na compreensão da paciente, um projeto de vida restrito, uma vez que, para ela, seu destino é assumido como já traçado pela doença e por seus sintomas. Assim, tais compreensões sobre o seu projetar estão presentes em falas como o não investimento em relações afetivas, o temor em construir uma família, a ausência de escolha profissional, já que, em seu horizonte de sentidos, ser-com-a-doença é o único modo de ser possível ao seu existir. Com isso, surge a questão: tal modo-de-ser não desvelaria uma tentativa de controle de sua vulnerabilidade, a qual, frente a um diagnóstico que anuncia um destino para ser, lança a paciente em inospitalidades e desamparos que a angustiam e a retiram da familiaridade cotidiana do mundo? O estudo conclui que, com uma doença que parece desvelar um enredo trágico para sua vida, o viver segue indeterminado e o seu devir ainda está lançado no mundo, inconcluso, colocado em constante jogo com o seu ser.

Palavras-chave: ser-para-morte; psicoterapia; temor; fenomenologia-existencial.

COMPREENSÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE EXPERIÊNCIAS DE SER-COTISTA NO CURSO DE MEDICINA DA UFRN

Natália Nogueira de Medeiros
UFRN

Ana Karina Silva Azevedo
UFRN

Este resumo consiste em uma comunicação breve de uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Psicologia sobre a experiência de estudantes cotistas do curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte do câmpus Natal. Passados dez anos da aprovação da Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012), que democratizou significativamente o acesso às universidades federais e, em especial, a cursos historicamente elitizados, um tema ainda discutido, mesmo que de forma discreta, são a experiência e os impasses enfrentados por estudantes cotistas no cotidiano universitário. Por essa razão, este estudo busca compreender experiências de ser-cotista no curso de medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte à luz da hermenêutica heideggeriana. Por se tratar de uma pesquisa fenomenológica, que investiga o vivido e os sentidos da experiência, o instrumento adotado foi a entrevista narrativa. Para tanto, as pesquisadoras gravaram as entrevistas, em seguida, transcreveram para realizar a interpretação à luz do Círculo Hermenêutico de Martin Heidegger. O estudo tomou como base a entrevista de dois estudantes cotistas e essas narrativas desvelam uma realidade marcada por inospitalidades na qual é difícil habitar e encontrar familiaridade no curso. Como questão de pesquisa, investiga se os sentidos sedimentados sobre o perfil do estudante de medicina até a inserção das cotas e as condições de permanência oferecidas pela universidade têm conseguido favorecer o enraizamento de estudantes de variadas origens, etnias e classes sociais. Os participantes deste estudo refletem sobre a dificuldade de se sentirem pertencentes ao curso, sendo atravessados pelos sentidos já lançados no mundo sobre o que é ser médico, e sobre o desamparo e frequente incerteza da permanência no curso. Os temas trazidos nessas entrevistas desvelam que desigualdades sociais representam um importante aspecto a ser refletido para o desenraizamento do aluno cotista nesse curso e apontam para a necessidade de considerar suas experiências a fim de construir uma universidade em que seja possível habitar, abrigar a pluralidade nos cursos de medicina. Este trabalho contribui também para a reflexão sobre a saúde mental de estudantes de medicina cotistas, a democratização da universidade pública e a humanização da formação médica.

Palavras-chave: estudantes de medicina; cotistas; pesquisa fenomenológica; Martin Heidegger.

COMPULSIVIDADE COMO MARCA DO HORIZONTE HISTÓRICO DA TÉCNICA - UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA

Helma Aretuza Ramos Rodrigues
Núcleo POIESIS

Melina Séfora Souza Rebouças
Núcleo POIESIS

Uma das formas de definir a compulsividade é pensá-la como comportamentos repetitivos que têm como finalidade gerar prazer, e cuja característica marcante é a impulsividade. No presente trabalho, a compulsividade é pensada a partir do olhar fenomenológico, o que requer ir contra a perspectiva da Psicologia tradicional, que define a compulsão como categoria psicopatológica, e a compreender a partir de um horizonte de sentido que cria as condições de possibilidade para o surgimento de determinados modos de ser. Diversos estudos apontam para um número significativo de pessoas que sofre com a compulsão em suas mais variadas formas de manifestação. Os números elevados nos ajudam a compreender que a compulsão não é algo desvinculado das exigências do nosso horizonte histórico. Traçar um paralelo entre as compulsões e este tempo nos conduz à necessidade de olhar atentamente para as determinações da técnica moderna, em que as ações do homem são orquestradas a partir do cálculo e do controle. A forma como o homem se relaciona com o mundo, com a natureza e com os outros homens, a partir desse horizonte técnico, é marcada pela objetificação e pelo senso de utilidade. As coisas, a natureza e o próprio homem são tomados como objeto de ação e satisfação do homem. Nesse sentido, aquilo que não serve mais é descartado e prontamente substituído por algo novo, em uma velocidade maior, a cada vez. Esse modo de ser pode ser percebido não só na esfera do consumo mas também em todas as áreas da vida. O homem busca repetir experiências geradoras de prazer para preencher o espaço daquilo que antes trazia satisfação e agora não mais, em um ciclo sem fim. As experiências consistem, então, em meras sucessões de acontecimentos, sem inter-relações entre elas, de modo que cada uma tenta superar a anterior, fazendo com que a dimensão da totalidade da vida se perca. As reflexões tecidas no presente trabalho dimensionam a importância de espaços de escuta que permitam ao homem se ver como uma história que está acontecendo a fim de que ele possa, a partir do pensamento meditativo e da serenidade, construir possibilidades de (re)existências para além da compulsividade.

Palavras-chave: compulsividade; fenomenologia; era da técnica; serenidade.

CORPO E OLHAR DO OUTRO NA COMPULSÃO ALIMENTAR E NA BULIMIA NERVOSA

Brenda Caracas
NUCAFE

Lucas Bloc
Universidade de Fortaleza

Fugita Carvalho
Universidade de Fortaleza
Bolsista APHETO - CNPq

Virgínia Moreira
Universidade de Fortaleza

Os transtornos alimentares são perturbações no ato alimentar, na forma e na configuração de comer. A comida acaba por perder seu principal valor de nutrição, ganhando novos significados. A lente fenomenológica dos transtornos alimentares acena para um modo de ser e estar no mundo global do sujeito, um estilo existencial em que o ato de comer ocupa um lugar central e se torna fonte de sofrimento e angústia. Este trabalho tem como objetivo compreender a experiência de corpo e o atravessamento do olhar do outro na compulsão alimentar e na bulimia nervosa. O estudo utiliza o método fenomenológico crítico que, inspirado na Fenomenologia de Merleau-Ponty, propõe compreender os diferentes significados das experiências vividas (psico)patológicas. Para tanto, realizou oito entrevistas com pacientes de um serviço interdisciplinar de tratamento de transtornos alimentares. Utiliza a seguinte pergunta disparadora: “Como é pra você comer?”. A relação com o corpo e o olhar do outro foram experiências descritas em ambos os diagnósticos. É possível dizer que a ancoragem no corpo e na aparência está diretamente ligada a essa relação com os outros e com o mundo. Cada um existe, objetivamente, a partir do olhar que o outro confere. A objetificação do corpo e o sofrimento com o olhar do outro esteve presente no relato das duas experiências. Como diferenças observadas, é possível perceber, no vivido da compulsão alimentar, a hiperfagia como forma de compensação de sentimentos, ou seja, o ato de comer foi descrito como forma de aliviar, por exemplo, a tristeza. A culpa surge decorrente de tal episódio e do iminente olhar do outro. Na bulimia nervosa, essa compensação está evidente nos próprios comportamentos purgatórios. Além disso, na compulsão alimentar, a relação com a comida aparece atravessada pela noção de perda de controle, enquanto que na bulimia nervosa, os participantes descreveram como vício. O estudo conclui que há uma dimensão comum na compulsão alimentar e na bulimia nervosa que se relaciona a uma alteração do modo de experienciar o próprio corpo e o impacto do olhar do outro na construção da própria identidade, mas que essas semelhanças se expressam a partir de diferenças na forma como a culpa é tratada e na relação com a comida. O corpo aparece como objeto a ser constantemente observado e avaliado, deixando, por vezes, a dimensão de sujeito de sua própria experiência de lado.

Palavras-chave: experiência; corpo; olhar do outro; compulsão alimentar; bulimia nervosa.

CORPO E TRANSTORNOS ALIMENTARES À LUZ DA FENOMENOLOGIA DE SARTRE

Nayana Leão e Silva de Castro
Universidade de Fortaleza

Eduardo Barreto Fernandes Silva
Universidade de Fortaleza

Francisco Luan de Souza Carvalho
Universidade de Fortaleza

Monalisa de Fátima Rodrigues Pimenta Teles
Universidade de Fortaleza

Lucas Guimarães Bloc
Universidade de Fortaleza

Os transtornos alimentares são caracterizados como uma série distinta, com um núcleo comum de sintomas que consiste em uma relação problemática com a comida, e têm um grande impacto epidêmico no mundo contemporâneo. Sob um viés fenomenológico, este trabalho tem como objetivo discutir, com base em uma revisão de literatura, as possíveis contribuições de Sartre para a compreensão do corpo e dos transtornos alimentares. O estudo parte da compreensão de que a fenomenologia filosófica enriquece a prática clínica, permitindo uma melhor compreensão da experiência corporal e, por conseguinte, dos transtornos alimentares. Discute as noções de corpo-sujeito (o corpo que sou) e corpo-objeto (o corpo que tenho), tão importantes para a lente fenomenológica, trazendo, sobretudo, a contribuição de Sartre para a Psicopatologia Fenomenológica ao desenvolver a noção de corpo-para-o-outro como estruturante da subjetividade. O indivíduo é, primeiramente, corpo-objeto para, em seguida, ser corpo-sujeito, e é pelo contato imediato do outro com o corpo do indivíduo que o torna objetificado, significado e atrelado àquele que o vive como corpo-para-o-outro. Assim, o olhar do outro tem importância primordial, pois define uma moldura existencial. Há uma necessidade de um equilíbrio cinestésico desse corpo vivido e, na experiência de transtornos alimentares, o olhar do outro se apresenta como um fator predominante para sua individualidade e seu senso de identidade. A corporeidade é dada, sobretudo, como um corpo-objeto, consciente do olhar de uma terceira pessoa em detrimento de um corpo-sujeito que fica demasiadamente alienado de si. O estudo conclui que a compreensão sartriana do corpo-para-o-outro tem potencial terapêutico ao ser um olhar que constitui a circunstância para uma subjetivação do corpo, em vez de uma mera corporificação do sujeito. Consequentemente, esse olhar é um elemento imprescindível na psicoterapia com pacientes com transtornos alimentares, pois pode (re)unir a polaridade do corpo-sujeito e do corpo-objeto a partir de um contato aprofundado com o outro.

Palavras-chave: transtornos alimentares; Sartre; fenomenologia-existencial; psicoterapia.

CURIOSO CASO DO MENINO QUE PAROU DE FALAR E O BRINCAR TERAPÊUTICO

Sabrina Alvares Baptista de Albuquerque
Instituto Dasein

Maria Beatriz Cytrynowicz
ABD - Associação Brasileira de Daseinsanalyse

Este estudo traz um relato de experiência de um atendimento clínico infantil, a partir da análise fenomenológico-existencial. É fruto dos estudos e experiências da autora Sabrina Alvares e sua então supervisora, Beatriz Cytrynowicz. Tem por objetivo contribuir para a reflexão sobre o brincar, não como um recurso técnico ou funcional, mas, sim, como uma forma de a criança estar-junto-com-o-mundo. Fernando (nome fictício) chega para atendimento psicológico próximo de completar 8 anos, trazido por seus pais, que relatam estar preocupados, pois, no último ano, o filho gradualmente reduziu a comunicação verbal com as pessoas. Esse comportamento começou com desconhecidos; depois, com os colegas da escola, professores; e, por fim, a criança parou de falar com os familiares. Ele continua a comunicação apenas com o pai, a mãe e a irmã mais nova. Fernando chega ao atendimento de forma tímida, desconfortável e tensa. A pesquisadora tenta iniciar uma conversa de diversas formas, mas ele não responde. Esse comportamento permaneceu assim por quase quatro anos, em absoluto silêncio. Por diversas vezes, a sensação da pesquisadora é de estar perdida nesse silêncio. Quanto mais ela faz perguntas (que são respondidas por escrito) na tentativa de "aprofundar a sessão", mais ele parece não se divertir e não querer participar das brincadeiras e atividades propostas. Em supervisão, vem a percepção de que as perguntas afastam Fernando, pois o caminho do atendimento infantil está no próprio ato de brincar, e não na racionalização da brincadeira. Apesar de a principal preocupação dos pais ser o silêncio de Fernando, o que ele mostra no atendimento é tensão, rigidez e dificuldade em relaxar. Ao propor brincadeiras que possam ajudar o paciente nesse processo, é preciso que o psicólogo se adapte e adapte os jogos. Essa adaptação é possível porque o brinquedo não deve ter prioridade sobre o ato de brincar. Permitir que a criança brinque de forma não convencional oferece liberdade para escolhas pessoais e a possibilidade de aceitar improvisações. Dessa forma, é possível estabelecer uma relação mais livre e acolhedora com a criança, e a criança consigo mesma, pois o brinquedo não é visto como um instrumento pedagógico ou moral baseado no senso comum. Por exemplo, quando Fernando "rouba" no jogo de cartas, o que poderia ser considerado incorreto do ponto de vista moral, passa a ser entendido como uma maneira de Fernando mostrar que ele está mais livre, mais à vontade para não fazer tudo "certinho". Logo, esse brincar terapêutico criou regras próprias para o jogo.

Palavras-chave: brincar terapêutico; atendimento infantil fenomenológico existencial; brinquedo e o brincar.

DA PATOLOGIA AO “SER CRIANÇA”: ESTUDO SOB A ÓTICA DA FENOMENOLOGIA

Vitória Cavalcante Sousa
Universidade de Fortaleza

Joana Samya Carvalho Carneiro
Universidade de Fortaleza

Camila Pereira de Souza
Universidade de Fortaleza

Introdução: ao dialogar sobre saúde mental, este estudo evidencia a compreensão do indivíduo como um todo, incluindo suas percepções e apropriações das situações vivenciadas em seu universo de “ser criança”. Para Merleau Ponty, entender a infância a partir de suas relações culturais, familiares e sociais possibilita o distanciamento de uma lógica causal do fenômeno. Para o autor, a construção da vida psíquica do indivíduo é o entrelaçamento de sua infância e vida social, em que a cultura adquirida é resultante dessa mediação de mundos vividos. Assim, o estudo teve como objetivo a compreensão do mundo vivido (psico)patológico de Pietro – nome fictício – por meio da elaboração de um relato de experiência sob a lente da Psicopatologia fenomenológica de Ludwig Binswanger. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu no Serviço de Práticas Psicológicas de uma Instituição de Ensino Superior, com base em entrevista de anamnese com dois encontros clínicos. Pietro contava 9 anos de idade e apresentava apraxia de fala, além de queixas de inquietação, retraimento, automutilação e dificuldade de aprendizagem, entre outros aspectos. Inserido em um contexto familiar violento, presenciou brigas e agressões entre os pais, sendo usado literalmente de “escudo” pela mãe em diversos momentos. **Reflexões/Articulações Teóricas:** de acordo com as contribuições teóricas de Binswanger para a Psicopatologia fenomenológica, é preciso que o mundo em que Pietro habita seja visto em sua totalidade, em um âmbito no qual haja completa compreensão de sua história de vida e da forma como ele a vivencia, levando em consideração suas singularidades e sua condição total de ser-no-mundo. Assim, a análise de seus modos simultâneos de ser-no-mundo, fundamentados por Binswanger, permite identificar uma desorganização desde o Umwelt, quando o paciente apresenta perdas temporárias de seu controle de esfíncteres; passando pela sua dificuldade em comunicar o que sente, havendo certo bloqueio em seu Mitwelt até sua falta de percepção sobre si mesmo, em seu Eigenwelt. **Considerações Finais:** o estudo conclui quão necessária se faz a busca pelo entendimento de como Pietro experiencia as adversidades que atravessam sua história. A partir disso, é possível apresentar mais esclarecimentos que guiem os encaminhamentos para o seu cuidado. A teoria de Binswanger norteia e dá base para essa compreensão, descortinando como os fatores vividos podem refletir no desenvolvimento infantil, no sofrimento psíquico e na visão de mundo.

Palavras-chave: psicopatologia; infância; fenomenologia-existencial; sofrimento psíquico.

**DESVALORIZAÇÃO DO CORPO A PARTIR DE VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR HOMEM
HOMOSSEXUAL**

André Prado Nunes
LEFE-IPUSP/UNIP-SP

Este trabalho discute algumas violências que o homem cisgênero de orientação homossexual sofre ao longo de sua criação e investiga como as consequências desses episódios interferem na constituição de sua autoimagem. Nesse sentido, a constituição da imagem de si próprio não é realizada a partir de uma suposta interioridade do indivíduo isolado do mundo. Pelo contrário, tal realização parte das referências culturais e valores de tradição presentes no mundo em dado período histórico. Assim, esta investigação busca compreender como o contexto heteronormativo e machista vigente contribui para determinada rejeição dos modos de ser homossexual. Para tanto, realiza análise hermenêutica de orientação fenomenológica a partir de registros de supervisão e diários de bordo elaborados por aluno de graduação em seu estágio junto à clínica-escola. A esse respeito, Gadamer (1997), partindo da noção de tradição, afirma que a compreensão prévia de mundo relatada constitui o ponto inicial a partir do qual o investigador busca apropriar-se de novas significações, ampliando seu horizonte de sentido. É pertinente a este processo investigativo refletir a partir do que vai sendo explicitado no relato do paciente, em busca de (des)naturalizar os saberes tradicionais presentes na compreensão prévia e, simultaneamente, constituir novos saberes, em uma ampliação do horizonte compreensivo do investigador. Tal análise revela que as violências sofridas prejudicam a construção de uma autoestima positiva, trazendo consequências prejudiciais às relações pessoais, como autodepreciação, insegurança e vulnerabilidade para relações de caráter abusivo. Nas considerações finais, o estudo aponta que as violências sofridas na infância e na adolescência tendem a se tornar preconceito internalizado pelo indivíduo como possível repercussão da condição de marginalização do homossexual. As violências sofridas podem gerar prejuízo e distorção na constituição da autoimagem do indivíduo. O estudo destaca ainda que o espaço individualizado do consultório não deve ser compreendido como único recurso possível de compartilhamento de relatos e vivências. Pelo contrário, muitas vezes, a manutenção de um olhar individualizado ao sofrimento pode contribuir para a sensação de isolamento e adoecimento do paciente. Pensar recursos e estratégias grupais e coletivas de pertencimento das pessoas é crucial para fortalecê-las na constituição de sua rede de apoio em suas interações sociais, possibilitando a ressignificação de sua autoimagem.

Palavras-chave: psicoterapia; convenções corporais de gênero; preconceito; fenomenologia existencial.

DESVELANDO COMPREENSÕES FENOMENOLÓGICAS E EXPERIÊNCIAS DO SER- IDOSO NA CONTEMPORANEIDADE

Thainá Souza Cruz Belmiro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Amanda Karênina Galvão de França

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria Vanessa Morais da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Bolsista CAPES

Ana Karina Silva Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

No Brasil, as pessoas são consideradas idosas a partir de 60 anos de idade. Tendo em vista o rápido crescimento dessa população em todo o mundo, é importante refletir sobre o lugar que ela tem ocupado na sociedade. Pensando sobre isso, o objetivo deste estudo teórico é refletir sobre o envelhecer na contemporaneidade. O envelhecimento é um fenômeno complexo que engloba mudanças biológicas, psicológicas e sociais. Apesar disso, a vivência desse período varia de acordo com fatores culturais, históricos, sociais, econômicos e individuais. A filosofia de Heidegger entende isso como mundo, sendo este um conjunto de símbolos e significados que se manifesta no tempo e se transforma ao longo da história. O autor nomeia o tempo atual como "Era da Técnica". Com base nessa compreensão de Heidegger, é possível pensar e refletir acerca de uma modernidade caracterizada por relações exploratórias, utilitaristas e individualistas, na qual o corpo valorizado é aquele capaz de produzir. Desse modo, o corpo jovem é valorizado em detrimento do envelhecido, sendo este visto a partir de uma distância, responsável por tornar a velhice um assunto velado, tanto no âmbito social quanto no acadêmico. Nesse sentido, a compreensão do envelhecimento no horizonte histórico interpela, atravessa e constitui a trama de significados com a qual o existir humano acontece. Nesse mundo, onde tais imperativos de juventude e produtividade estão presentes na forma como vivemos, a existência envelhecida passa a ser sinônimo de declínio ou até de inutilidade. Isso provoca as pessoas idosas, algumas vezes, a experimentarem um habitar desenraizado, vivenciando tabus e preconceitos, uma vez que não correspondem à lógica contemporânea com seus corpos envelhecidos. Isso reforça o encobrimento das existências de pessoas idosas, o que acaba por invisibilizar algumas experiências nessa fase da vida. É possível identificar alguns exemplos dessa invisibilização na escassez de discussões acerca de temas como: a experiência de sexualidade para mulheres idosas, a vivência de envelhecimento da população LGBTQIAPN+ e também a situação de idosos em instituições de longa permanência. Portanto, lançar luz à discussão sobre o envelhecimento na contemporaneidade é imprescindível para visibilizar modos de ser idoso, buscando aproximação com sua pluralidade, em uma tentativa de superação de modos hegemônicos de compreender existências idosas e, assim, de afirmação da potência de vida dessa população.

Palavras-chave: envelhecimento; contemporaneidade; fenomenologia; Martin Heidegger.

DO QUINTAL AO APARTAMENTO: UMA COMPREENSÃO DA VIDA URBANA NA ERA PET-FRIENDLY

Sophia Porto Kalaf

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Bolsista CNPq

Marlise Aparecida Bassani

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O evidente estreitamento da relação entre pessoas e animais de estimação nas grandes cidades convoca a refletir sobre os modos de experimentar as relações no geral. A “otimização” dos espaços e a verticalização urbana tornaram o habitar contemporâneo cada vez mais compartimentado em pequenos espaços, chamados de lar. Nas últimas décadas, os animais de estimação deixaram de ocupar o lugar de cão de quintal e passaram a conviver nos mesmos ambientes que as pessoas, sendo integrados não só ao lar como ainda à configuração familiar – atualmente chamada de “família multiespécie”. As constantes transformações nos modos de viver junto ao mundo tiveram ainda maior impacto com a pandemia de covid-19 e com o isolamento social, minando as relações fora do lar, seja pelas restrições de saúde públicas, seja por incertezas e medos. Na malha contemporânea, os animais de estimação têm se apresentado como entes passíveis de relações em que existe reciprocidade e maiores garantias, diferentemente da relação entre Dasein. Como tentativa de aproximação ao fenômeno, este estudo busca compreender como tem sido estabelecida a relação entre pessoas e animais de estimação na vida urbana cotidiana. A discussão empreendida é um recorte da pesquisa de mestrado em Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que está em andamento, sendo inserida no projeto institucional *Subjetividades e promoção da saúde mental: desenvolvimento sustentável na clínica psicológica contemporânea* (Chamada 07/2022, CNPq). O estudo faz uso do método de entrevista reflexiva, à luz da Fenomenologia existencial, com uma participante, visando à aproximação ao campo. Como resultado, aponta que a participante lidava com o cão como um companheiro que aplacava sua solidão, dado o contexto de viagens constantes do marido a trabalho. A aquisição do cão consiste em um movimento de construção familiar em que, ao visualizar a si mesma como autora de sua própria narrativa, a participante pôde compreender-se livre nas escolhas. Os altos investimentos – tanto emocionais quanto financeiros – desvelaram o sentido atribuído ao animal, tido para ela como um filho. Este estudo revelou a importância de um olhar para a trama contemporânea e atual dessa relação, sem desconsiderar o caráter singular da experiência.

Palavras-chave: relação pessoas e animais de estimação; contemporaneidade; vida urbana; isolamento social; fenomenologia existencial.

EMOÇÕES E MASCULINIDADES: UMA EXPERIÊNCIA DE GRUPO À LUZ DA HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA

Pedro Otávio Maia Guedes
UFRN

Cynara Carvalho de Abreu
UFRN

Ana Andréa Barbosa Maux
Núcleo Poiesis

Em um mundo que incentiva o individualismo e escamoteia a vivência em comunidade, muitos homens tomam a solidão como maneira majoritária de lidar com as angústias da vida. Como contraponto a esse caminho, a possibilidade de partilhar tais experiências em grupo parece mostrar uma alternativa possível à compreensão das masculinidades e emoções de homens residentes em Natal, Rio Grande do Norte. Surgiu, assim, a proposta de um grupo temático que pudesse ser um espaço seguro no qual os participantes tivessem a oportunidade de expressar suas emoções e discutissem sobre suas masculinidades sem julgamentos, podendo, inclusive, questionar o modelo hegemônico de ser homem que lhes é imposto historicamente. O grupo temático aconteceu semanalmente, entre maio e junho do corrente ano, tendo sete encontros. Contou inicialmente com dez homens, entre 20 e 38 anos, todos cisgênero, de etnias e sexualidades diversas. Os encontros possibilitaram, pela primeira vez, para alguns participantes, a experiência de refletir sobre ser cuidado em meio a pessoas do mesmo gênero, com a possibilidade de experimentar um lugar de quem cuida, historicamente atribuído às mulheres. Esse movimento, por si só, foi gerador de questionamentos sobre as redes de apoio de que dispõem, seja na responsabilidade da criação, seja na manutenção dela. A base para as intervenções e reflexões foi a hermenêutica heideggeriana, ao se considerar que a essência se dá como existência e que existência é transitoriedade e experiência relacional. Por meio da vivência compartilhada, os participantes puderam se aproximar e, por isso, refletir um pouco mais apropriadamente as verdades sobre masculinidades e emoções construídas pela família, sociedade ou por eles mesmos. Ao se aproximarem da condição de nãidade do ser-aí, os participantes do grupo observaram outras possibilidades de reconstrução da própria masculinidade parecem ter se mostrado. O trabalho em grupo na perspectiva fenomenológica heideggeriana considera que o ser-com potencializa o que levaria muito mais tempo no espaço terapêutico individual, pois, como entes relacionais, somos todos afetados pelo que o outro traz. Nesse caso, foi nítida a forma como os encontros reverberaram nos participantes: seja porque se perceberam mais expressivos, falantes, rompendo um lugar de timidez por medo de julgamentos; seja por reconhecerem sofrimentos que pareciam naturais; seja, ainda, por se aproximarem aos poucos de um ser-si-mesmo ocultado pela impropriedade.

Palavras-chave: masculinidades; emoções; grupos; fenomenologia heideggeriana.

ENTRE VIDA E MORTE, LUTO: COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO- HERMENÊUTICA DAS PERDAS NO COTIDIANO

Kely Prata Silva
Nucafe

Introdução: este estudo considera como luto as experiências de perda demarcadas pela cessação de uma relação significativa e/ou de uma situação familiar que coloca em questão a rede de sentidos para a pessoa acerca do luto e acerca de si mesma. Diferentes situações vividas no cotidiano podem constituir a condição de enlutado, bem como são variadas as manifestações do luto. Como incorporar essas perdas significativas à vida cotidiana? Perdas que não são passíveis de ser recuperadas ou superadas, que promovem rupturas, exigem compreensão das transformações decorrentes e do sofrimento experimentado, requerem tempo para transacionar entre o que era familiar e o novo que emerge, e carecem de familiaridade. Desenvolvimento: a partir de uma perspectiva analítica fenomenológico-hermenêutica, o sentido de ser dá-se à medida que o ser é lançado ao mundo (ser-aí) para fora de si (ek-sistir) e, sendo, responsabiliza-se e se presentifica, questionando-se em seus modos de ser e sobre o sentido de ser na cotidianidade para tornar-se o que é mais próprio (presença). Existir é lidar com a finitude de si mesmo, das situações e das relações na transitoriedade dos acontecimentos. Na condição de enlutado, é rever o sentido de ser diante de um passado que ainda é e de um futuro que ainda não é. Enlutar-se é, simultânea e ambigualmente, albergar-se, abarcar as mudanças e desterrar a dor de tornar a ser – encontrar-se e se apropriar de si mesmo e das perdas que sofreu. Incorporar as perdas significativas à vida exige voltar a si mesmo, ao que está sendo e ao que ainda pode ser apesar do que se foi. Para tal lida, a serenidade aparece não como uma via de calmaria, mas como um movimento de apropriação de si e acolhimento do próprio modo de ser que não implica acabar ou se esquivar da crise e do sofrimento, mas os encarar de uma perspectiva meditativa. Considerações finais: existir é um fenômeno epocal no qual está sempre em jogo ultrapassar as circunstâncias factuais, projetar-se nas possibilidades, fundar-se e se presentificar em sua multiplicidade de modos de ser. O pensamento meditativo, proposto por Heidegger, possibilita refletir sobre o que é mais próprio e mais próximo de cada um, o sentido de ser tal como se é, retomando a possibilidade mais originária da existência: abertura para a nadaidade, a indeterminação e a incompletude do existir. Para o enlutado, cabe lutar a fim de tornar a ser, cuidar de si e cuidar de ser – gestar-se.

Palavras-chave: luto; Perdas; psicologia fenomenológico-hermenêutica; serenidade.

ESCUA CLÍNICA DE CRIANÇAS COM IRMÃOS EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL

Caroline da Costa Oliveira
UFRN

Symone Fernandes de Melo
UFRN

O presente trabalho parte da escuta clínica de crianças com irmãos em Unidade de Acolhimento, à luz da fenomenologia hermenêutica heideggeriana. O Acolhimento Institucional é uma medida protetiva, prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente e aplicada quando há violação de direitos no âmbito familiar. As crianças permanecem em acolhimento para que se possa investir no fortalecimento de vínculo com a família natural e, quando tal processo não é bem-sucedido, há a destituição do poder familiar, o que as torna disponíveis para adoção. Segundo o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento, no cenário brasileiro, a quantidade de crianças disponíveis para adoção é menor do que o número de postulantes à parentalidade adotiva. Porém, ainda assim, os pretendentes aguardam muito tempo na fila, pois esperam, comumente, um perfil de criança específico, em sua maioria bebês ou crianças pequenas. Quando a perda do poder familiar envolve um grupo de irmãos, o cenário é mais complexo. No processo de institucionalização, tais crianças, muitas vezes, encontram nos irmãos familiaridade e referência. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, é preciso fortalecer os vínculos fraternos e, no caso de adoção, preservá-los. Entretanto, no âmbito das decisões institucionais, a separação de irmãos, por vezes, ocorre sob o argumento de não haver vínculo fraterno ou pela maior possibilidade de adoção isolada de uma criança mais nova. A partir da experiência no Acolher, projeto de extensão universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no qual se oferta atenção psicológica a crianças e adolescentes nesse âmbito, os pesquisadores indicam que o habitar em contexto de institucionalização, em um projeto de cuidado coletivo, pode ocasionar a perda da familiaridade prévia e o desenraizamento. Quando a separação de irmãos em acolhimento surge no horizonte, ocorre insegurança, culpa e temor da perda do vínculo fraterno. Tomando o conceito de habitar heideggeriano e a contínua busca do Dasein de permanecer em paz e resguardado de danos, ter o vínculo de parentesco fraterno rompido pode implicar uma experiência de desamparo. Desse modo, ouvir crianças com irmãos em acolhimento é adentrar um sofrimento invisibilizado, muitas vezes, por razão da priorização da possibilidade de adoção. O estudo conclui que a importância do vínculo fraterno é, algumas vezes, desconsiderada no contexto do acolhimento e da adoção, o que pode resultar em um processo de revitimação dos envolvidos.

Palavras-chave: acolhimento institucional; irmãos; adoção; fenomenologia.

EXISTÊNCIA EM LIBERDADE: A EXPERIÊNCIA DE UMA CRIANÇA EM LUDOTERAPIA

Nívea de Souza Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Larissa Marcela Peixoto de França

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Symone Fernandes de Melo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Patrícia Karla de Souza e Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Cynara Carvalho de Abreu

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O presente trabalho discorre sobre o acompanhamento ludoterápico de uma criança em medida protetiva de Acolhimento Institucional. Tal medida consiste em uma determinação judicial adotada quando há violação de direitos ou impossibilidade da família em prover cuidado e proteção necessários aos filhos, conforme preconizado no Estatuto da Criança e do Adolescente. O acompanhamento clínico ocorreu no Serviço-Escola de Psicologia de uma universidade pública federal, no âmbito de uma proposta de extensão que busca prestar assistência psicológica a crianças e adolescentes em situação de acolhimento, tendo a Fenomenologia existencial heideggeriana como fundamento da prática clínica. O atendimento adotou a ludoterapia com uma menina de 10 anos de idade, no decurso de oito meses. O acolhimento da criança ocorreu há pouco mais de um ano, com dois irmãos mais novos, após ser constatadas a ausência paterna e a impossibilidade de a mãe biológica cuidar dos filhos, com episódios de violência física e psicológica praticados contra eles. A partir da ludoterapia, foi possível testar uma série de hipóteses diagnósticas para a criança – entre elas, a de deficiência intelectual – que, segundo relatos, pode afetar sua compreensão de mundo, seu desenvolvimento psicológico e suas relações sociais. A sobreposição de possíveis diagnósticos vai ao encontro de um cenário cada vez mais recorrente de patologização do sofrimento. Entretanto, na sala de ludoterapia, a criança traz em si registros de uma história complexa, que, a partir de suas capacidades, explora simbolicamente o mundo e as possibilidades diante dela, de forma reflexiva e perspicaz. Nesse sentido, este estudo apresenta a ludoterapia como um espaço que permite a liberdade de poder-ser da criança. A partir da ideia de historicidade cunhada por Martin Heidegger, busca compreender o horizonte histórico que desprotege crianças e as contingências que demarcam a morada em um contexto de acolhimento, espaço que pode revelar-se restritivo ao poder-ser na infância. Ademais, o estudo destaca o acompanhamento em ludoterapia como uma oportunidade de a criança, como ser-no-mundo, explorar sua própria autonomia e liberdade. Por fim, pôde-se verificar, a partir do acompanhamento, o quão importante é, na trajetória de uma criança em situação de acolhimento, receber uma atenção individualizada que, guiada pela noção de cuidado antepositivo, contemple suas possibilidades e não somente suas limitações.

Palavras-chave: criança; ludoterapia; acolhimento institucional.

EXPERIÊNCIA DE PLANTÃO PSICOLÓGICO HUMANISTA-FENOMENOLÓGICO

Francisco Luan de Souza Carvalho
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Lucas Guimarães Bloc
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Marianna Facó
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Nayana Leão e Silva de Castro
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Gabriela Frota de Paula Pessoa
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Este estudo compreende o Plantão Psicológico como uma das novas formas de cuidado psíquico na atualidade, considerado necessário em uma sociedade atravessada efetivamente por demandas diversas como: ansiedade, cansaço, estresse, baixa autoestima e outros tipos de sofrimentos inerentes à contemporaneidade. Tem como objetivo apresentar o Plantão Psicológico em uma perspectiva humanista-fenomenológica. Essa prática acontece no Serviço de Psicologia Aplicada de uma universidade em Fortaleza, Ceará, que acolhe nessa modalidade a comunidade em geral de forma gratuita e por demanda espontânea. O serviço acontece semanalmente, conduzido por dois psicólogos e seis estagiários de Psicologia. Atualmente, existem plantões disponíveis em diversas universidades nos cursos de Psicologia, bem como em equipamentos de saúde e escolas, além de projetos voluntários e acessíveis voltados a populações e públicos específicos, como população LGBTQIA+ e mulheres vítimas de violência. Esse atendimento consiste, portanto, em um suporte em saúde mental, viabilizando cuidados e encaminhamentos assertivos. Nesse sentido, o Humanismo fenomenológico – resultado da intercessão entre a teoria de Carl Rogers, a filosofia de Merleau-Ponty e a Psicopatologia fenomenológica – corrobora um cuidado potente e compreensivo da pessoa em situação de crise. Frente às situações de urgência psicológica, as pessoas que procuram o plantão e compreendem a necessidade da escuta passam a se abrir mais facilmente ao próprio processo de cuidado, facilitado pela postura e pelas atitudes do plantonista durante o atendimento, tornando possível o estabelecimento de uma aproximação significativa com o *lebenswelt* (mundo vivido) da pessoa. As atitudes facilitadoras de autenticidade, compreensão empática, consideração positiva e incondicional e intervenções fenomenológicas ocorrem nesse processo de escuta, muitas vezes realizado em um único atendimento. O estudo conclui que os serviços de Plantão Psicológico atuam como uma estratégia de cuidado e acessibilidade no campo da Saúde Mental, dando possibilidades de acolhimento em situações difíceis em contextos diversos. Tal experiência contribui para uma ampliação do conhecimento dessa modalidade na perspectiva do humanismo-fenomenológico, dando possibilidades de um atendimento que se atualiza e se consolida em sua epistemologia e prática na contemporaneidade, contribuindo para a formação dos estagiários do serviço em questão.

Palavras-chave: plantão psicológico; humanismo-fenomenológico; urgência psicológica.

EXPERIÊNCIA DE SER-CRIANÇA COM TDAH: COMPREENSÃO HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA

Débora Cristina Guerra de Araújo Vale
GESDH/UFRN

Ana Karina da Silva Azevedo
UFRN

A desatenção em crianças é uma temática que surgiu no século XX. Embora ainda inexista a descoberta de uma causa orgânica, tais crianças continuam sendo diagnosticadas por um déficit devido a não corresponderem ao modelo de desempenho escolar e aos cuidados dispensados em curar ou melhorar sua desatenção. Sob a ótica heideggeriana, a atenção seria um modo de o Dasein estar na verdade, um demorar-se de maneira própria ou imprópria, atento ou disperso de si mesmo. Este estudo propõe interpretar os sentidos de ser criança para além do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, contemplando a atenção na condição de fenômeno. A questão de pesquisa é: como é a experiência de viver como criança a partir de algo diagnosticado de que lhe “falta”? Para uma aproximação da experiência do vivido, a estrutura da pesquisa tem como base quatro encontros: dois com os participantes e dois com seus pais. Participaram duas crianças de 7 e 9 anos diagnosticadas e em tratamento, cujos mundos aparecem por via da interdição e brincadeiras com regras excessivas. Utiliza, para tanto, o método fenomenológico-hermenêutico heideggeriano, e realiza a abordagem com as crianças com base na hora do jogo lúdica, com o recurso expressivo da caixa de areia. O brincar é prerrogativa do Dasein como criança. Para o convite da hora do jogo, o atendimento utiliza a caixa de areia a partir de uma leitura fenomenológica. Esse caminho fomentou os diálogos acerca do diagnóstico, com criação de cenários e expressão de ser criança com esse transtorno. Quanto à interpretação, o estudo toma como base o diário de afetações. Para interpretá-lo, faz uso do círculo heideggeriano, que desvela o modo como ocorre a compreensão. Para a pesquisa, faz adaptação das pesquisas de Azevedo (2013) e Maux (2014). Os projetos de vida dessas crianças têm atravessamento do entendimento de seus cuidadores de forma substitutiva e pessoal. O estudo conclui que suas existências estão construídas a partir de um ser-criança-com-TDAH-em-tratamento. As crianças participantes elucidam, em suas linguagens, que a atenção é estado de clarividência do Dasein; que aprender é habitar, construir e espacializar a partir de buscas de sentidos em vivências e experimentações. Dessarte, enquanto o sentido de ser for meramente dado pela hiperconvocação de produtividade, o desatino dos sofrimentos psíquicos nessas crianças serão representações biologizantes, com esquecimento do fenômeno originário do sentido do ser-aí nessas crianças.

Palavras-chave: TDAH; ludoterapia; infância; fenomenologia; atenção.

EXPERIÊNCIAS DE SOFRIMENTO NO ADOECIMENTO MENTAL SOB A PERSPECTIVA DA PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Vera Engler Cury
PUC-Campinas

Luiza Eduarda Miranda
PUC-Campinas
Bolsista CNPq

Este estudo propõe uma reflexão sobre a experiência de sofrimento psicológico de pessoas com transtornos mentais; analisa a possibilidade de que uma abordagem psicológica baseada na clínica humanista fenomenológica traga conhecimentos que permitam compreender a experiência psicopatológica em termos das vivências subjetivas dos pacientes. Objetiva compreender e interpretar a proposta da Psicopatologia fenomenológica para a compreensão dessa experiência a fim de contribuir com inovações no campo da intervenção psicológica clínica. O estudo tem sua análise e interpretação a partir da perspectiva da Fenomenologia husserliana e da visão ontológica da abordagem centrada na pessoa. Adota a revisão integrativa da literatura científica como método. O levantamento bibliográfico busca investigar publicações sobre o tema nos últimos 5 anos. Os critérios de inclusão e exclusão e organização das publicações incidem sobre três unidades compreensivas. O estudo selecionou 13 artigos, categorizados em três formas de apresentar a experiência da pessoa com transtorno mental, como: forma de ilustrar elaborações teóricas e técnicas; resultados de intervenções no contexto da prática profissional; o próprio fenômeno a ser investigado. Dessa análise, conclui que: a experiência de sofrimento vivida por pessoas com diagnósticos psicopatológicos é mencionada em todos os estudos secundariamente, em vez de ser intencionalmente investigada e compreendida; apesar de ser um aspecto indispensável para a compreensão da psicopatologia, a vivência do sofrimento não apresenta distinção de outras experiências afetivas que de fato foram exploradas e categorizadas como elementos constituintes dos fenômenos estudados. O conceito de sofrimento é indefinido e pouco explorado, utilizado como termo genérico e intuitivo para experiências que o paciente ou o profissional da saúde compreende como “sentir-se mal”. A pesquisa não identificou estudo interessado especificamente por compreender a experiência de sofrimento de pessoas com transtorno mental, sugerindo uma escassez de estudos com essa perspectiva. Esses resultados parciais deverão ser interpretados para a criação de categorias temáticas a partir dos elementos constitutivos do fenômeno, a ser integradas em uma narrativa-síntese e discutidas à luz da teoria da Psicopatologia fenomenológica.

Palavras-chave: psicopatologia; fenomenologia; psicopatologia fenomenológica; psicologia humanista.

FENOMENOLOGIA DE SIMONE DE BEAUVOIR ENTRE IDOSAS: DE ONDE VEM SEU NOME?

Renata Soares

Centro Gestáltico de Fortaleza - CGF

Ciro de Almeida Sampaio

Centro Gestáltico de Fortaleza - CGF

A população de idosos é a que mais cresce no Brasil, com destaque para a feminização do envelhecimento. Segundo a Organização Mundial de Saúde, o aumento da população idosa é uma tendência mundial, com expectativa de vida para além dos 60 anos. Na década de 1970, Simone de Beauvoir denunciou os tabus atribuídos à velhice. A filósofa buscou romper com a conspiração de silêncio que circundava a velhice não só de sua época mas também de outrora, e que ainda circunda a população idosa de hoje. Beauvoir denuncia que a velhice é tratada como vergonhosa e indecente ao longo de toda a história, sendo, no entanto, uma condição inerente ao humano. No fazer profissional da Psicologia junto ao público de idosas, é necessário uma abertura ao que se desvela, inclusive sobre a própria história identitária que venha à tona. O objetivo é partilhar ampliação de uma visão de mundo norteadas pela Fenomenologia de Simone de Beauvoir junto ao público de idosas no Centro de Referência de Assistência Social, na cidade de São Lourenço, Minas Gerais, em grupos de encontro realizados no período de março a dezembro de 2015, tendo 45 participantes com faixa etária de 60 a 78 anos. A proposta de intervenção no primeiro encontro do Grupo de Idosas, nessa porta de entrada para as famílias na Assistência Social, foi formarem duplas e conversarem por 10 minutos sobre a origem de seus nomes: quem escolheu, o significado, se gosta ou não do próprio nome. A experiência em questão colocou em evidência o lugar identitário de ser mulher e ter muitas vezes sua trajetória de vida delimitada previamente pelo contexto social que tende previamente a defini-la como deveria ser ou não. Os resultados observados serviram de referência para outros encontros e outros grupos que surgiram, considerando a experiência em questão e o suporte referencial da Fenomenologia da diferença sexual, de Simone de Beauvoir, como base para a ampliação da compreensão identitária da mulher idosa que se percebe atenta com a própria história de vida. Diante da vida que lhe é posta, uma mulher hoje idosa pôde habitar quais lugares? Afinal, idosas podem habitar quais lugares identitários na contemporaneidade? Essa atividade se mostrou enriquecedora no que tange à história (muito) pessoal de cada participante. Mulheres muitas vezes silenciadas pela cultura, pelo machismo, tiveram a oportunidade de se olhar e encontrar a própria voz: compreender suas possíveis novas escolhas e potências.

Palavras-chave: atendimento; grupos; fenomenologia; idosos.

FENOMENOLOGIA E CLÍNICA DA DEPRESSÃO: CUIDADO PSICOTERAPÊUTICO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Cristine Monteiro Mattar

Universidade Federal Fluminense

Luana de Matos Guimarães

Universidade Federal Fluminense

Bolsista CAPES

Giulia Radicetti Riedlinger Abbate

Universidade Federal Fluminense

Debora Dias Amoroso

Universidade Federal Fluminense

Marina de Castro Boldrini

Universidade Federal Fluminense

Este relato de experiência apresenta a prática e os resultados do Programa de Extensão Fenomenologia e Clínica da Depressão implantado no curso de Psicologia na Universidade Federal Fluminense, de modo remoto, iniciado em julho de 2021, durante a pandemia da covid-19, voltado para os efeitos psicológicos sobre a população. O intuito do projeto foi oferecer assistência psicológica gratuita a pessoas da comunidade, contribuindo concomitantemente para a formação teórico-prática de estudantes de psicologia para atuação no campo, cumprindo o papel de universidade pública. Além disso, o estudo visa compreender: os aspectos sociodemográficos predominantes no público atendido pelo programa; os sentidos sobre depressão nos discursos de pacientes; a relação entre depressão e horizonte histórico, atravessado pelo período pandêmico da covid-19; e de que modo a psicologia clínica fenomenológico-hermenêutica entende e lida com o fenômeno da depressão. Dois pilares foram importantes: o primeiro com a realização de grupos de estudo sobre os fundamentos e a prática da clínica fenomenológico-hermenêutica, sobre o mal-estar no contemporâneo, sua compreensão e seu cuidado, e sobre as realidades brasileiras; o segundo com a supervisão clínica semanal de estudantes, realizada pela coordenadora e em parceria com psicólogas voluntárias presentes desde o início do projeto, possibilitando também a experiência de intervisão. A divulgação do projeto ocorreu via internet, em redes sociais, e as inscrições foram realizadas por e-mail. Os requisitos para atendimento foram queixa e/ou diagnóstico de depressão e a renda mensal. No acontecer do projeto, visando acolher as mais de 400 inscrições, foi necessária a realização de grupos de acolhimento com seis encontros, o que possibilitou a classificação dos casos em urgentes, aguardando em lista de espera e/ou para encaminhamento a projetos parceiros. A coleta de dados ocorreu em duas etapas: pela análise dos e-mails, fichas de inscrição e relatórios; e por meio de formulário eletrônico (Google forms) preenchido pela equipe de atendimento. Por fim, as contribuições percebidas foram a compreensão dos diferentes efeitos da covid-19 no Brasil como motivador ou agravamento de queixas e diagnósticos de depressão (considerado como fenômeno pandêmico pela Organização Mundial da Saúde), ampliando a compreensão não naturalizante da Fenomenologia hermenêutica sobre o fenômeno, cujo fundamento se encontra na própria dinâmica do existir.

Palavras-chave: depressão; COVID-19; fenomenologia; psicoterapia; extensão.



FENOMENOLOGIA, CLÍNICA E POSITIVIDADE: OS PERIGOS INVISÍVEIS DA TERAPIA ONLINE

Bruna Rinaldi

Instituto Dasein

Dalila Leal

Instituto Dasein

Marcelo Sodelli

PUC-São Paulo

Em face da conjuntura provocada pela pandemia do novo coronavírus em 2020, este estudo busca refletir sobre a clínica *on-line* e como esta ocorre. Nesse contexto, é pertinente pensar como a prática da terapia fenomenológica tem se habituado ou até mesmo se modificado nesse novo modo de clínica. Isso posto, existem argumentos de psicólogos e pacientes favoráveis à clínica *on-line*, assim como estudos que ressaltam a praticidade e a otimização do dia. Outros dados afirmam que o sucesso terapêutico não está ligado ao aparato tecnológico que media os atendimentos, mas, sim, à habilidade do terapeuta. Contudo, é preciso pontuar que esse sucesso terapêutico referido pode ser parte da constante busca pelo útil, produtivo, algo tão comentado por Byung-Chul Han ao falar da sociedade do desempenho. Dessa forma, a presente investigação teve como objetivo compreender como se desdobra a clínica fenomenológica pela plataforma *on-line*, buscando identificar se esse meio é intensificado pela teoria da positividade. A pergunta norteadora do estudo foi: poderia a terapia *on-line* ser atravessada pelo conceito de positividade? Se sim, estaria ela caracterizada pela barreira para um encontro fenomenológico? A opção metodológica é a de uma pesquisa qualitativa, à luz do método desconstrutivo-constutivo da Fenomenologia e por meio da entrevista reflexiva individual. O estudo conta com participantes das entrevistas: três psicólogos que fazem atendimentos *on-line* com orientação da Fenomenologia e três pacientes que também tiveram experiência com a terapia *on-line*. A análise das entrevistas seguiu o método hermenêutico-fenomenológico, buscando tornar visível a trama de significados que cada entrevistado construiu no processo da entrevista reflexiva. Um dos principais resultados dessa investigação foi apontar que, embora a terapia *on-line* seja um significativo espaço terapêutico, é fundamental que os psicólogos estejam atentos às especificidades do mundo virtual, principalmente nas diferenças da facticidade entre o mundo presencial e o mundo *on-line*. Uma importante consideração final desta pesquisa é explicitar que a terapia *on-line* é mais suscetível aos perigos da lógica da positividade, o que exige, por parte do terapeuta, um cuidado ainda maior nos manejos clínicos, ou seja, não deixar o trabalho terapêutico sucumbir aos envios do mundo da técnica.

Palavras-chave: clínica Online; fenomenologia; positividade.

FORMAÇÃO MÉDICA E CONDIÇÕES DE ENRAIZAMENTO DE ESTUDANTES COTISTAS

Natália Nogueira de Medeiros
UFRN

Ana Karina Silva Azevedo
UFRN

Este trabalho compõe uma pesquisa de mestrado sobre a experiência de estudantes cotistas do curso de medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A fim de compreender os sentidos de ser estudante cotista em um contexto de profundas mudanças no perfil dos estudantes das universidades federais e cursos de medicina, o estudo questiona as condições de enraizamento possíveis nesse curso. É recente o acesso de camadas populares da sociedade a cursos de medicina do Brasil, os quais são historicamente ocupados por um pequeno e elitizado grupo. De 2000 a 2012, 56% declararam renda entre 5 e 20 salários mínimos. No ano de 2000, por exemplo, 65% possuíam renda familiar maior que 20 salários mínimos e 93% haviam concluído o ensino médio em escola privada; em contrapartida, apenas um aluno concluiu integralmente o ensino médio em instituição pública de ensino e apenas 2% informaram renda familiar de até 1 salário. De 2007 a 2012, 65% dos estudantes aprovados eram brancos e apenas 4% se consideravam negros. No entanto, dados mais recentes demonstram que, nos últimos 6 anos, 52% dos novos alunos estudaram em escolas públicas, 44% se identificaram como pardos e 25% declararam renda *per capita* de até 1,5 salários mínimos. Esses dados falam de uma homogeneidade social, racial e econômica do curso até a implementação das cotas. Nesse cenário, o estudo busca analisar se um curso pensado e ocupado por pessoas brancas, economicamente privilegiadas e oriundas do ensino privado oferece condições de enraizamento à pluralidade de estudantes que vem ocupando a universidade na última década. Como encontrar familiaridade e habitar um espaço do qual essa população sempre esteve à margem? O estudo aponta o habitar como pertencimento, lugar de familiarizar-se e encontrar morada, por isso, reflete sobre os pertencimentos possíveis em um contexto de desenraizamento de indivíduos cuja cor da pele, origem e classe social subvertem as significações do que se entende por ser médico. Para Heidegger, tudo o que vem ao encontro do homem é apreendido por via dos afetos e é sob essa perspectiva que este estudo busca compreender a experiência dos estudantes cotistas. De que modo a universidade se abre a esses estudantes? Que afetos são possíveis de relacionar com esse mundo muitas vezes inóspito? A Lei de Cotas garantiu a democratização do acesso ao ensino superior, contudo, a permanência no curso e o pertencimento são aspectos que vão além do domínio da lei e que ainda carecem de estudos.

Palavras-chave: estudantes de medicina; cotistas; pesquisa fenomenológica; Heidegger.

GRUPO PSICOTERAPÊUTICO HUMANISTA-FENOMENOLÓGICO PARA PESSOAS COM QUEIXA DE ANSIEDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Willyan da Costa Mota

UNIFOR - Universidade de Fortaleza

Elvira Ribeiro Madeira

UNIFOR - Universidade de Fortaleza

Lucas Guimarães Bloc

UNIFOR - Universidade de Fortaleza

A ansiedade tem ganhado lugar de destaque no cenário contemporâneo dada a sua prevalência na população em geral. Entre as intervenções possíveis, a psicoterapia de grupo aparece como uma estratégia eficaz no tratamento dessa demanda. Este trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência sobre um grupo psicoterapêutico humanista-fenomenológico destinado a pessoas com queixa de ansiedade. O objetivo do grupo foi oferecer um espaço seguro, acolhedor e livre de preconceitos no qual as pessoas pudessem compartilhar suas experiências vividas relacionadas com a ansiedade, podendo compreender mais de si por meio de uma relação intersubjetiva com os outros. No grupo, havia dez participantes, com idades entre 20 e 60 anos, de ambos os sexos. Dois facilitadores conduziram as sessões, utilizando a abordagem humanista-fenomenológica. As sessões ocorreram semanalmente, de agosto a dezembro de 2022, com duração de duas horas. Os encontros não tinham um tema específico, os participantes recebiam o convite para compartilhar sobre si sentimentos e vivências. Os resultados mostram que para além dos sintomas e níveis de ansiedade, as pessoas puderam usar o espaço do grupo para entrar em contato consigo em questões que antes desconheciam e não encontravam meios para acessar e compartilhar. Os participantes relataram sobre uma maior percepção de seu modo de ser no mundo, seus padrões, e que a troca de experiências junto ao apoio mútuo entre todos do grupo foi fundamental durante todo o processo. Para os facilitadores, a experiência de conduzir esse processo é ímpar, devido à riqueza que é o encontro entre diferentes pessoas e a potência que o espaço de grupo proporciona. O estudo destaca a importância de grupos psicoterapêuticos no tratamento da ansiedade, por ser uma oportunidade de compartilhamento e compreensão de suas experiências a partir de pessoas que vivenciam desafios semelhantes. Defende o uso da abordagem humanista-fenomenológica como capaz de fornecer subsídios tanto para a compreensão relacional como para o desenvolvimento do olhar crítico acerca do mundo; e da Psicopatologia fenomenológica em sua descrição do modo de ser ansioso. Grupos possuem ainda relevância não só como via única mas também para completar as terapias individuais. Como desafios, recomenda o aprimoramento teórico e a prática da facilitação de processos grupais na abordagem humanista-fenomenológica para ampliação e replicação dessa proposta em diferentes contextos.

Palavras-chave: psicoterapia de grupo; ansiedade; psicologia; humanismo; fenomenologia.

GRUPOS DE ESCUTA PSICOLÓGICA PARA PACIENTES COM DOR CRÔNICA: UMA INTERVENÇÃO HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA

Marianna Facó Soares

Universidade de Fortaleza

Bolsista Apheto

Francisco Luan de Souza Carvalho

Universidade de Fortaleza

Lucas Bloc

Universidade de Fortaleza

A dor pode ser definida como uma experiência sempre pessoal, porém, afetada pelos aspectos biológicos, psicológicos e sociais, conforme aponta a Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP, 2020). O relato da pessoa com dor deve ser sempre respeitado por mais que, muitas vezes, a linguagem falada seja apenas uma das formas de comunicar a dor. Este trabalho consiste em um relato de experiência de grupos de escuta psicológica realizada com pacientes de uma comunidade de Fortaleza. Durante os anos de 2022 e 2023, o estudo analisou grupos organizados com pacientes em fila de espera para atendimento reumatológico. Nesse período, houve 22 grupos, cujos diários de campo foram os instrumentos de registro do término de cada um. Durante a espera, os pacientes são convidados para a participação no grupo de escuta que se inicia a partir da pergunta disparadora: “como é sua experiência de dor?”. O encontro tem duração de cerca de uma hora e meia, trabalhando questões trazidas pelos pacientes a partir da pergunta disparadora. Os grupos de escuta são uma alternativa de cuidado mútuo, nesse processo, as características dos participantes são como elementos centrais para a formação do vínculo, assim como o bom funcionamento do grupo. As intervenções propostas têm como base a perspectiva da clínica humanista-fenomenológica, proporcionando um espaço de escuta acolhedora e sem julgamentos, dando enfoque à experiência dos participantes. Nos grupos, a evidência está na experiência comum dos participantes, que compartilham tanto a sensação física da dor quanto questões mundanas que atravessam seu sentir-dor. Experiências com o outro, com a religiosidade, com a idade, com o próprio corpo e de gênero são as que mais aparecem durante os grupos. Destaca-se a relevância de intervenções fenomenológicas como via de aprofundamento da experiência, além do uso de atitudes facilitadoras como a autenticidade, a consideração positiva incondicional e a empatia, que parecem ser ainda mais necessárias no contexto de pacientes com dor crônica que, muitas vezes, indicam estar invalidados e silenciados. A partir da experiência dos pesquisadores e do relato dos pacientes, o estudo conclui que os grupos de escuta têm contribuído para o tratamento da dor crônica, estes têm sido espaço onde os pacientes relatam sentir-se compreendidos, acolhidos em suas dores e têm uma oportunidade de expressão das suas emoções e de seus sentimentos.

Palavras-chave: humanismo fenomenológico; dor crônica; grupos de escuta.

GRUPOS INTERVENTIVOS PARA PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL ENTRE DOCENTES DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS

Shirley Macêdo

Universidade Federal do Vale do São Francisco

Jorge Tarcísio da Rocha Falcão

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A precarização das condições e das relações de trabalho do docente de Instituições Federais de Ensino Superior do Brasil envolve fatores de risco à saúde mental, como: longas jornadas; sobrecarga de tarefas; produtivismo acadêmico; presenteísmo; infraestrutura deficiente para desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão; competitividade desenfreada; relações não cooperativas/solidárias entre colegas; e falência de vínculos. Considerando que, na contemporaneidade, a cultura da alta performance é amparada por valores como individualismo, alto desempenho, falta de referência e produtividade sem limites, esse trabalhador pode se ver à mercê de si mesmo e não encontrar eco nas relações interpessoais, experienciando, muitas vezes, o silenciamento do sofrimento. Diante desse cenário e da necessidade de políticas públicas nessas instituições a partir da criação de programas de atenção psicossocial à saúde mental dessa população, os pesquisadores coordenam um projeto de extensão voltado à comunidade acadêmica de ensino superior. Uma das atividades é o Grupo Interventivo com docentes. Portanto, o presente relato de experiência busca descrever como é conduzido um Grupo Interventivo e os resultados alcançados até o momento. O estudo tem como base a hermenêutica colaborativa, um método fenomenológico pautado epistemologicamente em preceitos filosóficos de Merleau-Ponty e Gadamer, que consiste em um processo conjunto de produção de sentidos que percorre um ciclo hermenêutico: ele parte da exploração dos sentidos da experiência de trabalho, promovendo um resgate da consciência histórica, explorando o contexto social mais amplo no qual os participantes estão inseridos, desse modo, viabiliza possibilidades de ressignificação da realidade e construção de novos modos de enfrentamento das situações de trabalho. Um Grupo Interventivo é conduzido com 10 docentes em oito a dez encontros semanais de duas horas cada. O evento é facilitado por dois psicólogos/estudantes de Psicologia, que são supervisionados semanalmente. Os principais resultados alcançados têm sido: ressignificação do sofrimento, percepção de que as vivências de sofrimento não são isoladas, autoconhecimento, ampliação de vínculos e elaboração de novos projetos de vida. O estudo conclui, principalmente, que espaços grupais de escuta e fala são um potente dispositivo de prática clínica fenomenológica para que docentes de instituições de ensino superior possam tecer sentidos uns com os outros e enfrentar a realidade com mais saúde mental na contemporaneidade.

Palavras-chave: saúde mental; trabalho; ensino superior; universidade; fenomenologia.

HERMENÊUTICA COMO HORIZONTE COMPREENSIVO À PRÁTICA PSICOLÓGICA EM SAÚDE

Ana Maria de Santana
Universidade de Pernambuco

A intenção é a de rever noções que fundamentam a ação clínica de psicólogos, ensaiando uma compreensão crítica sobre o pensar operacional que vem dando lume aos procedimentos de atenção em campos sanitários. O propósito é ofertar contribuições à prática em saúde a partir de uma reflexão amparada nos indicativos formais heideggerianos que aparecem como horizonte compreensivo ao exercício clínico, necessários como corretivo ontológico às noções de saúde. A relevância está em poder favorecer outras possibilidades compreensivas a partir de nexos sinalizadores da trama do saber ofício de psicólogo junto aos que comunicam sofrimento. Desse modo, é possível contribuir com uma reflexão crítica da prática psicológica em saúde, pondo à luz elementos que possam servir ao acolhimento de demandas trazidas por atores sociais em crise. Importa inquirir: no campo da saúde é possível caminhar em uma compreensão além de modelos interventivos voltados para estados mórbidos? Sem dúvida, é preciso rever o pensamento científico-natural, inserido nas práticas sanitárias, eleito e validado pelas políticas públicas como fundamentos às ações no campo da saúde. Nas instituições sanitárias, não há estímulo à narração de histórias de vida, nem há a análise do sentido que o doente elabora para a sua experiência de mal-estar. Os discursos atuais em saúde, ora elegem o naturalismo como recurso explicativo às desordens biomecânicas, ora elegem como guia horizontes que enfatizam dimensões ético-políticas da experiência de sofrimento. Nesses discursos, está o vértice racionalista da tradição técnico-moderna servindo à produção de verdades normativas sobre o binômio saúde-doença. O estudo conclui que o desafio nas intervenções clínicas é o de tensionar o olhar à singularidade de quem anuncia a sua experiência com a objetividade das concepções científicas que doam sentido às intervenções na lida com o sofrimento. Em saúde mental, assinala que nos estados de ansiedade, nas automutilações e nas ideações suicidas, pessoas não se acalmam com fórmulas teóricas. Tal questão encaminha para refletir: como vem sendo acolhida a hermenêutica do paciente sobre sua existência nas práticas de atenção? É provável que no rigor das metodologias existe uma miopia à comunicação do outro. O estudo aponta a importância de ensaiar o modo de pensar fenomenológico na prática psicológica em saúde.

Palavras-chave: fenomenologia existencial; práxis psicológica; fenomenologia existencial.

HIKIKOMORI E O SER-NO-MUNDO-COM-OS-OUTROS: UMA INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Caroline Carvalho Pimentel
Núcleo Poiesis
Cíntia Guedes Bezerra
Núcleo Poiesis

Hikikomori é uma palavra japonesa que se refere à pessoa ou ao comportamento da pessoa que permanece reclusa em seu quarto ou moradia por anos ou décadas a fio. Pesquisa do governo japonês de 2020 estimou mais de 1 milhão de pessoas em isolamento social no Japão, entre japoneses com idade entre 15 e 64 anos. No século XXI, o fenômeno passou a ser observado e estudado também fora do Japão, tendo sido identificado em diversos outros países. Este artigo analisa o fenômeno *hikikomori* sob a abordagem fenomenológico-existencial heideggeriana, com os seguintes objetivos: delimitar e explicar *hikikomori*; indicar brevemente o que diz Heidegger e a Fenomenologia existencial sobre o Dasein e o ser-no-mundo-com-o-outro no contexto das relações humanas; e procurar compreender onde se situaria o fenômeno *hikikomori* do ponto de vista da abordagem fenomenológico-existencial hermenêutica. A pergunta que se procura responder é: como a Fenomenologia existencial hermenêutica visa compreender o fenômeno *hikikomori*? Na delimitação de *hikikomori*, este estudo busca identificar como o tema vem sendo apresentado pela comunidade científica do ponto de vista psicopatológico e social. Busca ainda mostrar os fatores socioculturais que favoreceram o crescimento do fenômeno no Japão. Já no breve esboço do pensamento heideggeriano, apresenta sucintamente os conceitos de Dasein, mundo, ser-com-o-outro e impessoal. O Dasein é um ser que não só é a cada vez si-mesmo mas também tem de ser, tem de se relacionar de alguma forma com quem se é no meio onde está, está aberto a um mundo e precisa escolher como existirá. Sendo ser-aí no mundo, o homem é sempre ser-com-o-outro-no-mundo, sua existência é coexistência. Ou seja, ainda que esteja isolado, o ser humano é ser-com-o-outro, pois ser-com-o-outro é condição de possibilidade do próprio isolamento. Sob esse ótica, a condição do *hikikomori* seria uma tentativa de evitar o sofrimento que é intrínseco à própria existência na condição de ser de abertura. Exposto à incerteza e aos ditames do impessoal, o *hikikomori* “escolhe” a clausura, e busca se apartar da vida em geral. O estudo conclui que, ainda que o *hikikomori* pareça escolher reduzir ao máximo suas possibilidades de vida, a existência, para o ser humano, é inesquivável. Essa solidão vivida em sofrimento não se dá apesar do fato de que o homem é ser-no-mundo-com-os-outros, mas precisamente porque o ser humano é ser-no-mundo-com-os-outros.

Palavras-chave: hikikomori; isolamento social; fenomenologia-existencial; Heidegger; hermenêutica heideggeriana.

IMPLANTAÇÃO DE PRONTO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO EM UM CAPS AD: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Willyan da Costa Mota

UNIFOR - Universidade de Fortaleza

Janara Pinheiro Lopes

UNIFOR - Universidade de Fortaleza

José Claudio Garcia Lira Neto

Fundação Oswaldo Cruz

Bolsista Fundação Oswaldo Cruz

Lucas Guimarães Bloc

UNIFOR - Universidade de Fortaleza

Os centros de atenção psicossociais voltados ao atendimento de pacientes em uso e abuso de álcool e drogas (Caps ad) possuem como uma das estratégias principais os grupos terapêuticos. Todavia, essa modalidade nem sempre é suficiente para atender a demandas específicas, uma vez que o serviço acolhe casos graves que ultrapassam as possibilidades de intervenção conjunta das equipes multiprofissionais. A partir dessa compreensão, serviços psicológicos têm sido implementados, buscando atender ao cenário de desafios da alta demanda, da necessidade de acompanhamento psicológico individual, em especial, aos casos com baixa adesão a intervenções que se estendam por um longo período. O objetivo deste trabalho é, com base em um relato de experiência de estágio, apresentar um serviço de pronto atendimento psicológico individual na perspectiva humanista-fenomenológica voltado às pessoas em uso e abuso de álcool e outras drogas. O relato de experiência foi desenvolvido em um centro de atenção localizado em Fortaleza, Ceará, no período de agosto de 2021 a junho de 2022, onde foi elaborado e implantado o *Pronto Atendimento Psicológico de Escuta e Acolhimento*. Para cada paciente agendado no próprio serviço, houve cinco atendimentos psicológicos, com periodicidade semanal e duração de 50 minutos. Como referencial teórico e prático, tem como base a clínica humanista-fenomenológica, oferecendo escuta e acolhimento com foco no projeto de vida. O estudo aponta essa proposta clínica como frutífera para a prática psicológica no referido cenário, pois o olhar fenomenológico eminentemente crítico tornou possível estar com essas pessoas sem jamais desconsiderar seu contexto de vulnerabilidade econômica, social e existencial, compreendendo que nenhuma forma de sofrimento é individual, mas se dá na interseção entre homem e mundo. Além disso, essa estratégia ajuda a pessoa a (re)pensar seu projeto de vida, levantando questionamentos sobre os significados do uso de álcool e outras substâncias, os impactos sociais, as possibilidades de mudança, a responsabilização pelo uso e a identificação de projetos que ressignifiquem o uso e abuso dessas drogas – questões essas observadas e relatadas pelas pessoas atendidas. O estudo conclui que é possível pensar de modo criativo em novas modalidades de intervenção e cuidado, alinhadas às necessidades do território, e que a clínica humanista-fenomenológica parece ser potente em fornecer subsídios para tal.

Palavras-chave: serviços de saúde mental; psicologia; atividades clínicas; humanismo; fenomenologia.

INTERSEÇÃO ENTRE CUIDADOS PALIATIVOS E FENOMENOLOGIA: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Pedro Casanova Martins dos Santos
Universidade Federal de Minas Gerais
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista
Universidade Federal de Minas Gerais

Nos últimos anos, há um crescente interesse pelo estudo da área dos cuidados paliativos no Brasil e no mundo. Nessa perspectiva de cuidado multidisciplinar, os atendimentos buscam oferecer um tratamento singular, humanizado e digno para pessoas que enfrentam doenças que ameaçam suas vidas ou são consideradas incuráveis. Nesse contexto, uma abordagem teórico-filosófica promissora para profissionais de saúde é a Fenomenologia existencial. Essa abordagem trata o tema de maneira filosoficamente cuidadosa e implicada com questões da singularidade humana e da finitude. No entanto, há uma lacuna evidente nos periódicos científicos brasileiros acerca da relação entre essas duas áreas. Por esse motivo, esta pesquisa tem o objetivo de preencher essa lacuna e compreender de que maneira a Fenomenologia existencial contribui para a compreensão e a prática com os cuidados paliativos. Atualmente, o estudo está em andamento. O método utilizado é a revisão integrativa da literatura científica nacional presente nos periódicos CAPES, Scielo e Lilacs. Após a aplicação de filtros e a leitura dos resumos de todos os artigos encontrados, os pesquisadores selecionaram 17 textos. A leitura atenta e completa desses artigos revelou uma predominância de publicações sobre o tema em revistas de enfermagem. Em relação aos sujeitos dos estudos, o estudo aponta um grande interesse em compreender a experiência dos pacientes, familiares, profissionais e estudantes da saúde. Quanto aos temas abordados, os principais focos foram oncologia, espiritualidade, luto, pediatria e atenção primária. A maioria dos estudos é de natureza empírica e qualitativa, utilizando a fenomenologia como método de pesquisa. Apenas um estudo propôs uma análise teórica da interseção entre as duas áreas. Esses resultados preliminares evidenciam a necessidade de mais pesquisas teóricas que explorem a relação entre a Fenomenologia existencial e os cuidados paliativos, contribuindo para o avanço do conhecimento nessa área e enriquecendo a prática clínica no contexto do cuidado de pacientes em situações de terminalidade. Portanto, é necessário ressaltar a importância de estudos em outras áreas do conhecimento e o desenvolvimento teórico-filosófico, além do foco na prática.

Palavras-chave: finitude; revisão integrativa; fenomenologia-existencial.

LAÇOS DO AMOR: O FAZER CLÍNICO NO PROCESSO DE ACOLHIMENTO E ADOÇÃO

Gessica Raquel Clemente Rodrigues

Faculdade Católica do RN

Maria Fernanda Souza Marques

Faculdade Católica do RN

Vanessa Caroline Freire Dantas

Faculdade Católica do RN

O projeto Laços do Amor é uma iniciativa de um grupo de extensão composto por estudantes e egressos do curso de Psicologia da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte, coordenado pela Professora Mestra Gessica Rodrigues. Criado em 2020, sua principal missão é: fornecer apoio psicológico a famílias e indivíduos envolvidos em casos de adoção e destituição do poder familiar, com ênfase no suporte às crianças e aos adolescentes em acolhimento; promover debates enriquecedores sobre suas histórias de vida, emoções e perspectivas futuras, estimulando a troca de experiências entre os participantes; e incentivar a criação de álbuns de história de vida. Como o suporte psicológico para esse público é indispensável devido aos processos de reelaboração e ruptura em sua história de vida, o projeto visa fornecer suporte emocional, favorecendo, assim, a exploração das emoções, o enfrentamento das experiências de vida e a construção de perspectivas futuras. Ele atua em (i) perspectiva clínica, oferecendo atendimentos psicológicos individuais, realizados por extensionistas, na Clínica Escola da Faculdade às crianças e aos adolescentes que estão em acolhimento; processos de adoção; casos de adolescentes que saíram das instituições há pouco tempo por terem chegado à idade limite, com atendimento extensivo a suas famílias (quando possível); e (ii) âmbito social, trabalhando de forma coletiva junto às instituições a partir de atividades em grupos, discussão de temáticas atuais, como feminismo, família, diversidade, entre outros, promovendo momentos de comemoração, por exemplo, festividades natalinas, juninas. Nesse sentido, é possível articular esse relato de experiência com alguns conceitos da Gestalt-terapia, abordagem psicológica embasada nas teorias humanistas e fenomenológico-existenciais. A Gestalt-terapia compreende o ser de forma holística, isto é, como um todo indivisível. Haja vista crianças e adolescentes estarem em contexto de vulnerabilidade social e emocional, os atendimentos clínicos têm as seguintes características: são baseados no método fenomenológico, o qual aborda a experiência de forma descritiva, visando à compreensão global das pessoas atendidas; têm como norte ajudá-las a desenvolverem ajustamentos criativos possíveis, ou seja, encontrar sua melhor forma de existir, no aqui-e-agora; e favorecer *awareness* reflexiva, isto é, dar sentido às suas vivências. Por fim, o estudo aponta que se fazem necessários políticas públicas, projetos e serviços engajados nas causas que envolvem a infância e a adolescência pelo seu caráter de prioridade absoluta.

Palavras-chave: psicoterapia; acolhimento institucional; adoção; gestalt-terapia.

LIMITES: DIÁLOGO SOBRE SEXUALIDADE ENTRE PAIS E FILHOS(AS)

Vladya Tatyane Pereira de Lira

Fits-Afya

Marcus Túlio Caldas

UNICAP-PE

O diálogo sobre sexualidade entre pais e filhos(as), a cada momento, traz questionamentos e reflexões sobre quais os limites desse colóquio. Limites esses que não estão escritos, mas que só podem ser compreendidos nas relações estabelecidas entre pais e filhos(as). Este estudo é parte de pesquisa de Doutorado em Psicologia Clínica (da Universidade Católica de Pernambuco), realizada com pais e filhos(as) jovens, de 19 a 24 anos, de ambos sexos. Como objetivo geral, busca compreender a partir da Gestalt-terapia de que modo o diálogo sobre sexualidade tem se estabelecido no sistema familiar entre pais e filhos(as) jovens. Consiste em uma pesquisa qualitativa, na perspectiva fenomenológico-hermenêutica, a partir de uma entrevista narrativa. A análise dos dados utilizou os procedimentos adotados na análise qualitativa hermenêutica de Gadamer. As narrativas apresentam o diálogo sobre sexualidade, no entanto, faz questionar quais os limites entre o diálogo e a invasão de privacidade. O papel dos pais é de orientar, mas é necessário saber com quem o(a) filho(a) transa? Como sentem prazer? Talvez não haja respostas para esses questionamentos, mas eles direcionam o olhar dos pesquisadores para transformações sociais que têm impactado a dinâmica familiar no que diz respeito à intimidade entre pais e filhos(as) em tenra idade. Essas transformações dizem respeito à diminuição das desigualdades entre os papéis femininos e masculinos, impactando uma maior descentralização das hierarquias familiares e a reconfiguração da intimidade no lar. Indica o surgimento de um novo modo de organização familiar nomeado como família igualitária, marcada mais pelas diferenças individuais do que pelas hierárquicas, de sexo ou de idades. Um aspecto é que essas famílias estimam o individualismo e, com isso, há uma diminuição na transferência geracional no que tange aos valores da família de origem. Como consequência, ocorre a criação de laços afetivos mais próximos entre pais e filhos(as). Essas famílias, ao estabelecerem relações horizontalizadas das funções parentais, sugerem que há indiscriminação das posições geracionais, em que pai e filhos(as) lidam com assuntos no cotidiano entre iguais, como se fossem da mesma geração, criando uma intimidade excessiva entre eles/elas. Já no grupo familiar inaugurado pela parentalidade, há necessidade de estabelecer um limite relativo aos papéis e posições geracionais dentro da família. Ao trazer esses dois posicionamentos no ambiente familiar, essas relações horizontais podem facilitar um diálogo mais íntimo.

Palavras-chave: sexualidade; diálogos entre pais e filhos(as), limite do diálogo, novo contexto familiar.

MENINO OU MENINA? TRANSIÇÃO DE GÊNERO SOB A PERSPECTIVA MATERNA

Helma Aretuza Ramos Rodrigues
UFRN

Symone Fernandes de Melo
UFRN

Em uma sociedade cis-heteronormativa como a que vivemos, a identidade de gênero é definida antes do nascimento, sendo determinada a partir do sexo da criança que está sendo gerada. Família e sociedade reforçam essa identidade a partir de estereótipos de gênero atribuídos a cada um dos sexos, de acordo com imposições sociais e, então, essas instituições esperam que modos de ser se adequem à lógica binária que marca o nosso horizonte histórico. Apesar de não ser um fenômeno recente, a transgeneridade ainda é considerada um tabu e acarreta diversas implicações físicas, emocionais, sociais e políticas. Porém, essas implicações não dizem respeito apenas à pessoa transgênero, afetando sobremaneira aqueles com quem ela convive mais diretamente. O objetivo deste trabalho é apresentar reflexões decorrentes do acompanhamento, na clínica de abordagem fenomenológica, de uma mãe que vivencia o processo de transição de gênero da filha adolescente. O fenômeno em foco é extremamente mobilizador para essa mãe, suscitando incredulidade e dúvidas, bem como débitos e temores. A mãe expressa um profundo sentimento de perda, uma vez que a filha, tal como existia há bem pouco tempo, não existe mais, desse modo, a familiaridade cede espaço à estranheza. Já o filho, que ora está sendo gestado, ainda não “existe” de fato, pois a transição não está definida, apenas intuída. A clínica fenomenológica possibilita estar “junto a” sem apressar ou interrogar o que ainda não se desvelou como fenômeno. Olhar a partir da fenomenologia para esse processo implica compreender os sentidos atribuídos por essa mãe ao percurso de transição de gênero da filha, acompanhar seu sofrimento decorrente das mudanças e sua abertura para o vir-a-ser, dado que somos seres de possibilidades. No atual momento do acompanhamento, a vivência da mãe é marcada pela ambivalência, pois, embora persista certa incredulidade, a partir do argumento de que, em nenhum momento, no decorrer da infância, a filha apresentou indícios de que não se identificava com o gênero feminino, a mãe começa a expressar a aceitação da nova performance da filha, mais aproximada do gênero masculino. O estudo identifica também na mãe um sentimento muito presente de temor em relação ao olhar e à ação do outro: ela teme ser colocada em um lugar de culpa pela transformação da filha e que esta seja alvo de preconceito e outras violências simbólicas ou concretas, comumente direcionadas ao público LGBTQIA+.

Palavras-chave: transição de gênero; cisheteronormatividade; maternidade; clínica fenomenológica.

MIGRANDO PARA O ONLINE? RELATOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DE PSICOTERAPEUTAS EXPERIENTES

Paula Couceiro Figueiredo

UFMG

Paulo Eduardo Alves Evangelista

UFMG

O presente estudo traz uma pesquisa de mestrado em andamento, apresentando o que tem sido produzido até o momento. O mundo vive na chamada “Era da Informação” desde os anos 1980, com o surgimento da internet no Brasil. Houve um posterior avanço nos anos 2000, com o surgimento das redes sociais. Desde março de 2020, com a crise sanitária da covid-19, houve uma aceleração exponencial no campo das tecnologias da informação. O agenciamento do vírus SARS-CoV-2 colocou em evidência a necessidade do acesso universal à internet e convocou muitos a se adaptarem ao modelo *home-office*. Com isso, a psicologia e seus profissionais psicoterapeutas buscaram adaptação e muitos ainda estão em atendimento no modelo *online* de trabalho. A partir dessa realidade, a pesquisa em andamento realizou o levantamento do percurso histórico da regulamentação da prática da psicoterapia *online*, constatando que, nesse sentido, também houve uma aceleração da legislação para favorecer a migração de psicoterapeutas para essa modalidade diante das restrições ao modelo presencial. Ao mesmo tempo, o mundo passou a testemunhar um fenômeno no mercado digital, surgindo plataformas que possibilitam aos pacientes-clientes encontrar psicólogos-prestadores de serviços, fenômeno para o qual, até o momento, não há regulamentação pelo Conselho Federal de Psicologia. Várias pesquisas demonstram a eficácia do atendimento *online*, mas ainda carece de compreensão sobre como é atender nessa modalidade, vivenciar o consultório *online*. O que os profissionais psicoterapeutas estão sentindo em relação a isso tudo? Como estão lidando com essas transformações em seu campo de atuação? O estudo busca produções que tratem a respeito de relatos de experiência desses profissionais que estariam readaptando todo o seu modelo de trabalho e vendo a necessidade de (re)aprender uma nova forma de trabalhar a partir das tecnologias de informação. Por meio de revisão narrativa, o estudo conclui que o volume de produções com essa qualidade de material é incipiente, reforçando a necessidade de produções que busquem ouvir e recolher narrativas de profissionais que, na contemporaneidade, reinventam a psicoterapia a partir de ferramentas digitais. Este estudo visa apresentar esses achados, além de ilustrar, a partir de narrativa autobiográfica, a transição para os atendimentos *online* e seus impactos psicológicos e existenciais.

Palavras-chave: psicoterapia; digital; experiência.

MULHERES NEGRAS: POTENCIAL TRANSFORMADOR NO GRUPO TERAPÊUTICO À LUZ DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Joice Roberta Modesto
UFSC

O racismo exerce grande impacto sobre as vozes de pessoas negras, silenciando suas experiências e dificultando a plena expressão de sua subjetividade. Ao longo da história, as pessoas negras têm sido marginalizadas e submetidas a uma série de opressões que as impedem de expressar suas angústias e viver de acordo com seu potencial. A intersecção entre o racismo e o sexismo é um fenômeno importante para compreender como as opressões estão entrelaçadas e afetam as experiências das mulheres negras. Ao tratar sobre a interseccionalidade, o estudo reconhece que as identidades de uma pessoa não são formadas por apenas uma dimensão, mas por várias, que se cruzam e se influenciam mutuamente. O grupo terapêutico para mulheres negras é um espaço que proporciona uma oportunidade de reconexão com suas próprias narrativas, resgate da voz e (re)descoberta de potencialidades. Ele oferece um espaço de escuta atenta e empática, no qual as experiências são validadas e as angústias são compreendidas. Este estudo tem como objetivo relatar a experiência de um grupo terapêutico, que ocorreu de forma *online*, abrangendo mulheres negras de norte a sul do Brasil, que em oito encontros compartilharam sobre vivências e experiências, dores e delícias de suas existências. A abordagem fenomenológica existencial, nesse contexto, encontra ressonância com a proposta do grupo. A Fenomenologia existencial enfatiza a importância da experiência subjetiva, a liberdade individual e a busca de autenticidade na existência humana. Ela reconhece a importância de enfrentar os desafios existenciais e de compreender como as estruturas sociais, como o racismo e o sexismo, afetam a vida das pessoas. O grupo terapêutico, alinhado à abordagem fenomenológica existencial, buscou proporcionar um espaço em que as vivências, muitas vezes silenciadas pelo racismo, puderam ser compartilhadas e exploradas, incentivando uma reflexão crítica sobre as experiências, promovendo descoberta de recursos internos, apoio e construção de uma identidade fortalecida, sendo, assim, um poderoso dispositivo de resistência.

Palavras-chave: grupo terapêutico; mulheres negras; fenomenologia Existencial.

NOVOS OLHARES SOBRE SEXUALIDADE DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Vladya Tatyane Pereira de Lira

Fits-Afya

Marcus Túlio Caldas

UNICAP-PE

Discutir sobre a sexualidade de forma mais ampla direciona o olhar para a sexualidade das pessoas com deficiência. Nesse caso, o diálogo é permeado por tabus, negligências e silêncios fundamentados na ideia de que essas pessoas são incapazes de ter uma vida afetiva e sexual satisfatória. Para compreender as discussões sobre sexualidade e deficiência, é preciso ultrapassar um olhar biológico sobre o corpo para uma perspectiva política, visto que as barreiras impostas a um corpo vão muito além de possibilidades e limites impostos pela biologia. Este trabalho é um recorte da pesquisa de Doutorado em Psicologia Clínica (Universidade Católica de Pernambuco, 2022), tendo como objetivo geral: compreender a partir da Gestalt-terapia de que modo o diálogo sobre sexualidade é estabelecido no sistema familiar entre pais e filhos(as) jovens. A pesquisa é qualitativa, em uma perspectiva fenomenológico-hermenêutica, a partir de entrevista narrativa com jovens entre 19 a 24 anos. Para análise dos dados, utiliza os procedimentos adotados na análise qualitativa hermenêutica de Gadamer. A amostra conta com uma família que tem um filho considerado uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Como resultado, os pais de Alberto (nome fictício), apesar de inicialmente não indicarem o filho para participar da pesquisa, promovem um ambiente rico em diálogo e acolhimento de suas vivências. Alberto, em relação ao diálogo sobre sexualidade entre ele e seus pais diz que: “o clima aqui em casa sempre foi tranquilo, meus pais sempre encorajam a sermos verdadeiros e a sexualidade entra nisso”. Ambos os pais, ao aprofundarem a vivência sobre a sexualidade do filho, ressaltam que por ele ter esse transtorno, experimenta, do ponto de vista deles, uma sexualidade que “não é uma coisa real”, “ele não tem vida sexual ativa”. Por ele não conseguir estabelecer uma relação interpessoal afetivo-sexual, isso faz com que os pais olhem para a vivência da sexualidade do filho como incipiente, “não ativa”. Os pais, ao tomarem como referência a vivência da sexualidade a partir de um ideal de pessoas ditas normais, caracterizam a sexualidade de seu filho como não sendo verdadeira, por ele não conseguir vivenciá-la em uma relação interpessoal, mas desconsideram que ele se masturba e associam essa autoerotização como algo menor. Pessoas com esse transtorno vivenciam a sua sexualidade comumente em comportamentos mais solitários.

Palavras-chave: sexualidade; família; TEA.

O MANEJO CLÍNICO DO AUTISMO EM GESTALT-TERAPIA

Gessica Raquel Clemente Rodrigues

Faculdade Católica de RN

Vanessa Caroline Freire Dantas

Faculdade Católica de RN

O Transtorno do Espectro Autista tem despertado o interesse contínuo pela comunidade científica para compreendê-lo mais, desde o início do seu estudo, na década de 1940. Com isso, estudos genéticos e neurobiológicos têm (i) apontado para causas amplas e complexas do autismo, necessitando, portanto, considerar as especificidades de cada caso; e (ii) contribuído para o desenvolvimento de métodos terapêuticos que variam desde abordagens comportamentais a desenvolvimentistas. A primeira é mais estruturada, os alvos de desenvolvimento são previamente e objetivamente definidos; enquanto na segunda as intervenções acompanham o desenvolvimento da criança, sendo, portanto, menos estruturada. Considerando a Gestalt-terapia como uma abordagem desenvolvimentista e pouco explorada no manejo clínico do autismo, o presente trabalho visa discutir essa temática a partir desse postulado teórico. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais classifica esse transtorno em dois domínios psicopatológicos: comunicação social e comportamentos restritos e repetitivos. A Gestalt-terapia entende que a inabilidade social do autista se dá pelo comprometimento da função id, pois não há retenção dos dados do ambiente formando um fundo de vividos que servem de base para deliberação de ações (função ego), com isso, os autistas apresentam dificuldade nas relações sociais e na percepção do seu entorno. Apesar disso, essa disfunção não é compreendida como uma psicose, mas como um ajustamento autístico. No que se refere aos comportamentos restritos e repetitivos, essa teoria aponta que há um bloqueio em uma das fases do ciclo do contato, não havendo atualização da experiência. Com isso, o comportamento é repetido na forma de hábito provocando um enrijecimento na fronteira de contato do eu, da familiaridade e da expressividade. O manejo clínico parte do método fenomenológico que busca entender a experiência da criança autista em sua totalidade a partir de seus descritores “o quê?”, “como?” e “para quê?”. Assim, o processo terapêutico foca: (i) na relação cujo objetivo é possibilitar novas experiências na fronteira de contato em todos os canais sensoriais; (ii) em compreender a intencionalidade comunicativa da criança a partir de sua forma de ser no mundo; e (iii) em estar atento à função de campo que contribui nos ajustamentos que acontecem no “aqui e agora” dos atendimentos. Assim, com a Gestalt-terapia, é possível manejar o Transtorno do Espectro Autista na clínica.

Palavras-chave: autismo; manejo clínico; gestalt-terapia.

O MUNDO VIVIDO BORDERLINE SOB ALENTE DA PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA

José Waldo Saraiva Neto

UNIFOR - Universidade de Fortaleza
Bolsista APHETO-FUNCAP

Falbe Cristino de Menezes Neto

UNIFOR - Universidade de Fortaleza

Lucas Guimarães Bloc

UNIFOR - Universidade de Fortaleza

Este trabalho tem o objetivo de discutir as contribuições da Psicopatologia fenomenológica para compreensão do mundo vivido *borderline*. É um estudo teórico, de cunho bibliográfico, que discute as contribuições de alguns autores que estudam essa experiência vivida. Bin é o primeiro autor da Psicopatologia fenomenológica que discute o vivido *borderline* ao enfatizar que este é marcado pela alteração na temporalidade, nomeando-a de *intra festum*. Essa perspectiva postula que essas pessoas estão dentro de um “mundo da festa”, vivendo o imediato com intensidade e impulsividade, em um presente sem presentificação. Há uma dificuldade de integração temporal, vivendo o hoje sem, por vezes, considerar passado e futuro. Com isso, a pessoa leva uma vida marcada por riscos e um vazio existencial. Entre os autores contemporâneos, o estudo destaca Fuchs com a noção de identidades fragmentadas por adotarem, justamente, um modo de viver as experiências que parece não conseguir fazer essa integração temporal. Há uma dificuldade em integrar experiências e ver a si mesmo(a) em projeto, possuindo fragilidades no *self*, não conseguindo construir uma identidade. Assim, a pessoa acaba sendo extremamente volátil, modificando-se em instantes, transitando entre grupos e em seus agoras, construindo relações frágeis. Stanghellini e Mancini demarcam uma discussão sobre essa experiência emocional, propondo que há uma oscilação entre humor disfórico e um afeto de raiva. Nesse processo, a opacidade, a falta de contornos e o esvaziamento de sentido marcam o *Lebenswelt*, na experiência disfórica. O espaço é sem contorno e sem diferenciações, esvaziado de sentido como um espaço morto. O *self* é demarcado por uma fragmentação, desagregado da narrativa histórica. Assim, o outro surge como uma possibilidade de sustento para a identidade, apesar de ser percebido de maneira borrada, esvaziado de sentidos. Na raiva, o mundo vivido é tensionado pela ofensa percebida pelo sujeito. O espaço é “pontagudo”, sem proteções, centrado nas ameaças e ofensas vividas. O *self* tem uma projeção como autodefesa, com uma organização em direção ao outro ameaçador, em um movimento que borra as fronteiras da alteridade. O outro, pelo sentimento da raiva, aparece nítido, evidenciado dentro do espaço ameaçador e sendo a direção final do afeto. Portanto, o vivido *borderline* vive alterações significativas nas categorias experienciais, sendo necessário ao profissional estar aberto a compreender a totalidade dessa experiência, tendo na Psicopatologia fenomenológica uma via para tal.

Palavras-chave: Transtorno de Personalidade Borderline; psicopatologia fenomenológica; *Lebenswelt*.

O PAPEL DA SUPERVISÃO NO PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM OLHAR HUMANISTA-FENOMENOLÓGICO

Francisco Luan de Souza Carvalho
Universidade de Fortaleza
Lucas Guimarães Bloc
Universidade de Fortaleza
Mariana Facó
Universidade de Fortaleza
Nayana Leão e Silva de Castro
Universidade de Fortaleza
Gabriela Frota de Paula Pessoa
Universidade de Fortaleza

A supervisão clínica na perspectiva humanista-fenomenológica busca ser um espaço de facilitação que visa incrementar a melhoria da qualidade teórica e metodológica do psicoterapeuta, possibilitando um olhar para além do adoecimento e de processos unicamente individuais. No caso do Plantão Psicológico, essa experiência apresenta algumas características específicas. O objetivo deste trabalho é discutir o papel da supervisão por uma perspectiva humanista-fenomenológica no contexto do Plantão Psicológico, a partir da experiência de alunos estagiários de um curso de Psicologia de Fortaleza, Ceará. O serviço acontece semanalmente, com um grupo de seis estudantes de Psicologia, vinculados à disciplina de estágio, diretamente acompanhados por dois psicólogos supervisores responsáveis, que permanecem na companhia de seu grupo, durante todo o período de Plantão Psicológico. Durante a ocorrência do serviço, os supervisores ficam à disposição para subsidiar, orientar, apoiar, esclarecer, discutir e, se necessário em algum momento, assumir o próprio atendimento, com ou sem o estagiário plantonista, dando ainda suporte em situações em que este se sinta desconfortável com as demandas de crise. A supervisão humanista-fenomenológica ocorre na relação supervisão-psicoterapeuta-cliente-mundo. Nesse sentido, este estudo reflete sobre essa relação que também acontece no contexto do Plantão Psicológico, compreendendo uma facilitação em supervisão que ocorre no encontro das intersubjetividades. O serviço se configura como um espaço de acolhimento à população em geral, possibilitando o encontro dos plantonistas com demandas diversas e inesperadas. Nesse sentido, é necessário que os supervisores estejam disponíveis e atentos aos processos de atendimento e cuidado, bem como a questões burocráticas do serviço e reflexões sobre encaminhamentos assertivos, quando necessário. A facilitação desse movimento acontece ainda por meio de versões de sentido, compreendidas como um instrumento importante de expressão dos próprios sentimentos em relação à experiência em Plantão, nas situações de urgência, bem como de acesso, por parte dos supervisores, ao vivido no encontro do plantão, favorecendo a relação supervisor-plantonista-cliente-mundo. O estudo conclui que há uma significativa contribuição para um Plantão Psicológico crítico por meio da supervisão clínica humanista-fenomenológica, tendo em vista o olhar de criticidade e facilitação apresentados nessa experiência.

Palavras-chave: plantão psicológico; supervisão; humanismo-fenomenológico.

O QUE VOCÊ FARIA? RECURSO TERAPÊUTICO PARA REFLEXÕES SOBRE ESCOLHAS NA ADOLESCÊNCIA

Ana Izabel Oliveira Lima

UnP - Universidade Potiguar

Sarah Hannany Marques Bandeira

UnP - Universidade Potiguar

Tatiany Karla Lima dos Santos

UnP - Universidade Potiguar

Este relato tem por finalidade refletir acerca da relação entre a adolescência e a pressão social vivida para adequação a um modo único de ser no mundo, com base no existencialismo – uma vez que o recurso criado para mediar tais reflexões é fundamental em temas como sentido, liberdade, escolha e responsabilidade. Nessa perspectiva, o ser humano tem livre-arbítrio sobre suas escolhas e essa liberdade acarreta o surgimento da angústia frente a tantas possibilidades. O processo da adolescência convoca a necessidade de se colocar diante de si mesmo e das múltiplas possibilidades de ser, podendo sempre surgir perguntas como: o que fazer? O que um adolescente faria? O que você faria? Pensando nisso, pesquisadores desenvolveram “O que você faria?”, um instrumento que pode ser utilizado como recurso para contribuir no processo terapêutico de adolescentes, em forma de jogo de tabuleiro com base nessa etapa em que cobranças por escolhas absolutas são o grande enfoque. O objetivo do jogo é facilitar a reflexão sobre as escolhas do jogador mediante as circunstâncias da sua vida, a partir de convites para pensar sobre suas prioridades e situações cotidianas. Tal instrumento contém um tabuleiro composto por casa de prioridade e situações, em que cada casa direciona o jogador para puxar uma carta correspondente. Na carta situação, o jogador terá de resolver uma situação-problema, falando o que sentiu e o que faria diante do que foi apresentado; e na carta prioridade, o jogador terá de escolher entre duas situações. No decorrer da partida, o terapeuta terá a chance de compreender a perspectiva de seu cliente, a partir das informações que vão sendo fornecidas, adicionando perguntas aos caminhos escolhidos e aprofundando as questões trazidas na sessão. A última casa do jogo traz uma carta de nome fim, levando a uma reflexão de que suas escolhas são tomadas diante de seu contexto de vida e suas demandas atuais, considerando que, em cada partida, suas escolhas podem mudar de acordo com o momento que ele está vivendo. Logo, ao jogar “O que você faria?”, o adolescente é colocado frente às suas possibilidades e responsabilidades de forma lúdica, encarando a si mesmo e pensando para além do que enxerga.

Palavras-chave: adolescência; existencialismo; escolha; liberdade; responsabilidade.

O USO DA TINTA COMO POSSIBILIDADE DE LIVRE EXPRESSÃO NA LUDOTERAPIA

Larissa Marcela Peixoto de França

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Lucas Gomes Maciel

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Pedro Sonehara de Moraes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Vitória Patrícia Bezerra de Medeiros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Patrícia Karla de Souza e Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A ludoterapia utiliza de recursos lúdicos como facilitadores da expressão infantil. Crianças pequenas, mais vivenciais do que reflexivas, transitam com facilidade entre a realidade e a fantasia, recorrendo ao brincar para comunicar seus afetos e suas formas de se relacionar com o outro e com o mundo. Este relato de experiência aborda o exercício da ludoterapia durante o estágio realizado em um serviço-escola de Psicologia. Tendo como base a fenomenologia hermenêutica heideggeriana e algumas ideias de Merleau-Ponty sobre a infância, este estudo reflete, mais especificamente, sobre a escolha das crianças pelo uso de tintas como meio de expressão; a relação terapeuta-criança no livre brincar com tintas; e a função da sala de ludoterapia como espaço de expansão do horizonte de possibilidades da criança. Na apresentação da sala de ludo, a tinta é um recurso passível de uso, estando à vista da criança e sendo frequentemente escolhida por ela. A criança transforma o papel, o próprio corpo ou o do terapeuta, ou outros objetos e mesmo a mobília da sala em telas preenchidas com formas e cores. Na diversidade das possibilidades de uso, a tinta pode ser um recurso desvelador daquilo que é mais próprio do ser criança. Ela guarda, em sua composição fluida e líquida, a possibilidade de traduzir a impermanência originária da existência do ser-aí e, a partir dessa fluidez, a criança descobre uma forma singular de registrar sua experiência. É a partir da relação com a liberdade e o imprevisível que criança e terapeuta ocupam aquele espaço. Entretanto, é possível observar que utilizar tintas pode ser mobilizador para o adulto que, com um olhar adultocêntrico e afinado ao temor, por vezes, tem uma ilusão de controle, em um espaço onde a liberdade é a regra. Dessa forma, o estudo aponta a importância do reposicionamento do terapeuta de forma a abrir-se às possibilidades, reconhecendo que a potência do encontro está em permitir a livre expressão da criança. A folha, a mobília e a pele dos dois ali presentes podem ser espaços em aberto, guardando em si o potencial de vir a ser, assim como a existência. A partir do descrito, o estudo reflete sobre o que a clínica pode aprender com a arte. Conclui ser importante que o terapeuta esteja aberto ao horizonte de possibilidades no encontro com a criança, favorecendo, no contato com as tintas, a livre expressão do imaginário infantil.

Palavras-chave: ludoterapia; fenomenologia; tintas, recursos; criança.

PERFORMANCE CONJUGAL E O CONFRONTO COM OS EXISTENCIAIS NA CLÍNICA COM CASAIS

Leandra Rossi
NUCAFE/ FAPSI-RP

É corrente a compreensão de que a terapia de casal consiste em medidas corretivas, tendo em vista favorecer o cumprimento da promessa de uma relação amorosa idealizada e saudável. A relação conjugal tem sua concepção a partir de balizadores que substancializam o que chamamos de casamento, tornando-o um conjunto de características que, quando presentes, “garantem” que ali subjaz uma verdadeira relação amorosa. Entre tantas possibilidades de performar conjugalidade, como modos de manifestação de ser-com, há a eleição de uma performance a ser alcançada por quem procura a terapia em circunstâncias de crise. Os casais são absorvidos pelo caráter normativo e normatizante de um tempo ao qual o casamento também deve se curvar, almejando repetidamente aos modos sedimentados de “ser casal”. O presente estudo tem como objetivo refletir, à luz da analítica existencial heideggeriana, sobre a estrutura da performance conjugal na experiência dos casais e o modo como eles estabelecem confrontos com as condições existenciais. As demandas mais recorrentes clínica são, em maior medida, a busca de regularidade nas manifestações do casal diante dos conflitos. Aparecem as dificuldades de acolher o movimento, o descompasso e a mudança do outro, o relato deveras contemporâneo de “perda de conexão”, a busca incessante por garantir a verdade como fundamento da confiança e o desafio de acolher o outro como pura possibilidade de ser no desdobramento da relação. O estudo aponta que a conjugalidade consiste em um campo em que seres-aí lidam com suas condições existenciais a dois, já que o casal precisa lidar com a tarefa de existir, bem como com o desdobramento da espacialidade, da corporeidade, da temporalidade, da solidão e da finitude. O casal parece delimitar um projeto cruzado de “dever ser” para o outro, por meio do qual se endereça ao outro uma carga de expectativas que, quando consumadas, realizam a performance buscada, garantindo ao casal uma identidade e um selo que lhes assegura a qualidade da relação. Contrapondo o propósito utilitarista que adentra a clínica, o analista fenomenológico-existencial poderá responder às convocações conjugais sustentando o que há de mais existencial na constelação conjugal ali manifesta, tendo em vista a perene tensão entre o “poder ser” e o “dever ser” do casal, interrogando as prescrições sedimentadas e acedendo ao projeto conjugal possível, capaz de abrigar mutuamente a facticidade e a solidão existenciais.

Palavras-chave: conjugalidade; terapia de casal; clínica fenomenológico-existencial.

PLANTÃO DE ESCUTA PSICOLÓGICA: SUA IMPLANTAÇÃO NUM CURSO DE MEDICINA

Sara Benevides de Lucena

Centro Universitário de João Pessoa

Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa

Centro Universitário de João Pessoa

Introdução: o Plantão Psicológico, como prática clínica de intervenção, é um serviço emergencial e pontual de atendimento psicológico no momento em que emerge a demanda. A literatura aponta que há um conjunto de desafios e de situações estressantes e geradoras de angústias para os estudantes de medicina ao longo da graduação. Dessa forma, os discentes de medicina experienciam uma variedade de sentimentos necessitando de ajuda psicológica de caráter focal correspondente às novas demandas sociais que enfrentam. Nesse contexto, surge a proposta do plantão de escuta psicológica visando atenuar o sofrimento psíquico dos graduandos de medicina por meio da escuta qualificada e do espaço de acolhimento adequado. **Objetivo:** relatar a experiência de duas profissionais de psicologia na implantação do plantão de escuta psicológica em um curso de medicina de uma faculdade privada de João Pessoa, Paraíba. **Descrição do contexto e procedimentos:** o plantão de escuta psicológica pode ser caracterizado como um serviço que objetiva ampliar o quadro perceptual do estudante para auxiliá-lo no enfrentamento da problemática experienciada. O serviço foi implementado em março de 2023 a partir das necessidades emergentes do Núcleo de Apoio Pedagógico e Experiência Docente, do curso de medicina da instituição de ensino. **Reflexões:** os principais desafios encontrados no processo de implementação do Plantão Psicológico estão relacionados à consolidação do serviço como uma prática clínica efetiva do Núcleo do curso de medicina da instituição. O estudo aponta que essas dificuldades correspondem à falta de conhecimento por parte dos discentes sobre o serviço ofertado, como também de entendimento deles sobre objetivos do plantão de escuta. Para tanto, o estudo busca elaborar um plano de ação a fim de divulgar e consolidar o serviço, por meio da produção de material explicativo. A partir das intervenções e das demandas atendidas, identificou a necessidade e a relevância do Plantão Psicológico para discentes de medicina. **Considerações finais:** esse contexto remete à necessidade de adotar estratégias que minimizem o sofrimento emocional desses estudantes. Portanto, o plantão de escuta psicológica consiste em uma prática clínica que pode auxiliar na prevenção da saúde mental e em uma proposta de intervenção concreta para minimizar o sofrimento psíquico dos discentes de medicina.

Palavras-chave: plantão psicológico; estudantes; medicina.

PLANTÃO PSICOLÓGICO E RELAÇÕES FAMILIARES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA RELAÇÃO DE SUPORTE

Carolina da Natividade Rodrigues Correa
Universidade Federal do Pará
Matheus Venicio da Silva Fontenele
Universidade Federal do Pará

O Plantão Psicológico é uma intervenção clínica que atende as urgências psicológicas. Esta pesquisa busca descrever o papel das relações familiares na produção de sofrimento com base em queixas relatadas no contexto de um Plantão Psicológico e compreender o suporte afetivo necessário para as famílias envolvidas, visando à adoção de intervenções terapêuticas mais eficazes nesse contexto. Com base em resultados preliminares, este estudo busca descrever como os discentes da graduação percebem a relação familiar no contexto do sofrimento psíquico, considerando sentimentos, expectativas e estratégias de enfrentamento dos pacientes, assim como dos seus familiares, e os impactos na relação. O estudo utiliza como instrumento de pesquisa a versão de sentido de cada atendimento. Como método de seleção de dados: 1) realizou uma leitura breve das versões de sentido de todos os atendimentos realizados no período; e 2) selecionou as versões de sentido que continham queixas ligadas a relacionamentos familiares. O estudo analisou quatro casos, referidos por meio de códigos padronizados para manter o sigilo dos clientes em questão, a saber: TS003, VS004, JB005 e JA015. O resultado apontou para a relação direta entre a percepção e a vivência familiar em relação ao sofrimento psíquico dos discentes. No caso de TS003, a família influenciou suas experiências traumáticas na infância, resultando em dificuldades de comunicação e dependência emocional. No caso de VS004, as relações familiares afetam a capacidade de relacionamento e autoestima. JB005 lida com problemas emocionais relacionados à dinâmica familiar e à identidade LGBT. JA015 busca suporte emocional no plantão por conta de sua suspeita de Transtorno do Espectro Autista, mas enfrenta resistência familiar. Os resultados parciais destacam o impacto das relações familiares na produção de sofrimento psíquico, o que reflete em demanda nos atendimentos de urgência psicológica. O estudo conclui que o Plantão Psicológico oferece um espaço seguro para expressar dificuldades e entender as dinâmicas familiares dos graduandos da universidade; e ainda fornece suporte emocional, permitindo a expressão de sua identidade e o fortalecimento emocional.

Palavras-chave: plantão psicológico; relações familiares; cuidados em saúde.

PLANTÃO PSICOLÓGICO E SOFRIMENTO PSÍQUICO UNIVERSITÁRIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Isabella Figueiredo da Silva

Universidade Federal de Campina Grande
Bolsista UFCG

Flávio Lúcio Almeida Lima

Universidade Federal de Campina Grande
Bolsista UFCG

Ebson Lucas Leopoldo de Araújo

Universidade Federal de Campina Grande
Bolsista UFCG

Daniel Marinho Pontes

Universidade Federal de Campina Grande
Bolsista UFCG

A modalidade de Plantão Psicológico tem destaque como uma das facetas da clínica ampliada, com um importante papel em diversos serviços de saúde mental. O presente relato aponta para uma práxis de Plantão Psicológico fundamentado nos pressupostos de Carl Rogers e a abordagem centrada na pessoa. Nessa ótica, a compreensão empática tem sua base no esforço por parte do terapeuta em compreender a perspectiva e os sentimentos do outro de maneira autêntica, sem julgamento prévio. Essa compreensão está alinhada ao método fenomenológico, que analisa a suspensão de suposições prévias para se aproximar do fenômeno tal como ele se apresenta. O objetivo deste estudo é relatar uma experiência de Plantão Psicológico enfocando o sofrimento psíquico e possibilidades de ser na vida estudantil universitária. A experiência vivida consiste na execução de Plantão Psicológico no Núcleo de Psicologia, um serviço que presta assistência psicológica a estudantes vinculados à Pró-reitoria de Assuntos Comunitários da Universidade Federal de Campina Grande. Nesse sentido, esse Plantão Psicológico fez parte das atividades de estágio supervisionado no curso de Psicologia dessa instituição, executado por plantonistas-estagiários da psicologia disponíveis para o atendimento. O local de realização foi o Posto Médico da instituição, que presta assistência multidisciplinar em saúde para estudantes da universidade – Campus Campina Grande. O plantão ocorreu no período de março a junho de 2023, com atendimentos que ocorriam todas as terças-feiras no período da tarde, e nas sextas-feiras no período manhã e tarde. O estágio contou com a supervisão de dois psicólogos, servidores lotados no Núcleo; e a orientação de um professor do curso de Psicologia. Por meio da experiência, o estudo aponta que a vida universitária aparece permeada por outras vivências que as demandas da academia impossibilitam emergir. A escuta atenta no processo de ser universitário possibilitou então uma apropriação da experiência e uma maior motivação frente à vida. Diante do exposto, o estudo conclui que a oferta do serviço de Plantão Psicológico na universidade é de suma importância, pois proporciona um acolhimento do ser na urgência da vida cotidiana. Além disso, a proximidade física com os estudantes possibilitou uma maior adesão ao serviço de Psicologia, criando saídas para o fortalecimento de vozes de universitários que, muitas vezes, apresentam sofrimentos silenciados.

Palavras-chave: plantão psicológico; universidade; saúde mental; assistência estudantil.

PLANTÃO PSICOLÓGICO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE MANAUS-AM: UMA VISÃO CONTEMPORÂNEA

Jane da Silva Paes

Universidade Federal do Amazonas

Janderson Costa Meira

Escola Superior Batista do Amazonas

Ruy Siqueira de Lima

Centro Universitário do Norte

O Projeto Plantão Psicológico nas escolas públicas de Manaus surgiu em 2022 devido ao olhar atento do professor de Fenomenologia Existencial da Universidade Federal do Amazonas, ao perceber a ausência do cumprimento da lei referente à disponibilização de psicólogos e assistentes sociais nas escolas públicas. A quantidade de profissionais dessas áreas na rede pública de ensino é quase inexistente quando comparada à de alunos a alcançar. Com isso, as demandas dos alunos não eram abrangidas, visto que seria necessário um número maior de profissionais para ocorrer a possibilidade de prestar assistência digna aos alunos e ofertar apoio, amparo, direcionamento e os devidos cuidados. A partir disso, surgiu o projeto com base na fenomenologia existencial e nas premissas de cuidados com atuação em Plantão Psicológico, utilizando diversas bases de pensadores em Fenomenologia, como Merleau-Ponty acerca da percepção e corporeidade; Martin Heidegger e os estudos do ser em sua completude; Ewerton Castro e a clínica dos três olhares; além de contribuições de outros autores. Para dar seguimento, houve uma parceria entre faculdades e universidades de Manaus e a gestão das escolas públicas com permissão de suas respectivas instâncias superiores. O atendimento passou a ser válido como campo de estágio para alunos de psicologia capacitados em Fenomenologia, com foco nos alunos das escolas parceiras, dos turnos matutino e vespertino, em sala apropriada designada, com sessões de demanda espontânea, sem necessitar de agendamento prévio. Os plantonistas são supervisionados por mestrandos da universidade federal e egressos, com o intuito de atender às demandas dos alunos e os amparar, além de produzir dados sobre as necessidades percebidas nas escolas para que o governo tenha bases para criação de políticas públicas. O projeto trouxe demandas de abuso infantil, violência doméstica, abandono, necessidade de diagnóstico e acompanhamento de possíveis transtornos do neurodesenvolvimento com os devidos encaminhamentos. O plantão abrange o apoio psicológico aos professores dessas escolas, trazendo suporte completo à rede. Por um lado, o Plantão Psicológico tem sido, até o presente momento, o único apoio e cuidado a que muitas crianças e adolescentes têm tido acesso, deixando evidente a lacuna de políticas públicas no cumprimento adequado de atenção às necessidades básicas. Por outro lado, é um projeto gratificante que traz aos finalistas de graduação a possibilidade de refletir a psicologia fenomenológica como forma de atenção e cuidado para além do consultório convencional.

Palavras-chave: plantão psicológico; escolas públicas; adolescência; demandas contemporâneas.

PLANTÃO PSICOLÓGICO ON-LINE NA UNIVERSIDADE: ANÁLISE DAS DEMANDAS PSICOLÓGICAS

Paulo Evangelista
UFMG

Júlia Alves
UFMG

Alice Moreira Pauferro
UFMG

Lucas de Paula Alves Oliveira
UFMG

O Plantão Psicológico é um serviço caracterizado pela disponibilidade dos plantonistas em acolher e testemunhar o sofrimento existencial que se manifesta no cliente no momento de sua procura por atendimento. Na Universidade Federal de Minas Gerais, o Plantão Psicológico passou a ser realizado de maneira *on-line* em decorrência da pandemia de covid-19, de agosto de 2020 a fevereiro de 2022. Nesse período, a comunidade acadêmica, como grande parte do mundo, enfrentava o distanciamento social necessário e decorrente e o ensino remoto. Com isso, a atenção psicológica migrou também para a modalidade *on-line*. A questão de pesquisa é: de que modos esse contexto influenciaria demandas psicológicas apresentadas no serviço de Plantão Psicológico? O objetivo desta pesquisa é descrever o sofrimento existencial dessa comunidade universitária que foi atendida pelo Plantão Psicológico nesse período pesquisado. Para isso, os pesquisadores realizaram a leitura e a análise de 362 relatórios, escritos pelos plantonistas acerca dos 362 atendimentos *on-line*. A análise desse material tem como base o método fenomenológico-hermenêutico, buscando descrever as demandas psicológicas identificadas nos relatórios, posteriormente agrupadas em categorias. A leitura dos relatórios teve como objetivo a identificação de demandas, discutidas pelos pesquisadores posteriormente, formando unidades de sentido que abarcam os modos de sofrer psicológico descritos nos relatórios dos plantonistas. O resultado apontou 12 demandas psicológicas da comunidade acadêmica no período: 1) preocupação com o futuro; 2) cobrança e autocobrança; 3) desafios da vida acadêmica; 4) solidão; 5) medo da contaminação por covid-19; 6) dificuldade de experienciar-se; 7) dificuldade em fazer escolhas; 8) sofrimento diante da morte; 9) dificuldade de reconhecer-se e confirmar-se sem o outro; 10) conflitos familiares; 11) conflitos interpessoais; 12) conflitos nos relacionamentos amorosos. A discussão acerca das categorias a partir dos relatórios busca compreender qual foi o sofrimento existencial da comunidade acadêmica durante a pandemia. Em estudos futuros, é possível estabelecer uma comparação entre as demandas encontradas e aquelas de estudos anteriores sobre os atendimentos presenciais. Além disso, é possível, a partir dos resultados, rever e desenvolver dispositivos e ações de saúde mental na universidade.

Palavras-chave: demanda psicológica; plantão psicológico; intervenção baseada em internet; psicologia existencial; método fenomenológico-hermenêutico.

PLANTÃO PSICOLÓGICO: ACOLHIMENTO E CAMINHOS DE INTERVENÇÃO NO ATENDIMENTO A MULHERES

Hélio Luiz De Souza Costa

Facisa/UFRN

Luciana Fernandes de Medeiros

Facisa/UFRN

O presente estudo consiste em um relato de experiência do projeto de extensão *Cuidar da existência: Plantão Psicológico e psicoterapia na Facisa/UFRN*, realizado no Serviço Escola de Psicologia Aplicada, da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi, em uma cidade no interior do Rio Grande do Norte. O projeto oferta acolhimento na modalidade de Plantão Psicológico, buscando fornecer suporte acessível em momentos críticos. O serviço proporciona atendimento psicológico à comunidade e suas adjacências. Embora haja poucos estudos sobre o Plantão Psicológico e seus impactos no contexto social, os dados apontam uma elevada procura de mulheres, devido a suas experiências de sofrimento existencial. Os extensionistas, nessa modalidade de atendimento, auxiliaram esse público a processar suas vivências traumáticas na compreensão do impacto da violência em suas vidas em situações emergenciais, por meio de um espaço seguro e empático que facilitou o entendimento de como essas violências afetaram a identidade, os relacionamentos e o bem-estar dessas mulheres. Além disso, a experiência supervisionada proporcionou aos plantonistas a capacidade de se mostrarem disponíveis em determinado tempo e lugar a fim de acolher o outro por meio de uma escuta atenta e agir com empatia em relação à pessoa que busca auxílio, adotando uma postura fenomenológica que possibilitou que as mulheres atendidas trabalhassem no reconhecimento e na validação de suas vivências, com foco no “aqui-agora” para a recuperação do senso de agência e controle sobre suas vidas. Atualmente, o plantão concede atendimento de forma presencial. Em síntese, a prática do Plantão Psicológico na perspectiva fenomenológica existencial tem por base as diretrizes políticas e éticas do profissional da psicologia por meio de uma escuta comprometida, de modo que o projeto de extensão visa criar um espaço terapêutico que apoie essas mulheres e promova o acesso ao cuidado a partir do reconhecimento dos desafios enfrentados pelas pacientes, proporcionando o bem-estar em sua jornada de cura, o empoderamento e uma maior compreensão dos impactos da violência em suas vidas. Por meio do acolhimento, da escuta ativa, da compreensão empática, da aceitação genuína e do não julgamento entre usuários e plantonistas, o Plantão Psicológico fornece uma base sólida para que essas mulheres possam explorar suas experiências, desenvolvendo estratégias de enfrentamento e trabalhando em direção à cura e à recuperação.

Palavras-chave: plantão psicológico; fenomenologia-existencial; mulheres.

PLANTÃO PSICOLÓGICO: O VÍNCULO ENTRE PLANTONISTAS

Luiza Karol Rocha Pimenta
UFMG

Verônica Santos Resende
UFMG

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista
UFMG

O Plantão Psicológico da Universidade Federal de Minas Gerais oferta atendimento a partir de dois grupos, cada um com doze alunos e um professor supervisor. Um supervisor fundamenta suas análises na Daseinsanalyse, a outra na Gestalt-terapia. A presente comunicação aborda o relato de experiência dos pesquisadores quanto ao funcionamento do Plantão Psicológico na Universidade Federal de Minas Gerais, voltado com mais especificidade para a forma como é feita a supervisão. O objetivo é, portanto, relatar as particularidades provenientes de um serviço com dois supervisores de abordagens psicológicas distintas, utilizando como recurso a supervisão que acontece durante o atendimento. Os atendimentos são realizados em dupla. Em determinado momento, os plantonistas propõem uma pequena pausa (“supervisão de meio”), momento em que convidam a pessoa atendida a ficar na sala refletindo sobre o que foi conversado, e retornam à sala de supervisão. Nesse momento, a dupla relata o encontro para o professor e para os colegas plantonistas que não estão em atendimento. A partir desse relato, ocorre a representação, para o grupo, do fenômeno que emergiu no encontro, e, assim como os alunos que estão atendendo, o relato causa movimentação e afeta o grupo: surgem olhares interessados, reações afetivas, questionamentos sobre a pessoa atendida e o bem-estar da dupla. A dupla volta para o atendimento e, muitas vezes, o grupo continua a debater suposições sobre o que está emergindo, com discussões de teorias e possibilidades de atuação. Cada supervisor participa desse momento de maneira única, e, por essa via, surgem algumas diferenças de concepções teóricas, com um olhar específico pelo qual se vê determinada manifestação, com diferentes formas de ler e evidenciar alguma fala. Nesse processo, por mais que as diferenças ocorram entre os grupos, algo permanece em comum: existe não só um cuidado em relação a quem está sendo atendido mas também uma preocupação compartilhada por quem está atendendo. Com isso, aqueles que estão na experiência do encontro vão construindo o sentido do atendimento, bem como o grupo que fica e espera apreensivamente o retorno da dupla. Uma das potencialidades do plantão é a disponibilidade do serviço, e quem sustenta esse atendimento são os plantonistas, a partir de situações incertas, extremas e dolorosas, normalmente pela primeira vez. Para esses estudantes, não há a presença de um plantão disponível, por isso, o vínculo criado por esse modelo é de suma importância para a manutenção do serviço, e relevante como fenômeno a ser descrito e refletido.

Palavras-chave: plantão psicológico; supervisão; vínculo.

PRIVATIZAÇÕES, SUICÍDIO E O VIVER SEM GARANTIAS: REFLEXÕES PELA PSICOLOGIA EXISTENCIAL

Elina Eunice Montechiari Pietrani
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O objetivo deste estudo é refletir acerca da decisão da pessoa, trabalhador(a) do setor público, pelo suicídio e a relação dessa decisão com o processo denominado de privatização, na perspectiva da psicologia existencial. O estudo é resultado parcial da pesquisa bibliográfica e documental da tese de doutorado da autora, em andamento, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nas últimas décadas do século XX, a, assim chamada, reestruturação produtiva, designada como a lógica laboral da era atual e caracterizada por redução contínua de custos, avanços tecnológicos e financeirização do capital, daria uma nova tônica ao padrão da relação Estado/trabalho. Tais mudanças fomentariam as privatizações ou desestatizações, processo de venda de uma empresa ou instituição pública, que integra o patrimônio do Estado, para organizações privadas. Essa experiência, ao colocar em xeque a relação, até então em vigor, do homem com a carreira pública, baseada na estabilidade e na continuidade, vem gerando impactos ao trabalhador, totalizados, algumas vezes, por sensação de inutilidade (tédio) e pânico (temor), culminando, não raras vezes, na decisão pelo suicídio. Isso porque, de acordo com estudos, as privatizações são implicadas, frequentemente, em planos de demissões voluntárias, algumas vezes em meio a intenso assédio moral. Com base na psicologia existencial, inspirada na filosofia de Martin Heidegger, o estudo identifica que tal situação de ruptura institucional desvela, em verdade, uma condição originária da existência, qual seja, a sua precariedade ou vulnerabilidade. Esse pensador considera o homem como um ser que originariamente se constitui na relação com o mundo, um ser-*ai* imbricado em seu contexto histórico, assumindo, de início e na maior parte das vezes, as determinações de seu tempo. Entretanto, uma vez que o ser-*ai* é sempre abertura, o homem acaba por ignorar a existência em seu caráter mais originário de imprevisibilidade, dado que suas escolhas não são garantias para uma vida plena. Uma psicologia existencial, inspirada nesse pensador, considera o homem como abertura em devir, e este, desde sempre, requer cuidar de seu projeto existencial. Frente à angústia da pessoa pela perda de sua condição de estabilidade profissional, pelo processo de privatização, o psicólogo de base existencial acompanhará o sofrimento desse trabalhador, auxiliando-o no processo de apropriar-se de sua existência em meio ao ambíguo, ao indeterminado e à imprevisibilidade do existir.

Palavras-chave: privatizações; imprevisibilidade; suicídio; psicologia existencial.

PSICOTERAPIA CENTRADA NO CLIENTE: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO CLÍNICA DESAFIADORA E ATUAL

Vitória Dourado Aves
PUC-Campinas
Bolsista FAPIC
Vera Engler Cury
PUC-Campinas

Esta pesquisa teórica, de natureza exploratória, objetiva analisar os componentes constituintes da relação terapeuta-cliente na proposta da psicoterapia centrada no cliente, desenvolvida em diversos contextos, públicos e privados. O estudo propõe analisar o potencial gerador de mudanças psicológicas construtivas nos clientes, quando disponibilizado em contextos institucionais de forma a desencadear uma reflexão acerca de sua atualidade e pertinência no cenário contemporâneo. Tem como base resultados de pesquisas científicas publicadas sob a forma de artigos, livros e capítulos, podendo incluir teses de doutorado. A perspectiva teórica norteadora será a psicologia humanista, mais especificamente a abordagem centrada no cliente, desenvolvida pelo psicólogo norte-americano Carl Rogers. A construção dos dados será por meio de uma revisão integrativa da literatura científica atual. A análise dos resultados ocorrerá a partir dos eixos temáticos compreensivos que emergirem desse levantamento. Os resultados parciais do estudo demonstram que a psicoterapia centrada na pessoa proporciona o embate com aquilo que é radicalmente diferente: é a partir da experiência e do estranhamento, a pessoa é capaz de reencontrar-se. Entre os desafios encontrados, é possível apontar não só a necessidade de diversificação de espaços de atenção psicossocial mas também a qualidade dos encontros ofertados pela rede de saúde mental. É importante ainda pensar na relação terapeuta-cliente, na qual a postura e as atitudes do terapeuta precisam ser percebidas pelo cliente no processo de retomada da autonomia. O estudo aponta a necessidade de pesquisas nacionais mais recentes sobre o tema, particularmente explorando os atributos da relação terapeuta-cliente e as dificuldades e inovações em locais para além da clínica. O objetivo é contribuir para uma compreensão acerca de como uma modalidade de intervenção psicológica clínica pode ser criativamente inovadora para promover crescimento psicológico em pessoas e grupos.

Palavras-chave: atitudes terapêuticas; psicoterapia centrada no cliente; psicologia humanista.

**PSICOTERAPIA EM GRUPO NA INFÂNCIA: UMA POSSIBILIDADE VIVENCIAL E
TERAPÊUTICA**

Beatriz Mendes e Madrugá
Núcleo Poiesis
Ana Andrea Barbosa Maux
Núcleo Poiesis

A infância contemporânea, na psicologia clínica, tem sido alvo de intervenções profícuas, de discussões, e de reflexões teórico-práticas do fazer clínico em suas diversas possibilidades. Essas, por sua vez, estão sempre a considerar a peculiaridade dessa etapa de desenvolvimento, à luz de referenciais teóricos que subsidiem a prática do terapeuta. Entre as práticas possíveis, os grupos com crianças, muitas vezes, figuram em contextos institucionais (coletivos) nos quais os objetivos nem sempre são psicoterápicos, embora sejam de teor terapêutico. Ao lado dessa observação, este trabalho visa apresentar a experiência de psicoterapia de grupo de crianças não inseridas em contextos coletivos e/ou institucionais, mas na clínica psicológica. O grupo, em seu turno, põe os sujeitos para lidar uns com os outros, enfrentando, de forma ainda mais presente, a indeterminação constituinte do humano. Essa é outra maneira de, pelo caminho da redução fenomenológica, chegar ao fenômeno puro que traz à luz o ser da essência imanente, um caminho previsto neste estudo como método e como leitura interpretativa. Este trabalho nasce a partir dessa proposição prévia: de constituir uma prática capaz de reconhecer o fenômeno como absolutamente dado, em um caminho de redução fenomenológica típica do que é desejado. Por isso, na condição de comunicação científica, enseja apresentar e discutir, via relato experiencial, que o grupo psicoterápico na infância pode ser um importante artifício na prática clínica do psicoterapeuta fenomenológico-existencial. O estudo busca apoio na descrição de duas experiências distintas com grupos terapêuticos infantis na clínica particular. A presente comunicação científica articula prática com reflexões teóricas, discutindo possibilidades, apontando caminhos. Ao fazê-lo, atesta a importância do estudo teórico continuado como subsídio para a prática corrente, como também revela a necessidade de arriscar-se na experimentação, na tentativa, apostando na singularidade de cada processo terapêutico para propor novas e/ou conhecidas estratégias.

Palavras-chave: infância; psicoterapia, grupo; fenomenologia.

PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL E PSICODÉLICOS: UM NOVO PARADIGMA TEÓRICO E TÉCNICO?

Fábio Nogueira Pereira
Centro Universitário FAESA

Introdução: o uso de substâncias psicoativas remonta às origens da humanidade, para práticas espirituais, medicinais ou de recreação. Em meados do século XX, a comunidade científica começou a investigar psicodélicos, novos paradigmas de consciência e produção de sentido, bem como formas de seu uso em psicoterapia individual e em grupo. Após um período de proibicionismo, no início do século XXI, ocorreu o renascimento das pesquisas sobre psicoterapia assistida por psicodélicos para quadros crônicos e não respondentes aos fármacos e modelos psicoterápicos comumente utilizados. Esses novos modelos terapêuticos merecem atenção quanto ao treinamento dos profissionais e à educação da população. **Desenvolvimento:** a retomada das investigações convoca a Psicologia para o estudo dessa literatura e dos achados mais recentes a respeito do paradigma clínico emergente em psicoterapia assistida por psicodélicos. A inserção desses fármacos promete modificações importantes no manejo clínico e na compreensão da produção de sentido das experiências vividas. Esses protocolos investigam sobretudo modelos terapêuticos com doses altas e pontuais, ainda que alguns estudos considerem microdoses (5% a 10% da dose mínima recreativa) e psicoterapia psicolítica (10% a 20% da dose recreativa). Um dos efeitos desses fármacos é a redução da atividade da rede de modo padrão, responsável por tarefas como informação autobiográfica, autorreferência, evocação de memórias, empatia, qualificação emocional de situações, julgamento social e compreensão de narrativas. Assim, o processamento neural aumenta em entropia, ou seja, impossibilitado de acontecer por caminhos neurais habituais, ele utiliza “vias secundárias” produzindo sentidos. Em uma perspectiva fenomenológico-existencial, o estudo busca novas significações do vivido, com resultado semelhante à experiência de suspensão de pressupostos, envolvimento com o sensível e posterior produção de sentido na integração e assimilação do vivido. Contudo, o manejo clínico não é o mesmo do feito tradicionalmente e merece treinamento específico. **Considerações finais:** por ser uma nova modalidade terapêutica em estrito e a largo, há necessidade de atenção para o manejo clínico seguro e eficaz na psicoterapia assistida por esses fármacos. Igualmente, consiste em uma oportunidade para as clínicas fenomenológicas de expansão das possibilidades interventivas com populações diagnosticadas com quadros agravados e pouco responsivos a farmacoterapia e/ou psicoterapias convencionais.

Palavras-chave: psicodélicos; psicoterapia fenomenológico-existencial; saúde mental.

RED (CRESCER É UMA FERA): ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE SER NO MUNDO ADOLESCENTE

Jaqueline Vilar Greco Ramalho
Centro Universitário de João Pessoa

Este estudo propõe uma reflexão sobre o Ser no mundo adolescente na atualidade, tendo como objetivo analisar o filme *Red: crescer é uma fera* (2021) à luz da fenomenologia heideggeriana. A animação retrata o acontecer adolescente de Meilin Lee (Mei Mei), de 13 anos, que mora com seus pais em Toronto, no Canadá, e os ajuda a gerenciar um templo. É estudiosa e sempre obediente, mas em determinado momento, acorda e não se reconhece ao transformar-se em um panda gigante. O panda simboliza mudanças e conflitos vivenciados na adolescência bem como elementos da tradição ancestral da deusa Sun Yee. Diante desse contexto, o estudo selecionou alguns elementos retratados pelos personagens para relacionar com as ideias do filósofo Martin Heidegger. As mudanças físicas e comportamentais vividas por Mei mei apontam um Dasein, Ser-aí, fluido, marcado por uma indeterminação, uma abertura aos modos possíveis de Ser. Ao pensar o corpo como morada do ser na adolescência, é possível enxergar muitas transformações, não só voltadas para o âmbito biológico – para o tecido por questões hormonais e estéticas – mas também para questões simbólicas e experienciadas. Todo o filme, permite identificar o modo de preocupação substitutivo de sua mãe: Ming Lee, sempre buscando exercer um domínio no modo de existir de Mei mei, nas suas relações de amizade. Ela não acolhe as amigas da filha, os seus gostos musicais, a exemplo da Boy Band 4-Town. Ming Lee reproduz a preocupação substitutiva que teve de sua mãe (avó de Mei mei), superprotegendo a filha e a impossibilitando de vivenciar seu modo de ser. O pai, Jin Lee, e seu modo de cuidado antepositivo impulsiona a filha à autenticidade. Ao descobrir que Mei mei usa o panda para ganhar dinheiro e ir a um show, ele não interpela seu modo de ser e compreende seu comportamento com naturalidade em relação ao fenômeno adolescente. Sempre calmo e sensível à beleza da simplicidade, a figura paterna favorece a liberdade de Ser. O filme retrata o caminhar de Mei mei na busca por um modo de ser autêntico, vivenciando possibilidades de vir-a-ser, aberta à experiência de ser-no-mundo adolescente.

Palavras-chave: crescer; fenomenologia; ser no mundo; adolescente.

REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE IDOSOS

Thainá Souza Cruz Belmiro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ana Karina Silva Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O envelhecimento populacional tem ocorrido rapidamente em todo o planeta e, concomitantemente, tem crescido a demanda pela institucionalização de idosos em Instituições de Longa Permanência, sendo esta a forma mais comum de cuidado com os idosos fora da família. Podendo ser governamentais ou não, essas instituições têm caráter residencial e são destinadas ao domicílio coletivo de pessoas idosas, com ou sem suporte familiar, em condições de liberdade, dignidade e cidadania. O objetivo deste estudo teórico é refletir, à luz da ontologia de Heidegger, sobre a institucionalização de idosos. As percepções e vivências do envelhecer consideram as compreensões de cada época e o contexto social. Heidegger nomeia a modernidade como “era da técnica”, que, a partir de suas ideias, compreende que o ser comumente estabelece sua relação com o mundo e com os outros de um modo exploratório e utilitarista, sendo valorizados corpos que atendem a esse chamado: jovens produtivos e autônomos. Em contrapartida, ser-idoso parece permitir pensar em um não lugar frente aos sentidos epocais da atualidade. Ao analisar idosos que vivem nessas instituições, além de sentidos próprios ao envelhecer, como a finitude, parecem emergir temas peculiares à institucionalização, devido a estarem distanciados do que lhes é familiar no mundo e de suas historicidades, como pessoas, espaços e modos de ocupação cotidianas. Além disso, seus horizontes de possibilidades estão circunscritos aos ordenamentos da instituição, os quais dão contorno ao viver desses idosos. Pensando sobre o não lugar do envelhecimento na atualidade, o estudo questiona os sentidos de ser idoso em instituições como as de longa permanência. A importância dessas instituições é visível, tendo em vista as condições materiais e de cuidado que pretendem ofertar, papel que a família nem sempre pode suprir. Contudo, o zelo mencionado ao caracterizá-las parece versar principalmente sobre a saúde do corpo e as necessidades básicas à sobrevivência. Assim, a questão de pesquisa é: que lugar tem as questões da existência de uma pessoa idosa institucionalizada? A previsão é a de que haja mais idosos no mundo nas próximas décadas e a institucionalização parece se tornar uma opção cada vez mais viável à existência dessa população. É, portanto, crucial lançar vista a esse fenômeno, pensando um cuidado que, para além do corpo, esteja preocupado com as questões do ser e com o modo como é possível para ele habitar o mundo.

Palavras-chave: idosos; contemporaneidade; ILPIs; institucionalização.

REFLEXÕES SOBRE A FINITUDE E PRÁTICAS DE CUIDADO EM SAÚDE

Frederico Noronha Clemente
UFRN

Andrea Paula da Costa Munção
UFRN

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a finitude a partir de Heidegger e Sartre, atentando para o cuidado aos enlutados pelos profissionais de psicologia. Em sua ontologia, Heidegger escreve sobre o Dasein, um ser que está em constante (des)construção de si mesmo e com possibilidades a ser desveladas, entre elas, a morte. Porém, o ritmo da Era da Técnica prioriza o escapismo da angústia frente à reflexão de um projeto existencial autêntico. Para o autor, a morte assume esse papel fundamental no atravessamento da impessoalidade a caminho da personalidade, uma vez que a finitude é intransferível e insubstituível, como o acorde final de uma melodia. Sartre contesta essa noção heideggeriana ao não conceber a morte com esse status de “organizadora da existência”, com atenção às mais diversas perdas que ocorrem em vida. Essas perdas e mudanças constituem um projeto existencial do ser ao fazer escolhas entre as possibilidades de cada momento. Além disso, o laço cultural da Era da Técnica desvaloriza o pensamento meditante e atribui significados temerosos à morte. Cada sujeito possui uma relação única com esse fenômeno, isto é, com a tomada de consciência frente à própria finitude. Diante disso, o medo da morte existe independentemente de determinantes sociais, corroborando a ideia de que toda angústia é, em alguma instância, em relação à finitude. Nesse raciocínio, as mortes não são somente biológicas mas também simbólicas, incluindo separações e mudança de vida. O luto é um fenômeno universal, mas carregado de nuances pessoais que cada um possui, tornando-o singular. Dessa forma, os rituais são importantes para lidar com as perdas. Alguns tipos de rituais, como os de conciliação, remetem à ideia de promover uma sensação de estar quite com o desfecho, enquanto que os rituais de afirmação prezam por confirmar a perda, mas a concebendo para além do sofrimento e da dor imprescindíveis, ainda que sem negá-los. Em práticas de saúde, o profissional de psicologia deve ouvir aquele cliente enlutado, compreendê-lo como sujeito em pleno exercício de liberdade sobre sua própria vida e não o reduzir à dor da finitude próxima. Diante do apresentado, o estudo busca relacionar a Fenomenologia existencial nas vertentes heideggeriana e sartriana a projetos existenciais, perdas e lutos inerentes à condição humana, contribuindo para práticas psicológicas de excelência e cuidado humanizado em saúde.

Palavras-chave: fenomenologia; Heidegger; Sartre; finitude; rituais.

REFLEXÕES SOBRE O IMPACTO DO INSTAGRAM NA AUTOIMAGEM DE MULHERES

Beatriz de Breyne Fenner
UNP

Desde a última década, surgiu um novo modo de interação social do homem contemporâneo: as redes sociais virtuais, de modo que as barreiras geográficas e temporais deixam de ser uma restrição. Nesse gradiente histórico, as relações humanas passam a ser mediadas por dispositivos digitais e restritas às experiências audiovisuais, especialmente nessas redes, dentre as quais, a plataforma Instagram tem destaque pelo foco na edição e no compartilhamento de imagens e vídeos em tempo real. Nesse aplicativo, a escolha do conteúdo postado pelos usuários ao engajarem-se obedece a uma lógica de autoapresentação sempre favorável, que, por sua vez, traduz os ideais do horizonte histórico atual: uma perseguição desesperada pela imagem perfeita, juventude eterna, felicidade e o sucesso a qualquer custo. Partindo do olhar que toma como base a ontologia do filósofo Martin Heidegger, o estudo interpreta o fenômeno do Instagram como um espaço em que a impessoalidade reina, isso implica o modo como as pessoas vivem, sendo orientadas pelas convenções sociais e expectativas do mundo, e que são repetidamente afirmadas pelo outro. Nesse contexto, as mulheres têm sentido um peso significativo, pois as suas solicitações incluem beleza, inteligência, felicidade inabalável, maternidade, vida afetiva e um corpo escultural perfeito. Todavia, tais ideais são pesados demais para se sustentar, e consequentemente produzem frustração e sofrimento frente ao senso de fracasso em "não poder ser", sendo esse sentimento acolhido na clínica psicológica. Foi a partir desse fenômeno que surgiu a inquietação para o presente trabalho teórico. Ao realizar uma breve análise, o estudo aponta como a impessoalidade é fermentada pela ideia de que tudo é possível na cultura da realização, da velocidade e da superação incessante, de que tudo se curva à demanda do "eu posso", como analisado pelo filósofo Byung-Chul-Han, que chama a atenção para o processo destrutivo contido nessa falsa liberdade, que culmina na sociedade do cansaço. A partir da interlocução entre os referenciais adotados e dados advindos da experiência clínica com mulheres em sofrimento, foi possível tecer reflexões sobre o modo de ser na contemporaneidade e as possibilidades de acolhimento a partir da perspectiva fenomenológico-existencial, que propõe a conscientização do uso do Instagram e a elaboração de possibilidades mais autênticas.

Palavras-chave: mulheres; Instagram; fenomenologia.

REFLEXÕES SOBRE O PLANTÃO PSICOLÓGICO COM CRIANÇAS

Bruna Gabriella Carvalho de Oliveira
UFRN

Ana Karina Silva Azevedo
UFRN

Lara Raquel Rodrigues e Souza
UFRN

Talita Gomes Varela Barca
UFRN

Calebe Ivanildo Saldanha dos Santos
UFRN

A infância é a primeira fase de contato do Dasein com o mundo. A criança habita esse espaço por meio de descobertas, símbolos, do lugar do faz de conta e do contato com o outro. O presente trabalho visa relatar a experiência clínica no Plantão Psicológico infantil, de fundamentação fenomenológico-hermenêutica, ofertado pelo Serviço Escola de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tal serviço foi ofertado para crianças de até 12 anos de idade, sob livre demanda, no turno vespertino das segundas e quintas-feiras, no período entre 10 de abril e 29 de maio de 2023. A divulgação do serviço ocorreu nas redes sociais dessa unidade institucional, informando: datas, horários de atendimento e quantidade de vagas diárias disponíveis delimitadas pela capacidade de oferta do serviço. O plantão contou com uma escuta inicial com os responsáveis pela criança, seguida de encontros ludoterapêuticos, sendo encerrado o trabalho com uma sessão devolutiva, apresentando orientações de encaminhamento. Ao longo dos encontros, os plantonistas observaram uma alta demanda por avaliações neuropsicológicas com fins diagnósticos, levando os pesquisadores à reflexão acerca de que, nesse horizonte histórico, marcado pela era da técnica, as infâncias vêm sendo interpeladas por uma lógica calculante que tenta mensurar e catalogar os comportamentos infantis em busca de diagnósticos em detrimento de uma compreensão mais ampla do sofrimento infantil. O estudo desvelou tal discurso com base nas vozes cotidianas entoadas por aqueles que estão com a criança diariamente, tais como: familiares e profissionais do ambiente escolar, anunciando um horizonte que restringe o poder-ser infantil ao buscar compreender aquilo que consideram diferente a partir de categorias diagnósticas. Em um fazer clínico norteado pela perspectiva fenomenológico-existencial, é possível pensar a experiência do plantonista como aquele que valoriza o encontro com a criança, considerada como a que fala por si mesma, reconhecendo o protagonismo infantil no processo de desvelamento de seu sofrimento na sessão, apresentando o seu mundo da maneira como é por ela vivenciado, sendo acessado por meio da escuta e da relação com o brincar infantil. Nesse sentido, o cuidado, como é pensado na analítica da existência, urge como uma relação outra com o sofrimento infantil, em contrapartida à lida hegemônica que insiste em encobri-lo pela lógica diagnóstica da era da técnica, a qual anuncia uma urgência por respostas predeterminadas.

Palavras-chave: plantão psicológico; infância; sofrimento; lógica diagnóstica; fenomenologia heideggeriana.

RELATO DE EXPERIÊNCIA ENCONTRO CLÍNICO NA VISÃO DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL DE JP

Yara Jakeline Barbosa Nóbrega Lima
Instituto de Educação Superior de Brasília
Telma Regina Lago Costa
Instituto de Educação Superior de Brasília

No estágio clínico supervisionado do Instituto de Educação Superior de Brasília, entre 25 de março e 6 de julho de 2023, houve atendimentos clínicos com o menor J.P., de 17 anos, sustentado pela abordagem fenomenológico-existencial. A queixa, segundo a mãe, tem relação com a não aceitação do corpo, por possuir uma formação incomum na região inferior da parede abdominal. Formação que ocorre no processo de embriogênese, na formação da bexiga e da uretra. A bexiga fica exposta para fora do abdômen: extrofia de bexiga. A ocorrência desses casos é de um entre 30.000 a 50.000 recém-nascidos vivos, com predominância no sexo masculino. O objetivo deste relato é apresentar a maneira como foi conduzido o processo psicoterápico de J.P., que chegou à clínica com ansiedade e autoestima baixa, com histórico de ideação suicida e insatisfação com o próprio corpo. Os atendimentos presenciais buscaram ir além de um diagnóstico. J.P. é um existente lançado a infinitas possibilidades na interpretação do mundo. Na psicoterapia, conforme sua participação efetiva em seu processo terapêutico, o atendimento convidou o paciente a pensar e agir percebendo outras formas de lidar com o si mesmo e a sua corporeidade. O desafio da psicoterapeuta foi buscar construir uma postura enxergando o paciente despido de impedimentos existenciais, de modo a facilitar novos caminhos, convidando a reflexões sobre as possibilidades que permeiam sua existência. Na clínica, a compreensão fenomenológica só é possível mediante compromissos mútuos e conquistados entre o paciente e terapeuta, com a permissão para traçar um modo para que o paciente construa novos conhecimentos sobre o fenômeno que o faz sofrer. Durante o período de acompanhamento, nos 15 atendimentos, houve uma atuação participativa e comprometida, permitindo a J.P. ver a si mesmo na sua corporeidade, com possibilidade de dar novos sentidos à sua existência. A escuta na clínica permitiu conceituar significações nas quais J.P., ao ser escutado, pôde dar significados do “ser” em seu existir. Essa experiência evidenciou que J.P. passou a descobrir a força de compartilhar as suas dores, aceitando o seu corpo por perceber que só assim ele existe. A psicoterapeuta ampliou, nesses encontros clínicos, a maneira de olhar o outro. Na supervisão, todos os envolvidos tiveram um novo olhar para J.P., que foi além de seu diagnóstico de extrofia de bexiga. Compartilhar essa experiência enfatiza a importância de que, quando há encontro clínico, há transformações para todos os envolvidos não apenas para o paciente.

Palavras-chave: extrofiabexiga; corporeidade; significações.

REVISÃO DE LITERATURA: PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL PARA A ESQUIZOFRENIA, UMA BREVE RETÓRICA

Davi Arnaut Conduru

Universidade Maurício de Nassau

George Mariane Soares Santana

Universidade Maurício de Nassau

Elen Greice Melo Amorim Fernandes

Universidade Maurício de Nassau

A Fenomenologia é um método que busca a crítica do conhecimento universal da essência do fenômeno a partir de uma abordagem descritiva. Quanto ao existencialismo, é possível descrevê-lo como uma “filosofia” da existência, baseada em sua mais pura subjetividade. No campo da psicopatologia e dos transtornos mentais, a corrente fenomenológico-existencial enfatiza a realidade subjetiva e a experiência irreduzível do ser, colocando o sujeito como agente ativo em seu processo de estar-no-mundo, diferindo do método cartesiano positivista. Na esquizofrenia, por exemplo, a Fenomenologia reconhece a experiência subjetiva e a singularidade de cada indivíduo, rejeitando uma simples classificação nosológica. Este trabalho tem o objetivo de apresentar a esquizofrenia sob uma perspectiva fenomenológico-existencial, explorando autores que contribuíram para as discussões nesse campo. O trabalho está baseado em uma breve revisão de literatura, abrangendo publicações sobre o tema sem restrição temporal. A história da esquizofrenia foi inicialmente descrita como *Dementia Praecox* por Kraepelin, mas foi Bleuler quem cunhou o termo “esquizofrenia” para descrever o fenômeno central: a ruptura e a cisão do eu. Biswanger e Boss desenvolveram uma abordagem fenomenológico-existencial da esquizofrenia, considerando aspectos como a desestruturação da articulação primordial entre consciência e mundo; e a atitude profissional, de modo a ver sem deformações aquilo que se mostra a nós do si-mesmo. A clínica fenomenológico-existencial trata da aproximação com as “dissonâncias” presentes na esquizofrenia, buscando a retomada da estrutura melódica da existência do ser no mundo. A cultura e a subjetividade do indivíduo são consideradas importantes na compreensão dos fenômenos apresentados à consciência, no que diz respeito aos aspectos culturais no olhar para a existência. R. Laing compreende que as circunstâncias da realidade vivida pela pessoa com esquizofrenia são, em si, esquizofrenizantes. A abordagem fenomenológico-existencial valoriza primariamente a experiência subjetiva e autêntica do Dasein (ser-aí). A perspectiva existencial reinventa a definição de cura ao buscar a autenticidade genuína. Em suma, a perspectiva fenomenológico-existencial, ao enfatizar a vivência subjetiva e a singularidade, contribui para a compreensão da esquizofrenia e promove a valorização da autenticidade do ser, trazendo diversas contribuições para inúmeros saberes.

Palavras-chave: fenomenologia; existencialismo; esquizofrenia; transculturalidade.

SER EM UM NOVO MUNDO: ESTUDANTES MIGRANTES E O HABITAR

Rita Pinto Amorim das Virgens

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Symone Fernandes de Melo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria Luisa Paes Barreto Pereira de Macedo Machado

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Patrícia Karla de Souza e Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A partir do direito humano de migrar, pessoas motivadas pelo desejo de buscar melhores condições econômicas, sociais ou ambientais fazem a escolha de deixar os seus países, vislumbrando, ou não, a perspectiva de retorno. Com a internacionalização do ensino superior, uma possibilidade para muitos jovens foi a construção de projetos de vida pautados no percurso acadêmico e profissional ofertado pelas universidades estrangeiras. Segundo censo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, em 2021, havia quase 18 mil estudantes estrangeiros no Brasil, 52% vindos da América, 23,5% da África, 12,5% da Europa e 11,75% da Ásia. Esses dados evidenciam que estudantes oriundos dos mais diversos contextos culturais vivem no Brasil, e, assim, buscam adaptar-se à nova cultura e aos ritmos acadêmicos, distantes de suas redes de apoio, estando sujeitos a vulnerabilidades de ordem psíquica, econômica e social, a exemplo de racismo, misoginia e xenofobia. Este trabalho objetiva tecer compreensões, articuladas com a fenomenologia hermenêutica heideggeriana, acerca da experiência de migração de uma estudante africana de uma universidade pública federal, atendida na modalidade de Plantão Psicológico e, posteriormente, psicoterapia no serviço-escola de Psicologia. A jovem, de 19 anos, é atendida no Serviço por apresentar intenso sofrimento psíquico, com presença de somatizações, mialgias e episódios de pânico. Em sua narrativa, há destaque na centralidade de questões culturais, revelando dúvidas e questionamentos em relação a valores tradicionais de sua etnia. A mudança para um país, por ela considerado mais acolhedor e menos hierárquico, vem possibilitando um movimento de abertura no sentido de um ser-mais-próprio. No entanto, o tédio e o temor são disposições afetivas que surgem nesse novo habitar, expressando ansiedade quanto aos riscos de não poder permanecer no Brasil, à saudade de sua família e à solidão diante da dificuldade de se vincular aos pares. Ademais, a língua portuguesa tem destaque em seu processo terapêutico, uma vez que falar em português é difícil para ela, e, ao mesmo tempo, libertador. Este trabalho busca evidenciar a realidade do estudante migrante e suas vulnerabilidades, frequentemente negligenciadas pelas instituições de ensino. A experiência de escuta revela um habitar desalojado, marcado pela insegurança e estranheza, assim como a busca de uma morada, no sentido ético do termo, que traga possibilidades de vir-a-ser.

Palavras-chave: estudantes migrantes; assistência estudantil; psicoterapia; habitar.

SER-EM-FAMÍLIA: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS A RESPEITO DO CONCEITO ESTRANGEMENT

Mariana M Belonio

Nu cafe

Myrna Coelho

Nu cafe

Todos pertencem a uma família e respondem às demandas sociais desta, porém, cada família é única. Heidegger afirma que o mundo-família não é o bastante para abarcar todas as complexidades da existência individual, ao mesmo tempo que reconhece a posição de poder que a instituição social da família ocupa e as expectativas inalcançáveis que produz, como o amor eterno e incondicional, que favorecem atos violentos. Nas ainda raras investigações que tratam do rompimento familiar, o principal relato diz respeito a uma parentalidade fraca, permeada por abusos emocionais, sentimentos de traição e/ou negligência dos pais. O rompimento familiar, sob o argumento de autocuidado e de autopreservação, ainda é desafiador e tido como um tabu. Pesquisas recentes no Reino Unido e nos Estados Unidos discutem um novo conceito chamado *estrangement*, que nomeia o afastamento entre membros de uma família. O *estrangement*, em suma, é um fenômeno complexo e social, marcado pela distância voluntária decorrente de uma relação familiar percebida como negativa. O contexto cultural importa em relação à possibilidade de realizar o *estrangement*, pois, nos locais onde o conceito já está estabelecido, há uma menor necessidade de justificar esse afastamento, uma vez que a percepção da violência é suficiente para que esse ato seja “justificado”. O conceito de *estrangement* vai ao encontro da prática fenomenológica, pois valida o discurso sobre a experiência como algo único e inquestionável. Ele abre a possibilidade de desvencilhamento do tradicionalismo dos discursos psicológicos produzidos sobre família como uma relação que deve ser suportada em nome de uma suposta “saúde mental”. Com essa abertura, há um acolhimento com mais naturalidade de relatos que fogem desse padrão social. As famílias não são monolíticas, sobretudo para a psicologia fenomenológica, cujo dever é quebrar estigmas e verdades absolutas, o que inclui a ideia de família. Ao reconhecer a possibilidade de que a família seja um lugar de violência, seja ela financeira, física, sexual ou psicológica, há espaço para uma melhor escuta terapêutica e para a possibilidade de rompimento. Todo o processo de afastamento e de manutenção desse afastamento é estressante, mas permanecer em um lugar de violência pode ser pior. Dessa forma, o *estrangement* aparece como prática revolucionária no que diz respeito à ampliação de novas reflexões sobre os relatos silenciados pelo mundo, permitindo ao indivíduo, então, novas possibilidades de ser.

Palavras-chave: família; *estrangement*; rompimento; violência intrafamiliar.

SOFRIMENTO EM BURNOUT: UMA APROXIMAÇÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Carolina Gonçalves Mutafi

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Bolsista CAPES

Introdução: o trabalho é uma esfera significativa da vida que tanto pode ser saudável quanto adoecedora, como a síndrome do *burnout*, caracterizada por estresse crônico, com sentimentos de exaustão, afastamento mental do trabalho e sensação de ineficácia ou realização. Objetivos: compreender a experiência do sofrimento no adoecimento pelo *burnout*. Método: estudo qualitativo utilizando formulário socioinformativo e entrevista reflexiva orientada pela questão: “Pode nos contar sua experiência de estar com *burnout*?”. Os critérios de inclusão foram: qualquer gênero, maiores de 18 anos, não aposentados, e pessoas que em sua compreensão tenham histórico ou apresentem *burnout*. Mais da metade das entrevistas foram realizadas e seguirão para análise, que consiste na transcrição, textualização, envio às depoentes para que tenham acesso à interpretação da pesquisadora e possam aprofundar a sua compreensão. Após esses procedimentos, a pesquisadora iniciará a análise hermenêutica, que possibilita compreender o sentido e o significado do sofrimento vivido no *burnout*. Resultados parciais: a fim de ilustrar experiências e sofrimento, seguem alguns resumos de entrevistas, começando por P1 (participante 1), que é advogada autônoma. Passou por *burnout* por até 1 ano quando trabalhava 14 horas por dia além de estudar para concurso. Dormia pouco, sonhava com demandas, sentia dificuldades de produzir, em um ciclo de culpa, cansaço e procrastinação. Relata crises de ansiedade e pesadelos recorrentes. Já P2 é uma mulher de 38 anos, seu *burnout* durou cerca de 6 meses, quando foi morar em Londres, uma vez que dormia cerca de 4 horas por noite, amamentava e cuidava de sua filha. Percebeu que não sentia vontade de viver nem de trabalhar; sentia medo de falar em inglês, se subjugava. Sonhava que se perdia no metrô e interpreta isso como o estado em que estava vivendo. P3 é uma mulher de 40 anos, servidora pública e passa por *burnout* há mais de três anos. Faz acompanhamento psiquiátrico, mas não psicológico. Sofre sobrecarga e agressão verbal por pares, superiores e munícipes. Relata exaustão e vontade de pedir exoneração. P4, mulher de 47 anos, metroviária, teve *burnout* por três anos. Sofreu perseguição, assédio sexual, agressões verbais. Relata isolamento social, crises de ansiedade, ideação e uma tentativa suicida. Discussão e considerações: até o momento, o estudo aponta sofrimento, exaustão, pesadelos e ansiedade. Entretanto, a pesquisa seguirá com a análise citada em método para o desenvolvimento de discussão e considerações.

Palavras-chave: burnout; sofrimento; trabalho; psicologia; saúde mental.

THE VOICE CAPS AD: UM ENCONTRO FENOMENOLÓGICO

Nayara Manhães Chagas Cobuci

Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales

O presente trabalho consiste em um relato de experiência com um grupo de mulheres em tratamento no Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas (*Caps Ad*) (), localizado na cidade de Campos dos Goytacazes. A reunião do grupo ocorria uma vez na semana, com, aproximadamente, 12 participantes, entre 20 e 70 anos, sem um tema prévio. No decorrer dos encontros, houve uma recorrência de histórias marcadas por violências sexuais, psicológicas e físicas, acometidas pelos familiares e parceiros. Diante de inúmeros relatos, o estudo aponta que amor e violência se entrelaçam de tal modo que falar de amor era tratar das violências vividas, revelando um modo possível de se sentirem amadas. Visando respeitar a complexidade do real, desvelando o sentido dentro do próprio fenômeno, a escolha do referencial teórico tem sua base na Fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, que apresenta como possibilidade máxima a superação da dicotomia sujeito/objeto, caminhando para uma ontologia preocupada com a compreensão do sentido do ser, com tudo o que se apresenta para o Dasein (terminologia adotada para ser humano, traduzida como ser-aí). A experiência de habitar um ambiente hostil pode ser vivenciada de diversas formas, não sendo o fato o que importa, mas, sim, como cada qual lida com o que lhe acontece. Os objetivos deste relato são: clarificar o próprio existir no contexto da abertura; promover um espaço de suspensão de valores visando compreender a estrutura de sentido que sustenta esse modo de ser; indicar possibilidades para que a prática da psicologia atue de modo mais integral. Compreendendo a importância da linguagem como horizonte de sentido, o estudo lança mão da música como recurso, pois constantemente os pacientes falavam sobre o *The Voice* (reality musical). Surgiu, então, a ideia de criar o *The voice Caps Ad*. A sala escolhida para o evento já dispunha de uma TV, na qual eram apresentadas as músicas. Os organizadores dispuseram as cadeiras de costas para a TV, colocaram um vídeo musical e a participante virava quando a música a afetasse e relatava como aquela música era sentida por ela. Cada participante que virava a cadeira, olhava para o seu existir. Mantendo, de acordo com o possível, a intensidade da relação junto ao sofrimento e às inquietações daquela existência, os pesquisadores buscaram acompanhar o que acontecia, criando condições para a possibilidade de uma experiência mais apropriativa de si.

Palavras-chave: fenomenologia hermenêutica; mulheres; violências; música.

TRABALHO COM GRUPOS EM INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO

Fernanda Fiuza Bastos de Moraes Pinto
Faculdade Católica do Rio Grande do Norte
Gessica Raquel Clemente Rodrigues
Faculdade Católica do Rio Grande do Norte
Clara Beatriz de Andrade Pereira
Faculdade Católica do Rio Grande do Norte
Klaus Macena Fontenelle
Faculdade Católica do Rio Grande do Norte
Lucas Victor Lemos Germano
Faculdade Católica do Rio Grande do Norte

A infância e a adolescência são marcos importantes de pleno desenvolvimento, sendo primordial a defesa de seus direitos, em especial, das pessoas que estão em contextos de vulnerabilidade social. Nessa direção, o Estatuto da Criança e do Adolescente prevê o acolhimento institucional como uma medida protetiva, provisória e excepcional. No Brasil, há diversas crianças e adolescentes institucionalizados que precisam ter, nesses espaços, a garantia de todos os seus direitos, como saúde, educação, lazer, convivência comunitária, entre outros. Visando garantir o direito à saúde mental, ao lazer e à interação social é que o “Laços do Amor”, grupo de apoio às causas da adoção composto por psicólogos e alunos do curso de Psicologia da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte, vêm realizando trabalhos de grupo nas instituições de acolhimento do município de Mossoró, Rio Grande do Norte. Assim, o presente estudo objetiva ressaltar a experiência dos grupos em instituições de acolhimento a fim de fomentar discussões de estratégias para a saúde mental de crianças e adolescentes vítimas de violência intrafamiliar e diversas negligências. O trabalho realizado nessas instituições trabalha questões concernentes à realidade vivenciada pelos participantes, auxiliando no processo de elaboração acerca das situações de sofrimento, concedendo um lugar de escuta e partilha. As intervenções são realizadas nas três instituições de acolhimento presentes no município. O Núcleo Integrado de Apoio à Criança, onde são acolhidos bebês e crianças até a segunda infância, realiza atividades que trabalham temas como identidade, direitos na infância e família por meio da arte, da leitura e de discussões. Também realiza conversas com as cuidadoras, trabalhando a normalização da adoção, o desenvolvimento na infância e o cuidado nesse estágio do desenvolvimento. O Acolhimento Institucional para Adolescentes e a instituição Aldeias Infantis de Mossoró, onde são acolhidos adolescentes, trabalham questões da adolescência, planejamento de futuro, fortalecimento de vínculos e escuta das angústias. Esse trabalho de grupo leva em conta alguns aportes teóricos da Gestalt-terapia, que é uma teoria de base humanista e fenomenológico-existencial, trazendo um olhar holístico para os acolhidos, a ampliação da fronteira de contato, buscando oferecer novas experiências e discussões, a fim de ampliar e flexibilizar conhecimentos e contato com a realidade. Além disso, os profissionais buscam incentivar e oferecer suporte para que crianças e adolescentes possam crescer e ampliar suas potencialidades.

Palavras-chave: grupo; instituição de acolhimento; gestalt-terapia.

TRABALHO, HORIZONTE EPOCAL E A CONDIÇÃO DE NAUFRÁGIO EXISTENCIAL NA ATUALIDADE

Caroline Garpelli Barbosa
Unip Sorocaba/LEFE-USP

O objetivo desta pesquisa é discutir a experiência de naufrágio existencial e sua relação com nosso atual horizonte epocal. Para isso, tomará como fio condutor a obra de Heidegger e as considerações de Arendt sobre trabalho, obra e ação. Na clínica psicológica, há relatos frequentes de apatia, exaustão e insuficiência, os quais geralmente estão vinculados a narrativas acerca das atividades profissionais. O discurso da psicopatologia tradicional facilmente agrupa essas experiências em categorias diversas – depressão, ansiedade, estresse, *burnout*. Contudo, para compreender o naufrágio existencial de forma ampla, é necessário não deixar de fora o sentido ontológico de tais experiências, o horizonte epocal que as possibilita, bem como a redução das atividades de trabalho ao labor. A época atual está, a partir da lógica conjuntural da técnica, caracterizada pela produção desenfreada, em que tudo parece ser um devir infinito e vertiginoso no qual nada se retém. Além disso, o estudo analisa a glorificação do trabalho produtivo, caracterizado como uma repetição incessante e exaustiva que busca produzir necessidades vitais e bens de consumo, cuja felicidade consiste na possibilidade de se regenerar da exaustão que ele ocasiona. Esse tipo de trabalho não produz algo durável e não favorece que as pessoas tomem seu lugar no mundo coletivo e em sua própria história. Sem poderem habitar as próprias experiências e sem o senso de pertencimento ao coletivo, as pessoas ficam à deriva e são conduzidas a um sentimento de desistência da vida e de desalento, uma vez que o caráter obsoleto de tudo leva ao surgimento de espaços que, por não se constituírem como lugares, não podem ser habitados e esvaziam a existência. Nessa lógica, os corpos buscam a adaptação às exigências frenéticas de trabalho, sendo considerados corpos que precisam ser aptos, saudáveis, produtivos, belos e que, em muitos casos, estão marcados pela exaustão. Nos campos das relações, os outros aparecem como concorrentes a ser superados, com os quais não se pode contar. Como consequência, há frequentes relatos de solidão e de dificuldade para o estabelecimento de relações afetivas que envolvam intimidade. Por fim, com as atividades de trabalho cada vez mais atravessadas pela precariedade de direitos nos mais variados âmbitos, cabe a reflexão sobre quais os modos de cuidado que devem habitar as práticas psicológicas diante do naufrágio existencial.

Palavras-chave: Heidegger; Arendt; sofrimento; técnica.

TRANSTORNOS ALIMENTARES COMO FENÔMENOS EPOCAIS

Gabriel César Silva Rodrigues

Universidade Federal de Minas Gerais
Bolsista CAPES

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Introdução: é possível desvelar o modo anoréxico/bulímico de existência como fenômeno epocal, não só pela pressão estética mas também pela compreensão do corpo como algo quantificável e que necessita de intervenção técnica. Por compreender o corpo como um objeto entre tantos outros, seria possível e necessária sua intervenção a partir de alimentação regrada, exercícios com fins estéticos e expurgos compensatórios, combatendo a indeterminação da existência, o descontrole do engordar e uma lida poética com esse objeto, ou seja, há necessidade de uma aceitação do desvelar sem interferência do ser, valores antagônicos na era da técnica. Ao confrontar a insatisfação corporal, os modos de enfrentamento desse quadro ocorrem com uma radicalização do controle, incentivando uma alimentação específica, argumentando parâmetros biológicos para confirmar a pessoa diagnosticada com anorexia/bulimia como doente. Oferecer um tratamento atravessado por técnicas e quantificações mais apuradas não desvela o caráter poético do corpo, que ele se desvela a partir de si e com características independentes do controle humano. Aceitar a limitação e a facticidade do ser são pontos abarcados pela clínica Daseinsanalítica, que destaca, além da mensurabilidade, o caráter relacional do corpo, algo nomeado como *leib*. **Desenvolvimento:** a técnica tem como base o desabrigar de algo com um objetivo, ou seja, não mais o que era, mas não ainda o que será e que saciará o requerer inicial. Seus pontos centrais são: i) modificação; ii) quantificação; e iii) utilização dos entes dispostos, algo caro à psicologia, uma vez que pode atravessar a compreensão do Dasein sobre si, dado que também é disposto pela técnica. As perspectivas técnicas e quantificadas captam os processos existenciais, como tonalidades afetivas, e o corporar, distanciando o ser de processos próprios antagônicos a esse modo de leitura dos fenômenos. A capacidade de domínio da natureza pelo Dasein, propiciada e incentivada na Era da Técnica, ocorre também na dominação do *körper*, algo mais evidente em casos tidos como transtornos alimentares, como a anorexia e a bulimia. **Considerações finais:** há relatos de alteração desses diagnósticos ao buscar com os atendidos o *leib* além do *körper*, ou seja, o corpo além das medidas objetivas, resgatando assim, o ponto de corpo como abertura e potencializador da existência.

Palavras-chave: corporeidade; era da técnica; transtornos alimentares.

ÚLTIMO GRITO: COMPREENSÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE SUICÍDIO EM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Amanda Melo Queiroz da Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Bolsista UFRN

Ana Karina Silva Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Dados estatísticos revelam o aumento da violência contra as mulheres. O suicídio é fenômeno que também cresce no público feminino, sendo reconhecido na literatura que, enquanto os homens são os que mais se suicidam, as mulheres são as que mais apresentam ideações e tentativas de suicídio. Estudos internacionais sinalizam uma forte relação entre um histórico de experiências de violência na vida de mulheres e a propensão para comportamentos suicidas. A partir do exposto, este estudo, que parte de uma pesquisa de mestrado, lança as seguintes questões: como o suicídio aparece como possibilidade concreta para mulheres em situação de violência? Qual o horizonte de sentido que enlaça mulheres violentadas a sua trama, fazendo emergir a escolha por findar o próprio existir? Dessa forma, o estudo objetiva compreender os sentidos de desistir de viver para mulheres em situação de violência, sendo utilizado método inspirado no círculo hermenêutico heideggeriano. Nesse sentido, realizará entrevista com três mulheres, maiores de 18 anos, que tenham vivenciado situação de violência doméstica (notificada ou não) e apresentado ideação ou tentativa de suicídio. O acesso a essas mulheres tem sido possibilitado por meio da divulgação da pesquisa em instituições de aparato legal de enfrentamento à violência doméstica e familiar: o Centro de Referência Elizabeth Nasser e o Instituto Técnico-Científico de Perícia, bem como entre profissionais psicólogos com atuação próxima ao grupo pesquisado, via redes sociais. A entrevista-narrativa consiste no instrumento de acesso à experiência das mulheres, com questão que convoca as entrevistadas a narrarem sua história, contemplando a vivência como mulher em situação de violência. Como resultados parciais, destaca o modo como a violência perpassa toda uma trama existencial, não se constituindo como um episódio isolado, e, sim, como parte de um cenário em que os autores e as formas de ocorrência são diversos. A experiência da violência reverbera ao longo da vida, sendo incorporada ao modo de experienciar o mundo e referência para a forma de se relacionar com o outro. As reverberações emocionais aparecem a partir de sentimentos de solidão, tristeza, bem como de comportamentos autodestrutivos, a exemplo das autolesões e tentativas de suicídio.

Palavras-chave: violência contra a mulher; pesquisa fenomenológica; suicídio; Heidegger.

UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICO SOBRE O SOFRIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE

Lívia Grijó Halfeld

Universidade Federal Fluminense

Nos últimos anos, na prática clínica, há uma crescente psicopatologização da vida mostrada a partir da nomeação, por parte de alguns pacientes, de experiências de sofrimento como ansiedade, depressão, entre outras categorias diagnósticas que ganharam popularidade ao longo dos anos. Os pacientes parecem buscar determinar o agente causador do que estão sentindo, a fim de que este seja eliminado e de que possam corresponder aos ideais de desempenho, felicidade, isto é, aos ideais de normalidade do mundo atual. Na era da técnica, não há espaço para experiências como a do sofrimento, que possam vir a interromper a azáfama cotidiana. Então, não por acaso, o fenômeno do sofrimento aparece nesse horizonte como um mal a ser eliminado, predominando um paradigma médico-psiquiátrico de compreensão de seus fatores, que distancia o ser-aí de seu sofrimento e de si mesmo. A partir da Fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger e das contribuições da Daseinsanalista Alice Holzhey-Kunz, este estudo busca outra compreensão do fenômeno do sofrimento, fundamentada na constituição ontológica do ser-aí. Esse ente marcado por uma nadidade estrutural, que tem de ser para ser, busca incessantemente fugir no cotidiano dessa nadidade, deixando-se determinar pelo mundo, desviando-se de si mesmo e de quaisquer experiências que o lancem diante de sua essência. Apesar disso, há um lastro de nadidade que sempre subsiste, que está presente nas experiências humanas e que ameaça constantemente o projeto cotidiano de obscurecimento do ser. As experiências de sofrimento, que ocorrem muitas vezes a partir da não correspondência à cadência da técnica ou diante de situações de desamparo ético-político, podem levar a uma crise do cotidiano impessoal. Na crise, em meio ao despertar de tonalidades afetivas fundamentais, de uma escuta aguçada às questões ontológicas da existência, o ser-aí vê a si mesmo lançado, sem escolhas. A crise traz o caráter primordial de estranheiridade do ser-aí. Diante da insuportabilidade dessa experiência, o ser-aí pode, mais uma vez, fugir de si mesmo, assumindo modos privativos de ser que buscam lidar com o ver a si exposto à própria essência. O estudo aponta que o fenômeno do sofrimento está relacionado à condição humana e não apenas à dificuldade de o ser humano hoje lidar com experiências que interrompam o automatismo cotidiano e com a própria existência.

Palavras-chave: sofrimento; técnica; nadidade; escuta aguçada; Heidegger.

VIOLÊNCIA VELADA E RELACIONAMENTO ABUSIVO NOS CASAMENTOS NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA E HERMENÊUTICA

Daniela de Melo Julianetti
Instituto Dasein

O presente trabalho pretende esclarecer uma possibilidade de ampliar o olhar, a partir da perspectiva fenomenológica e hermenêutica, para a violência e os abusos nos casamentos e para o fato de como esses relacionamentos não se mantêm saudáveis, afetando de alguma forma aquela pessoa, o casal ou a família, que estão vivenciando uma relação abusiva. Desse modo, não há qualidade de vida, o que acarreta prejuízos para essas pessoas que escolhem estar nesse casamento. A violência, especificamente, é um problema do ser. Nessa condição ontológica, ela traz elementos estruturais que estão na base desse controle, quando a pessoa percebe a dificuldade de lidar com algo que não consegue suportar, ou a possibilidade que o outro possa ser, possa poder e agir, havendo uma resposta reativa a esse controle. Quando a violência impera, abre espaço ao inseguro, à impossibilidade, ao temor e à angústia de não poder ser ou de tentar exercer o poder sobre o outro, violando, infringindo, transgredindo o modo de ser deste que, em um movimento de coexistência, é violado. A motivação para essa pesquisa surgiu da experiência como psicóloga clínica, trabalhando com pessoas em relacionamentos conjugais que buscavam ajuda para lidar com os sofrimentos relacionados a dinâmicas de violência e abuso no casamento. Este estudo visa compreender como esses atos afetam a conjugalidade na prática da terapia de casal. Nesse sentido, a Fenomenologia permite compreender o outro e o mundo para além de um método, como uma forma de viver e apreender o que o cerca. No contexto dos relacionamentos abusivos, é essencial abordar a relação entre poder e violência, ampliando para os diferentes tipos de violência, dando mais atenção à violência psicológica, muitas vezes, velada, que não deixa marcas físicas visíveis, o que dificulta sua detecção e compreensão. Essa atenção e esse cuidado são essenciais para promover a saúde emocional e o bem-estar das pessoas envolvidas nessa relação abusiva. Assim, fica a reflexão sobre a relação entre poder, violência e a gravidade da violência psicológica, que causa danos profundos à autoestima e à integridade emocional da pessoa. No contexto terapêutico, a abordagem fenomenológica e hermenêutica pode fornecer ferramentas valiosas para auxiliar casais em situações de violência e abuso contribuindo para a compreensão e a intervenção nesse contexto. A investigação desses fenômenos visa à promoção de relacionamentos saudáveis, baseados no respeito, na igualdade e no cuidado mútuo.

Palavras-chave: violência; relacionamento; terapia; psicologia; fenomenologia.

VIVÊNCIA DO TEMPO EM UNIVERSITÁRIAS DEPRIMIDAS NA PANDEMIA SEGUNDO O MÉTODO FENÔMENO-ESTRUTURAL

Ariane Voltolini Paião

Universidade de São Paulo
Bolsista FAPESP

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez
Universidade de São Paulo

Diversas áreas do conhecimento científico investigaram amplamente o tempo. Eugène Minkowski retomou os conceitos do filósofo Henri Bergson de tempo cronológico e duração vivida e, apesar de algumas divergências, sofreu essa influência para alcançar as características e as alterações do tempo vivido nos pacientes. A partir da observação da desagregação da noção do tempo na melancolia esquizofrênica, Minkowski passou a compreender os estados depressivos na perspectiva fenomenológica do tempo. Além da depressão, a vivência do tempo também aparece de forma alterada em outras situações, como a pandemia de covid-19. Tendo em vista que a depressão está relacionada a uma alteração na vivência do tempo, intensificada pela pandemia, o objetivo deste estudo é investigar a vivência do tempo em universitárias deprimidas devido a essa situação de crise mundial. A metodologia da pesquisa é o estudo de casos realizado com três universitárias, considerando que o conhecimento obtido a partir de poucos casos pode ser modelo para muitos casos, tendo em vista que cada indivíduo possui aspectos universais. O estudo captou a vivência do tempo para universitárias deprimidas com base em 30 atendimentos clínicos, compreendidos pelo método fenômeno-estrutural, desenvolvido por Minkowski a partir do método fenomenológico aplicado à psicopatologia. Os resultados parciais da pesquisa, obtidos por meio de um dos três estudos de caso, mostraram uma vivência do tempo acelerada e que não apresentou indícios evidenciados pela linguagem de que tenha sofrido influência da pandemia, considerada pela aluna um evento do passado no período dos atendimentos. Como conclusão parcial, o estudo aponta que, em alguns momentos, o futuro é impedido, barrado, pela ideia de morte, isso ocorreu, por exemplo, em algumas pessoas com o surgimento da pandemia. No entanto, esses momentos podem ser passageiros. Com isso, ocorre o reestabelecimento da vida, do ímpeto vital. Nesse processo, os seres humanos pensam, agem, desejam e a sucessão de dias parecidos é ultrapassada em direção ao futuro.

Palavras-chave: tempo; depressão; Covid-19; universidade; método fenômeno-estrutural.

VIVÊNCIAS DE ESTAGIÁRIOS EM ATENDIMENTOS DE PLANTÃO PSICOLÓGICO

Vera Engler Cury

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Lucas Silva Suniga

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Vitória Dourado Alves

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Ana Clara Aguiar Padilha

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Luiza Eduarda Miranda

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Este estudo consiste em um relato de experiência sobre as vivências de quatro estagiários do nono período do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, ao longo de um semestre de atendimentos em um Programa de Plantão Psicológico, disponibilizado semanalmente de modo virtual para pessoas de todo o Brasil e do exterior. O enfoque teórico-metodológico utilizado nos atendimentos tem sua base na abordagem centrada na pessoa. O estudo compreende o atendimento como um acontecer clínico a partir de uma postura fenomenológica dos plantonistas, ou seja, eles apreendem as demandas emergenciais dos clientes em um clima de empatia e aceitação. O relato tem por objetivo refletir acerca do traço distintivo do Plantão Psicológico como modalidade de atenção psicológica institucional de caráter emergencial e pontual no que diz respeito à formação de psicólogos na área clínica. Os atendimentos gratuitos são realizados via Skype, em três horários fixos semanais, contando com três a cinco plantonistas em um período de quatro horas e estão abertos a qualquer pessoa com pelo menos dezoito anos. O plantonista da recepção acolhe os clientes e coleta os dados de identificação, verifica condições necessárias para o atendimento e os direciona a outro plantonista para o início da sessão. Ao final do atendimento, o plantonista pode realizar outros encaminhamentos e enviar informações referentes a outros serviços, quando se fizerem necessários. Para tanto, atualiza uma planilha com uma breve descrição do atendimento como forma de compor uma base de dados para futuras pesquisas e auxiliar o atendimento no caso de novo contato por um cliente já atendido. O estudo conclui que o Plantão Psicológico, baseado em um ambiente relacional facilitador, propicia uma escuta diferenciada e a restauração, em alguma medida, de seu fluxo experiencial. Também oferece uma aprendizagem significativa aos graduandos em Psicologia, desafiando-os a exercitar atitudes facilitadoras com intuição e criatividade, desenvolvendo-as, nesse contexto particular, ao enfrentar o desconhecido em si mesmo e no cliente, ensejando um raciocínio clínico ágil e contextualizado nos estagiários. Assim, esse atendimento amplia a formação ao colocar os estagiários em contato com uma grande variedade de casos atendidos, além de contribuir para o avanço do conhecimento científico sobre as aplicações dos princípios norteadores da abordagem centrada na pessoa na prática da atuação profissional de psicólogos clínicos.

Palavras-chave: plantão psicológico; Abordagem Centrada na Pessoa; psicologia clínica; fenomenologia.



LINHA TEMÁTICA

Fenomenologia, pesquisa e formação em psicologia

A ABORDAGEM HUMANIZADA DOS BOMBEIROS NOS EVENTOS DE TENTATIVA DE SUICÍDIO

Kelli Cristina Santos Bastos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Ana Maria Lopes Calvo Feijoo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A existência humana circunscreve um universo vasto de significações constituídas a partir da compreensão do homem acerca de sua finitude. Portanto, se o reconhecimento de sua natureza finita (ser-para-a-morte) produz sentido à vida, a renúncia ao direito à existência, promovida pelo suicídio, tende a despertar muito interesse para os pesquisadores em geral, os quais apontam os meandros do sofrimento existencial como provável justificativa da morte voluntária. Este estudo pretende subverter a ordem das reflexões que, em sua maioria, tomam posse da análise acerca daqueles que se dedicam a abreviar a própria vida. O foco dessa análise é trazer compreensão sobre a prática laboral daqueles que salvam as vidas em risco iminente, os bombeiros militares, em articulação com fundamentações da fenomenologia existencial de Martin Heidegger. O estudo toma por base o relato de experiência de uma tenente-coronel, psicóloga do Corpo de Bombeiros Militar do Rio de Janeiro, com formação (2021) no Curso de Abordagem Técnica a Tentativas de Suicídios, oferecido pelo Corpo de Bombeiros Polícia Militar do Estado de São Paulo. A partir desse relato, revela pontos cruciais da vida desses profissionais com o salvamento de casos reais, os quais exigem total perspicácia do bombeiro na aplicação de técnicas capazes de dissuadir o “tentante” do cometimento do ato suicida; elucida como a vivência do precursor da abordagem, que, a partir de um instante epifânico, durante um salvamento ocorrido em 2006, passa a questionar a estratégia tradicional, até então adotada por toda a corporação, apoiada na técnica de distrair o possível suicida a fim de retirá-lo abruptamente do cenário de risco (“distrai e pega”); e institui uma abordagem humanizada, que busca promover uma interlocução entre a vítima e o profissional, a fim de compreender o sentido existencial do ser-no-mundo, cunhado no reforço de aspectos positivos e a atenuação dos pontos negativos do existir. A relevância social deste trabalho ultrapassa a qualidade do atendimento oferecido à pessoa em situação de risco, possibilita, sobretudo à vítima, um aporte reflexivo sobre sua existência, pautado na luta pela vida, observando todas as circunstâncias que envolvem o momento decisivo e transformador que é o suicídio.

Palavras-chave: abordagem humanizada; bombeiro militar; suicídio.

A ESCUTA FENOMENOLÓGICA DE MULHERES EM BRAQUITERAPIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Yoná Ingrid Trajano de Moraes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Bruna Ribeiro da Silva

Universidade Potiguar

Akaliny Araújo Martins da Silva

Universidade Potiguar

Luciana Fernandes de Medeiros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Introdução: braquiterapia é uma palavra de origem grega que significa “terapia de alcance curto”. Consiste em uma forma de radioterapia utilizada no tratamento oncológico com implante temporário da fonte radioativa dentro ou perto das células tumorais, sendo um tratamento mais específico e localizado. É indicado para mulheres diagnosticadas com câncer ginecológico, podendo ser realizado antes ou depois da cirurgia, após quimioterapia e radioterapia ou, exclusivamente, como única indicação de tratamento. Por ser um procedimento invasivo e pouco conhecido, pode levar a paciente a sentir medo e angústia. **Objetivo:** proporcionar uma escuta de cunho fenomenológico-existencial para mulheres com câncer ginecológico, com indicação de braquiterapia. Mais especificamente, compreende a experiência de cada mulher, buscando a essência do fenômeno vivenciado por elas. **Método:** o estudo recorreu à experiência das pesquisadoras como estagiárias de um hospital de referência de tratamento do câncer, localizado em Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, entre 2022 e 2023. O referido local é uma unidade ambulatorial de diagnóstico e tratamento que sedia setores de radioterapia, quimioterapia e medicina nuclear. O estágio conta com supervisões individuais e coletivas das psicólogas especializadas da instituição. **Resultados e discussão:** durante os atendimentos para avaliação e preparação para a braquiterapia, o estudo aponta os seguintes sentimentos suscitados: o ser-com-o outro inautêntico no convívio com o câncer e a angústia ante o desconhecimento do procedimento. Nas falas, as mulheres enfatizaram a temporalidade da vivência com o tratamento e a esperança de ser curadas. O estudo busca desvelar, por meio dos discursos, dos gestos e muitas vezes, até do silêncio, como elas enfrentam esse tratamento e qual o sentido que haviam atribuído. Nessa perspectiva, novas possibilidades surgiram como importantes questões relacionadas ao cuidado. **Conclusão:** os atendimentos ambulatoriais com essas mulheres permitiram a construção de um vínculo, de ser com o outro, de encontrar novas possibilidades, buscando compreender suas afetações em um contexto significativo e temporal. Essa é uma experiência de ser-com-o-outro, encontrando novas possibilidades frente ao modo restrito de viver, para além do contexto oncológico, em um ato de cuidado.

Palavras-chave: psicologia hospitalar; braquiterapia; fenomenologia.

**A EXPERIENCIA DA VELHICE: EM-VELHO-SER UMA COMPREENSÃO
FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL**Andrea Cristina Taelin Biselli
PUC-SPIda Elizabeth Cardinalli
PUC-SP

Os séculos XX e XXI são marcados por avanços científicos e tecnológicos que melhoram as condições gerais de saúde, mesmo diante das desigualdades sociais, levando a humanidade a uma grande conquista: a longevidade. Entretanto, o aumento da expectativa de vida consiste em um cenário complexo e desafiador diante do envelhecimento. Enquanto o envelhecer aparece como um processo universal demonstrando em seu decurso eventos biopsicossociais e surgimento de doenças crônicas, a velhice é vivenciada de maneira singular e implica o modo como cada pessoa a experiencia e se relaciona com as diversas representações da velhice, do velho e do envelhecer no contexto cultural em que vive. Este projeto de tese objetiva compreender o modo como a pessoa idosa (60+) experiencia a velhice a partir da narrativa sobre suas relações familiares e de amizade; as manifestações das limitações corporais; a proximidade com a morte; seus sonhos e projetos futuros, empregando a fenomenologia existencial como referência teórica. A tese propõe o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa orientada pelas proposições heideggerianas resguardando a importância de não transformar os existenciais em categorias de análise na busca por compreender os desdobramentos dos modos de existir dos participantes. Para a captação dos participantes, a pesquisa adota os moldes da amostragem não probabilística: bola de neve (ou *snowball*) que utiliza redes de referência e indicações. Os protagonistas da pesquisa serão pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, sem distinção de gênero e escolhidos por amostragem intencional. Para interrogar o fenômeno que se pretende conhecer, utiliza os diários de campo da pesquisadora e a entrevista narrativa como um modo de recolher depoimentos/narrativas de experiência evocadas a partir da questão-bússola. O uso das entrevistas-narrativas visa explicitar as contribuições da abordagem fenomenológico-existencial para o esclarecimento da experiência da velhice tendo como norteadora a pergunta disparadora. Como resultado, o estudo espera contribuir para discussões sobre a velhice, a prática clínica e o desenvolvimento de outras pesquisas com idosos, como também oportunizar debates e reflexão sobre o tema velhice na perspectiva fenomenológico-existencial contribuindo para ampliar a visão sobre o velho e o envelhecer.

Palavras-chave: velhice; idoso; envelhecimento; fenomenologia-existencial.

A EXPERIÊNCIA VIVIDA POR PACIENTES ANSIOSOS EM PSICOTERAPIA DE GRUPO HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA

Bruna Soares Picanço

Universidade de Fortaleza

Bolsista APHETO

Lucas Guimarães Bloc

Universidade de Fortaleza

Bolsista APHETO

O surgimento e o agravamento de casos de transtornos ansiosos têm sido uma realidade preocupante na conjuntura atual, tendo em vista, por exemplo, os impactos negativos da pandemia de covid-19 e outros potencializadores. Em função do aumento no número desses casos, é necessário um novo olhar sobre o fenômeno da ansiedade, buscando formas de cuidado e de tratamento. A psicoterapia de grupo, então, em função da sua capacidade de alcance, surge como uma alternativa que pode ser eficaz. Este trabalho é um recorte de uma pesquisa, realizada pelo Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica, que buscou analisar a eficácia da psicoterapia como intervenção clínica em pacientes obesos e em pacientes com queixas de ansiedade. O objetivo é descrever uma experiência de psicoterapia de grupo humanista-fenomenológica vivenciada por pacientes ansiosos. O processo de coleta de dados acerca da experiência citada ocorreu a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com seis pacientes, escolhidos de forma aleatória na amostra geral, que participaram da psicoterapia de grupo de forma assídua por seis meses. A análise dos dados tem como base o método de análise *Interpretative Phenomenological Analysis*. Nesse sentido, as categorias descreveram, de forma mais ampla, a experiência vivida pelos pacientes e o processo de mudanças de cada um, a saber: mais capacidade de autopercepção, aprofundamento das relações de sentido com a realidade e enriquecimento dos processos intersubjetivos. A análise das temáticas citadas, a partir da lente fenomenológica, sugere que o espaço do grupo foi mobilizador de um processo de “dar-se” conta dos próprios sentimentos íntimos e dos modos de funcionamento que os sustentam. Essa dinâmica surge a partir das relações estabelecidas entre si próprio e os demais, com o compartilhamento de histórias e as trocas de experiências, que tornam possível reviver sentimentos e dar novos significados às próprias experiências vividas. A análise fenomenológica possibilitou, ainda, o aprofundamento dos diferentes sentidos dados pelos pacientes à psicoterapia de grupo, que aparece como um espaço de vínculo, aprendizado e acolhimento. Dessa forma, foi possível identificar as diversas possibilidades que podem surgir na psicoterapia de grupo e no entrelaçamento existente entre homem e mundo.

Palavras-chave: psicoterapia de grupo; humanismo-fenomenológico; experiência vivida; ansiedade.

A FALTA DE UM OLHAR EXISTENCIALISTA NO ESPORTE

Lucas Vitorino da Silva

Estudos envolvendo a psicologia têm o potencial de abranger diversas esferas, não se limitando apenas à área clínica, o que é comumente relatado pela maioria da população e até mesmo pelos profissionais. Contudo, é importante destacar que existem áreas para além desse segmento que enfrentam uma falta de reconhecimento, investimentos e perspectivas diferentes sobre os fenômenos em questão. Nesse caso, o estudo tratará especificamente da perspectiva fenomenológico-existencial na Psicologia do Esporte e do Exercício. Para tanto, tem como objetivo trazer à tona a escassez da perspectiva da Fenomenologia existencial na Psicologia do Esporte e do Exercício. Em uma visão geral, parte da visão que os estudos do esporte e do exercício não dizem respeito apenas ao desenvolvimento positivo da performance dos atletas mas também ao seu bem-estar subjetivo, assim como ao das equipes e comissões, além de aprimorar as relações entre mente e corpo. Apesar disso, há uma maior produção de conteúdos nessa área voltada tanto para a abordagem cognitivo-comportamental quanto para a psicanálise. Poucos estudos adotam perspectivas fenomenológicas, e quando se trata da fenomenológico-existencial, tais produções são ainda mais escassas. Essa escassez pode gerar uma limitação na visão do homem em relação ao contexto esportivo, tanto para profissionais quanto para os demais envolvidos, como atletas e equipes técnicas. O existencialismo é importante ao ajudar o indivíduo a sentir sua existência como algo real, de modo a conscientizar-se de suas potencialidades e a capacitar-se para agir apoiado nelas. No contexto esportivo, essa característica pode ser fundamental para o sujeito compreender sua própria existência no mundo esportivo, sendo isso intensificado em meio ao processo de alienação que ocorre fortemente no mundo ocidental, onde gradualmente ocorre uma perda do senso de ser. Tal fenômeno pode ocorrer pela repressão no sentimento do ser, desintegrando-o e substituindo por algo externo que não lhe pertence. Portanto, além de analisar o passado e adotar perspectivas seguras em técnicas, é essencial analisar o sujeito com base em sua própria existência, compreender quem ele é e suas potencialidades para se tornar quem realmente é.

Palavras-chave: psicologia do esporte; existencialismo; perspectiva.

A INTERSUBJETIVIDADE NA PSICOTERAPIA DE GRUPO HUMANISTA- FENOMENOLÓGICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Fugita Carvalho

Universidade de Fortaleza
Bolsista APHETO - CNPq

Karla Carneiro

Universidade de Fortaleza

Lucas Bloc

Universidade de Fortaleza

A psicoterapia de grupo é uma modalidade de intervenção clínica que pode potencializar os processos de mudança nos indivíduos por meio da relação com o grupo e com os facilitadores. Esse espaço possibilita o encontro de histórias, sendo uma forma psicoterapêutica eficiente para indivíduos com queixas de ansiedade. No entanto, em função da complexidade desse encontro intersubjetivo, a psicoterapia de grupo desponta como um verdadeiro desafio para psicoterapeutas iniciantes. O presente trabalho objetiva relatar a experiência e as percepções de três estagiários clínicos que facilitaram, durante 5 meses, de fevereiro a junho de 2023, um grupo de psicoterapia para pacientes com queixa de ansiedade. O laboratório Apheto constituiu esse grupo para uma pesquisa, que objetivou avaliar os processos de mudança em pacientes com queixa de ansiedade que estiveram em psicoterapia de grupo humanista-fenomenológica. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram as versões de sentido dos psicoterapeutas, analisadas por meio do *Interpretative Phenomenological Analysis*. A versão de sentido consiste em um relato espontâneo que busca acessar os sentidos da experiência vivida, captar as emoções e as vivências pré-reflexivas. Como resultado, a análise apresentou a complexidade da experiência intersubjetiva, compreendida a partir dos conceitos da Fenomenologia de Merleau-Ponty, como um grande desafio para os psicoterapeutas, que captaram, durante as atividades do grupo, diversas questões e experiências pessoais expostas por meio das expressões (verbais e não verbais) dos participantes. Isso ocorre devido à ambiguidade presente na experiência de ser aquele que toca, mas que também é tocado, em um mesmo movimento. Pela noção de carne como elemento que liga o eu e o Outro, o estudo aponta que o encontro com o paciente e com o grupo também é um encontro consigo. Ao mesmo tempo, a intersubjetividade permite aos facilitadores criarem com o grupo uma rede de sustentação que acolhe os participantes, permitindo-lhes acessar as suas experiências e desenvolver o autossuporte para lidar com os desafios da vida. O estudo conclui que a supervisão, mediada pelas versões de sentido, a psicoterapia individual de cada facilitador e a parceria desenvolvida entre os facilitadores são aspectos centrais para o desenvolvimento do grupo e a promoção do encontro entre os participantes.

Palavras-chave: psicoterapia de grupo; intersubjetividade; Merleau-Ponty; psicoterapeuta iniciante; experiência.

A MONITORIA COMO INCREMENTO À FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA HEIDEGGERIANA

Pedro Sonehara de Moraes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Hector Lucca Feitosa Guerra

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Bolsista PROGRAD/UFRN

Cynara Carvalho de Abreu

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Esse relato diz respeito à experiência de ser monitor em um curso de Psicologia, atuando no serviço-escola de Psicologia junto às turmas de estágio obrigatório de quarto ano em psicologia clínica, na perspectiva da fenomenologia hermenêutica. As atividades desenvolvidas pelos monitores – estagiários de quinto ano – consistem em: participação na supervisão dos casos atendidos, na escolhas e na indicação de textos de fundamentos teóricos e filosóficos para a prática clínica à luz da Filosofia da Existência; escuta dos casos – ao que temos chamado de “intervisões” (supervisão entre os estagiários); leitura e comentários dos relatos de atendimento feitos pelos estagiários, configurando constantes apoio à supervisora de estágio e suporte aos quartanistas. Considerando o exposto e a partir da ontologia heideggeriana, este estudo objetiva tematizar as repercussões formativas para os monitores como futuros psicólogos fenomenológico-existenciais e potenciais docentes. Dentre as atividades da monitoria requeridas, o estudo destaca principalmente a disponibilidade de escuta atrelada a uma atitude fenomenológica, visto que é esperada uma postura antinatural para ouvir atentamente os casos, perceber como os monitorandos são por eles afetados e complementar as reflexões e os encaminhamentos feitos pela professora supervisora. Nesse contexto, há implicação de ambos, monitor e monitorando, que se veem enredados na tentativa de compreensão do fenômeno apresentado pelos clientes, com exposição de suas angústias durante as sessões, considerando o que esses relatos podem desvelar. O exercício da escuta pelo monitor tem destaque como aspecto formativo relevante, principalmente considerando a ideia de círculo hermenêutico heideggeriano, que sugere um virtuoso movimento circular permitindo pensar o processo a cada vez, a cada encontro, a cada caso, a cada reflexão compartilhada. Esse exercício consiste em um constante movimento de potente oportunidade de retorno à própria formação. Nesse caso, não somente a escuta mas também o reencontro com os textos iniciais sobre a Filosofia Heideggeriana trazem novos sentidos e convidam o monitor a novas compreensões do que deu início ao seu caminho mais próprio na Psicologia. Assim, o estudo aponta que a experiência da monitoria no contexto apresentado consiste em um bom caminho não apenas para a iniciação à docência mas também para a formação de futuros psicólogos fenomenológico-existenciais, visto que exercita a escuta clínica, incentiva os estudos e incrementa a formação em nível de graduação.

Palavras-chave: monitoria; iniciação à docência; supervisão; psicologia clínica; fenomenologia heideggeriana.

A TEMPORALIDADE MANÍACA DE JOÃO SOB A PERSPECTIVA DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY

Juliana Lima de Araújo
Universidade de Fortaleza
Virginia Moreira
Universidade de Fortaleza

A partir da fenomenologia de Merleau-Ponty, o estudo reflete sobre a temporalidade no funcionamento maníaco de João. Esta pesquisa utiliza o método qualitativo de cunho fenomenológico. O atendimento do paciente João ocorreu ao longo de sete meses em um hospital, na cidade de Fortaleza, Ceará. Como eixo discursivo, o estudo destaca a experiência da mania a partir de relatos descritivos escritos em primeira pessoa pela pesquisadora após cada encontro clínico. Houve, nos encontros, a vivência de entrelaçamento do mundo vivido (Lebenswelt) entre a pesquisadora e o participante. João possui diagnóstico de Transtorno Afetivo Bipolar tipo 1. Tem histórico de internação de longa duração e de ter morado na rua. João descreveu suas crises atravessadas por experiências de aceleração, desorganização corporal, fala desarticulada, agressividade e uma quebra de uma linha existencial que sustentava sua rotina e sua identidade. A análise parte de possibilidades de funcionamentos maníacos como modos de ser em contato com o mundo que se aproximam em múltiplas experiências, para além de um diagnóstico. O estudo da temporalidade é um dos eixos para sua compreensão e será discutido a partir da obra Fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty. Há uma aproximação e maior compreensão da mundaneidade ao descrever essa relação com o tempo. Nessa perspectiva, o tempo não existe fora do ser: como algo concreto e localizável, o indivíduo o habita. Tal registro não está limitado a uma sucessão causal desencadeada por acontecimentos, com o presente sendo resultado do passado e o futuro uma consequência do presente: esse porvir se lança à frente, não é anterior à experiência, nesse caso, o tempo emerge da relação do ser com o mundo. Sob essa ótica, aquele que o habita constrói o mundo a partir da subjetividade, pelo espaço ocupado e pelas características peculiares de cada indivíduo, mas também é constituinte, pois se confunde com essa subjetividade, assumindo uma posição ativa em um movimento ambíguo de dar e receber. Vemos em João uma alteração do tempo cíclico do corpo em favor de um tempo acelerado, o tempo vivido em um contato momentâneo com o presente, limitando-se a um agora imediato. O estudo conclui que o tempo é um campo de presença, é no mundo vivido que passado e futuro existem para um presente. Foi no fluxo temporal que João foi construindo o sentido do seu existir. Nesta pesquisa, não houve separação entre o eu e o mundo de João, ambos foram vistos como dimensões e inseridos em seu ser-no-mundo.

Palavras-chave: temporalidade; mania; Merleau-Ponty; estudo de caso.

AQUARELA COMO ABERTURA DE SENTIDOS: O CASO DE UM VINCENT

Lucas Gomes Maciel

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Cynara Carvalho de Abreu

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O presente trabalho apresenta reflexões à luz da Fenomenologia hermenêutica sobre o atendimento de Vincent (nome fictício), que fora atendido no Serviço Escola de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com queixas de luto por suicídio da mãe e de perda de sentido da vida. As reflexões feitas objetivaram desvelar uma articulação entre a experiência de luto e tédio do jovem com a arte de pintura em aquarela – massa que, ao se encontrar com a água, transforma-se em tinta. A angústia, disposição afetiva fundamental, lança o Dasein em um completo esvaziamento do mundo fático e permite a abertura de mundo e de sentidos. Após o suicídio de sua mãe, Vincent teve um encontro com o ser-para-a-morte e passou sete anos de sua vida sem falar sobre a experiência dessa perda, vivendo somente de acordo com as expectativas, as responsabilidades e o débito literalmente deixado em bilhetes. Ele chegou angustiado por não encontrar mais sentido na maneira que vinha vivendo, tendo a automutilação como via de escape do seu sofrimento. Ainda que falasse sobre desesperança, cansaço, desalojamento, deixou escapar que havia pelo menos um meio pelo qual conseguia expressar o que sentia: a arte com a pintura em aquarelas. É a partir dessa arte que ele relata encontrar formas de expressão do que vinha sentindo. A aquarela permitiu a Vincent traduzir a angústia que vivenciava. Com a sucessão de encontros, ele passa a refletir sobre o significado da pintura para si e tematiza gostar da aquarela pela forma bonita e incontrolável que ela toma ao se encontrar com o papel, representando um pouco do que entendia da vida. Vincent vai, a cada encontro, tomando consciência das pinturas que produziu e, diferentemente de como chegou no primeiro atendimento, parece criar mais possibilidades de realizar obras fantásticas, trabalhando com a água, com o fluido e o indeterminado, encontrando beleza e força nisso. Afinado de forma diferente da inicial, passa a falar sobre a morte da sua mãe, sobretudo o que aconteceu depois e lentamente começa a falar de si como projeto. À guisa de considerações finais, o acompanhamento de Vincent em psicoterapia parece desvelar como a arte em diálogo com a psicologia pode se mostrar como linguagem capaz de romper com as barreiras do cotidiano, convocando a ambos, terapeuta e paciente, a uma jornada rumo ao que surge de forma mais autêntica no encontro. Para Vincent, a arte possibilitou abertura de sentidos, de encontro consigo mesmo e de uma nova forma de romper com o silêncio ensurdecido com o qual lidava há anos.

Palavras-chave: angústia; luto; arte; fenomenologia hermenêutica.

COMPREENSÕES FENOMENOLÓGICAS ACERCA DO SUICÍDIO NA POPULAÇÃO IDOSA NORTE-RIOGRANDENSE

Lara Raquel Rodrigues e Souza
UFRN

Ana Karina Silva Azevedo
UFRN

Bruna Gabriella Carvalho de Oliveira
UFRN

Natália Azevedo de Brito
UFRN

Ana Carolina de Araújo Soares
UFRN

O suicídio em idosos tem apresentado números crescentes e preocupantes em todo o mundo. No Brasil, alguns estudos estimaram que o risco de uma pessoa idosa se matar é 47% maior que nas demais faixas etárias. No Rio Grande do Norte, as estatísticas que se anunciam também são preocupantes. Nesse sentido, este estudo objetiva refletir acerca dos dados encontrados sobre o suicídio de idosos no estado, a partir de uma compreensão fenomenológica heideggeriana. Nesse viés, indaga o que tal fenômeno desvela a respeito do horizonte histórico no qual o envelhecimento tem sido experienciado. O estudo buscou analisar dados provenientes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação e publicados no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. Para tanto, utilizou dados, do período de 2019 a 2021, sobre lesões autoprovocadas, combinados à categoria faixa etária. A análise foi estatística e descritiva, por meio da leitura das frequências absolutas (N) e relativas (%). A partir da análise, chama atenção a maneira expressiva com a qual o suicídio de idosos tem destaque no Rio Grande do Norte, ficando atrás apenas dos adultos no quantitativo total. Os resultados revelaram que a população idosa ocupa o segundo lugar dos números de suicídio do estado, com 18% dos casos, enquanto a população adulta representa 54%; e a população jovem, 15%, o que o diferencia dos demais estados do Nordeste, nos quais a segunda faixa etária com maior número de suicídios é a jovem. Diante dessa constatação, o estudo questiona: o que pode estar em jogo, nessa faixa etária, na decisão por não mais viver? Para refletir sobre tamanho desenraizamento que anuncia a morte autoprovocada como possibilidade, recorre ao conceito de habitar – o pertencimento familiarizado ao mundo – para pensar as tramas de sentidos que os idosos têm relacionadas para o projeto de si na velhice. Esses sentidos já são sedimentados no mundo e associam o envelhecimento à proximidade da morte, a um momento final do viver, podendo anunciar um mundo desalojador que atravessa a experiência idosa do pertencer. À luz de tal cenário, o tédio, a falta de sentido para viver e o desinteresse pelas atividades cotidianas têm aparecido, na própria literatura, como parte da vivência do envelhecer. Diante desse panorama acerca do envelhecimento, questiona ainda acerca da especificidade do Rio Grande do Norte ao contemplar esse fenômeno, o que indica possibilidade para aprofundamento em pesquisas futuras.

Palavras-chave: suicídio; população idosa norte-riograndense; fenomenologia heideggeriana.

COMPREENSÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS ACERCA DA EXPERIÊNCIA SUICÍDIO NA INFÂNCIA: “E EXISTE?”

Manuella Bila de Melo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ana Karina Silva Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O suicídio na infância é um fenômeno invisibilizado e atravessado por tabus, como o mito da infância feliz, que vê essa fase da vida marcada apenas por alegria, sonhos, leveza e isenta de dores e sofrimentos. O século XXI tem sido marcado pelo surgimento de séries e desafios que anunciam a temática da morte autoprovocada ao público infantojuvenil. O fenômeno do suicídio tem chegado à infância e desvelado sentidos de um mundo onde o habitar parece estar sendo difícil, inclusive para as crianças. Diante disso, o presente trabalho, fruto de uma dissertação de mestrado, objetiva compreender a experiência do suicídio infantil a partir das narrativas de crianças que expressaram ideação ou tentaram suicídio. Esta é uma pesquisa fenomenológico-hermenêutica, utilizando como possibilidade interpretativa o Círculo Hermenêutico heideggeriano. Os momentos interpretativos dos encontros com as crianças aconteceram por meio da escrita narrativa delas e do diário de afetação produzido pela pesquisadora sobre suas compreensões acerca dos encontros. O estudo utilizou também como recurso o livro infantil intitulado *Dudu e o mundo que ficou cinza*, criado com o objetivo de ser um facilitador do acesso ao vivido. A pesquisa teve como corpus a experiência de duas crianças, de 10 e 11 anos. Nos discursos, identifica pontos em comum entre as narrativas das meninas, uma vez que ambas tinham mães que estavam em sofrimento e relações difíceis com seus pais, identifica também modos substitutos de cuidado à família, tomando para si responsabilidades que iam além do que seria esperado de crianças. As participantes desvelaram modos de ser marcados pela solidão e pela desconfiança frente a um mundo que parecia não oferecer condições necessárias para garantir sua segurança, expondo-as a ameaças e vulnerabilidades. Em suas tramas de significados, observa que o suicídio não aparece como comportamento impulsivo ou pontual, mas, sim, como uma possibilidade que parece acompanhá-las frente a um sofrimento que faz morada em suas existências, colocando em questão o sentido de manter-se na vida. Frente ao sofrimento, o suicídio, para essas crianças, pode ser compreendido como caminho de apaziguamento das dores da existência. No suicídio de crianças, há, antes de tudo, uma denúncia. Quando uma criança pensa em morrer ou se matar, ela anuncia um horizonte histórico de sentidos que tem tornado a existência difícil. Pensar no suicídio infantil, portanto, é também refletir sobre o mundo e as condições de abrigo para crianças.

Palavras-chave: suicídio; infância; pesquisa fenomenológica; morte.

COMPREENSÕES SOBRE A EXISTÊNCIA: POSSIBILIDADES DE SER-NO-MUNDO ATRAVÉS DOS SONHOS

Michelle Vanessa dos Prazeres Santos
Centro Universitário Maurício de Nassau
Noelle Lira Furtado Zibemberg
Centro Universitário Maurício de Nassau
Ana Izabel Oliveira Lima
UnP - Universidade Potiguar

Introdução: estudo realizado a partir de um relato de experiência do estágio supervisionado do quarto ano do curso de Psicologia, durante o período de setembro a dezembro de 2022, em um Projeto de sociedade civil e assistencial. Os atendimentos psicoterapêuticos ocorreram voltados às pessoas que participam do projeto. Nessa experiência, os participantes puderam acompanhar pluralidades existenciais e refletir sobre as possibilidades de poder-ser e estar no mundo. Objetivo: relatar vivências, desafios e reflexões acerca da prática clínica na área de Psicologia e discorrer sobre a compreensão do primeiro contato com a clínica por meio da Fenomenologia existencial. Descrição do contexto: ocorreram 12 sessões no período de 19/09/2022 a 02/12/2022. Durante as sessões, houve apresentação de histórias de vida e manifestações de alegria, medo, sofrimento, e, predominantemente, de sonhos e esperança. Colocando em prática a redução fenomenológica, os participantes construíram uma aproximação sensível com as demandas apresentadas, estando abertos ao novo e livres de concepções previamente estabelecidas e de agir por meio de uma atitude não natural. Reflexões teóricas: em um primeiro momento, a postura diante dos sonhos foi de não compreensão, pois não vislumbravam como presumível tirar os pés no chão. Esse errôneo posicionamento proporcionou reflexões, perguntas e autoperdão. Afinal, existe regra para sonhar? Assim, foi possível compreender que os sonhos devem ser vistos, reconhecidos e validados como um movimento de busca pela existência na sua forma mais genuína, como fenômeno e manifestação legítima de ser-no-mundo. Desse modo, sonhos, fantasias e esperanças alcançaram outro patamar, sendo vislumbrados como uma forma de manifestação de vida. Conclusão: essa experiência traz considerável contribuição para a ruptura das concepções acerca da técnica e abre caminhos para novas formas de ver e fazer a Psicologia. As inquietações proporcionaram a compreensão do significado dos sonhos como o de pertencer a um seio familiar e a tudo o que esse lugar pode apresentar como possibilidade, pois refletindo sobre as palavras de Sartre, o despertar aconteceria, caso os pensamentos, ideias e histórias fossem escondidas do imaginário, pois seria uma fuga do que é apresentado conscientemente. Por fim, essa experiência permitiu, ainda, incorporar a importância da inclinação e da aproximação genuínas, possibilitando enxergar a busca do ser-no-mundo como poesia através dos olhos de quem descortina a existência.

Palavras-chave: fenomenologia-existencial; sonhos; esperança; estágio.

CONSTRUÇÕES DE SENTIDO PELOS ALUNOS DE C&T/UFRN: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA

Frederico Noronha Clemente
UFRN

Andrea Paula da Costa Munção
UFRN

Lucas Resende Piatti
UFRN

Morgana de Gusmão Moraes
UFRN

O contexto do Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte evidencia que cursos do campo das exatas apresentam modelos pedagógicos enquadrados no molde neoliberal de ensino. Dados sobre a procura do Plantão Psicológico oferecido pela Pró-reitoria de Assuntos Estudantis apontam que o curso que mais busca esse serviço é o de Ciência e Tecnologia. Frente à magnitude desse sofrimento, esta pesquisa objetiva compreender os sentidos construídos pelos alunos, analisando as vivências dos discentes em tal contexto, tendo em vista a Era da Técnica. Este estudo tem como base a Fenomenologia, que se debruça sobre a complexidade dos sujeitos frente às suas condições ontológicas de ser-no-mundo e com os outros. Para tal, os pesquisadores escolheram dois participantes a partir da conveniência. Nesse processo, dois amigos de integrantes do grupo participaram como voluntários. De modo a preservar o anonimato, o estudo adotou os pseudônimos “Mateus” e “André” para nomeá-los. A pesquisa realizou entrevistas semiestruturadas para a base dos dados, utilizando a análise temática de conteúdo. A discussão dos resultados ocorreu a partir de cinco conceitos da fenomenologia, a saber: autenticidade, ser-no-mundo, ser-com-os-outros, angústia e clamor da consciência. Mateus, de 24 anos, entrou no curso no semestre 2014.2 e o trancou duas vezes. Em sua fala, há destaque para a sensação de sobrecarga e, pela elevada quantidade de alunos por sala, o problema é estrutural. A partir da sua experiência, ele atrela os sentimentos de motivação, satisfação e realização (ou seus antônimos) à estrutura do curso, aos professores, à administração, aos alunos, à sociedade em geral e à imagem projetada em relação ao aluno de Ciência e Tecnologia. Assim, ele evidencia a inseparabilidade do sujeito com o mundo: é somente através dele que o Dasein se constitui e se inunda em um processo pulsante de desvelamento e velamento de sentidos. Já André, de 21 anos, percebe o mundo a sua volta de acordo com a utilidade dos processos que o envolvem, ideais que permeiam os cursos de exatas em geral, revelando o modo de subjetivação da sociedade contemporânea. Ele destaca o impacto já existente causado pela diferença entre o modelo escolar e o acadêmico ao afirmar que o curso era mais trabalhoso do que ele pensava. Heidegger afirma que a Era da Técnica extrapola o uso instrumental, um modo de subjetivação que não prioriza a meditação. Por fim, esta pesquisa não objetivou encontrar respostas às problemáticas apontadas por cada um dos sujeitos, mas provocar inquietações que estimulem a percepção do poder-ser a partir dessas crises.

Palavras-chave: fenomenologia; sofrimento universitário; produtividade; C&T; angústia.

CONTRIBUIÇÕES DA DASEINSANÁLISE DE BINSWANGER PARA A PESQUISA EM PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Priscila Silva Navas
Universidade Federal de Sergipe
Bolsista CAPES

Este trabalho, pretende apontar algumas das principais contribuições da teoria de Binswanger para a pesquisa em psicopatologia fenomenológica. Para tanto, o estudo faz uma revisão das principais ideias de obras selecionadas do autor no decorrer das fases do seu pensamento. Binswanger, psiquiatra suíço, buscava um fundamento de sustentação para uma pesquisa autônoma em psicopatologia. Suas motivações principais foram a insatisfação com a concepção de homem como aparato biológico e com o método das ciências naturais aplicado à psicopatologia. Ele conheceu a fenomenologia de Husserl e acreditou ter encontrado o fundamento que buscava. No entanto, o estudioso identificou algumas limitações ao usar o método husserliano para trabalhar com pacientes que sofriam de delírios, pois o mundo do delirante era inacessível. Essas limitações só foram superadas com a analítica existencial de Heidegger, ontologia sob a qual Binswanger desenvolveu suas investigações clínicas. Binswanger foi pioneiro ao utilizar o termo Daseinsanálise referindo-se a uma modalidade de clínica psiquiátrica. Desenvolveu a psicopatologia fenomenológica iniciada por Yaspers, trazendo contribuições à noção de espaço vivido – ponto central em sua obra *Três formas de existência malograda* (1945). Nesse escrito, o psiquiatra trabalha com três principais modos existenciais de adoecimento psíquico. O estudioso analisa como o ser humano, em sua história de vida, relaciona-se com o mundo. Para o autor, toda existência está sujeita aos movimentos de cair e ascender. Assim, a desproporção de abertura em relação ao mundo próprio, mundo compartilhado e mundo circundante pode provocar um adoecimento, pois limita as possibilidades de movimentação do ser. Quando existe uma desproporção entre a altitude (relação com o mundo próprio) e a horizontalidade (relação com o mundo compartilhado e circundante), o ser perde a possibilidade de movimentar-se em direção ao seu projeto de mundo. O objetivo da clínica daseinsanalítica seria, então, ampliar as possibilidades de movimentação do ser. Para isso, a pesquisa de história de vida tem um papel imprescindível, uma vez que somente a partir dela é possível compreender os modos de ser. Nesse sentido, Binswanger mantém certa distância da psicopatologia tradicional ao criar os conceitos de queda e ascensão e ao categorizar o adoecimento a partir da história de vida.

Palavras-chave: Binswanger; psicopatologia fenomenológica; Daseinsanálise.

CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA PARA A SUPERAÇÃO DO PARADIGMA DA SUBJETIVIDADE

Deborah Moreira Guimarães
UERJ
Bolsista FAPERJ

Este estudo busca mapear possíveis contribuições da Fenomenologia hermenêutica para a superação do paradigma da subjetividade, o que reverbera também na Psicologia, cuja principal marca é a consolidação dos saberes *psi* como campos de conhecimento centrados na ideia de consciência. Afirmar que o Dasein não possui consciência, isto é, uma egoicidade que assuma uma posição de anterioridade em relação à existência, implica assumir que a concepção de ser humano proposta por Heidegger rompe com a ontologia cartesiana na medida em que funda a existência em um âmbito pré-compreensivo, incompatível com a, até então, paradigmática constatação do cogito moderno. Segundo a hipótese deste estudo, duas noções são fundamentais nesse percurso: intencionalidade e compreensão. Compreensão (Ser e tempo, §31) é o modo de realização da existência do Dasein, por meio do qual ocorre a efetivação de seu caráter intencionalmente ekstático. Desde o início, o pensamento heideggeriano busca romper com certa compreensão subjetivista do ser humano, a qual se ramifica em paradigmas centrados na noção de subjetividade, tais como: sujeito, consciência e pessoa. A marca da subjetividade na tradição confere certo protagonismo à suposta posição de anterioridade ontológica envolta na perspectiva egoica de compreensão do ser humano, como mencionado. Há, nesse processo, um abandono de tal perspectiva em prol de uma realização da existência estruturada por sentido, ou seja, pelos sentidos que se abrem na facticidade, no existir no mundo com seus modos constitutivos espaço-tempo-corporais. Estreitando diálogos possíveis entre o projeto heideggeriano, sobretudo de Ser e tempo, a Fenomenologia husserliana tardia e a Psicologia, este estudo visa: 1) pensar as contribuições relevantes da Fenomenologia hermenêutica à Psicologia não centrada na noção de sujeito; 2) determinar em que medida intencionalidade e compreensão seriam termos centrais para identificar a noção de responsividade; e 3) entender como os modos espaço-tempo-corporais do existir seriam decisivos para traçar possíveis desdobramentos da fenomenologia em áreas interdisciplinares atuais.

Palavras-chave: fenomenologia; subjetividade; psicologia.

CONTRIBUIÇÕES DE SIMONE DE BEAUVOIR PARA UMA PERSPECTIVA CRÍTICA EM FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Luana de Matos Guimarães
Universidade Federal Fluminense
Bolsista CAPES

Este estudo pretende ressaltar a importância da filosofia de Simone de Beauvoir e suas implicações para o campo da clínica, enfatizando a singularidade de sua apropriação fenomenológica e as articulações que viabiliza. Suas contribuições possibilitam dois caminhos mais explícitos: o primeiro como crítica epistemológica e social sobre a construção do saber sobre ser humano e o segundo a partir de suas compreensões fenomenológico-existenciais sobre corpo, a inter-relação entre liberdade e condições sociais e a ética fundamentada na ambiguidade. Algumas influências filosóficas ajudam a compreender o pensamento de Beauvoir: as noções husserlianas: mundo da vida, facticidade e corpo vivo (*Körper* e *Leib*); a dialética hegeliana, que Beauvoir criticava como insuficiente para pensar a alteridade na situação secundarizada das mulheres e de outros grupos subalternos; o paradoxo kierkegaardiano, semelhante ao que ela compreendia como ambiguidade; e o diálogo em vida com Sartre e Merleau-Ponty. Por pensar liberdade e situação como indissociáveis, sua redução fenomenológica encontra corporeidade, ancoragem e resíduo da consciência, como a abertura que permite que encontrem a si, os outros e o mundo, ressaltando a liberdade como engajada e a ação como ética. O rigor da Fenomenologia de Beauvoir e a amplitude do conceito de situação permite viabilizar a coalizão entre a noção metodológica de suspensão fenomenológica, que possibilita o aparecer do fenômeno e/em sua dimensão ontológica, e o reconhecimento do peso da materialidade ou mundanidade do mundo na experiência vivida no corpo-situação e/em sua dimensão política, suspendendo a patologização ou a pré-compreensão da situação como má-fé. Desse modo, uma escuta clínica de inspiração beauvoiriana reconhece a ambiguidade da existência e a corporeidade, importantes para compreender a alteridade e as relações de poder e de reciprocidade e para apreender a experiência vivida em sua dimensão ético-política, ou seja, compreender o ser no mundo condicionado pela situação, pela história e pela intersubjetividade. Além disso, a compreensão beauvoiriana possibilita articular Fenomenologia e perspectivas interseccionais, ressaltando a importância de ouvir e dialogar com diferentes vozes, pois na multiplicidade de perspectivas evidencia a interdependência, sem a qual não é possível ser no mundo.

Palavras-chave: fenomenologia; Simone de Beauvoir; corporeidade; situação existencial; liberdade engajada.

CORPOLATRIA E A CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM NA CONTEMPORANEIDADE: UMA DISCUSSÃO FENOMENOLÓGICA

Gabriela Frota de Paula Pessoa

Jurema Barros Dantas

Yago Façanha de Sousa Mota

Rayane Pauline Morais Torres

Na história do conceito de imagem corporal, há a presença da Biologia, da Psicologia, da Neurofisiologia e da Fenomenologia de Edmund Husserl e Merleau-Ponty como elementos essenciais para descrever o processo biopsíquico de experiência corporal. Assim, é possível considerar que a imagem corporal engloba todas as formas pelas quais uma pessoa experiencia e conceitua seu próprio corpo; e ainda que, o culto ao corpo aborda a existência física, a aparência e a saúde como centro de identidade e de preocupação do sujeito contemporâneo, a partir da construção dos valores ocidentais hipermodernos. Quando se pensa em corpo, logo emerge a compreensão biológica, mas ele vai muito além do físico. Assim, é de suma importância estudar esse corpo, também, a partir das próprias contribuições fenomenológicas, uma vez que se expressa como território de vivência subjetiva, como cenário de construção de sentidos múltiplos e singulares. O presente estudo tem como objetivo colaborar com as discussões atuais a respeito do fenômeno da corpolatria e da autoimagem na contemporaneidade, buscando entender como os discursos sociais sobre os corpos atravessam a maneira como os sujeitos se percebem. Nesse sentido, o estudo parte de uma revisão integrativa da literatura, nas bases de dados Google Acadêmico, Lilacs e Scielo, abarcando estritamente publicações realizadas no período correspondido entre os anos de 2015 a 2022, tendo como descritores os termos “autoimagem” “corpolatria” e “contemporaneidade”, apenas em língua portuguesa. Os resultados que não tratam desses critérios, ou não eram artigos, foram descartados. O estudo evidenciou entrelaçamentos entre o modo de viver o corpo no mundo contemporâneo aprisionado em uma lógica consumista no mercado que, influenciada pelas grandes mídias, recai em uma idealização inatingível de si, expressa na vinculação das noções de saúde, beleza e felicidade ao corpo jovem e magro. Portanto, aponta que o contexto contemporâneo traz um horizonte de possibilidade para a vivência corporal de distanciamento, em que o corpo perde seu caráter histórico de singularização, sendo visto apenas como matéria orgânica modulável. O intuito final deste trabalho é a análise crítica desses fenômenos, a fim de se construir possibilidades de fissura e vivências autênticas com as mais variadas formas de se ser corpo.

Palavras-chave: corpolatria; autoimagem; contemporaneidade.

DASEIN NO METAVERSO

Débora de Alcântara Rulkowski
Universidade de São Caetano do Sul

Flávia Meneses Duarte
Universidade de São Caetano do Sul

O avanço da tecnologia e a globalização vêm transformando, gradativamente, a vida das pessoas e como elas se relacionam consigo mesmas e com as outras. A cada dia, mais pessoas podem ter acesso a tecnologias imersivas, a partir de ferramentas como Realidade Virtual e Realidade Aumentada, que possibilitam o acesso ao Metaverso, que engloba novas maneiras de ser-no-mundo e ser-com-os-outros com base na tecnologia. O objetivo deste estudo é compreender quais são os significados que os usuários do Metaverso dão para suas experiências imersivas, dentro de uma plataforma chamada VRChat. Participaram do estudo adultos que faziam uso semanal da plataforma com óculos de realidade virtual. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista aberta. O método utilizado foi o fenomenológico, especificamente na modalidade de análise do fenômeno situado. A análise adota a perspectiva da Psicologia fenomenológico-existencial, tomando por base a ontologia de Martin Heidegger. Os resultados indicaram que os entrevistados, em sua condição de lançados no mundo, na historicidade e temporalidade, sentem insatisfação diante dos modos de ser-com mediados pelas ferramentas tecnológicas atuais, tais como redes sociais e outros aplicativos de socialização, que ampliam o modo impessoal do Dasein, causando sofrimento e angústia. Na busca por liberdade, eles encontraram no Metaverso uma abertura para novas possibilidades de ser-com-os-outros, espaço onde se mostrar verdadeiro é facilitado pelo uso de avatares e pela ausência de imposição de padrões e normas sociais, favorecendo novas relações mais autênticas e livres de julgamentos. Além disso, os entrevistados identificaram diminuição da solidão, angústia e ressignificação da vida, dada a sensação de proximidade que essas tecnologias proporcionam. O estudo conclui que é fundamental construir uma melhor compreensão das tecnologias imersivas de realidade virtual e refletir criticamente como elas atravessam os modos de ser do Dasein, considerando os apontamentos heideggerianos acerca da questão da técnica e das possibilidades de abertura para novas formas de ser-com.

Palavras-chave: Metaverso; analítica do Dasein; tecnologia; realidade virtual.

**DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA
EXISTENCIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Mila Ruela da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Universidade Federal de Minas Gerais

O presente relato de experiência tem como base as vivências da autora como estudante de Psicologia, interessada em formar-se psicóloga fenomenológico-existencial. Ela aborda suas experiências no decorrer da graduação na Universidade Federal de Minas Gerais como marcadas por uma dificultosa aproximação com essa área teórica. Com isso, o principal objetivo é pensar a formação em Psicologia nessa universidade, considerando a carência de abordagens baseadas na chamada “terceira força”, repercutindo para uma análise da formação do psicólogo no Brasil. Dito isso, a autora ressalta estar inserida em um âmbito acadêmico com pouca representatividade das diversas áreas da Psicologia. Para que ela definisse a abordagem em questão como seu objetivo, houve muito estudo individual, grande procura por professores na universidade que pudessem inspirá-la, por projetos voltados para isso em oposição ao pouco incentivo do departamento para o conhecimento das variadas psicologias. O cenário encontrado é de um número maior de professores da psicanálise e das abordagens comportamentais e avaliação e, conseqüentemente, mais projetos nessas áreas, e ao quase apagamento de abordagens da “terceira-força”, pouquíssimo mencionadas. Por isso, houve baixo incentivo para aproximação com a Fenomenologia. Apesar dos desafios, a autora demonstra paixão por essa área, tanto por um interesse pessoal na Filosofia quanto pelo contato com os poucos professores que lhe inspiraram. Com isso, relata sua experiência a partir de sua paixão pela Psicologia e, finalmente, pela prática nas atividades mencionadas. O estudo busca refletir acerca do poder transformador das experiências de participação no Plantão Psicológico, no Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade, na Liga Acadêmica de Fenomenologia Existencial, em grupos de estudos idealizados pelos alunos desse meio, na coordenação do próprio grupo de estudos de perspectiva existencial e na prática em um estágio externo com uma abordagem fenomenológico-existencial. A autora defende que seu relato pode ser valioso na análise da formação em Psicologia, uma vez que, por meio dele, é possível realizar uma hermenêutica de sua experiência e atribuir sentidos únicos a ela, relacionando-a a uma crítica ao percurso curricular, a uma análise dos jogos de poder na determinação do que será acessado pelos alunos, visando à inspiração de alunos ingressantes no ato de repensar a formação e atuação profissional em Psicologia.

Palavras-chave: relato de experiência; fenomenologia; psicologia fenomenológica-existencial.

DESENVOLVENDO RECURSOS TERAPÊUTICOS NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Ana Izabel Oliveira Lima

Universidade Potiguar

Carina Cavalcanti de Souza

Universidade Potiguar

Emerson Gadelha Lacerda

Universidade Potiguar

A inovação no ensino é essencial para promover a formação profissional em Psicologia, especialmente no campo da clínica fenomenológico-existencial. Essa perspectiva teórica busca compreender a história de vida das pessoas atendidas como modificações da estrutura total do ser-no-mundo, enfatizando a experiência vivida e a abertura para outras possibilidades existenciais. Nesse sentido, é fundamental explorar estratégias pedagógicas que permitam aos estudantes de Psicologia compreender e aplicar os princípios dessa abordagem em suas futuras práticas profissionais. O objetivo deste trabalho é compartilhar a experiência – na condição de docentes em cursos de Psicologia – de propor e estimular os estudantes a desenvolverem recursos terapêuticos embasados na teoria fenomenológico-existencial, os quais possam ser aplicados tanto em contextos clínicos como em outros espaços, como escolas e serviços de saúde. Essa proposta visa promover uma aprendizagem ativa e reflexiva, permitindo que os alunos compreendam suas possibilidades de intervenção na prática profissional e ampliem sua visão sobre o potencial transformador da perspectiva fenomenológico-existencial. A disciplina que aborda a clínica fenomenológico-existencial pode oferecer um espaço privilegiado para a criação desses recursos terapêuticos. Ao longo do curso, ao serem apresentados aos principais conceitos e fundamentos dessa perspectiva, é possível propor como trabalho final da disciplina a criação de um recurso terapêutico inovador, que esteja em consonância com a clínica fenomenológico-existencial. Esse recurso pode assumir diferentes formatos, como um jogo terapêutico, uma atividade lúdica, uma narrativa interativa ou qualquer outra forma que favoreça a expressão e a reflexão sobre a existência. Ao longo do processo, a orientação aos estudantes foi a de explorar as principais temáticas abordadas pela clínica, tais como angústia, tédio, busca de sentido etc. A partir dessas reflexões, houve encorajamento para que eles criassem um recurso terapêutico sensível à singularidade do indivíduo, estimulando a autorreflexão e a ampliação da consciência sobre a condição de cada um de ser-no-mundo e com-os-outros. A criação de recursos terapêuticos representa uma oportunidade para os estudantes de Psicologia ampliarem suas possibilidades de intervenção profissional. Além disso, contribui para o avanço do conhecimento no campo da Psicologia, uma vez que estimula a pesquisa e a criação de novas formas de estar na clínica.

Palavras-chave: recurso terapêutico; clínica; formação; docência.

DO ADOECIMENTO E ANGÚSTIA A POSSIBILIDADES DE SER: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Yoná Ingrid Trajano de Moraes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Luciana Fernandes de Medeiros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Introdução: este relato aborda a experiência de atendimento realizado por uma estagiária de psicologia em um hospital de referência de tratamento do câncer, localizado em Natal/Rio Grande do Norte/Brasil. Esse contexto em que o adoecimento pode ser compreendido como privação da liberdade, da realização do próprio existir, abre espaço para um trabalho terapêutico de compreensão do sentido das restrições vividas, favorecendo o desvelamento de possibilidades para o existir. Objetivos: proporcionar um espaço de escuta e acolhimento em psicoterapia focal com base na Fenomenologia existencial, buscando compreender o ser-aí, o fenômeno de adoecimento vivenciado pela paciente e os atravessamentos no seu tratamento oncológico. Métodos: a paciente em foco é mulher, 52 anos, casada, mãe de uma filha e comerciante, que passou a ser atendida no período de dezembro de 2022, após o diagnóstico de câncer de mama. Resultados e discussão: nos primeiros atendimentos, a paciente lembrou da morte do pai e da mãe, vivenciando o luto até o momento presente. Nesse processo, o choro, o vazio, o incômodo por absorver problemas familiares e de outras pessoas estavam presentes. O diagnóstico de câncer e a convivência com a dieta restritiva fizeram com que ela se fechasse para o que mais gostava de fazer, sendo esse sentimento nomeado como perda do sentido da vida. Em seus relatos, a pesquisadora percebia a angústia da paciente com a queda de cabelo em decorrência da quimioterapia. Além disso, o medo e a vergonha de caminhar com uma touca ou um lenço cobrindo a cabeça faziam parte do cotidiano. Durante os atendimentos, a pesquisadora percebeu que a vergonha foi associada ao olhar do outro sobre ela, e o medo era vivenciado pelo julgamento da imagem corporal associada ao câncer, entrando em contato com a autoimagem de uma mulher em adoecimento. No processo, a paciente passou a ter expectativas diferentes em relação ao futuro, como a volta ao trabalho e a vida após o tratamento. Considerações finais: o trabalho terapêutico buscou tratar o sofrimento como parte da vida, fazendo a paciente ver a si mesma como uma mulher em sua totalidade, independentemente de seu diagnóstico e tratamento. Na sua fala, surgiu seu ser-no-mundo, o contexto no qual encontra sentidos e os vários modos como ela se relaciona com os entes que se apresentam. Sem buscar um porquê, focando nas possibilidades, o atendimento buscou construir um caminho para que a paciente pudesse ampliar o olhar sobre si e sobre seus modos de existir.

Palavras-chave: adoecimento; angústia; câncer de mama; fenomenologia existencial.

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO NA UTI MATERNA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Joelson Pereira da Silva
UFRN/Facisa

Manuella Mayara de Medeiros Nunes
MEJC/UFRN

Sebastião Elan dos Santos Lima
UFRN/Facisa

A hospitalização pode provocar alterações emocionais nos pacientes em decorrência da dinâmica hospitalar, como mudança de rotinas, distância dos familiares e amigos, por vezes, risco de morte que, conseqüentemente, acabam restringindo as possibilidades existenciais do sujeito. O adoecer é um fenômeno limitante e repleto de interferências da própria história do indivíduo, pondo-o a refletir sobre a finitude e o percurso de sua existência, levando os pacientes a buscarem estratégias de enfrentamento nesse período de crise. As estratégias de enfrentamento são tentativas de suavizar o sofrimento por meio de ações que tragam conforto. Este trabalho tem como objetivo identificar as estratégias de enfrentamento de mulheres internadas na Unidade de Terapia Intensiva. O estudo consiste em um relato de experiência a partir do estágio supervisionado de psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi na Unidade de Terapia Intensiva Materna da Maternidade Escola Januário Cicco. Essa unidade atende gestantes, puérperas e pacientes ginecológicas. Tendo em vista que a taxa de permanência na unidade gira em torno de 48 horas, é necessário que o terapeuta tenha como foco a hospitalização, fortalecendo a existência e a experiência dessas mulheres, empoderando o seu processo de cuidado, que é situado dentro de seu repertório, tempo e significado. Entre as principais estratégias relatadas pelas mulheres durante os atendimentos estavam o uso da espiritualidade, vinculação à gestação, choro, rede de apoio e distração. Desse modo, o repertório próprio de enfrentamento permite que o adoecer e a hospitalização sejam adaptados pelas pacientes internadas. Tal adaptação contribui para a aceitação e implicação no tratamento. Assim, é necessário identificar, a partir da anamnese, as estratégias utilizadas, refletindo sobre o seu impacto durante a hospitalização. Com isso, o atendimento busca oferecer às pacientes o desvendar de suas próprias possibilidades, encorajando o encontro com seus repertórios. Importante destacar que os profissionais da psicologia abordam as estratégias de enfrentamento durante os atendimentos, apesar de não estarem incluídas no protocolo de anamnese. Por fim, o estudo destaca que a padronização dessa investigação, com registro em prontuário, é necessária por permitir que os estudantes e profissionais do serviço atentem para tais estratégias, que podem provocar interesse em pesquisas relacionadas ao tema.

Palavras-chave: estratégias de enfrentamento; unidade de terapia intensiva; hospitalização.

EXISTÊNCIA EM MOVIMENTO: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Nívea de Souza Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Cynara Carvalho de Abreu

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Este é um relato de uma experiência de atendimento clínico realizado em um estágio curricular obrigatório supervisionado de Psicologia, na modalidade de Plantão Psicológico. Foram três encontros, guiados a partir da perspectiva da Fenomenologia heideggeriana, que ocorreram no Serviço Escola de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A cliente, uma mulher de 24 anos, de nome fictício Natália, buscou o serviço relatando adoecimentos em datas próximas a atividades avaliativas na graduação, além da perda do emprego e de outras fontes de renda. Relatou também ter passado por período de responsabilização com cuidados prolongados de sua mãe acometida de grave doença, o que a desgastou muito e a motivou a buscar apoio psicológico. Frente a essas questões, a cliente admitia ter se perdido de si mesma, não mais se reconhecendo no presente, tampouco enxergava horizonte futuro possível. A cada encontro, foi possível uma aproximação de sua angústia. Enfrentar situações fáticas frustradas, bem como a iminência de morte da sua mãe, rompe a familiaridade da vida cotidiana de Natália, instalando a angústia, expondo-a diante da finitude, confrontando sua condição ontológica de ser-para-a-morte. À luz da hermenêutica heideggeriana, o estudo preconiza a noção da existência como movimento ao pensar sobre as questões que a cliente trazia em sua fala, desvelando o questionar de seu ser-mais-próprio em relação ao seu passado, presente e, conseqüentemente, suas possibilidades de vir-a-ser no futuro. Ao final dos encontros, ainda que poucos, foi possível notar que Natália pôde estranhar e meditar um pouco sobre suas relações, notadamente sobre os sentidos que tem investido em sua existência. O espaço de possibilidade, proporcionado pelo Plantão Psicológico, parece ter lhe devolvido um pouco para si mesma, de modo a começar a pensar acerca das possibilidades de vir-a-ser – um futuro que, antes, parecia tão distante. Por fim, a experiência de um atendimento como o feito a Natália reforça a relevância de que as práticas psicológicas supervisionadas na graduação, nesse caso, no contexto da clínica psicológica de inspiração na ontologia heideggeriana, permitam experiências em que seja possível vislumbrar o entrelaçamento entre teoria e prática, além de aproximar o psicoterapeuta-estagiário da prática profissional. Assim, o estágio supervisionado consiste em uma prática crucial no que diz respeito à formação em Psicologia.

Palavras-chave: plantão psicológico; estágio supervisionado; formação; fenomenologia heideggeriana.

EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO CLÍNICO SOB A ÓTICA DA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

Perry Garcia Valadares

Instituto de Educação Superior de Brasília

Gabriela Kiyo Alves Kanashiro

Instituto de Educação Superior de Brasília

Telma Regina Lago Costa

Instituto de Educação Superior de Brasília

Este estudo tem como base as teorias da Psicologia fenomenológico-existencial, a partir dos pressupostos teóricos de Evangelista, Feijoo, Dhein e Protasio. O lócus da pesquisa é um encontro clínico de um paciente na clínica-escola do Instituto de Educação Superior de Brasília com diagnóstico de transtorno obsessivo-compulsivo. O estudo tem como objetivo compreender as motivações da compulsão, considerando que as noções de indivíduo são construções históricas e culturais inseparáveis da orientação social em que surgem. A esse respeito, reconhece que a existência humana é uma abertura de sentido, em que homem e mundo são cooriginários e inseparáveis. Os cuidados que sustentaram esse encontro clínico foram significativos e facilitaram que o paciente desvelasse novos sentidos na sua relação com o mundo, partindo de si próprio e não de uma determinação do diagnóstico. O paciente é um homem de 31 anos, graduado, que identifica sintomas de transtorno obsessivo-compulsivo desde os seus 10 anos. Diagnosticado aos 18 anos, faz uso de medicamentos psiquiátricos. Segundo ele, tem pensamento acelerado ligado à numerologia e à religião; grande vontade de controle, rejeição a mentiras e a erros. No primeiro semestre de 2023, em 20 sessões presenciais, a perspectiva seria a de que esse existente construísse novas maneiras de lidar com seu sofrimento. Ao tentar compreender a compulsão para além da visão patologizante, a atuação fenomenológico-existencial percebe o existente com possibilidades de transformações, mesmo nas compulsões mais graves, sem desconsiderar os efeitos de aspectos técnicos e afetivos característicos de nosso tempo que reproduzem comportamentos automáticos em busca de produtividade. O estudo destaca a presença do tédio e do temor como tonalidades afetivas fundamentais, explorando, também, duas perspectivas da compulsão: uma ligada à busca desenfreada pelo controle a qualquer preço e outra em que se busca manter tudo sob controle, podendo, no entanto, levar à desistência diante da percepção de impotência. Ao longo desse semestre letivo, os pesquisadores buscaram compreender a compulsão a partir de uma abordagem fenomenológico-existencial, tanto nos atendimentos quanto nos encontros de supervisão. O estudo conclui que as mudanças são para o paciente, para o terapeuta que o atendeu e para todo o grupo de supervisão clínica que acompanhou o caso. Cada encontro pode criar novas visões do fenômeno, por essa razão, surgiu a motivação para compartilhar essa experiência.

Palavras-chave: fenomenologia; compulsão; supervisão.

FENOMENOLOGIA E ARTETERAPIA: PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES

Jane da Silva Paes

Universidade Federal do Amazonas

Marisa Bel Rebelo Vieira

Universidade Federal do Amazonas

A arteterapia pode ser definida como método terapêutico que se utiliza de diversas formas e expressões artísticas para alcançar essa finalidade. A arte, por conectar funções cognitivas, sociais, afetivas, sensoriais, entre outras, pode ser benéfica em diversos tratamentos, acompanhamentos terapêuticos, colaborando positivamente em vários aspectos, como no aprimoramento e no exercício da memória, da percepção, da capacidade de decisão, das funções motoras e na atenção. No segundo semestre de 2021, o Centro Universitário da Amazônia, campus Santarém, Pará realizou, pela primeira vez, a oficina em práticas diversas de psicologia em arteterapia, com aproximadamente 20 alunos presentes de uma turma do quarto semestre em psicologia. A atividade contou com a coordenação de uma professora especialista em fenomenologia aplicada à clínica e também artista visual. A oficina ocorreu em duas partes, tendo duração correspondente às 3 horas de aula, com intervalo de 20 minutos entre a primeira parte e a segunda. Houve uma breve introdução sobre arte, identificando como ela se manifesta nos dias atuais, quais seus impactos na vida cotidiana e como possibilitar que a arte se integre à psicologia, de modo a favorecer os cuidados terapêuticos, sendo ferramenta em psicoterapia nos mais diversos contextos. A base teórica da atividade foi a corporeidade, continuando os conteúdos de sala de aula sobre as contribuições de Merleau-Ponty para a fenomenologia, falando a respeito das sensações e percepções. A ênfase da pintura foi o contato com tintas, papéis, a utilização do corpo de forma diferente das aulas convencionais, podendo os alunos pintar sentados no chão, com maior mobilidade para além das carteiras, usando as mãos ou os pincéis. Na primeira etapa, houve o estranhamento e a diversão no contato com as tintas, o receio sobre as figuras a ser feitas, que logo deram lugar a risos, compartilhamento de ideias e materiais, seguido de imersão dos alunos em suas obras. Na segunda etapa, a turma ficou em círculo para expressar o que foi sentido. O objetivo era trabalhar as percepções e sensações dos alunos acerca do contato com a arte e como isso os ajudava a manifestar seus sentimentos. As falas nessa etapa remeteram à renovação de esperanças, ao vislumbre de possibilidades, desabaços e alívios. Os alunos aprovaram a iniciativa e relataram que aquela forma de expressão, por destoar do cotidiano, era necessária e eficaz, além de divertida e promotora de novas percepções e perspectivas.

Palavras-chave: arteterapia; formação do psicólogo; terapia em grupo.

FENOMENOLOGIA E SAÚDE MENTAL INFANTOJUVENIL: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO BÁSICO EM PSICOLOGIA

Isabelly Dias Vieira

Universidade Federal de Mato Grosso

Matheus Matos Franco

Universidade Federal de Mato Grosso

Rosa Angela Cortez de Brito

Universidade Federal de Mato Grosso

O objetivo deste trabalho é discutir, a partir de um relato de experiência na disciplina Estágio Básico IV: Contextos Clínicos e de Saúde, possibilidades na saúde mental infantojuvenil por meio da lente humanista-fenomenológica. Esse estágio faz parte do 6º semestre da graduação de Psicologia na Universidade Federal de Mato Grosso. O desenvolvimento das atividades práticas ocorreu em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil do município de Cuiabá. A metodologia é de natureza qualitativa e fenomenológica. O estudo utilizou os procedimentos da releitura dos materiais procedentes da disciplina – a saber: diários de campo, anotações e apontamentos das supervisões semanais e do relatório final da disciplina – para buscar as categorias fenomenológicas. A realização de análise e reflexão crítica ocorreu a partir da clínica humanista-fenomenológica, inspirada em Merleau-Ponty. Fatores de diferentes ordens atravessam os equipamentos de saúde pública, como os Centros de Atenção, dos quais o estudo destaca a conjuntura política. Com base na compreensão mundana de Merleau-Ponty acerca do inescapável atravessamento do mundo nos fenômenos, esse fato foi propulsor da inauguração da reforma ocorrida durante a experiência de estágio. Essa ação gerou implicações considerando o cenário pós-pandêmico. Além disso, a equipe do referido Centro explicitou a cobrança que recebiam dos gestores a respeito de um mínimo de produtividade exigido, o que gerou repercussões na clínica desenvolvida no serviço. Nesse sentido, a esfera política e social atravessou e constituiu as práticas profissionais na instituição, impactando os usuários atendidos e afetando experiências pessoais e sentimentos dos próprios profissionais, o que evidenciou a inseparabilidade da vivência singular das possibilidades de seus mundos vividos. O estudo aferiu o potencial de promoção de saúde que a atividade de acolhimento representa para os usuários. Isso possibilita a aproximação dos profissionais dos significados reais de sua experiência a partir do que se revela no imediato do encontro clínico e evita a perpetuação de um olhar descontextualizado que prioriza o diagnóstico, que pode desconsiderar os sentidos atribuídos à experiência vivida por cada usuário e suas famílias. Por fim, este trabalho aponta iniciais reflexões no campo da saúde mental infantojuvenil, que carece de pesquisas a partir da lente fenomenológica. O estudo sugere que outros trabalhos empíricos sejam feitos, de modo a captar a experiência subjetiva dos profissionais e usuários.

Palavras-chave: psicologia; saúde mental infantojuvenil; clínica humanista-fenomenológica; centros de atenção psicossocial infantojuvenil; estágio básico.

HERMENÊUTICA COLABORATIVA: UM MÉTODO FENOMENOLÓGICO COMO AÇÃO CLÍNICA NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO

Shirley Macêdo

Universidade Federal do Vale do São Francisco

As diretrizes nacionais para a formação do psicólogo orientam o início precoce da inserção do estudante nos campos de prática, recomendando, para isso, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão para favorecer, entre outros aspectos, o cuidado da comunidade em situações de sofrimento. Diante disso, o Núcleo de Cuidado ao Estudante Universitário, projeto de extensão que existe desde 2018 na Universidade Federal do Vale do São Francisco, vem favorecendo a prática e a pesquisa para estudantes de Psicologia a partir do quarto período do curso. O Núcleo busca ofertar ações inter e multidisciplinares de cuidado e educação para universitários que possam prevenir os fatores de risco à saúde mental desses sujeitos, realizando intervenções nesse sentido; e, ao mesmo tempo, desenvolver competências em estudantes das áreas de saúde para atuação futura no mercado de trabalho. Portanto, o objetivo deste relato de experiência é descrever como a metodologia adotada para a supervisão nesse projeto vem promovendo novos modos de sentir, pensar e agir dos estudantes de Psicologia. Participam do núcleo uma média de 20 estudantes desse curso, que conduzem em dupla as atividades de pesquisa, oficinas, grupos interventivos, Plantão Psicológico e aconselhamento de carreira, as quais são programadas, realizadas e supervisionadas semanalmente pela hermenêutica colaborativa, um método fenomenológico fundamentado em preceitos filosóficos de Merleau-Ponty e Gadamer, que busca promover um diálogo pautado em: resgate da consciência histórica, produção intersubjetiva de sentidos e construção conjunta de estratégias de enfrentamento. No processo de supervisão das atividades, o método viabiliza aos estudantes: refletir sobre o sentido de tornar-se psicólogo e os limites de uma formação graduada com ênfase em conhecimentos teóricos; despertar para a importância da escuta como dispositivo fundamental para a prática psicológica; reconhecer a necessidade de investir em um processo pessoal para superar limites de atuação diante de determinadas demandas; ressignificar o sofrimento frente a dificuldades/impasses como universitário; e aprender a manejar processos grupais. O estudo conclui, principalmente, que: atividades práticas a partir do segundo ano do curso são dispositivos potentes para favorecer o graduando de Psicologia a adentrar os estágios profissionalizantes com uma escuta mais aprimorada de si e dos outros; o método da hermenêutica colaborativa pode ser considerada uma ação clínica na formação do psicólogo.

Palavras-chave: ensino superior; formação do psicólogo; universidade; escuta; fenomenologia.

INFÂNCIAS E DESAFIOS VIRTUAIS: QUANDO O BRINCAR É SOBRE A MORTE

Manuella Bila de Melo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ana Karina Silva Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Desafios virtuais que aproximam a temática da morte autoprovocada ao universo infantojuvenil marcam o século XXI. Os desafios são atividades que incentivam o participante a experimentar situações novas, indo além dos seus limites. Alguns deles estimulam o praticante a se colocar em situações de risco e que podem trazer, implícita ou explicitamente, a incitação ao suicídio. Nos últimos anos, alguns desafios que circularam nos meios virtuais entre o público infantojuvenil foram: Baleia Azul (2017), Momo (2019) e Pateta (2020). Além disso, no universo virtual, também há histórias de terror e lendas urbanas criadas e depositadas em fóruns chamados de Creepypasta, o que possibilita que os desafios ganhem proporções incalculáveis. A exemplo disso, temos o Slenderman (2006), que inspirou crimes ao redor do mundo. Representados por criaturas assustadoras, participantes invadem o universo infantil, causam medo e chegam às crianças provocando-as a se autolesionar. Este trabalho objetiva refletir sobre os sentidos dos desafios virtuais nas narrativas de crianças que pensaram em suicídio. O presente estudo é uma pesquisa fenomenológico-hermenêutica, utilizando como possibilidade interpretativa o Círculo Hermenêutico heideggeriano. Nos encontros com duas meninas de 10 anos, surgiram narrativas que desvelam a solidão como marca do tempo vivido, sentimento este que parece ter sido intensificado durante a pandemia. Em isolamento social, os laços, que já eram frágeis, ruíram. As crianças anunciavam uma existência que encontrava dificuldades em pertencer e encontrar familiaridade. Culpa e vergonha acompanhavam o sentimento de inadequação que, para essas meninas, parecia justificar o aparente desinteresse demonstrado pelos pares. Em suas compreensões, consideravam que havia algo nelas que justificasse os modos indiferentes de cuidados recebidos. Frente a um esvaziamento de sentidos, desvelam no brincar com a morte, que não parecia ser temida, uma ameaça à vida. A partir dos relatos, o estudo aponta que não foram os desafios que levaram essas crianças ao limite da vida, elas já o experienciavam antes de eles aparecerem como possibilidade. O estudo busca analisar se os desafios já representavam o modo como as pacientes se afinavam com o mundo, em que o poder-morrer que eles convocavam corroboravam a inquietude existencial já presente em suas existências. Por fim, o estudo ressalta a importância de outros estudos sobre o fenômeno que segue levando crianças no Brasil à morte.

Palavras-chave: desafios virtuais; infância; suicídio; sofrimento; pesquisa fenomenológica.

MÃE SOLO: UMA EXPERIÊNCIA DE CUIDADO À LUZ DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA

Leonardo Pereira Soares Santos Pessoa
UFRN

Maria Fernanda Coutinho Alves
UFRN

Mariana Fernanda Barreto Calosso
UFRN
Bolsista OBIJUV

O modelo monoparental de família, crescente na sociedade, tem revelado que a ausência da figura paterna impacta diretamente o desenvolvimento das crianças, envolvendo privação tanto material como afetiva. Uma vez que a obrigação paterna não se resume a encargos financeiros, a falta de apoio afetivo e a não partilha de tarefas cotidianas também constroem uma realidade solitária e sobrecarregada para muitas mães. O objetivo deste estudo é compreender a experiência de uma mãe solo na criação de seu filho e saber como isso afeta a mulher como ser-no-mundo e ser-com – conceitos da fenomenologia heideggeriana. Esta pesquisa é parte formativa de um componente curricular dos alunos do 6º período do curso de Psicologia, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 2022. Com base na fenomenologia hermenêutica heideggeriana, o estudo realizou uma entrevista semiestruturada com questões disparadoras que permitissem a livre narrativa dessa experiência. Durante a execução do estudo, buscou identificar a vivência de uma mulher que, ao assumir a maternidade, teve a monoparentalidade como facticidade que imprimiu novos modos de ser na sua existência como ser-no-mundo e ser-com. A experiência acessada revelou – na convocação ao cuidado materno – uma história de ressignificação da monoparentalidade que, como condição existencial, pôde ser apropriada no modo mais próprio de ser-no-mundo a partir do desvelamento da potência do ser-com como determinação existencial do ser, que é espelhado pelo forte vínculo na relação mãe-filho. Ao final do estudo, a partir do encontro com uma história de vida repleta de significações atravessadas pelas representações socioculturais da contemporaneidade, os resultados apontaram que o fenômeno abordado é indissociável do existir e que pode afetar diretamente as mulheres em sua forma de ser e de estar no mundo, já que são completamente atravessadas pela relação de intensidade de uma mãe que cria seu filho sozinha. Com isso, pôde-se lançar luz à problemática da monoparentalidade feminina que continua a desafiar mulheres que tiveram e ainda têm suas existências perpassadas por uma convocação a um cuidado integral e essencialmente solitário.

Palavras-chave: maternidade; mãe solo; monoparentalidade; solidão; fenomenologia heideggeriana.

MEDICALIZAÇÃO DA JUVENTUDE: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA

Gabriela Frota de Paula Pessoa
Universidade de Fortaleza

Lucas Guimarães Bloc
Universidade de Fortaleza

Francisco Luan de Souza Carvalho
Universidade de Fortaleza

O fenômeno da medicalização consiste em um processo complexo e multifacetado que envolve um conjunto de práticas, discursos e saberes atravessados por aspectos políticos, culturais, sociais e econômicos que acabam por considerar problemas, por vezes, da vida cotidiana, como restritos ao âmbito do adoecimento e, para tanto, conduzidos e tratados sob a égide biomédica. O estudo evidencia um aumento desenfreado no número de doenças catalogadas na sexta edição do Código Internacional de Doenças em paralelo ao contexto dos medicamentos. A Fenomenologia traz outra perspectiva que ajuda a colocar em questão essa patologização, uma vez que importantes estudiosos fenomenólogos, como Merleau-Ponty, contestam esse reducionismo ao evidenciar a relevância de ampliar o olhar para o sujeito e o contexto em que ele está inserido. Ainda conforme Merleau-Ponty, o homem e suas vivências só podem ser compreendidos em sua mundaneidade, logo, o fenômeno da medicalização revela contornos do mundo em que vivemos. Importa pensar que a medicalização ou o diagnóstico não podem vir antes de uma reflexão acerca da própria vivência do sujeito e de suas significações. A partir da fenomenologia de Merleau-Ponty, este estudo constrói uma lente que possibilita uma visão crítica para esse fenômeno. Sob essa ótica, o contexto contemporâneo tem lugar importante para compreender o fenômeno da medicalização na juventude, haja vista ser marcado pelo culto à produtividade, lucratividade e performance que se contrapõe ao número significativo de indivíduos com diagnóstico. Assim, o estudo aponta a construção de uma linha tênue no limite da percepção de um sofrimento patológico, contribuindo para uma dinâmica em que esses jovens parecem ser impedidos de sofrer, demonstrar vulnerabilidade, uma vez que são convocados a todo instante a darem o máximo de si, na busca desenfreada pelo sucesso e por uma felicidade plena. Com o objetivo de gerar discussões e reflexões acerca dos significados da medicalização na juventude, o presente trabalho consiste em um estudo teórico que utiliza a lente da Fenomenologia para compreender esse fenômeno. Com isso, evidencia uma crescente banalização da medicalização, confluindo para a negligência na visão crítica social sobre o culto à performance, distorcendo, muitas vezes, a vida real. Essa temática tem relevância para a sociedade e para Psicologia, haja vista ser extremamente presente no atual cenário contemporâneo.

Palavras-chave: medicalização; juventude; contemporaneidade.

MEMÓRIA VIVA DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA: A VISÃO DE JOSÉ PAULO GIOVANETTI

Mila Ruela da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais

Lucas Emmanuel Padilha de Melo

Universidade Federal de Minas Gerais

Marcela de Freitas Andrade

Universidade Federal de Minas Gerais

Pedro Casanova Martins dos Santos

Universidade Federal de Minas Gerais

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Universidade Federal de Minas Gerais

A partir da trajetória de uma graduação com foco em uma Psicologia alinhada à abordagem fenomenológica na Universidade Federal de Minas Gerais, este estudo busca investigar a inserção e a situação atual dessa área no meio acadêmico, em especial, em Belo Horizonte; e compreender essa história e seus personagens, construindo uma memória viva, ou seja, a memória de algo em construção. Objetiva ainda reduzir a dificuldade de compreender a inserção acadêmica dessa área e enriquecer a formação dos que se interessarem por ela. A fim de entender a história a partir de seus autores, utiliza o método de entrevista biográfica e hermenêutica, dividida três etapas: escolha das pessoas relevantes e realização das entrevistas; análise fenomenológica e hermenêutica dos dados das entrevistas; e integração e síntese da produção bibliográfica dessas personalidades. A escolha dos entrevistados seguiu o método Bola de Neve, iniciando com os professores dessa universidade. As entrevistas foram realizadas após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisas. No campo, a inserção da fenomenologia nessa instituição ocorreu via Psicologia Humanista, o que deu nome ao projeto *Memória Viva da Psicologia Humanista*. Como recorte do estudo, a comunicação trata de parte dessa história, com base no relato de José Paulo Giovanetti, professor aposentado do departamento de Psicologia. Na entrevista, o participante abordou a atual dificuldade de inserção na academia por parte de psicólogos dessa vertente; a reduzida presença da Psicologia Fenomenológica no Brasil; e a Psicologia de base humanista ter perdido seu lugar nessa universidade para as abordagens comportamental e psicanalítica. Com base na fala do entrevistado, o estudo aponta um estrangulamento acadêmico dessa vertente pela exigência de pós-graduação para tornar-se professor universitário, o que não é muito procurado por esses psicólogos, que se interessam mais pela prática clínica. Com isso, a abordagem humanista perde sua presença para outras mais preocupadas com essa continuidade acadêmica, perdendo espaço nas universidades. Além disso, a dificuldade relatada pelo professor da existência de cursos de Fenomenologia no país reflete a pertinência do aprofundamento dessa questão. Com isso, o estudo destaca a necessidade de valorização da memória das psicologias fenomenológica e humanista, que pode ser feita pelo relato dos participantes dessa história.

Palavras-chave: psicologia fenomenológica; entrevista biográfica; fenomenologia; psicologia humanista.

NARRATIVAS DE ESTAGIÁRIOS DE PLANTÃO PSICOLÓGICO: FUNDAMENTOS E MODO DE REALIZAÇÃO

André Prado Nunes
LEFE-IPUSP/UNIP-SP
Bolsista LEFE-IPUSP

Introdução: este estudo teórico busca fundamentar e propor um procedimento metodológico de transcrever entrevistas gravadas em áudio para a forma de relatos narrativos. Tem como ponto de partida as entrevistas realizadas com quatro estagiários no Projeto de Atendimento em Plantão Psicológico Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Essas entrevistas fizeram parte da tese de Nunes (2015), cujo tema era compreender a experiência de estágio desses estudantes. Durante a pesquisa, surgiu o desafio de adotar um modo de transpor as entrevistas para a escrita. A leitura das transcrições foi de difícil compreensão em comparação ao registro oral. As dimensões oral e escrita possuem características próprias nos modos como cada uma consegue transmitir o sentido da experiência. Esta proposta narrativa visa ser uma alternativa metodológica apropriada para a comunicação do sentido da experiência em uma pesquisa, pois a sua construção busca identificar as especificidades da dimensão escrita. Tais relatos são diferentes do formato “pergunta-e-resposta” das entrevistas, na medida em que se apresentam como uma história narrada em primeira pessoa. Desenvolvimento: Segundo Pierre Bourdieu (1997) e José Carlos Bom Meihy (1991), a passagem do oral ao escrito, assim como o seu reverso, demanda transformações necessárias, pois não se pressupõe que o discurso fale por si mesmo. Este trabalho propõe a escrita em três etapas: na primeira, a transcrição literal busca chamar a atenção do leitor para elementos pertinentes à compreensão que podem passar despercebidos, mantendo a estrutura de uma entrevista; na segunda, ocorre a transformação das transcrições em textos, anulando a voz do entrevistador para dar espaço à voz do narrador, incorporando as perguntas no discurso do entrevistado; na terceira, há o processo de transcrição que evidencia o narrador em sua essência maior. Considerações Finais: a narrativa não somente apresenta a experiência como ainda a constitui, fundamentando a linguagem como efetivação do real. Entra em sintonia com as noções de Critelli (1996) na perspectiva fenomenológica existencial. Para Walter Benjamin, a narrativa é transmissão de experiência, rompendo o tempo de imediatismo, instaurando a dimensão existencial com o presente e o passado articulados pela busca por sentido. O estudo aponta essa alternativa metodológica diante da proximidade com o modo de ser humano proposto pela perspectiva fenomenológico-existencial, conforme elucidado.

Palavras-chave: fenomenologia existencial; plantão psicológico; metodologia; Gadamer; Walter Benjamin.

O HABITAR DE CRIANÇAS ACOLHIDAS NA MODALIDADE CASA-LAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Larissa Marcela Peixoto de França

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Rita Pinto Amorim das Virgens

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Symone Fernandes de Melo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Gabriela de Lourdes Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Patrícia Karla de Souza e Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O presente relato trata de uma experiência formativa em curso, de estágio supervisionado, ocorrida em uma Instituição de Acolhimento, do tipo Casa-Lar. O acolhimento institucional é uma medida protetiva, excepcional e provisória, prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente. Crianças e adolescentes são acolhidos em decorrência de medidas judiciais, por violação de direitos ou quando há impossibilidade de proteção e cuidado por parte da família de origem. O Acolhimento na modalidade Casa-lar é direcionado, especialmente, a adolescentes e grupos de irmãos, sendo definido como acolhimento de longa permanência. O estágio partiu da angústia suscitada pelo contato prévio com o contexto do acolhimento, muitas vezes, invisibilizado. Assim, com base na Fenomenologia existencial heideggeriana, o estudo buscou pensar em ser-com essas crianças e esses adolescentes, habitando as suas casas-lares. Na instituição, são vinte acolhidos, de idades diversas, com rotinas próprias, distribuídos em duas casas, sob a responsabilidade de mães-sociais. Há, ainda, um escritório, localizado fora das casas, onde o trabalho administrativo é realizado. O estágio tem duração de oito horas semanais, contemplando atividades previamente planejadas, mas com abertura à intensa imprevisibilidade que caracteriza a dinâmica institucional. Entre as atividades executadas está a construção de álbuns de história de vida (*scrapbooks*), associada à contação de histórias, que tem por fim a abertura de possibilidades para um cuidado mais próprio e individualizado, a partir do resgate de um fio narrativo e dos sentidos de temporalidade e historicidade. O estudo identificou que a vivência do acolhimento ocorre como um presente contínuo, em decorrência de um movimento de apagamento de histórias comumente marcadas pela experiência da inospitalidade e da incerteza sobre o futuro. Com o *scrapbook*, é possível refletir sobre tempos que se entrecruzam, constituindo o agora. Estar no acolhimento é testemunhar a vivência ôntica de um habitar desalojado, marcado por familiaridade, mas, em especial, pela estranheza. Como estagiárias, adentrar as casas, que ainda estão se tornando lar para muitos dos acolhidos, requer abertura à experiência e disponibilidade a corresponder às disposições afetivas suscitadas. A partir dessa experiência, o estudo aponta a necessidade de um cuidado singularizado aos acolhidos, possibilitando-lhes uma morada, no sentido ético do termo, onde possam compreender o vivido de maneira mais própria.

Palavras-chave: acolhimento institucional; habitar; estágio; criança.

O SER-PARA-A-MORTE DENTRO DO HOSPITAL

Noelle Lira Furtado Zibemberg

Centro Universitário Maurício de Nassau

Michelle Vanessa dos Prazeres Santos

Centro Universitário Maurício de Nassau

Ana Izabel Oliveira Lima

Universidade Potiguar

Manuela Polidoro Lima

Centro Universitário Maurício de Nassau

Introdução: este estudo trata da experiência vivenciada durante o estágio supervisionado em Psicologia em um hospital de doenças infectocontagiosas no município de Natal, Rio Grande do Norte. **Objetivo:** refletir acerca da atuação do estagiário no âmbito da Psicologia hospitalar frente à experiência de lidar com a morte de um paciente. **Descrição do contexto:** Vitor (nome fictício), então com 21 anos, foi diagnosticado com tuberculose, tendo um pulmão comprometido e o outro em estado grave. Ele vivia um contexto social de bastante pobreza, era filho de pais separados, o pai abandonou a mãe com 7 filhos, sendo Vítor o mais velho. Aos 13 anos, começou a trabalhar na feira para ajudar nas despesas da casa, relatou que trabalhava o dia todo e perdia a escola noturna porque estava sempre cansado, cursava o oitavo ano. Nessa mesma época, começou a usar cocaína e, desde então, não parou mais. Falava com muito arrependimento sobre sua vida, mas sempre com um discurso de que era a alternativa que havia. Na terceira semana de atendimento pelo setor de Psicologia, Vitor foi para a UTI devido a uma piora na pneumonia e na semana seguinte veio a óbito. **Reflexões teóricas:** Heidegger em *Ser e tempo* cita o fenômeno morte como uma estrutura da existência humana, ou seja, do ser-para-a-morte. O fenômeno morte vem para limitar a possibilidade do ser-aí. O poder-ser contém uma possibilidade de não-ser diante do fim. É difícil a pessoa ser capaz de fazer experiência com a morte, mas pode fazer a experiência do não-ser-mais-presente com a morte dos outros. Nesse sentido, o estudo compreende que a morte do outro aproxima a pessoa da própria finitude, a partir de uma compreensão do existir e da finitude, criando um despertar para a morte como fato significativo da existência. **Conclusão:** este trabalho busca relatar uma experiência para enriquecer as contribuições da Psicologia em relação ao processo de morte na visão fenomenológico-existencial. Por ser um tema de fundamental importância para os estagiários do campo hospitalar, imersos nas articulações teórico-práticas, é essencial que tanto as instituições de ensino quanto os espaços hospitalares tenham esse olhar de acolher as angústias e limitações do estagiário diante da morte e do morrer.

Palavras-chave: morte; luto; fenomenologia; hospital; estágio.

O VAZIO DO SER-ADOLESCENTE NA CONTEMPORANEIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PLANTÃO PSICOLÓGICO

Pedro Sonehara de Morais

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Cynara Carvalho de Abreu

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Esse é um relato de experiência de estágio no curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, realizado no Serviço Escola de Psicologia Aplicada na modalidade de Plantão Psicológico. As especificidades do semestre letivo tornaram possível realizar um acompanhamento estendido, totalizando cinco encontros. O atendimento ocorreu com Meilin (nome fictício), uma adolescente de 14 anos que foi trazida ao Serviço Escola pelos pais com queixas de ansiedade intensa e desmaios em situações de muito estresse. Esse relato busca refletir, a partir da analítica da existência, a ideia de mundo, das disposições afetivas e da corporeidade na experiência da jovem cliente. Cada encontro com a adolescente, pautado em uma prática clínica psicológica à luz da ontologia heideggeriana, permitiu que o pesquisador tivesse mais aproximação em relação a Meilin, em uma postura de abertura e ética frente à sua angústia. Logo nos primeiros encontros, Meilin passou a desvelar seu mundo, como trama de sentidos, deixando compreender como era ser adolescente para ela. Imersa na contemporaneidade, Meilin parecia ter sido capturada pela atmosfera de pressão e individualização do sucesso. Dizia sofrer com a responsabilidade de dar conta das expectativas que a todo tempo lhe eram impostas e por ter seu valor definido por suportar ou não esse contexto. Por meio da fala, ela revelou sua forma de abertura ao mundo, transitando entre angústia e tédio. A angústia era expressa pela ruína de sentidos prévios e estranhamento com aquilo que lhe estava posto. O tédio era indicado por uma existência vazia de sentido em que não havia projeto de ser. Para Meilin, seu mundo era turvo e incolor como que coberto por um véu, repleto de dor e solidão. Reconhecer sua fragilidade frente a sua angústia a desencorajava de viver, conflitando com a imagem mundana da pessoa forte que enfrenta as dores sem medo. Sem forças e com medo, Meilin não suportava as situações inóspitas da cotidianidade e reagia evitando ou desmaiando. Seu corporar apresentava expressões de apatia, peso, vazio, dor. Ainda que esperançasse um futuro melhor, vivia carregando o medo de não mais suportar sua própria existência. Por fim, Meilin apresentou uma existência descerrada e um vazio que preenchia todos os encontros. Foi uma cliente que convocou a refletir sobre o que o mundo contemporâneo exige de cada Dasein e sobre o sofrimento vivido por pessoas cada vez mais jovens que expressam um existir tão vazio, mas tão pesado.

Palavras-chave: plantão psicológico; fenomenologia heideggeriana; tédio; angústia; corporeidade.

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA SEXUAL NA PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS DO CEDECA

Aliny Camila da Silva

Uninassau

Ana Izabel Oliveira Lima

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ester Barroso Faustino Gomes

Uninassau

O Centro de Defesa da Criança e do Adolescente trabalha a fim de dar assistência, por meio de uma equipe multidisciplinar, às crianças e aos adolescentes que tiveram seus corpos violentados e articula, junto à rede jurídico-psicossocial do estado, um manejo de caso que possa dar suporte a esses jovens que estão em um contexto de extrema vulnerabilidade devido às violações sofridas. Para o cumprimento da disciplina de Estágio Básico, 7º período do curso de Psicologia, os pesquisadores construíram uma proposta de intervenção com o objetivo de conhecer os impactos do trabalho, com demandas de violência sexual, na vida dos profissionais que atendem os casos que chegam ao Centro de Defesa. Para isso, o estudo entrevistou profissionais que estão diretamente ligados ao manejo dos casos de violência sexual no Centro. A partir da perspectiva fenomenológico-existencial e de um levantamento bibliográfico sobre a influência dos sentimentos e emoções na atuação profissional, é possível compreender que, atuando diretamente com essa demanda, os profissionais formam sentidos diante das experiências trazidas por outras pessoas. Com base nas respostas dos profissionais, o estudo verifica que eles podem tentar se aproximar do fenômeno, da experiência, a partir do discurso das vítimas e, assim, criar seus sentidos, mas não podem assumir o ponto de vista daquele que está em sofrimento. O relato dessa experiência evidencia a importância de oferecer atenção ao discurso não só daquele que sofre a violência mas também daquele que dispõe a sua existência ao cuidado desse fenômeno de sofrimento. Para a formação do psicólogo, a experiência durante o estágio foi enriquecedora e essencial para a construção profissional. Estar em contato com essa temática e com pessoas experientes que atuam com a demanda em questão contribuiu para o aprofundamento teórico sobre a violência sexual na perspectiva fenomenológico-existencial. Além disso, a prática vivenciada no Centro possibilita ter uma compreensão acerca do manejo que é realizado nos casos de abusos e violações, sempre respeitando as particularidades das vítimas.

Palavras-chave: violência sexual; experiência; fenomenológica-existencial; impactos; CEDECA.

PLANTÃO PSICOLÓGICO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: DIVISOR DE ÁGUAS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Beatriz Queiroz Rossati

Universidade Federal de Minas Gerais

Paulo Eduardo R A Evangelista

Universidade Federal de Minas Gerais

O presente relato de experiência visa discutir a experiência no projeto de extensão Plantão Psicológico no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Minas Gerais e como ela representou um divisor de águas na formação acadêmica e no percurso na graduação. Os atendimentos no Plantão Psicológico têm como base o método fenomenológico, que consiste na apreensão dos fenômenos da forma como eles se apresentam à existência. O atendimento busca, então, desvelar o sentido das coisas: o foco está na experiência do cliente e não no conteúdo de sua fala. Não há agendamento prévio: os plantonistas ficam disponíveis para atender, no momento da procura, as pessoas que chegam nos dias e horários pré-determinados para o funcionamento do serviço. Os estagiários atendem em duplas e contam com um intervalo no meio do atendimento para ser supervisionados pelos professores orientadores do projeto (supervisão de meio). O serviço não propõe um acompanhamento terapêutico, apesar do caráter único dos atendimentos, o Plantão sempre permanece de portas abertas para aqueles que desejem voltar ao serviço. A atuação dos estagiários busca ser não diretiva; e sua postura, acolhedora. Não há a intenção de resolver a questão que faz com que o cliente busque o Plantão, às vezes, sequer há um para quem em buscar aliviar a dor que o mobiliza. A ideia é, na realidade, ser ocasião para que o cliente se aproxime e se aproprie de sua própria experiência a partir do encontro. Viver semanalmente esse não saber (o plantonista não sabe e não pode saber quem chega ao Plantão, qual a história e as dores que traz) foi, na trajetória da pesquisadora – marcada pela apatia em relação às teorias conhecidas até a metade do curso (psicanálise e análise comportamental) – revolucionário. Atuar clinicamente, com apoio da perspectiva fenomenológico-existencial, foi um diferencial das experiências anteriores do curso, permitindo mais identificação da pesquisadora com alguma vertente teórica da Psicologia. A experiência de participar do Plantão foi importante em diversos níveis: enriquecimento teórico, oportunidade de exercer a prática, propiciamento de um forte sentimento de pertencer. Fica claro, então, o papel tão valioso e significativo que o Plantão Psicológico teve na formação, apresentando-se como um verdadeiro divisor de águas.

Palavras-chave: plantão psicológico; fenomenologia existencial; relato de experiência.

REFLEXÕES SOBRE SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA- EXISTENCIAL: UM CONCEITO PARA ALÉM DA TÉCNICA

Luciana Fernandes de Medeiros
Facisa/UFRN

Irene Borges-Duarte
Universidade de Évora/Portugal

A sexualidade pode ser considerada uma experiência de relação entre os existentes, de ser-no-mundo-com-os-outros. No entanto, não é uma experiência fácil de vivenciar, posto que são muitos os atravessamentos sociais, culturais e religiosos que perpassam a sexualidade humana, sobretudo a da mulher. É um tema abordado em vários campos do conhecimento, não faltando informações e prescrições sobre como o aprimorar. Tantas prescrições realmente têm ajudado as mulheres a viverem sua sexualidade de forma plena? Partindo dessa questão, o objetivo deste trabalho é propor um conceito que busque incluir a experiência da afetividade e da sexualidade na perspectiva fenomenológico-existencial. A ideia é analisar esse conceito de forma a contribuir para fortalecer reflexões sobre a temática. Considerando o Existente como ser-no-mundo e que está sempre em relação consigo, com os outros e com as coisas, o conceito a ser desenvolvido é o ser-com-o-outro-na-amorosidade. Amorosidade é uma palavra comum na língua portuguesa que significa qualidade ou característica daquele que é amoroso, que inclui afetividade, cuidado, atenção, relação. Para a presente reflexão, unir o termo amorosidade com ser-com-o-outro, formando, portanto, ser-com-o-outro-na-amorosidade, pode contribuir para a compreensão de uma experiência de afetividade que inclua a vivência sexual pretensamente mais autêntica e mais própria. Não que isso seja possível todas as vezes, mas que se amplie a abertura para uma disposição, uma compreensão e um discurso mais próprios sobre esse fenômeno. Isso passa uma ideia mais fluida e de movimento que inclui a afetação do outro pelo outro, a intimidade que pode se estabelecer entre os dois e o exercício da sexualidade. Ser-com-o-outro-na-amorosidade consiste na experiência de ser afetado por um outro e de ter um envolvimento íntimo, amoroso e sexual com esse outro. A ideia do conceito é contrapor alguns discursos normatizados e repletos de prescrições sobre como se relacionar afetiva e sexualmente com alguém. É tentar tornar essa experiência singular, um exercício reflexivo e meditativo constante. Um risco é transformar esse conceito em mais um objetivo a ser alcançado em um processo terapêutico ou mesmo absorvido pelo mundo da técnica. É uma possibilidade. Mas, há também a possibilidade de fazer sentido e contribuir para alguns momentos reflexivos, que se façam clareira na abertura do Existente. O trabalho está em andamento.

Palavras-chave: fenomenologia-existencial; sexualidade; mulher; amorosidade.

RELATO DA CONSTRUÇÃO DE UMA LIGA ACADÊMICA DE FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL E HUMANISMO

Sarah Fernandes Farias
Centro Universitário de João Pessoa
Viviane Calixto Santos Monteiro
Centro Universitário de João Pessoa

O presente relato objetiva a explanação de uma experiência de construção e planejamento de uma liga acadêmica, intitulada de *Liga Acadêmica de Fenomenologia Existencial e Humanismo* entre alunas concluintes de Psicologia de uma faculdade privada de João Pessoa, Paraíba. O interesse inicial surgiu a partir da professora orientadora, a qual expressou a necessidade de uma maior presença da abordagem centrada na pessoa na instituição e também da enfática necessidade de produção acadêmica nessa abordagem. Inicialmente, a intenção era de utilizar o próprio nome da abordagem centrada na pessoa, contudo, o grupo concluiu que poderia restringir as possibilidades de temas a ser abordados; considerou então a utilização da Fenomenologia Existencial e do Humanismo, pois vão além da atuação clínica, ao incorporar toda uma visão de mundo atrelada à atuação de uma psicologia que coloca o indivíduo no centro das reflexões e ao argumentar que o comportamento humano é fundamentalmente livre e mutável. Este estudo compreende a Fenomenologia de Edmund Husserl como uma filosofia que enfatiza a constituição do objeto a partir da sua relação com a experiência, busca a compreensão da estrutura essencial da experiência consciente influenciando diversos filósofos posteriores; já o Existencialismo de Soren Kierkegaard seria o estudo da existência humana, afirmando que a essência do homem é existir, não havendo nada anterior a isso. Tendo em vista a organização das futuras práticas da liga, os participantes realizaram encontros para a discussão de formas de concretizar os objetivos delimitados. Para tanto, houve reunião com a orientadora, com membros da diretoria, com um colega psicólogo que já possuía experiência com ligas acadêmicas e com alunos interessados em se vincular. As discussões apontaram algumas necessidades e propostas para se ter em mente antes da divulgação na instituição. As principais questões levantadas foram: a formação acadêmica da diretoria e seu forte vínculo e formas de possibilitar a compreensão dos alunos em períodos iniciais. Em virtude dos aspectos apresentados, a Liga visa promover contribuições para perpetuar o conhecimento nas correntes apresentadas, contribuindo para a nova geração da Psicologia, buscando mostrar, para além de conceitos teóricos, o pensamento crítico nas diversas áreas da Psicologia, despertando para a própria consciência e o aprofundamento na essência e nas relações com o outro.

Palavras-chave: fenomenologia; Existencialismo; Humanismo; liga acadêmica.

RELEITURA DA TEORIA ROGERIANA DA PERSONALIDADE SOBRE FENÔMENOS DA AUTOIMAGEM E AUTOESTIMA

Maria Clara Silva Lima
Universidade Federal da Bahia
Paulo Coelho Castelo Branco
Universidade Federal da Bahia

Carl Rogers foi um estudioso da personalidade que desenvolveu uma psicoterapia visando à reorganização do *self*. Nesse sentido, ele pensou uma teoria que pode servir como lente para entender diversos fenômenos concernentes à personalidade. Nessa teoria, constam dezenove proposições sobre a organização do *self* e suas dinâmicas de comportamento. Em suma, as proposições I a IX expressam como o *self* é organizado a partir das relações entre organismo e ambiente; X a XIV indicam como, dos desajustes dessas relações, o *self* se desorganiza; XV a XVII demonstram como o *self* pode ser reorganizado pelo estabelecimento de uma relação não diretiva; XVIII e XIX acenam para os desdobramentos dessa reorganização nos âmbitos intra e interpessoais. Rogers considerou que essa teoria e os seus estudos deveriam servir de suporte para entender vários fenômenos relacionados à personalidade. Considerando que diversas pesquisas correlacionam os problemas de autoimagem corporal e autoestima como demandas de personalidade, este artigo objetiva realizar uma releitura da teoria rogeriana no que se refere à personalidade sobre os fenômenos da autoimagem corporal e autoestima. Tal releitura analisa os aspectos que: (1) organizam a personalidade pelas relações entre experiência, consciência, campo fenomenológico, comportamento, *self* (real e ideal), tendência à autorrealização, autoimagem e autoestima; (2) desorganizam a personalidade e geram problemas de autoimagem e autoestima, a partir de reações a ameaça, avaliações condicionais, regulações em função do *self* ideal, incongruências e desajustamento psicológico; (3) reorganizam a personalidade em uma autoimagem e autoestima baseadas nas experiências organísmicas diretas, regulações em função de um *self* real atrelado à tendência à autorrealização e expressas por um funcionamento pleno de abertura à experiência e processo de ser o que se é. A partir do percurso elaborado, o estudo conclui que a teoria rogeriana possui uma lente satisfatória que provê ideias e noções suficientes para explicar tais fenômenos e adornar o olhar, a escuta e a relação clínica de profissionais que recebem clientes com demandas que perpassam problemas de autoimagem e autoestima.

Palavras-chave: Carl Rogers; personalidade; autoestima; autoimagem corporal; fenômeno.

REPERCUSSÕES DO ENSINO REMOTO PARA A FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS

Sílvia Raquel Santos de Moraes
UNIVASF

Elza Maria do Socorro Dutra
UFRN

Este estudo consiste em um recorte de uma pesquisa qualitativa de orientação fenomenológica hermenêutica, ao modo de Heidegger. O objetivo é compreender como se deu a experiência de ensino remoto de Psicologia para docentes de quatro universidades brasileiras, durante a pandemia de covid-19, e suas repercussões para o processo formativo. A construção dos dados ocorreu por meio de entrevistas narrativas individuais, com uso da plataforma Zoom. Em seguida, houve a transcrição em formato de texto, com devolução para os participantes. A interpretação dos dados tem base na analítica do sentido. A experiência de ensino remoto, para os participantes, teve como sinônimo temor, angústia, cansaço e solidão, com impactos concretos para a formação e a prática docente, tais como: prejuízos emocionais, sanitários, financeiros e relacionais, aumento do estresse, sobrecarga de trabalho, insatisfação laboral, distanciamento afetivo, baixa cooperação, sofrimento psíquico, exclusão digital, apatia. Com isso, o estudo constatou fragmentações no processo de ensino-aprendizagem, precarização do trabalho e dos vínculos. Embora o ensino remoto tenha contribuído para dar continuidade aos estudos, os participantes consideraram o formato como limitado e de baixa efetividade, pois a formação de psicólogos não é meramente técnica. Há demandas complexas do humano que não são aprendidas por meio de telas, por isso, a importância do convívio com as diferenças, da presencialidade implicada, das conversas informais após as aulas, dos deslocamentos entre diferentes espaços na universidade, além de pausas demarcadas pelo toque físico e pela interação dialógica. A maioria dos docentes comparou as aulas remotas com um monólogo, sobrecarregando o professor pela hiperexposição nas telas, abrindo espaço para a vivência do tédio. Tudo isso, somado ao contexto pandêmico e à baixa participação dos discentes, repercutiu no modo de ensinar e de aprender Psicologia. O maior desafio do ensino remoto foi o trabalho com discentes que permaneciam com áudios e câmeras desligadas durante as aulas, sendo necessária a reorientação de competências e habilidades profissionais. O estudo conclui que essa modalidade exige superação da multitarefa em favor da presença implicada e da aprendizagem significativa, além do desenvolvimento de estratégias para lidar com as dificuldades de modo assertivo/flexível. Por fim, o ensino remoto não substitui o ensino presencial em Psicologia e requer investigações sistemáticas para além do contexto pandêmico.

Palavras-chave: educação superior; pesquisa fenomenológica; ensino remoto de emergência; Covid-19; psicologia.

SUICÍDIO NO NORDESTE E HETEROIDENTIFICAÇÃO RACIAL: O QUE OS DADOS NOS CONTAM?

Maria Eduarda de Brito Almeida Matias
Universidade Federal do Rio Grande Norte

Cecília Abreu da França Gonçalves
Universidade Federal do Rio Grande Norte

Lara Raquel Rodrigues e Souza
Universidade Federal do Rio Grande Norte

Natália Azevedo de Brito
Universidade Federal do Rio Grande Norte

Ana Karina Silva Azevedo
Universidade Federal do Rio Grande Norte

O presente estudo consiste no recorte de um projeto de pesquisa acerca do suicídio e de sua relação com a raça no Nordeste do Brasil, focando na heteroidentificação racial nos registros de morte autoprovoada. Para tanto, analisa a dificuldade no preenchimento do quesito raça nas fichas de notificação, o que acentua, ainda mais, sua subnotificação. A pesquisa objetiva refletir sobre o que esses dados, relacionados a pessoas pretas e pardas, mostram sobre a epidemiologia de suicídio no Nordeste, articulando questões relativas ao racismo estrutural no Brasil. Para isso, utiliza dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde, provenientes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação. O período de análise foi dos anos 2019 a 2021, relacionando lesões autoprovoadas e etnia, utilizando estatística descritiva, por meio da leitura das frequências absolutas (N) e relativas (%). A obtenção dos resultados tem por base a ontologia heideggeriana, que compreende o ser humano como ser-no-mundo, cuja existência é histórica e epocal. Analisando os dados, o estudo indica que 77,5% de suicídios acontecem em pessoas pardas, 14,9% em brancas e 5,3% em pretas, representando uma diferença de 62,6 pontos percentuais de brancos para pardos e 72,2 de pretos para pardos. Diante disso, aponta que o horizonte histórico e de sentidos, que marca o acontecimento do Dasein, desvela um mundo marcado pelo racismo estrutural, o que interpela as compreensões sobre raça, incluindo a heteroidentificação. Assim, tais sentidos sedimentados historicamente sobre o significado da cor de pele no Brasil desvelam modos de ser e tematizar o existir. As baixas notificações de suicídio de pessoas pretas, em detrimento da discrepante notificação de pessoas pardas, suscitam pensar acerca da invisibilidade de existências pretas conferindo-lhes um não lugar, não só nas estatísticas sobre esse fenômeno mas também na cotidianidade. Tais reflexões permitem questionar se o maior contingente de identificações de raça como pardo desvelaria encobrimentos dos diversos modos de ser-no-mundo decorrentes de atravessamentos étnico-raciais neste país. Uma questão de pesquisa é: qual lugar tem sido dado à existência daqueles que insistimos em não nomear? Portanto, o estudo conclui que urge a necessidade da oferta de formação para os profissionais acerca da importância da notificação quanto à heteroidentificação racial, o que contribuirá na elaboração de políticas públicas que assistam às especificidades de cada etnia.

Palavras-chave: suicídio; Nordeste; heteroidentificação racial; racismo estrutural.

TENDÊNCIAS DA COMUNIDADE CIENTÍFICA CENTRADA NA PESSOA DO BRASIL: REVISÃO SISTEMÁTICA

Matheus Venicio da Silva Fontenele
Universidade Federal do Pará
José Alves de Souza Filho
Universidade Federal do Pará

Este estudo analisa os contornos de estudos e pesquisas da comunidade científica da abordagem centrada na pessoa do Brasil. Para tanto, discute as práticas e dinâmicas da produção de conhecimento, analisando quais os interesses metodológicos e epistemológicos que movimentam as articulações políticas de pesquisadores e profissionais. Este estudo compõe os atuais trabalhos do projeto de pesquisa *Configurações da abordagem centrada na pessoa no panorama da psicologia brasileira*, vinculado ao Laboratório de Críticas por Ações e Estudos com as Subjetividades da Universidade Federal do Pará. O estudo epistemológico empreendido permite conhecer o processo de construção das características próprias da abordagem centrada na pessoa, no Brasil, especialmente em função das críticas feitas às ideias rogerianas nos anos 1980, por sua herança funcionalista e liberalista, típicas da psicologia norte-americana. O referencial teórico tem sua base na sociologia crítica de Pierre Bourdieu, quando discute práticas e usos sociais da ciência na condição de leis de funcionamento de um campo científico a partir das articulações e definições das ações de pesquisadores como atores sociais. Metodologicamente, realiza uma revisão sistemática, segundo o protocolo prisma, nos últimos 10 anos, a partir da plataforma Portal Periódicos Capes. Os descritores foram "Psicologia *and* abordagem centrada na pessoa", "Psicologia *and* Terapia Centrada no Cliente", "Psicologia *and* Teoria Não diretiva", "Psicologia *and* Teoria Rogeriana", "Psicologia *and* Psicoterapia Humanista". A pesquisa selecionou artigos publicados em português, inglês ou espanhol e submetidos a avaliação às cegas. Após processo de exclusão dos repetidos e avaliação semântica do títulos, resumos e palavras chaves, permaneceram 28 artigos como corpus da pesquisa. Os resultados situam a prevalência da clínica como principal interesse dos pesquisadores, com poucos estudos em contextos escolares e políticas públicas. As discussões abordam processos terapêuticos e aspectos histórico-epistemológicos. As regiões Nordeste e Sudeste são os principais celeiros de produção de conhecimento. O estudo conclui que, epistemologicamente, a abordagem centrada na pessoa tem avançado na construção de uma psicologia humanista de orientação fenomenológica. Todavia, a abordagem centrada na pessoa, no Brasil, ainda não alcançou a consolidação em outros campos de atuação fora das práticas clínicas.

Palavras-chave: Abordagem Centrada na Pessoa; comunidade científica; produção acadêmica; Epistemologia; revisão sistemática.

TERAPIA CENTRADA NA PESSOA E PROCESSO DE REORGANIZAÇÃO DA AUTOIMAGEM E AUTOESTIMA

Maria Clara Silva Lima
Universidade Federal da Bahia
Paulo Coelho Castelo Branco
Universidade Federal do Ceará

Carl Rogers foi pioneiro em pesquisas clínicas sobre os fenômenos do aconselhamento psicológico e da psicoterapia, buscando empregar diversos estudos sobre variados fenômenos concernentes à relação psicoterapêutica, formação-atuação do à terapeuta, à efetividade do método sobre a mudança de personalidade, aos efeitos disso na experiência do cliente, ao desenvolvimento e à adaptação de vários instrumentos de medida e avaliação psicológica segundo o referencial centrado no cliente. Entre as várias possibilidades de investigação e intervenção, este estudo investiga as demandas relacionadas a problemas de imagem corporal e autoestima, que estão inter-relacionados, circunscrevem a desorganização da personalidade e são uma questão de saúde mental que merece atenção, pesquisas e intervenções. A partir disso, analisa como a prática clínica rogeriana pode afetar a experiência de pessoas com problemas de desorganização da personalidade, relacionados a demandas de baixa autoestima e problemas de imagem corporal, com o objetivo de compreender como uma prática interventiva centrada na pessoa pode proporcionar reorganizações de autoimagem corporal e autoestima em clientes atendidos em uma terapia de curta duração *on-line*. Seguindo um delineamento metodológico qualitativo, a pesquisa e as intervenções terapêuticas aconteceram sob a influência do desenho de pesquisa-ação do tipo prática. A metodologia contou com as seguintes etapas: planejamento do processo terapêutico à luz das condições necessárias e suficientes para mudança de personalidade e as fases do processo terapêutico; desenvolvimento da prática de ajuda; monitoramento da ação a partir da supervisão, revisão dos atendimentos e entrevistas semiestruturadas com os participantes; e análise fenomenológica empírica dos impactos afetivos da terapia a partir da perspectiva dos clientes atendidos. A partir disso, os pesquisadores elaboraram e discutiram os seguintes eixos temáticos relacionados ao processo terapêutico: fatores que levaram à busca por ajuda psicológica; significação negativa da experiência corporal; significação real da experiência de autoestima em relação ao corpo; mudanças de atitudes em relação à percepção de si e ao autocuidado. Este estudo concluiu que a terapia centrada na pessoa produz impactos afetivos significativos que possibilitam a reorganização da personalidade, de modo a ajudar clientes a lidar com suas experiências de imagem corporal e autoestima.

Palavras-chave: Carl Rogers; imagem corporal; personalidade; pesquisa-ação; terapia centrada na pessoa.

TRISSOMIA DO 21 E ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: UMA EXPERIÊNCIA SOBRE HABITAR

Natália Azevedo de Brito

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Cecília Abreu de França Gonçalves

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Symone Fernandes de Melo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Cynara Carvalho de Abreu

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Patrícia Karla de Souza e Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O presente trabalho objetiva tematizar a experiência de um adolescente de 16 anos com Trissomia do 21 no Acolhimento Institucional à luz da Fenomenologia hermenêutica heideggeriana. O contato com tal vivência ocorreu a partir de um projeto de extensão universitária, que construiu, junto ao adolescente, um álbum de história de vida (*scrapbook*). O estudo considera o Acolhimento como forma de cuidado, sendo tal medida protetiva necessária devido à violação de direitos da criança e do adolescente, por parte da família de origem, inserida em contexto de vulnerabilidade e desproteção. Haja vista a especificidade de acompanhamento exigida pela T21, Igor (nome fictício) chegou ao Acolhimento, há 7 anos, com grandes dificuldades relativas ao seu desenvolvimento. Por isso, foi imprescindível a sensibilidade da equipe quanto às possibilidades de cuidado substitutivo e antepositivo. Em virtude da dificuldade no processo de adoção de pessoas com deficiência, o adolescente foi separado das duas irmãs com quem mantinha vínculo, o que revela um horizonte histórico permeado pelo capacitismo. Inegavelmente, sua experiência, marcada pelo diagnóstico da T21, indica que ele assim se reconhece, porém, demonstra incômodo quando os outros o colocam como incapaz. Sozinho no acolhimento, Igor encontrou seus próprios meios de habitar esse espaço. Na realização do *scrapbook*, o estudo identificou sua menção afetiva aos elementos da casa e às pessoas do seu convívio, expressando o sentimento de pertencimento. Nesse lugar, constrói seu mundo que transparece no álbum, colocando-se como um adolescente com interesses em jogos e músicas e demonstrando suas potencialidades. Para compreender essa trama de sentido, foi crucial o contato com a concretude desse habitar, com a visita à sua casa e a comunicação com quem compartilha, também, desse ambiente. Apropriado desse espaço, Igor age de modo mais vivencial do que reflexivo, conectado ao presente, não projetando para si um futuro possível após a maioridade, quando deixará o Acolhimento. Portanto, a partir das reflexões propostas, o estudo evidencia que, hoje, a Casa Lar, a despeito das dificuldades institucionais, para Igor, consiste em morada, proporcionando-lhe uma experiência de proteção, pertencimento e confiança. Ademais, o modo de ser vivencial e a temporalização mais restrita ao presente requerem da equipe da instituição um estar junto na projeção de seu futuro, vislumbrando possibilidades quanto à saída do Acolhimento.

Palavras-chave: acolhimento; Síndrome de Down; habitar; fenomenologia; cuidado.

UM OLHAR SOBRE A VIVÊNCIA DE CULPA EM TERAPIA DASEINSANALÍTICA

Fernanda Soares Guglielmelli

Universidade Federal de Minas Gerais

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Universidade Federal de Minas Gerais

A análise do sentido ontológico da culpa, segundo Medard Boss, consiste em um fenômeno inerente à existência humana. Os sentimentos de culpa têm como base uma dívida, um ficar-a-dever entre aquilo que é e aquilo que há de ser. Nesse caso, há um distanciamento entre o sujeito e seu projeto-de-ser, ou seja, uma não correspondência entre o que sonha ser e o que de fato é. À luz da perspectiva Daseinsanalítica, este trabalho busca compreender a vivência de culpa de uma paciente atendida em estágio em psicoterapia, realizado no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Minas Gerais. D. é uma senhora de 58 anos, responsável pelos cuidados de sua mãe, uma idosa acamada em estágio final da doença de Alzheimer. D. deixou seu trabalho, é solteira e não possui filhos. Vê o cuidado da mãe como uma “missão de vida” atribuída a ela, e não algo que escolheu propriamente para si. Assim, D. acredita que só poderá viver a própria vida após o falecimento de sua mãe, o que indica a apreensão de que o que está vivendo não é de sua propriedade. O sentimento é o de que está em débito diante das suas possibilidades vitais e existenciais, ou seja, há um distanciamento entre o seu desejo de ser e o que realmente é. A culpa permanece nesse desejo de viver a própria vida, já que não vive o que é propriamente dela. Além disso, posto que atos têm consequências que afetam o meio, a culpa também aparece quando, pelo que fez ou pelo que deixou de fazer, a pessoa convive com a dívida para com o mundo. Assim, este dever é posto como aquilo que é desejável, preciso e correto de ser feito, portanto, dever é estar em dívida, consigo mesmo e com o mundo. Assim, no dever de cuidar da própria mãe, visto como uma tarefa imposta a ela, D. diz ser algo que não escolheu ser e ocupa um papel que esperam dela: o de cuidadora de sua mãe. Conforme explica Boss, considerando a culpa como débito e falta, ela só pode ser compreendida em face da plenitude e da realização da existência. Essa abordagem propõe a libertação psicoterápica como via para tal, buscando colocar sob perspectiva as possibilidades vitais como próprias e a disposição diante delas com responsabilidade. Portanto, a experiência de culpa de D. perpassa a compreensão da escolha pelo cuidado de sua mãe como sendo propriamente sua. Para além disso, a psicoterapia tem possibilitado a D. considerar que não é necessário aguardar a morte de sua mãe para começar a viver, mas, sim, encontrar maneiras de aproximar a distância entre o que é e o que deseja ser a partir de suas possibilidades existenciais.

Palavras-chave: culpa; psicoterapia; Daseinsanálise.

UMA BREVE PERSPECTIVA DO ENSINO DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL EM SALA DE AULA

Lucas Vitorino da Silva

Centro Universitário de João Pessoa

Ana Sandra Fernandes Arcoverde Nóbrega

Centro Universitário de João Pessoa

Laura Santa Cruz Araújo

Centro Universitário de João Pessoa

Durante a graduação em Psicologia, há discussões sobre os fatores causadores de perturbações psíquicas e formas de solucioná-las, deixando muitas vezes de lado o ser daquela existência. No decorrer do curso, quando ocorre o contato com a disciplina de Fenomenologia existencialista, os alunos encontram dificuldade por terem de pensar para além das teorias dos autores. Isso acarreta um contato consigo, fazendo cada um perceber o quão afastado de si pode estar. Essa abordagem leva os alunos ao desespero. A reflexão trazida pela área emprega ao sujeito uma perspectiva ativa em sua própria existência que pode, muitas vezes, ser desconfortável para aquele que a estuda. Kierkegaard comenta que uma das três formas pelas quais o desespero acontece é por não haver consciência de que se é um Eu. Admitir uma experiência única para cada ser implica responsabilizá-lo pelas suas escolhas de como lidar com o meio. Nesse caso, a segunda forma seria quando o sujeito entra em desespero pelo desejo de não ser um Eu. Ou seja, essa perspectiva vai além de um conteúdo de certa densidade intelectual — dado que também postula um formato de ciência que se afasta do conceito com o qual o meio acadêmico tradicionalmente conversa —, trazendo um ponto de vista mais consciencioso de si e do mundo. A terceira forma consiste no desespero de ser um Eu próprio. No que diz respeito à disciplina, ainda que esta seja a abertura para a compreensão de um estudo como o da Fenomenologia existencialista, há muito pouca adesão e pouco aprofundamento por parte dos alunos pelas dificuldades que apresentam, muitos com pensamentos rígidos sobre as ideias apresentadas em sala. Essa reação de resistência vai muito além da teoria, implica ainda resistir ao encontro consigo mesmo. Em busca de métodos conclusivos para reações e falas do outro, enquanto se defrontam com o fato de que não há manuais para o contato com uma existência, apenas sendo outra. Assim utilizou-se de meios auxiliares, que vão contra o próprio sistema educacional padrão, como métodos: introdução de aulas com material lúdico, de aspectos expositivos por parte dos discentes, com palestras temáticas de profissionais externos à instituição e afins. Este estudo tem como objetivo principal abordar as experiências vividas com professora e monitores da disciplina Abordagem Fenomenológica Existencial e descrever as estratégias docentes utilizadas para contorná-las.

Palavras-chave: fenomenologia; Existencialismo; ensino; graduação.

UMA COMPREENSÃO ONTOLÓGICA DA AFETIVIDADE ANCORADA NA ANALÍTICA EXISTENCIAL HEIDEGGERIANA

Stanley Kreiter Bezerra Medeiros
UNIFACEX

O presente trabalho aborda o fenômeno da afetividade humana a partir de uma via ontológica, isto é, ancorada na analítica existencial engendrada em “Ser e tempo”, obra basilar do filósofo alemão Martin Heidegger. A análise das estruturas fundamentais do ser-aí e de seus existenciais fundamentais constituintes possibilita explorar ontologicamente uma gama de fenômenos que, de modo indissociável, são constituintes essenciais do existir humano. É o caso, por exemplo, dos afetos, da afetividade ou da dimensão afetiva humana — incluindo sob essa denominação sentimentos, humores, emoções, entre outros elementos —, tema de interesse do presente trabalho. Levando em consideração o senso comum, a filosofia tradicional ou as ciências positivas, não é difícil notar que tais fenômenos são, de início e na maioria das vezes, geralmente reduzidos a uma compreensão puramente ôntica, isto é, atrelada aos entes. Nessa perspectiva, não há questionamento pelo ser desse ente que sente, que se emociona ou que está em determinado estado de sofrimento existencial. Não há discussão sobre o estatuto ontológico desses fenômenos. Com base em uma análise do § 29 de “Ser e tempo” e de outros textos de apoio, o estudo busca, com base em Heidegger, delimitar o fenômeno da estrutura existencial da afinação (*Befindlichkeit*)/tonalidades afetivas (*Stimmungen*). O composto ontológico-ôntico afinação/tonalidades afetivas não pode ser tomado nem como um ente, nem como um objeto qualquer de observação, nem como uma mera sensação/experiência. As questões de pesquisa são: que caráter teria, então, tal composto? O que constitui uma tonalidade afetiva fundamental, assim considerada dentro do contexto de uma ontologia fundamentada na analítica do ser-aí? O que a possibilita? De que modo tal perspectiva pode contribuir para a compreensão da dimensão afetiva humana? O objetivo deste trabalho consiste em buscar respostas a tais questões. Essa via de investigação possibilita uma compreensão ampliada da afetividade humana na medida em que eleva o respectivo fenômeno ao status que lhe é mais próprio, pois o conhecimento sobre o ente humano requer, sobretudo, uma análise dos modos pelos quais tal ente existe no mundo.

Palavras-chave: tonalidades afetivas; afetividade; afinação.

VERSÕES DE SENTIDO E INTERVENÇÕES CENTRADAS EM PESSOAS: AUTOIMAGEM E AUTOESTIMA

Maria Clara Silva Lima
Universidade Federal da Bahia
Paulo Coelho Castelo Branco
Universidade Federal do Ceará

No campo de pesquisas e práticas clínicas relacionadas ao referencial da Psicologia humanista, a versão de sentido é amplamente utilizada como um recurso descritivo e qualitativo para mapear, identificar e elaborar experiências de terapeutas iniciantes/em formação. O instrumento consiste em um registro de atendimentos realizados em que o terapeuta, no momento mais imediato possível após o término da sessão, reflete sobre a sua experiência para relatar (oralmente ou por escrito) o que ele sentiu durante o atendimento e o que lhe foi mais significativo, de modo a examinar suas experiências e, a partir disso, construir a si mesmo como clínico e ter preparo para outros atendimentos (re)pensando a sua prática. O estudo objetiva utilizar o recurso da versão de sentido para investigar uma prática de terapia centrada em pessoas com problemas de autoimagem corporal e autoestima. Situa o uso do recurso a partir de uma pesquisa-ação com três clientes, cada qual com cinco atendimentos. Descreve os clientes, as sessões e as versões de sentido da terapeuta. O estudo considerou que as seis condições foram necessárias para que fosse possível haver a reorganização de personalidade e identificou que incongruências apareceram a partir de tensões entre o *self* ideal e o *self* real dos clientes. Ou seja, os clientes regulavam a si mesmos em função de idealizações e valores que não procediam de suas experiências diretas, condicionando suas autorrealizações a outros *selves* e padrões culturais que não correspondiam a si e geravam sofrimento. As demandas estavam relacionadas a outros conteúdos, levando a terapeuta a dar enfoque no fluxo da experiência e sua acolhida. Os problemas incidiam sobre discrepâncias entre o *self* ideal e o *self* real dos clientes e o distanciamento de suas autorrealizações por terem sua base em valores advindos de outros *selves*. A sustentação de habilidades relacionais foi o centro do desenvolvimento da prática: as atitudes, embora necessárias, não foram suficientes para proporcionar mudanças profundas, dada a restrição de sessões, os problemas desestruturais de personalidade e a não linearidade do processo. Houve algumas reorganizações de percepções sobre a autoimagem e autoestima. O atendimento propiciou uma atmosfera em que os clientes examinaram essas desorganizações/reorganizações a partir dos seus juízos. O estudo sugere outras pesquisas a partir da percepção dos clientes sobre o processo clínico.

Palavras-chave: Carl Rogers; pesquisa-ação; versão de sentido; autoestima; personalidade.



LINHA TEMÁTICA

Diálogos interdisciplinares

A BUSCA DA FELICIDADE NO MITO DE SÍSIFO EM CAMUS

Igor Rosa Dias de Jesus
UERJ

Anderson José Caetano de Souza
UERJ

Maria Catharina Baptista de Paula
UERJ

Douglas Rogerio Lima de Medeiros
UERJ

Claudia Aparecida Amorim Tallemberg
UERJ

Diversos autores investigaram a condição da humana e a busca de sentido para a vida. Um desses autores é Albert Camus, que em seu ensaio intitulado *O mito de Sísifo* retoma o conhecido mito helênico de um homem que é condenado pelos deuses a empurrar uma pedra e a jogar de um penhasco por toda a eternidade. É com essa premissa que Camus pensa a condição humana a partir do absurdo da vida. O objetivo deste trabalho é investigar um pouco mais, especialmente a partir do último capítulo e do apêndice do ensaio camusiano (respectivamente “O mito de Sísifo” e “A esperança e o absurdo na obra de Franz Kafka”), como esse absurdo não encerra de maneira definitiva as possibilidades do indivíduo, ainda que apresente contingências à manifestação da vida. Camus termina o livro com a frase “É preciso imaginar Sísifo feliz”. Com isso, o autor parece querer apontar que, a despeito do castigo eterno a que Sísifo está submetido, e a despeito mesmo do absurdo dessa pena que lhe foi infligida, a consciência de que dispõe Sísifo no breve instante em que ele desce o monte sozinho para rolar a pedra novamente morro acima é um instante humano. Esse instante, em que o homem se vê às voltas com sua própria consciência, é capaz de engendrar uma busca de sentido para a própria existência e quiçá para a felicidade. No mesmo sentido, já no apêndice do livro, Kafka parece reforçar a busca de sentido para a existência em suas construções literárias, nas quais seus personagens pensam e agem na conjuntura mesmo do absurdo que os envolve. Para Kafka, a condição existencial de seus personagens é sempre negociada na condição do absurdo que lhes é apresentada, e nunca fora dela. Portanto, o estudo toma como considerações finais o fato de que, muitas vezes, a busca por sentido na existência aparece nos mitos e nas histórias de maneira para projetar ou referir o modo como essa busca surge também na condição verdadeiramente humana de forma que o indivíduo possa, na interface entre a arte e a existência, tatear esse sentido e esse caminho.

Palavras-chave: felicidade; absurdo; mito de Sísifo; Albert Camus; Franz Kafka.

A EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES QUE INGRESSARAM NA UNIVERSIDADE DURANTE O ENSINO REMOTO

Maria Virgínia Valadares Borges
Universidade Federal de Minas Gerais
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista
Universidade Federal de Minas Gerais

Em decorrência da pandemia da covid-19, os estudantes que ingressaram na Universidade Federal de Minas Gerais nos semestres 2020.2 a 2021.2 cursaram as disciplinas por meio do ensino remoto emergencial, longe dos *campis* e das experiências compartilhadas nos seus diferentes espaços. Com base na concepção heideggeriana sobre o habitar, este estudo defende que o espaço universitário constitui morada para os estudantes, determinando os modos como esses sujeitos vivem a vida, o seu percurso acadêmico e a educação. A partir dessa perspectiva e considerando que a experiência de chegada à universidade guarda suas especificidades e traz para os estudantes muitos desafios e possibilidades, este estudo, ainda em andamento, tem como objetivo compreender, à luz dos pressupostos da fenomenologia existencial, a experiência de tornar-se estudante universitário com ingresso durante o ensino remoto. Para tanto, o estudo contou com a realização de dois grupos focais, na modalidade *on-line*, formados com graduandos que iniciaram seus cursos nessa instituição no período citado. A metodologia consistiu em gravar, transcrever e analisar as narrativas conforme os pressupostos da fenomenologia hermenêutica. A análise parcial dos dados de um dos grupos, composto por seis estudantes, deu origem a quatro eixos temáticos, a saber: *on-line* sem a sensação de uma experiência universitária; limitações e possibilidades das interações *on-line*; mais dificuldades e menos exigências com as atividades acadêmicas; estudo, descanso e lazer no espaço doméstico. Os resultados sugerem que durante o ensino remoto emergencial os estudantes experimentaram a sensação de não estarem desfrutando do que a universidade poderia lhes oferecer, o que evidencia um vazio de vivências universitárias. As interações, restritas ao ambiente virtual, influenciaram os modos de estabelecer relações com colegas e professores e dificultaram a formação de vínculos. Ao mesmo tempo, a falta de uma demarcação de espaço para as atividades acadêmicas, que eram partilhadas com a vida doméstica, tornou a rotina universitária monótona e cansativa. Muitos ingressantes apresentaram dificuldades na aprendizagem e pouco envolvimento com os estudos, mesmo que, para alguns, houvesse a percepção de uma menor exigência nos semestres cursados no formato *on-line*. É possível notar que, longe do campus e impedidos de viver momentos tão importantes no processo de tornar-se um universitário, muitos estudantes tiveram a sensação de que a vida acadêmica ainda não havia começado. A modalidade não permitiu que eles se sentissem efetivamente estudantes de seus respectivos cursos e pertencentes à universidade.

Palavras-chave: fenomenologia existencial; universitários; ensino remoto emergencial.

A EXPERIÊNCIA DE UNIVERSITÁRIOS NA EDUCAÇÃO VIRTUAL: DO CONTEXTO PANDÊMICO À CONTEMPORANEIDADE

João Felipe Leite Costa

UNIFOR/APHETO

Bolsista CNPq

José Waldo Saraiva Neto

UNIFOR/APHETO

Bolsista FUNCAP

Georges Daniel Janja Bloc Boris

UNIFOR/APHETO

A partir das mudanças socioculturais ocorridas a partir de 2020 em decorrência do isolamento social durante a pandemia da covid-19, este estudo busca evidenciar as ressonâncias desse quadro global na dinâmica da sala de aula no contexto universitário atual, enfocando a experiência de estudantes de uma universidade pública no Ceará. Considerando que a experiência humana surge em uma pluralidade de sentidos que aponta para instâncias pessoais, socioeconômicas, políticas e culturais, este trabalho busca evidenciar os contornos da vivência da educação virtual no que tange a uma compreensão fenomenológico-existencial de alunos no contexto acadêmico público cearense. O estudo consiste em uma pesquisa fenomenológica a fim de descrever e discutir a dimensão intersubjetiva do ensino virtual a partir da vivência de estudantes, o que implicou a aproximação e a sua escuta. Para tanto, construiu os dados por meio de entrevistas fenomenológicas, ocorridas entre abril e maio de 2023, tendo como questão disparadora a pergunta: “como foi ser universitário durante a pandemia da covid-19”. A pesquisa contou com cinco participantes regularmente matriculados na instituição de ensino no período de realização da pesquisa, de 2020 a 2022. Os pesquisadores gravaram e transcreveram as entrevistas para uso exclusivo do estudo, preservando o anonimato dos participantes, e interpretaram os dados à luz do método progressivo-regressivo de Jean-Paul Sartre, que compreende a realidade humana como uma situação singular-universal, possibilitando uma descrição acurada e uma discussão multifacetada das vivências do sujeito como fenômenos intersubjetivos. De acordo com o que os entrevistados revelaram, a experiência com a educação virtual é ambígua. Dentre os impasses, eles apontam da carência de contato à comodidade de acompanhar aulas em casa. Já a presença humana nos processos educativos foi um fator determinante para a criação de um juízo pessoal acerca da qualidade da experiência. Os entrevistados consideram a educação como permeada por fatores curriculares e apropriações pessoais; e a vivência do ambiente educacional promove um espaço criativo, que convida a se refazer, em ambientes virtuais ou físicos. Compreender o processo de subjetivação de suas experiências vividas, partindo de um olhar fenomenológico-existencial, é um procedimento valoroso a uma compreensão fundamental do ensino na educação contemporânea atravessada pela tecnologia, com suas facilidades e limitações.

Palavras-chave: pesquisa fenomenológica; Jean-Paul Sartre; educação.

A MÍDIA E A MORTE-ESPETÁCULO: REFLEXÕES SOBRE O SOFRIMENTO PELA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA-HERMENÊUTICA

Vitória dos Anjos Noleto Moura
Instituto Dasein

Beatriz Coppi Durante
Instituto Dasein

Flavia Puertas Franco Garcia
Instituto Dasein

Robson Corassini Fernandes Maia
Instituto Dasein

Vanessa Cristina Frediani
Instituto Dasein

Ao passar dos anos, a relação da sociedade com o fenômeno da morte sofre transformação a todo instante. Durante a Idade Média, a morte era comum e esperada, o lugar de se morrer era na própria residência, consistindo em um ato público ao ser compartilhado entre os familiares e a vizinhança. No século XIX, a morte passa a ser detestável, uma vez que representa a ruptura com o curso da vida. Tal aspecto ganha intensidade no século XX, com a morte atravessada pelo sentimento de vergonha, sendo negada e escondida. Assim, o hospital ganha cada vez mais espaço como o lugar da morte contemporânea, buscando o isolamento do doente e da morte, considerando a angústia existencial que a atravessa, ou seja, reconhecer a verdade que os homens são seres finitos. Diante dessa realidade, a mídia aborda o fenômeno da morte constantemente e de forma cada vez mais complexa na sociedade contemporânea, seja em noticiários sensacionalistas, seja em redes sociais, com questões referentes ao sofrimento humano e sua interpretação. Refletindo sobre a morte e a forma como, muitas vezes, a sociedade experiencia esse acontecimento de forma espetacularizada, este trabalho tem como tema central investigar a relação entre a mídia e a morte-espetáculo, enfocando a análise do sofrimento humano a partir da perspectiva fenomenológico-hermenêutica heideggeriana, com o objetivo de compreender as repercussões dessa exposição midiática do sofrimento humano ao experienciar a morte do outro. O estudo pretende analisar como a exposição midiática do sofrimento impacta a percepção e a vivência do ser-no-mundo. Tem como objetivo refletir sobre o fenômeno da morte ao longo da história; analisar o papel da mídia na construção do espetáculo em torno da morte e sua influência no sofrimento humano; assim como compreender como essa exposição afeta a relação da morte e o ser-no-mundo. Ao mesmo tempo que a morte gera um período reflexivo sobre sua finitude, é possível visualizar alguns modos de abertura: uma dessensibilização da morte por parte da mídia para com a sociedade; uma amplitude de temor diante da morte e da sociedade em sua relação com o mundo, uma vez que é visto de forma hostil o encontro com esse espaço, em uma tentativa de controle comportamental da população. O estudo conclui que a lucratividade e o controle são os interesses principais dos meios de comunicação ao abordar o fenômeno da morte, além de não possibilitar uma reflexão acerca do morrer, visto que os humanos são seres-para-morte.

Palavras-chave: mídia; morte-espetáculo; morte; fenomenologia; angústia.

A PINTURA DE SALVADOR DALÍ ENTRELAÇADA AS IDEIAS FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAIS HEIDEGGERIANAS

Letícia Pinheiro Miranda

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Entendendo a arte como caminho de compreensão dos construtos que constituem a Fenomenologia existencial heideggeriana e objetivando a diversificação de possibilidades de compreensão das suas ideias, é possível olhar para a obra *A Persistência da Memória*, icônica pintura de Salvador Dalí, como objeto articulável para desenvolver uma relação com as ideias de Martin Heidegger. O filósofo põe em sua teoria o ser-do-homem em um estado cada vez mais desenraizado, desconectado do mundo ao seu redor, perdido na superficialidade, preocupando-se excessivamente com o “ter” e negligenciando o “ser”. Ele evidencia o movimento de absorção desse ser pelas preocupações cotidianas, perdendo de vista a dimensão ontológica da existência. Assim, os papéis sociais impostos são cada vez mais adotados sem uma reflexão prévia, consistindo em uma fuga do confronto com a temporalidade da existência, logo, com a finitude também. A pintura de Dalí retrata essa sensação de desenraizamento por meio de imagens surreais. Os relógios moles, derretendo e deformados, simbolizam a perda do tempo como uma referência concreta, evidenciando a desancoragem de uma realidade, convocando o ter-de-ser que se materializa no mundo. Além disso, a presença de elementos desertificados, como a praia vazia e o ambiente árido, sugere uma ausência de vitalidade e autenticidade. Essa paisagem desolada ressoa a visão de Heidegger, que pode ser atrelada à modernidade como uma época marcada pela inautenticidade, na qual as pessoas estão imersas em um modo de existência impessoal. A pintura de Dalí captura a sensação de estranheza e alienação, representando um mundo no qual os objetos perdem sua forma e têm seu significado dissolvido. Ao relacionar a pintura com as ideias de Heidegger, é possível interpretar a obra como provocadora de uma reflexão acerca do desenraizamento e da inautenticidade que permeiam a era moderna. Dalí retrata um universo onde a pessoalidade está desintegrada, o tempo diluído e a conexão com o mundo é perdida. Essa representação convoca a refletir sobre a existência e a busca da autenticidade, que envolve um engajamento genuíno na meditação sobre os valores e expectativas impostos pela sociedade e em uma reconciliação com a finitude e as contingências, possibilitando uma autêntica conexão com o mundo e seus significados, no movimento de superação da alienação e da superficialidade, como explorado por Heidegger.

Palavras-chave: fenomenologia; arte; existência.

ANÁLISE HERMENÊUTICA DE PERSONAGEM: GAARA DO DESERTO

Beatriz Queiroz Rossati

Universidade Federal de Minas Gerais

Mila Ruela da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais

Paulo Eduardo R A Evangelista

Universidade Federal de Minas Gerais

Este trabalho busca compreender, de acordo com a Daseinsanalyse, o arco de redenção existencial de Gaara do deserto, personagem criado pelo mangaka Masashi Kishimoto em *Naruto* (2000). As reflexões acerca de sua existência, bem como a busca ativa para dar um sentido a ela e à sua solidão, inspiraram a escolha de Gaara como objeto de estudos: sua transformação de um assassino impiedoso no líder protetor de seu povo é apoiada na ressignificação que ele, com a ajuda do protagonista, consegue dar à própria vida e ao propósito de sua existência. Em suas primeiras aparições, Gaara mata pessoas e afirma que infligir dor e morte é a única coisa que dá um para quê à sua vida. Quando ele aborda a sua biografia, revela um passado marcado por abandonos, solidão e um sentimento de falta de sentido a partir do desamor de outrem. Mostra, portanto, que esse modo de ser violento foi o que ele conseguiu construir para alicerçar sua existência. Sua presença nos quadrinhos é marcada por tonalidades afetivas de ódio, que o acompanham até o encontro com Naruto. Em um primeiro momento, a forma de ser do protagonista, tão distinta da dele, ainda que atravessada por uma história semelhante em muitos aspectos, desconcerta Gaara. Quando os dois entram em confronto, Naruto força Gaara a enxergar essas outras possibilidades de existir, fazendo com que o anti-herói perceba que elas também podem servir para ele. Com isso, uma existência que já não tinha abertura ao que existe sofre expansão e floresce, favorecida pela postura do protagonista, identificada como análoga à preocupação libertadora de um terapeuta. Mostrando as semelhanças em suas jornadas, Naruto provoca em Gaara a reflexão de que ainda lhe é possível escolher um caminho diferente: Naruto escolheu fazer da proteção daqueles que lhe são preciosos a razão de sua existência, possibilidade que o outro passa a considerar. Este estudo postula que o estudo de personagens ficcionais é relevante para a prática psicoterápica fenomenológico-existencial: essas obras permitem uma abstração da situação que não seria possível em um contexto não fictício e, com isso, levam a reflexões sobre a existência humana e o aprimoramento pessoal que fazem sentido também na clínica. Gaara ensina sobre superar rótulos impostos e preconceitos; desenvolvimento pessoal; potência individual; e a criação de confiança, de vínculos interpessoais. Nessa perspectiva, a união da psicologia com obras inspiradoras pode levar a ricas reflexões acerca da clínica.

Palavras-chave: análise hermenêutica; arco de redenção; sentido existencial; abertura; Naruto.

ARTETERAPIA E PERSPECTIVAS DE FUTURO NO ENSINO MÉDIO A LUZ DA LOGOTERAPIA

Fernanda Fiuza Bastos de Moraes Pinto
Faculdade Católica do Rio Grande do Norte

Laylla Cristiane de Moura Carvalho
Faculdade Católica do Rio Grande do Norte

Analândia Fiuza Bastos de Moraes Pinto
Faculdade Católica do Rio Grande do Norte

Giulia Gabrielle Sousa Santos
Faculdade Católica do Rio Grande do Norte

A adolescência é uma fase de efervescências de questões sobre si e sobre o mundo. Nesse processo, os jovens experienciam angústias naturais de quem observa uma infinidade de possibilidades de ser e fazer escolhas. Essa é uma fase de completa construção de identidade e busca por sentido na existência. Nesse contexto, adolescentes do ensino médio de uma escola pública vivem essa experiência ainda atrelada às expectativas da sociedade e dos adultos para com a construção de um projeto de vida e de escolha da profissão. Observando esse fato, surgiu a possibilidade de abrir espaço de fala a esses jovens para que pudessem expressar vivências e anseios. O presente estudo teve como objetivo relatar a experiência da utilização da arteterapia à luz de conceitos logoterapêuticos com estudantes do 3º ano do ensino médio de uma escola pública do município de Mossoró, Rio Grande do Norte, por acadêmicos do curso de Psicologia da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte, em uma disciplina denominada Projeto Integra. Ação teve início a partir de uma oficina de colagens sobre as perspectivas do futuro, utilizando o aporte teórico da logoterapia e da análise existencial, uma abordagem fenomenológica existencial da Psicologia, criada por Viktor Frankl, com conceitos da autorreflexão, da autotranscendência e da liberdade de vontade, possibilitando o estímulo de recursos éticos (potencialidades dos sujeitos) levando os jovens a refletir sobre os seus campos de liberdade e possibilidades, e sua possível responsabilidade na construção desse futuro. Os participantes desenvolveram essas reflexões a partir da arte, utilizando recortes de revistas e colagem desse futuro imaginado em uma cartolina. Esse momento possibilitou a tomada de consciência e reflexão de sentidos, ajudando-os a pensar sobre si e sobre o futuro em que eles se imaginam, tendo a capacidade de criar, tomando atitudes e decisões mais autênticas com base naquilo em que acreditam. Diante disso, o estudo ressalta a importância de momentos como esse no ambiente escolar, principalmente no ensino médio, visto que o atual cenário da educação, que parece mais se preocupar com a formação de profissionais para o mercado de trabalho do que de cidadãos autênticos e conscientes de si e de sua responsabilidade na sociedade. Este estudo buscou evidenciar abordagens possíveis nesse contexto, utilizando tanto a logoterapia quanto a arte para criar um ambiente facilitador de construção de futuro aos jovens do ensino médio de escolas públicas.

Palavras-chave: logoterapia; arte; perspectivas de futuro; ensino médio.

AUTONOMIA CURA: CUIDADOS APÓS TENTATIVA DE SUICÍDIO NO CONTEXTO DA ATENÇÃO BÁSICA

Miguel Resende de Almeida

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Izabel Pereira da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Este trabalho apresenta um diálogo interdisciplinar a partir da experiência na Residência Multiprofissional em Atenção Básica, em uma cidade do interior potiguar. A tentativa de suicídio pode representar um sinal extremo de sofrimento psíquico e, a depender do método utilizado, é comum haver internação da pessoa em leitos psiquiátricos de hospitais gerais. Nesse sentido, a situação vivenciada pelos autores ocorreu com uma mulher de aproximadamente 65 anos que tentou suicídio, foi internada e, posteriormente, encaminhada para a Unidade Básica de Saúde para ter o cuidado longitudinal. O psicólogo e a assistente social da unidade realizaram o primeiro atendimento, quando foi possível identificar algumas questões que ajudariam a compreender o esvaziamento da existência dessa mulher: sintomas depressivos negligenciados; fragilidade das relações interpessoais com filhos, parentes e vizinhos; crise no relacionamento afetivo. Os primeiros cuidados prestados na internação foram substitutivos: orientação para término do relacionamento; vigilância ao sair de casa e manter as portas dos cômodos abertas; ser acompanhada na ida aos serviços de saúde. Desde o primeiro contato com a usuária, esta mencionou sentir falta de ter autonomia nas suas escolhas e que isso causava incômodo porque trazia à tona o que fez contra si. Após algumas semanas de atendimento psicológico, ainda persistia a ideia de cuidados substitutivos dos profissionais, inclusive era comum a seguinte frase por parte da filha: “ela quer fazer, mas a médica ainda não deixa”. Somente com o êxito no tratamento medicamentoso, essa postura profissional foi diminuindo, pois a usuária apresentava sinais de que estava se sentindo bem. A maquiagem, as roupas, os sorrisos, o afeto que demonstrava com os profissionais eram indicativos de como a autonomia cura. Portanto, cabe a reflexão dos(as) profissionais dos serviços de saúde mental para além da literatura que aponta a vigilância ostensiva como forma de garantir que a pessoa não mais tentará o suicídio, considerando que a assistência e o cuidado direcionados a ela não devem silenciar a voz, nem retirar sua autonomia para que, dessa forma, não haja reprodução de lógica manicomial e patriarcal na assistência à saúde mental das mulheres. Este relato reforça a necessidade de ofertar o cuidado com base na singularidade de cada pessoa, com o objetivo de utilizar as suas potencialidades para o cuidado de si.

Palavras-chave: tentativa de suicídio; práticas interdisciplinares; Sistema Único de Saúde.

É POSSÍVEL TREINAR OU ENSINAR EMPATIA? INTERLOCUÇÃO ENTRE PSICOLOGIA E MEDICINA

Nadini Brandão de Sousa Takaki

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Bolsista CAPES

Vera Engler Cury

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Este estudo objetiva estabelecer uma interlocução sobre o conceito de empatia a partir da Psicologia humanista e da Fenomenologia clássica no contexto da medicina. Do alemão *einfihlung*, que significa “sentir em”, a empatia é um fenômeno presente em todas as relações humanas. No contexto da saúde, ganha relevância quando se considera sua efetividade na confiança do paciente e na adesão ao tratamento, promovendo melhores resultados clínicos. Entendida como habilidade individual, a empatia é comumente dividida entre a dimensão afetiva e cognitiva. Enquanto a primeira é considerada prejudicial ao contexto clínico, a segunda adquire importância crucial e surge como objeto de treinamento em programas de formação médica. Constitui, portanto, um atributo útil aos fins da prática médica, de modo a desconsiderar seu caráter relacional. Em uma perspectiva fenomenológica, a vivência empática consiste na vivência da experiência alheia, que ocorre em três níveis. Em um primeiro momento, há o reconhecimento do outro como outro eu, constituindo a dimensão sensorial; posteriormente, na dimensão psíquica, há o dar-se conta do sentido da experiência; e, por último, no terceiro nível, há a compreensão do significado valorativo do que o outro está vivendo e que corresponde à dimensão espiritual da pessoa. É este último nível, precisamente, que constitui a relação empática propriamente dita e nem sempre é atingido na interação com o outro. Na abordagem centrada na pessoa, a compreensão empática constitui uma atitude fundamental que, em conjunto com a autenticidade e a consideração positiva incondicional, possibilita o crescimento e o amadurecimento pessoal. Ambas as perspectivas, humanista e fenomenológica, apresentam uma noção de empatia que não é passível de treino, nem possui caráter utilitarista. Dessa maneira, o estudo aponta que a empatia está intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento da pessoa e sua manifestação ocorre sempre no presente imediato, no contexto da relação. Como atributo essencialmente humano e devido ao seu caráter imediato, não é possível ensinar ou treinar empatia, mas uma atitude empática pode ser desenvolvida por meio da convivência com médicos e professores que manifestem essa atitude; pelo desenvolvimento da própria personalidade; bem como pela remoção dos obstáculos que obstruem a capacidade empática, como é o caso de práticas e discursos que promovem a objetificação dos pacientes.

Palavras-chave: relação médico-paciente; relação profissional-paciente; abordagem centrada na pessoa; compreensão empática; fenomenologia clássica.

ENCANTO E POSSIBILIDADES DE SER: A FENOMENOLOGIA SOB O OLHAR DA ANIMAÇÃO

Maria Eduarda de Brito Almeida Matias
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Tainá Borges de Carvalho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Cynara Carvalho de Abreu
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Os filmes de animação, considerados categoria cinematográfica desde o início do século XX, têm sua concepção a partir da palavra em latim *anima*, que significa alma, pensando na ideia de dar alma a algo sem movimento. Inicialmente voltado para o público infantil, o cinema animado ganhou o mundo e teve a adesão de jovens e adultos, muito em função da capacidade de apresentar questões cotidianas e as transformar em reflexões existenciais. Dessa forma, os filmes de animação podem ser pensados como canais de comunicação que proporcionam, a partir de um olhar de caráter meditativo, uma aproximação de temas que circundam a realidade prática e calculante da vida moderna. Um dos caminhos possíveis para isso é a reflexão à luz da fenomenologia hermenêutica. Para ilustrar tal perspectiva, o estudo analisa a narrativa do longa-metragem *Encanto*, dirigido por Charise Castro Smith, Byron Howard e Jared Bush, que repercutiu em todas as faixas etárias, por sua sensibilidade ao retratar diversos temas, como questões familiares, conflitos geracionais bem como aspectos culturais da América Latina. *Encanto* versa sobre a história da família Madrigal, marcada pelos papéis predeterminados de cada personagem, de forma a restringir o mundo e suas possibilidades. No enredo, há um sofrimento das personagens proveniente da aceitação de características limitantes. Com isso, a casa em que vive a família protagonista começa a rachar e desmoronar conforme se desvela um habitar desenraizador. Partindo dessa síntese, este estudo faz uma conexão com os conceitos heideggerianos de ser-com, marcados durante toda a narrativa e que dizem respeito à relação familiar; e com o habitar, abordado de maneira ôntica e ontológica, definido a partir das reações da casa à dinâmica familiar e aos conflitos interpessoais. Para a reconstrução dos modos próprios de ser e uma maior abertura a possibilidades e ao mundo, o ser-com e a serenidade aparecem como meios de edificação da casa e do sentido familiar, compreendidos ao final da história. Ao considerar o imaginário, o lúdico e o fantástico como possibilidades de aproximação daquilo que é mais próprio do Dasein, os filmes de animação parecem proporcionar reflexões pertinentes acerca de temas existenciais para um público que vai além do infantil. O estudo conclui que, como exposto pelo filme *Encanto*, por meio das animações, é possível uma aproximação com conceitos fundamentais para a Fenomenologia hermenêutica ao convocar aquele que os assiste a refletir sobre sua própria existência a partir da arte.

Palavras-chave: cinema de animação; ser-com; habitar; fenomenologia hermenêutica.

EXISTENCIALISMO EM CLARICE LISPECTOR PELA PERSPECTIVA DE ALUNOS DE PSICOLOGIA

Luiza Karol Rocha Pimenta
UFMG

Mila Ruela da Silva
UFMG

Bruna Miranda Rodrigues
UFMG

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista
UFMG

Este relato visa atentar à participação em um grupo de estudos composto apenas por alunos sobre temas existenciais em Clarice Lispector. O relato tem sua base na experiência das autoras, em um grupo formado na Universidade Federal de Minas Gerais, no primeiro semestre letivo de 2023. O grupo tinha como objetivo discutir a temática do existencialismo nos textos de Clarice Lispector a partir da perspectiva dos alunos, que compreendiam a importância dessa autora para os estudiosos de Fenomenologia e da existência. Nesse sentido, os contos eram lidos de maneira conjunta a cada encontro e a discussão acontecia horizontalmente com o que cada um desejasse acrescentar a respeito de como percebia o texto. Desde o primeiro encontro, foi possível notar que a temática reverberou nos participantes, afetando suas vidas pessoais sobre o que tinha sido discutido no grupo e, posteriormente, eles conversavam sobre essas repercussões em seus cotidianos. Por vezes, as participações remeteram a citações de autores estudados em abordagens psicológicas ou outras áreas do saber, mas, em sua maioria, diziam respeito ao sentido que o texto tinha para aquele ser-no-mundo. A experiência permitiu ver como cada um era afetado de forma distinta, permitiu ainda identificar o modo único de ser perante os questionamentos postos quanto às temáticas existenciais abordadas por Clarice Lispector. Ao longo dos encontros e ao discutir sentimentos distintos, houve um aumento da intimidade entre os participantes, que gerou uma percepção de mais liberdade para falar de sentimentos socialmente tidos como errados. Em muitos dos textos, os participantes discutiam sensações fundamentais e humanas que possuem a capacidade de ampliar o entendimento sobre o ser-no-mundo. Apesar disso, mesmo em um curso de Psicologia, elas não recebem a devida importância. Um dos aspectos mais relevantes, decorrente do fato de ser uma discussão horizontalizada, foi que cada integrante trazia uma perspectiva nova em relação ao conto, de acordo com a maneira como era afetado pelo que estava sendo dito. Ao longo de um encontro, o grupo construía diferentes significados que colocavam em questão diversas características da existência. Logo, a contribuição que esse relato tem a fazer é a de elucidar a potencialidade da abertura constante para novas perspectivas individuais no que diz respeito à interpretação da obra de Clarice Lispector, assim como de outros autores da literatura que dialogam com o existencialismo como contribuição para a formação em Psicologia.

Palavras-chave: Existencialismo; Clarice Lispector; participação; psicologia; grupo.

FINITUDE EM “OS AMIGOS”: UM DIÁLOGO ENTRE ARTE, FILOSOFIA E PSICOLOGIA

Priscilla Dalledone
IESB

Este estudo busca estabelecer uma intersecção entre a prosa do romance juvenil *Os Amigos* –lançado em 1992 pela escritora, cineasta e musicista japonesa Kazumi Yumoto – e a teoria fenomenológico-existencial. O enredo mostra que quando a avó do personagem Yamashita morre, vem à tona, nele e em mais dois amigos, as curiosidades e os medos relativos à passagem. Acostumados com a vida repleta de cotidianidade, os meninos de 12 anos ousam espionar um morador velho da região, que acreditam estar à beira da morte, e quebram, assim, o que era esperado para jovens da idade deles. Vão estabelecendo, dessa maneira, uma relação íntima com as mortes e com a passagem do tempo, aprendendo a se autoconhecer a partir da relação com o outro. Quanto ao velho – alguém visto inicialmente como um ente simplesmente dado –, por meio de um acompanhamento diário, passa a ser visto como um Dasein, com toda a sua complexidade. A narrativa em questão, além de se mostrar rica literariamente (construída com o suporte de metáforas inusitadas e coerentes), consiste em um instrumento fidedigno para a análise da realidade existencial do ser-no-mundo, que se forma nas relações interpessoais e, assim como expresso na obra, desvela suas potencialidades ao se ver na tonalidade afetiva da angústia. Nesse romance, há também a explícita manifestação do processo de descoberta da finitude intrínseca à fase juvenil da vida, em um jogo de correlações com as estações do ano. Nesse processo, o amadurecimento das plantas, dos relacionamentos e da própria consciência dos meninos constitui uma exemplificação das teorias fenomenológico-existenciais, especialmente na estrutura do ser-para-a-morte de Heidegger. O diálogo entre a psicologia, a arte e a filosofia enriquece o olhar sobre a humanidade e facilita a compreensão das nuances próprias do ser-aí. Surge, assim, a importância de estudos dialógicos como este em questão. Como aparato, este estudo utiliza as teorias de Heidegger, Kahlmeyer-Mertens, Ross, Evangelista, Feijoo, Dhein, e Protasio acerca da Fenomenologia existencial; além da percepção literária de Terry Eagleton.

Palavras-chave: fenomenologia-existencial; literatura; amigos.

GESTALTPEDAGOGIA E FENOMENOLOGIA: UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR EM PROL DA EDUCAÇÃO

Ciro de Almeida Sampaio

Centro Gestáltico de Fortaleza

Lillian Argolo Amaral

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O estudo entre a Gestaltpedagogia e Fenomenologia tem como pressuposto um diálogo interdisciplinar a fim de favorecer o desígnio de uma relação professor-aluno, cujas interações propiciem a abertura de novos caminhos para o processo de ensino-aprendizagem. No centro das atenções, está o aluno que vivencia. Nesse sentido, o discente assume, no descobrimento do seu eu, no seu relacionamento com os demais entes humanos e com grupos sociais, uma posição central. A relação professor-aluno na Gestaltpedagogia, tendo como base filosófica uma Fenomenologia voltada à educação, reforça a chance de o foco ser o discente na compreensão do seu modo de ser, e o cuidado no que diz respeito à possibilidade do vir-a-ser. Ampliar diálogo interdisciplinar e conhecer os fenômenos tal como eles se apresentam é ponto de convergência entre a Gestaltpedagogia e a Fenomenologia. A proposta na Gestaltpedagogia também é a de o professor suspender, a princípio, suas generalizações científicas ou filosóficas: há de se apreender os fenômenos em suas singularidades, com ênfase no desvelamento da experiência do aluno. Nessa interface, há fatores comuns entre a Gestaltpedagogia e a Fenomenologia: um deles é a crítica às metodologias rígidas e o afunilamento da pesquisa sobre modelos predeterminados; outro é a atenção sobre “como” o aluno vivencia sua existência no ambiente escolar. As explicações teóricas, bem como o comportamento observável, são consideradas secundárias à luz do vivenciar no ambiente educacional e seu significado para o ser. Há pressupostos epistemológicos da Fenomenologia que permeiam a Gestaltpedagogia: autores como Burow e Scherpp exploram uma base filosófica fenomenológico-existencial cuja cosmovisão facilita o processo de ensino-aprendizagem, com abertura ao que se desvela a partir do universo do aluno. Essa perspectiva preconiza uma postura fenomenológica do professor no ambiente escolar, em contraposição a uma concepção mecanicista ou reducionista do ser humano. Essa interlocução, guiada por uma postura fenomenológica, favorece um processo de ensino-aprendizagem que facilita acolher a potência do aluno que se desvela no vir-a-ser. A Gestaltpedagogia surge como uma opção baseada nas contribuições do pensamento fenomenológico, evidenciando novos caminhos interdisciplinares em prol da educação. O estudo aponta que essa perspectiva pode promover um espaço educacional cuja relação professor-aluno facilite um habitar na contemporaneidade com abertura para as possibilidades do vir-a-ser.

Palavras-chave: educação; ensino-aprendizagem; fenomenologia; Gestaltpedagogia.

INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER: ENTRE O LEVE E O PESADO DO EXISTIR

Natália Azevedo de Brito
UFRN

O presente trabalho objetiva fazer uma interlocução reflexiva entre o romance *A Insustentável Leveza do Ser*, de Milan Kundera, e a condição de condenação à liberdade do homem, à luz do pensamento existencialista sartreano. A obra de Kundera, situada no contexto da invasão soviética em Praga, desenvolve com profundidade quatro personagens principais: Tomas, Tereza, Sabina e Franz, sob a perspectiva de um dilema que perpassa toda a trama: a dualidade entre peso e leveza. Nesse sentido, o relacionamento de Tomas e Tereza simboliza um peso esmagador, o ser com raízes firmes, um fardo concreto, uma existência tão real quanto inescapável. Enquanto isso, Sabina é livre e independente, não possui família, e retrata a leveza mais leve que o ar, distante do tangível e, portanto, semirreal e aparentemente insignificante. A partir da representatividade dos personagens, o narrador expõe a perspectiva de que o mais pesado dos fardos, apesar de nos esmagar, coloca a vida mais próxima da terra, tornando-a mais real e verdadeira. Enquanto isso, a ausência de fardo leva o ser humano a se distanciar do real, tornando-se quase insignificante. Nesse sentido, é possível considerar, pela interpretação, o peso trazido pela obra como a responsabilidade imbricada ao homem no pensamento de Jean-Paul Sartre. Para o filósofo, o indivíduo sustenta consigo a responsabilidade de ser o único encarregado de guiar seu existir – uma vez que não há uma essência pré-definida para a existência – e se torna o que ele próprio inventa à medida que se realiza. Esse é o peso de um fardo concreto trazido ao longo da trama, o que torna a responsabilidade de existir real e inescapável. Em contrapartida, a leveza simboliza justamente a possibilidade de escolha e a liberdade de se constituir como se há de querer. O ser humano não possui raízes metafísicas que lhe prendam ao chão, não há incrustado nele o peso de uma missão, de um projeto já definido ou de um propósito para lhe guiar – como a existência de Sabina escancara. Nesse sentido, o ser é leve – uma leveza que pode ser insustentável, justamente por incluir a responsabilidade imbricada. A partir das articulações traçadas, a obra permite refletir sobre o que prende o homem ao chão e o que o faz não ter raiz alguma, concluindo que não existe leveza sem peso, e, transpondo para Sartre, não há liberdade sem a condenação a ela.

Palavras-chave: Sartre; leveza; peso; responsabilidade; liberdade.

**LIVRO “OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER” À LUZ DA FENOMENOLOGIA
EXISTENCIAL**

Letícia Pinheiro Miranda

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Symone Fernandes de Melo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A psicologia fenomenológico-existencial busca compreender a existência a partir da concepção do indivíduo como ser-no-mundo, atravessado por determinado horizonte histórico. Concebendo a literatura como caminho profícuo de compreensão dos construtos que compõem tal perspectiva, no livro *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, escrito por Johann Wolfgang von Goethe, este estudo identifica elementos que se relacionam com as ideias do filósofo Martin Heidegger. O protagonista, Werther, aparece como um jovem sensível e meditante, que busca dar sentido à sua existência em meio a um mundo que lhe parece vazio e sem propósito. Essa busca por sentido é uma das temáticas da fenomenologia existencial, que procura compreender as implicações da busca de significado na vida e a lida com a tonalidade afetiva da angústia, que se desvela diante da finitude e da facticidade da existência. Werther experimenta intensamente seus afetos, que se entrelaçam em sua jornada. A fenomenologia de Heidegger entende a experiência como parte fundamental da existência. Nesse sentido, Werther é retratado como alguém que mergulhou profundamente em suas tonalidades afetivas, mas que também enfrentou o confronto entre suas paixões e as normas sociais. Outro aspecto presente na obra é a questão da liberdade. A perspectiva filosófica enfatiza a capacidade do Dasein de fazer escolhas e tomar decisões próprias e autônomas. Werther almeja a livre expressão da sua personalidade no âmbito ôntico, no entanto, esse aspecto sofre restrições pelas convenções sociais e pelos limites que a própria realidade impõe. Ao não encontrar vias de resguardo e refúgio, o jovem enfrenta um conflito profundo e, finalmente, provoca a sua própria morte. O estudo aponta que Werther sente-se alienado e deslocado da sociedade. Esse estranhamento é um ponto central da fenomenologia existencial, que busca compreender como o Dasein lida com o ter-de-ser, ao ser lançado ao mundo que é, antes de tudo, abertura e engajamento na contínua tarefa da busca de morada e familiaridade. Em suma, o livro dialoga com as ideias heideggerianas ao explorar o papel elaborador do sentido, a experiência da intensa afinação com a angústia e a implicação da alienação social. A partir do protagonista, Goethe apresenta um retrato complexo e profundo da existência, despertando reflexões sobre a condição humana e os desafios advindos da liberdade e da tarefa de construção de sentidos que possibilitem sustentar a vida.

Palavras-chave: fenomenologia; literatura; ser-no-mundo.

MEDO DA ETERNIDADE: O ETERNO ENQUANTO (IM)POSSIBILIDADE DO EXISTIRNatália Azevedo de Brito
UFRNSymone Fernandes de Melo
UFRN

O presente trabalho objetiva fazer uma interlocução reflexiva entre a crônica *Medo da Eternidade*, de Clarice Lispector, e a possibilidade de compreender a finitude sob a ótica da eternidade, aspectos do ser-no-tempo, em uma perspectiva heideggeriana. Ao contrário do caminho usual de contato com a angústia, isto é, o deparar-se com a finitude, a personagem de Clarice descreve seu angustiante momento de reflexão existencial baseado no contato com a possível eternidade. Diante da possibilidade de mascar chiclete para sempre, a narradora da crônica enfrenta o medo e a aflição perante um tempo sem fim. Dessa forma, a crônica permite pensar a eternidade como caminho possível de meditação para chegar ao sentido do ser trazido pelo horizonte temporal finito. Na ontologia heideggeriana, o Dasein é caracterizado como ser-para-morte, isto é, um ser que só existe por meio da finitude, e, diferentemente dos outros entes, tem a consciência dessa condição. Logo, a finitude surge como elemento nadificante das possibilidades existenciais, sendo o aspecto capaz de atribuir sentido à existência. Nesse caso, seria o deparar-se com a morte a única forma de atribuir sentido a esse finito? Como elucidada a crônica, a partir do peso da eternidade, o Dasein pode ser capaz de refletir acerca da finitude como potência atribuidora de sentido e, por esse caminho, ter a possibilidade de concretizar uma existência singular. A esse respeito, é válido elucidar que tal reflexão só é possível se feita de modo afastado da impessoalidade cotidiana. Encarar a morte de modo impessoal é considerá-la um fenômeno externo a si. Nesse estado, o ser chega à conclusão rasa de uma eternidade irrefletida, pois considera apenas o “não morrer” e não o “viver para sempre”. Logo, o caminho possível da reflexão pela eternidade para um chegar a si capaz de singularizar ocorre pela via do pensamento meditante em detrimento do impessoal, conforme visto na experiência da narradora da crônica, deixando-se refletir e afetar pelo seu chiclete infinito. Portanto, o estudo aponta a impossibilidade de um existir não angustiante, pois até a consideração da eternidade, quando feita de forma meditante, leva à angústia. Existindo, não há escapatória do absurdo: seja o para sempre, seja o fim. Apesar disso, meditar sobre o fardo da eternidade permite abrir uma via de acesso à finitude e, a partir dela, anteciper-se a si e ao cuidado, essenciais para a estruturação da existência singular.

Palavras-chave: eternidade; Clarice Lispector; finitude; ser-para-morte; singularização.

MÚSICA “NINE INCH NAILS” À LUZ DA HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA

Letícia Pinheiro Miranda

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ana Karina Silva Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Este trabalho visa analisar uma obra artística à luz da hermenêutica heideggeriana. O objeto ilustrativo escolhido é a música *Hurt* da banda Nine Inch Nails. Desse modo, ouvir o eu lírico da música, analisar a abertura ao seu mundo de significados torna possível o acesso ao comportamento autodestrutivo intencional, repetido tantas vezes ao longo da canção, desvelando-o como “já familiar”. O eu lírico compreende a dor advinda desse gesto como a “única coisa que é real”, apresentando, assim, ao longo de toda a música, uma profunda melancolia, um sofrimento e uma ausência de sentido. Ao ler os versos e, pensando o eu lírico como Dasein, as pesquisadoras buscam uma aproximação da afinação com a tonalidade afetiva fundamental da angústia, dado que sua existência se depara com o estranho e com a indeterminação do existir, aproximando-o da nada original. Isso acontece de forma que o que lhe dava familiaridade passa a não mais o enraizar, e os laços construídos outrora perdem sentido, indicando ruptura com a estrutura dos significados do mundo, causando indiferença, em radical esvaziamento, como registrado no trecho que diz estar “Sentado no meu trono de mentiras, cheio de pensamentos quebrados, que não consigo consertar, debaixo das manchas do tempo, os sentimentos desaparecem”. Nesse sentido, Heidegger concebe o corpo como manifestação da existência encarnada, meio pelo qual o Dasein relaciona-se e se manifesta, destacando o corporal como forma de comunicação pré-reflexiva. O corpo, nessa perspectiva, expressa o que não se articula por meio das palavras. Na contemporaneidade, ocorre o aumento de comportamentos de automutilação, em que o corpo se torna alvo de agressões intencionais. O estudo analisa se tal comportamento poderia ser pensado como manifestação do ser em relação à sua própria corporeidade, em que o corpo torna-se objeto de expressão simbólica do sofrimento e meio de manifestação da angústia. Assim, reflete acerca dos sentidos presentes nos comportamentos autolesivos, em como a dor, materializada no corpo, desvela desenraizamentos de existências cujo modo de corporar corta, sofre, dói, naquilo que é “a única coisa real”. Logo, o estudo destaca a importância da elaboração e continuidade de estudos com essa temática, já cantada em versos, escrita em textos, promovendo amparo às abordagens mais sensíveis sobre as experiências daqueles que enfrentam o sofrimento existencial.

Palavras-chave: sofrimento existencial; angústia; sentido.

NÃO-MONOGAMIA COMO ABERTURA DO SER PARA A EXPERIÊNCIA

Igor Rosa Dias de Jesus
UERJ

Tayná Garcia Santos de Souza
UERJ

Gabriela Peçanha Mossri
UERJ

A família patriarcal burguesa tem sido o fundamento sobre o qual se erige o modo de funcionar do mundo ocidental, o que engloba a divisão do trabalho entre os gêneros, a transmissão de herança e do patrimônio, as noções de posse sobre o corpo alheio, a educação das crianças e muitos outros elementos. Friedrich Engels descreve esse funcionamento em sua obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, ainda no século XIX. Malgrado às mudanças experimentadas pela humanidade nos últimos dois séculos, essa estrutura familiar ainda goza de certa estabilidade. Mudanças recentes no comportamento afetivo e sexual de certas camadas da população na aurora do século XXI, contudo, têm colocado em xeque esse modelo. Dessa forma, este trabalho visa a compreender como a não monogamia (e termos que guardam com ela uma proximidade semântica como o poliamor e as relações livres) desponta como uma afirmação radical do Ser frente às estruturas sociais, culturais e sociais que restringem ou limitam suas possibilidades de entender e experimentar o mundo. Sob esse ponto de vista, o estudo busca entender a não monogamia, tanto em seu aspecto de pensamento consciente quanto no de práxis na realidade, como um dispositivo de abertura do Ser para a experiência do mundo. Essa abertura dispara novos questionamentos existenciais sobre si mesmo e sobre a alteridade, tais como “É possível amar sem possuir?”; “Posso amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo?”; “Permito que o outro lide com seu corpo e com os seus sentimentos em seus próprios termos?”. Nesse sentido é que pensar a não monogamia, ainda que como hipótese, e sua prática de maneira efetiva são ações que erodem o modo de vida sob o qual a existência atual está conflagrada. Essa erosão age diretamente sobre as estruturas que fazem as engrenagens do mundo funcionarem e postula a questão de se é possível atribuir sentido às relações com o outro a partir dessas novas experiências e vivências e, ainda, como fazer essa atribuição de sentido. Dessa maneira, as considerações finais apontam para a ideia de que a não monogamia consiste em uma nova possibilidade de existência do Ser no mundo, abrindo-o para a experiência e contribuindo para a instauração de uma nova ética que reposicione os modos de pensar e de viver o afeto e a alteridade.

Palavras-chave: não-monogamia; poliamor; relações livres; abertura do Ser; experiência.

O CONSULTÓRIO SOU EU

Alisson de Oliveira Santos
Estácio Natal

Ana Andréa Barbosa Maux

Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Norte

Ao pedir para alguns colegas de profissão completarem a frase: no consultório eu... Foi quase unânime a resposta: sou eu! O contexto da indagação aconteceu na produção da minissérie autoral *Papo de Consultório*. Esse projeto visa conhecer, refletir e compartilhar, a partir de entrevistas, as possibilidades compreensivas que o consultório pode ter para o psicoterapeuta. O objetivo deste trabalho é comunicar as afetações de perceber como o consultório é vivido na experiência de alguns psicoterapeutas e como essa escuta mobilizou a experiência do pesquisador no consultório. O ponto de partida das afetações são as entrevistas realizadas para a minissérie. O consultório não é um lugar sabido e conhecido, pelo contrário, é um estranho mar revolto, descoberto a cada nova desatracação do cais. O consultório é um lugar decaído, que acolhe a mundanidade de existência a cada onda lancinante do cotidiano, faz desvelar as incertezas de como transitar nesse espaço marcado pela coabitação. O estudo busca ouvir outros profissionais em suas angústias e possibilidades em relação ao consultório, a fim de despertar o caráter criativo que ser psicoterapeuta convoca; o consultório também é um lugar de apropriação de existência do psicólogo, para poder, em conjunto com o outro, possibilitar que este se desvele em seu modo-de-ser. Os emaranhados de sentidos e significados, como fios que podem ser tecidos e apreciados com mais calma, passa a ganhar espaço quando o consultório é habitado por uma postura serena, que não visa alcançar resultados ou performance, tal como Heidegger (1988-1976) propõe quando trata do pensamento meditante. Estar na presença do outro com a disponibilidade de afetar-se com sua existência é de suma importância para que haja a possibilidade de encontrar a si mesmo fenomenologicamente vivenciando e compartilhando a experiência do atendimento. Um encontro com essa importância precisa de um consultório para além da materialidade. A experiência de, como psicoterapeuta, ouvir outros psicoterapeutas destaca o modo-de-ser como estrutura principal para que haja um lugar de trabalho, de existência e de tecitura. Somente estando com-o-outro o eu pode desvelar a si mesmo na possibilidade de ser consultório, tentando, ao máximo, distanciar-se do apelo da técnica, que abafa a fluidez da existência como possibilidade. Quando confortável na poltrona, nas falas e no que sente, o profissional pode reconhecer que o consultório está acontecendo como parte dele, como ele é.

Palavras-chave: fenomenologia-existencial; psicoterapia; atitude antinatural.

PSICOTERAPIA TRANSPESSOAL E ENTEÓGENOS: TECNOLOGIAS ANCESTRAIS E NOVAS FENOMENOLOGIAS

Fábio Nogueira Pereira
Centro Universitário FAESA

Introdução: psicoterapia, espiritualidade e enteógenos compartilham alguns conceitos comuns, mesmo que não estejam diretamente ligados, como um trecho da caminhada entre as décadas de 1960 e os dias atuais. Este estudo analisa a busca de reconhecimento da ancestralidade para a reconexão com algo maior e mais íntimo, um “retorno para casa”, por meio não só de “tecnologias antigas” como também das contemporâneas. Alguns Gestalt-terapeutas defensores de enteógenos veem essas substâncias como ferramentas para o desenvolvimento espiritual e psicológico. Na encruzilhada entre os três temas, o uso dessas medicinas da floresta pode facilitar experiências de dissolução do ego, transcendência e conexão com algo maior do que si mesmo. Desenvolvimento: o uso de substâncias psicoativas é ancestral e diversas tradições possuem alguma relação com enteógenos para evocar estados alterados de consciência com intuito espiritual. As sociedades ocidentais reprimiram esses psicoativos no último século, uma vez que estados extáticos e a perda de controle contrariam a ideologia moderna. A tradição gestáltica convida justamente a uma perda cuidadosa em nós mesmos e no outro, a um desapego do controle e à livre expressão. O caminho é o da expressão em vez da evitação, da abstração e da manipulação neurótica. O trabalho do xamã, por exemplo, também ocorre a partir da abertura da consciência e em processos catárticos focados, em uma linguagem gestáltica, na fase de pré-contato, mobilizando a função *id* e conteúdos “crus” e difusos que ficam ao fundo, tensionando a formação de figuras nítidas e energizadas. As intervenções feitas são, primeiramente, voltadas para a consciência pré-reflexiva e a ampliação da *awareness* em um sentido lato. A assimilação do vivido e a produção de sentido ocorrem posteriormente em entrevistas com o xamã (ou o psicoterapeuta) e na interação com a comunidade. Considerações finais: a Gestalt-terapia, assim como várias tradições ancestrais, busca confirmar a experiência vivida e conectar o eu ao fluir com os elementos presentes no campo, isto é, contatar em uma perspectiva transpessoal. Como tecnologia de expansão e reconexão, os enteógenos não retiram o ser da vida cotidiana, não restringem nem levam a qualquer tipo de evitação; pelo contrário, essas medicinas promovem a introspecção e novas percepções do ambiente, oportunizam contatos criativos, facilitam o encontro com emoções e memórias desafiadoras, e fomentam o crescimento pessoal.

Palavras-chave: enteógenos; psicoterapia transpessoal; espiritualidade; Gestalt-terapia; xamanismo.

QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA, UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA EXISTENCIAL

Lidiane Verônica Collares da Silva
IFEN

José Assunção Fernandes Leite
Centro Universitário UNDB

Este estudo busca analisar a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina de Jesus, em uma abordagem fenomenológico-hermenêutica existencial. Essa é uma obra literária em formato de diário, com o registro de cinco anos da vivência de Carolina e seus três filhos no Canindé, uma das primeiras grandes favelas da cidade de São Paulo, que foi desocupada em meados de 1960 para a construção da via Marginal Tietê. O estudo utiliza o método fenomenológico-hermenêutico proposto por Martin Heidegger, que considera três etapas no processo de sua análise existencial, a saber: reconstrução, destruição fenomenológica e construção, para assim desvelar outras possibilidades de interpretação, que não seja a já cristalizada, como relato de denúncia do modo de vida na favela. O homem estabelece sua diferença dos entes intramundanos por revelar o ser, é o que Heidegger chama de Dasein. Nesse caso, a Carolina é um Dasein, um ser-aí que se descobre e se revela no mundo. O mundo a envolve em todas as suas relações, seja individualmente, seja com os outros: filhos, vizinhos, amores, políticos e trabalho. Todos esses outros, na condição de estruturas existenciais, afetam a Carolina, e ela mostra disposição para conviver, a seu modo, com cada um de forma distinta. Isso, consequentemente, faz brotar nela o humor para tais relações. Mesmo com as condições adversas, Carolina não foi submissa às impessoalidades postas a ela – mulher negra, pobre e mãe solo. Procura ressignificar a impessoalidade dando sentido à sua existência, é quando deixa revelar o seu ser próprio. Carolina de Jesus não é obrigada a gostar do lugar em que mora, por isso, é presente a todo momento em seu diário a sua queixa do quanto é ruim a condição de vida na favela, fazendo uma leitura da impessoalidade que lhe é imposta, mas, ao mesmo tempo, ela pensa em relação a quem cabe mudar tal situação. O existir implica que o mundo vai impor condições, sejam naturais, como a morte; sejam as criadas pelos homens, como a organização social em classes de acordo com o padrão econômico de cada um. Para não morrer, Carolina teve de ler outros códigos que a possibilitam estar na vida. Enfim, o estudo observa como a psicologia fenomenológico-existencial pode auxiliar o existente a se perceber como construtor da sua própria história, possibilitando a compreensão da sua existência como um processo constante de escolhas e de deliberações sobre sua vida.

Palavras-chave: fenomenologia hermenêutica; literatura; Carolina de Jesus; Martin Heidegger.

SER-COM-RUPTURA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO HEIDEGGERIANO

Amanda Karêlina Galvão de França
UFRN

Este trabalho propõe uma análise do seriado *Ruptura*, estreado em 2022, objetivando tecer aproximações entre a trama e a ontologia heideggeriana. Para tanto, descreve essa distopia, cujo cenário é a empresa Lumen, que realiza uma cirurgia nos funcionários, a partir da qual só é possível acessar as memórias referentes ao trabalho durante o horário do expediente – quando as memórias da vida pessoal não estão disponíveis. Fora da empresa, nada mais se sabe sobre o trabalho. Logo, há uma ruptura entre o *inner*, o “eu” do trabalho, e o *outie*, o “eu” externo a ele. Esse processo passa a ser questionado quando a funcionária Helly R. é contratada e manifesta profunda insatisfação com a alienação a que é submetida pela empresa em relação ao seu trabalho. Isso pode ser compreendido como afetação pelo clamor da angústia, que permite à personagem tomar consciência de sua liberdade, bem como questionar o mundo e suas escolhas. Como resultado, ela decide se demitir, o que depende da autorização de sua versão *outie*, a qual não é alcançada, mesmo após muitas tentativas. Nesse contexto, a personagem se automutila na intenção de sensibilizar sua *outie* a permitir a demissão, o que suscita a compreensão da automutilação como modo de promover ajustes na realidade e, assim, sentir-se melhor. O insucesso dessa estratégia culmina na tentativa de suicídio da personagem, na expressão da vontade de pôr fim à existência para, dessa forma, pôr fim também às vivências de trabalho. Heidegger teoriza que a experiência do habitar constitui o ser do homem e é seu traço essencial, a partir do qual é possível permanecer e se demorar em algo quando há espaço resguardado e protegido de ameaça. No entanto, em período marcado pela lógica produtivista, existem muitas prescrições acerca dos modos de existir. Nesse sentido, pensar sobre o suicídio convoca a refletir sobre as condições de habitação que o mundo tem oferecido, compreendendo que uma tentativa de suicídio comunica a dificuldade de realizar um projeto de existência nesse mundo. Isso pode ser percebido na experiência de trabalho da personagem, pois o mundo desvelado para sua *inner* não permite contato com a articulação de sentidos responsável pela escolha, por se vincular à corporação e ter suas possibilidades existenciais restritas à realização de funções laborais. Portanto, o seriado representa a cisão do ser, à medida que ocorre uma cisão do mundo, cada vez mais inóspito à existência, e suscita reflexões importantes sobre a temática do suicídio na atualidade.

Palavras-chave: fenomenologia; Heidegger; automutilação; suicídio; trabalho.

UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO FILME O SÉTIMO SELO

Lidiane Verônica Collares da Silva
IFEN

O presente trabalho apresenta uma compreensão fenomenológico-existencial de *O Sétimo Selo*, filme sueco de 1957, escrito e dirigido por Ingmar Bergman. É ambientado na época da peste negra, no século XIV, e conta a história de um cavaleiro chamado Antonius Block que, após 10 anos de luta nas Cruzadas, volta para sua cidade natal com o seu escudeiro Jons. Ao retornar, ele se depara com sua cidade devastada pela Peste Negra e com a Morte, que se apresenta a ele como último inimigo. O cavaleiro então desafia a Morte para um jogo de xadrez com a intenção de adiar seu fim e encontrar algum sentido para a sua vida. A metodologia do trabalho consistiu em fazer a descrição do filme e, em seguida, extrair unidades de sentido para criar um retrato descritivo das características intencionais de vivência das personagens e, assim, elaborar uma compreensão fenomenológico-existencial. A morte aparece como a única certeza para o existente, a todo momento do filme, as tentativas de adiar o fim da vida são frustradas. Na trama, a religião tenta colocar o pecado como causa da peste e, assim, a expiação dele poderia interromper as mortes que aconteciam, todavia, nada era capaz de reverter a situação. Durante uma confissão na Igreja, Block relata que antes de morrer precisa de uma garantia da existência de Deus, pois passara 10 anos cumprindo uma missão divina, no entanto, a cena demonstra que a Morte é concreta, mas Deus não, pois enquanto este permanece em silêncio, aquela conversa e joga com o cavaleiro. A Morte surge como possibilidade insuperável do homem e é somente experienciando essa angústia frente ao nada, tal qual Antonius Block, é que o existente pode escolher a si mesmo, rompendo com as identificações da impessoalidade, o que fica evidente durante o filme, quando todas as suas certezas sobre Deus são insignificantes e quando Antonius revela que o jogo com a Morte lhe dá prazer, pois ele valorizou momentos que antes passariam por ele sem significado algum. O filme fornece uma reflexão sobre o trabalho clínico do psicólogo, que é o de acompanhar pacientemente o existente em sua jornada, sem a pressa de lhe dar explicações, como fizeram os religiosos do filme, mas, sim, de questionar as certezas que a pessoa assimila do impessoal e toma para si como verdades absolutas, pois é no acontecimento da crise que o cliente tem como possibilidade assumir a tarefa de ser ele mesmo.

Palavras-chave: O Sétimo Selo; psicologia fenomenológico-existencial; psicologia clínica; Ingmar Bergman.



LINHA TEMÁTICA

Prática psicológicas, Direitos Humanos, Decolonialidade

A ANGÚSTIA NUMA PERSPECTIVA DECOLONIAL: CONTRIBUIÇÕES DE FRANTZ FANON

Maiara de Souza Benedito
Instituto Dasein

Este trabalho discute a importância da fenomenologia existencial na compreensão da angústia e destaca a necessidade de uma perspectiva decolonial para ampliar essa compreensão. A fenomenologia existencial, desenvolvida por pensadores europeus, pode negligenciar as experiências das pessoas em países colonizados. Para abordar essa lacuna, exploram-se as contribuições de Frantz Fanon, em seus livros *Peles Negras: Máscaras Brancas* e *Os Condenados da Terra*. A Fenomenologia busca compreender os sentidos presentes nas experiências humanas, além da dicotomia mente-corpo. Edmund Husserl é considerado o fundador dessa corrente, enfatizando a consciência intencional e a atribuição de sentido. Posteriormente, filósofos como Heidegger expandiram a fenomenologia, questionando a objetificação da vida e buscando o sentido do ser-no-mundo. Essas ideias influenciaram a psiquiatria e as ciências humanas, com destaque para a obra *Ser e Tempo*, de Heidegger. O existencialismo analisa a existência humana, considerando experiências e emoções. Kierkegaard e Sartre foram importantes expoentes dessa corrente, questionando normas sociais e destacando a liberdade e a existência individual. A Fenomenologia e a Psicologia fenomenológico-existencial abordam a angústia como parte intrínseca da existência humana. Entretanto, é fundamental ampliar a compreensão da angústia considerando o impacto da colonização em pessoas negras. Frantz Fanon, intelectual e revolucionário nascido na Martinica, constituiu suas ideias nas suas experiências pessoais, profissionais e políticas com a colonização. Suas obras analisam a existência dos negros e os efeitos da colonização. Os livros de Fanon revelam a angústia vivenciada por indivíduos negros em contextos coloniais e pós-coloniais. Ele apresenta a angústia da busca por assimilação à cultura branca dominante e por validação por meio de relacionamentos inter-raciais. Além disso, examina a violência estrutural e a desumanização impostas aos povos colonizados. A análise de Fanon revela a profundidade e a complexidade da angústia enfrentada por indivíduos negros em sua luta por liberdade, igualdade e dignidade humana. A perspectiva revolucionária proposta por ele convida a repensar a Fenomenologia existencial, buscando compreender e transformar as existências marginalizadas. Promover uma Fenomenologia existencial decolonial é um convite às ações transformadoras que construam um novo mundo e uma nova humanidade.

Palavras-chave: angústia; fenomenologia; Existencialismo; Decolonialidade; Fanon.

A QUESTÃO IDENTITÁRIA, VIOLÊNCIA DE GÊNERO E A EXPERIÊNCIA DAS MULHERES NORDESTINAS

Amanda Melo Queiroz da Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Bolsista UFRN

Ana Karina Silva Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O modo como a História veio sendo tradicionalmente construída e contada revela uma tendência a encapsular fenômenos em identidades estáveis, recaindo na biologização dos papéis sociais e retirando de cena o caráter histórico de suas constituições. A invisibilidade da dimensão histórica na construção de categorias de gênero é característica do modo de conhecimento pautado na metafísica, cujo triunfo como modelo para o desenvolvimento das ciências acontece principalmente pelo seu caráter de manutenção de estruturas sociais pautadas na violência identitária. Esse caráter violento ocorre à medida que, ao afirmar uma identidade universal, os indivíduos perdem a singularidade da experiência e dos diferentes modos possíveis de ser. Ao tematizar gênero, essa violência identitária legitima um modo de ser mulher, aspectos esperados para sua realização como tal e condições apriorísticas sobre o que é o feminino, restringindo-o em suas possibilidades. Heidegger tem um posicionamento crítico à metafísica, ao apontar que esta triunfa na luta contra a negatividade e a indeterminação da existência. A metafísica também alcança legitimidade por dificilmente desestabilizar as estruturas epistemológicas e ontológicas a partir das quais homens e mulheres se organizaram socialmente como identidades sólidas e hierárquicas. A manutenção de determinados sentidos do ser-mulher no tempo, quando naturalizados como aspectos biológicos e individuais das feminilidades, corrobora o discurso do esquecimento do caráter de ser. Ao tematizar mulheres em situação de violência, é importante demarcar que a articulação com a ontologia heideggeriana perpassa a consideração de um horizonte histórico de sentido em que angústia, ser-para-a-morte, não necessariamente aparecem como um chamamento à autenticidade. Ao tratar das vidas marcadas para morrer, o estudo identifica muito mais um poder-morrer que anula radicalmente o caráter de ser. Ao adentrar as singularidades do ser-mulher no Nordeste do Brasil, essa compreensão do homem como o sexo forte tem sua radicalização na figura do “cabra-macho”. Alinhado à valorização dessa representação masculina, o recato; a vida voltada ao matrimônio, aos filhos, assim como à religiosidade; e a ideia de que “lugar de mulher honesta é no lar” permeiam o imaginário social do Nordeste, e constituem a sua trama de sentidos. Tais compreensões sobre o masculino e o feminino acirraram a violência de gênero nesse território e a sua banalização reproduzida socialmente a partir de uma questão identitária.

Palavras-chave: violência identitária; violência de gênero; Nordeste; ontologia heideggeriana.

ASSÉDIO SEXUAL NA UNIVERSIDADE: REFLEXÕES SUSCITADAS PELA ESCUTA EM SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA

Maria Luisa Paes Barreto Pereira de Macedo Machado

UFRN

Patrícia Karla de Souza e Silva

UFRN

Rita Pinto Amorim das Virgens

UFRN

Sofia SantAnna Costa Barbosa

UFRN

Symone Fernandes de Melo

UFRN

Partindo do referencial legal e jurídico, no Brasil, assédio sexual consiste em todo e qualquer comportamento que provoque constrangimento com a intenção de obter vantagens (de natureza sexual), em uma relação em que o violador faz uso de vantagens hierárquicas, vinculadas à natureza do emprego/cargo/função. Como fenômeno social, circunscrito a determinado horizonte histórico, o estudo aponta que esse tipo de violência está fortemente atravessado pelo recorte de gênero, em uma sociedade capitalista patriarcal na qual a desigualdade entre homens e mulheres vem sendo produzida e perpetuada historicamente. Tal cenário contribui, por sua vez, para o silenciamento e a escassez de denúncias, justificadas pelo medo de represália e sentimento de culpa. Na contemporaneidade, há um aumento no número de casos correspondentes a esse tipo de violência, inclusive no ambiente universitário, em que preponderam relações de poder entre docentes/servidores e discentes, aspecto facilitador da imposição de uma dominância. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo tematizar o fenômeno do assédio sexual no contexto universitário, a partir de reflexões suscitadas pela escuta psicológica a alunas vítimas desse tipo de violação, e o diálogo com o pensamento heideggeriano. Onticamente, as narrativas comunicaram consequências físicas, psicológicas e sociais para as vítimas, a exemplo de: permanente quadro de ansiedade; prejuízos no sono; efeitos negativos na autoimagem; danos na construção de vínculos; déficits nos compromissos laborais e/ou desempenho acadêmico; medo de retaliações; e quadros diversos de adoecimento. Atitudes defensivas e autoprotetivas nas relações sociais com os outros homens, compreendidos previamente como sujeitos que suscitam ameaça e perigo, em resposta à afetação do temor, também são recorrentes. Ontologicamente, as experiências revelaram modos restritivos de habitar que reduzem as possibilidades de as vítimas serem e estarem no mundo. A busca pelo controle surgiu como estratégia de resgate de segurança e alívio da dor. Foi possível notar que a conclusão do pleito jurídico, mesmo quando em favor da vítima, não é suficiente para aplacar a angústia da experiência vivida. É necessário, portanto, que haja reconhecimento e acolhimento da violência, que viabilizem outras compreensões das vivências, além da construção de novos sentidos e possibilidades, retirando da violência o seu caráter de determinação.

Palavras-chave: assédio; gênero; universidade; fenomenologia.

BODY POSITIVITY E A ORGANIZAÇÃO COLETIVA

Gabriel César Silva Rodrigues

Universidade Federal de Minas Gerais

Bolsista CAPES

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Universidade Federal de Minas Gerais

Introdução: a *body positivity* é uma comunidade com presença exclusiva nas redes sociais que busca promover a aceitação do corpo como ele é no momento, recusando a necessidade de mudança para adequação ao padrão estético hegemônico ocidental contemporâneo. Valoriza a apropriação e a manifestação do corpo como propiciador de conexão com o entorno, significando a beleza como um atributo relacional entre ser e mundo. Embora o movimento como um todo valorize a construção de uma comunidade coesa com tais preceitos, é possível ver duas vertentes: uma que confere à coletividade um papel de apoio de mudanças individuais, outra que se organiza como um movimento social e propõe alterações radicais na sociedade, desde sua organização econômica até as tramas de significado sobre o corpo. Esta comunicação visa elucidar as especificidades da *body positivity* tal como preconizada pelo segundo grupo, o que explicitará a influências de modos de ser da sociedade contemporânea, como a hiper-exposição e individualização. Desenvolvimento: atualmente, há uma demanda social por exposição, atrelando o valor dos entes a sua possibilidade de veiculação na mídia, algo que gerará uma ausência de narratividade e aumento da informação. Esse ponto é relevante, pois há uma corrosão da articulação coletiva inicialmente pretendida pelo movimento. Para participação em grupo, é necessária uma construção temporal, realizar processos com duração, algo em dissonância com os tempos acelerados que demandam comunicação instantânea, possibilitada pelas redes sociais digitais. Quando inserida no ambiente *on-line*, a *body positivity* corre o risco de aderir à dinâmica da expulsão do outro, criando núcleos que dificultam o processo de encontro propulsor de mudança e reavaliação de noções sedimentadas em um grupo. Considerações finais: a contemporaneidade enfatiza a individualização do ser humano, algo que dificulta a mobilização coletiva. Constantemente distanciado do seu entorno físico e reduzido ao seu ambiente *on-line*, o corpo fica inerte. A *body positivity*, ao manter o projeto individualista de autoamor, permanece coerente com o sujeito contemporâneo, atomizado e distante dos demais, em especial, dos diferentes.

Palavras-chave: body positive; psicologia social; contemporaneidade; movimentos sociais.

COMPREENDENDO O SENTIDO DO EXISTIR EM ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA

Sinthya de Cássia Oliveira da Rocha
UFRN

Ana Karina Silva Azevedo
UFRN

Este relato de experiência tem como proposta apresentar reflexões, ancoradas na Fenomenologia hermenêutica, sobre violência e sentido de vida para adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa a partir de experiência profissional nesse atendimento, realizado no Centro de Referência Especializado de Assistência Social do município de Parnamirim, Rio Grande do Norte. O acompanhamento dos adolescentes nas referidas medidas compreende: elaboração de Plano Individual de Atendimento; oficinas em grupo; atendimento à família e ao adolescente individualmente e/ou em grupo; e encaminhamentos externos. As medidas socioeducativas compreendem um dos eixos do Estatuto da Criança e do Adolescente que estabelece preceitos para as intervenções em adolescentes a quem foram atribuídos a prática de atos infracionais. O estudo aponta que grande parte dos adolescentes atendidos é de negros, com baixa escolaridade, em situação fora da escola, vivendo em condições de pobreza e com vivência de violências desde a infância. O atendimento socioeducativo deve auxiliar os adolescentes na (re)construção de um projeto de vida. Para isso, é necessário refletir sobre os sentidos eles atribuem aos seus projetos e vivências. A partir das possibilidades situadas no mundo contextualizado e histórico, o Dasein elabora seus sentidos, realiza o seu existir, muitas vezes, de forma impessoal, reproduzindo sentidos atravessados pela violência da maneira como esta lhe é apresentada. Nesse contexto, a maneira como esses adolescentes compreendem a vida e projetam seu futuro é permeada pelos sentidos sedimentados no seu mundo e pela sua própria vivência com a violência. Por conseguinte, os adolescentes com essa vivência apresentam dificuldades na elaboração e no planejamento do futuro, muitas vezes, com ausência de projeto de longo prazo, pois, na sua realidade concreta, a morte é muitas vezes familiar na cotidianidade. A compreensão de sentido como aquilo que é construído coletivamente no mundo em certa temporalidade indica que as questões que aparecem para esse público são de responsabilidade coletiva. Com isso, surge a questão: quais condições de enraizamento estão sendo apresentadas para esses jovens? As reflexões sobre suas narrativas e projetos anunciam que é importante que eles tenham em seu horizonte garantia dos seus direitos básicos, de cuidado, saúde, lazer, educação e profissionalização para que seja possível experienciar múltiplas possibilidades de poder-ser pautadas em mediadores diferentes daqueles sedimentados no seu horizonte.

Palavras-chave: fenomenologia-hermenêutica; medida socioeducativa; sentido; violência.

CONFLITOS ÉTICOS NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA: O DIREITO À MORTE E À VIDA

Yasmin Meireles Aragão

Universidade de São Paulo

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

Universidade de São Paulo

Pensar o fenômeno do suicídio é falar de uma complexa interação de fatores biológicos, genéticos, psicológicos, sociais, culturais e ambientais, bem como de um gesto de autodestruição, estando relacionado a uma escolha pela morte, ou seja, à eliminação da angústia na vivência da última possibilidade como ser no mundo. O objeto do estudo é uma revisão integrativa a refletir sobre os conflitos éticos da clínica fenomenológica, considerando a situação de escolha pela morte. Tendo como preceito que a morte é inevitável e inerente à condição humana, a questão de pesquisa é: uma pessoa detém o poder sobre o fim da sua vida, mas seria essa uma visão realmente possível? Atualmente, há, por um lado, a predominância, no campo da saúde, da visão do suicídio como algo a ser evitado a todo custo, investindo no manejo de recursos para sua prevenção; por outro lado, tem tido ascensão na mídia e no campo científico o debate sobre a liberdade de escolha entre a vida e a morte. Para alguns pesquisadores, uma leitura possível do ato de suicídio é ele ser uma escolha racional mesmo sem a presença de uma doença terminal. A escolha do paciente deve ser respeitada se for resultado de uma avaliação clara da insuportabilidade de sua situação. Este artigo discute a questão do suicídio assistido, da vida digna e da liberdade de escolha entre a vida e a morte, lançando luz ao reconhecimento do direito de escolha e do olhar fenomenológico possível frente a esse fenômeno. Para tanto, o estudo busca refletir sobre quais questões éticas envolvem o psicólogo nesse cenário e quando um profissional deve adotar uma abordagem intervencionista a partir de um posicionamento de respeito ao direito de liberdade e autonomia do outro. A literatura acerca do tema é escassa. Legalmente, no Brasil, o suicídio assistido e a eutanásia são ilegais, no entanto, frente à ampla, acirrada e complexa questão do suicídio e ao número cada vez mais crescente de jurisdições em todo o mundo, que permitem legalmente o suicídio assistido (ou eutanásia voluntária), não resta dúvida da importância e da necessidade de se discutir qual o lugar e o significado do suicídio e do morrer na sociedade atual.

Palavras-chave: fenomenologia; suicídio assistido; direito à morte; ética.

CONJUGALIDADE CONTEMPORÂNEA: A FAMÍLIA HOMOAFETIVA NA PERSPECTIVA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Cleiton Cavalcanti do Nascimento
UNINASSAU

Valdir Eneias de Melo
UNINASSAU

As novas formas de conjugalidade familiares constituem hoje uma das marcas da contemporaneidade e trazem a necessidade de reconhecer que os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo é uma união de afetos, devendo ser acolhida, reconhecida e respeitada. Este artigo tem como objetivo refletir sobre as transformações que ocorreram nas famílias ao longo do tempo e os novos arranjos familiares, focando a família homoafetiva sob o olhar da abordagem centrada na pessoa, postulada pelo psicólogo americano Carl Rogers. Os vínculos afetivos entre pessoas do mesmo sexo sempre existiram, apesar dos valores culturais e influências religiosas dominantes de cada época. A abordagem centrada na pessoa não é apenas um referencial teórico aplicável ao contexto da clínica psicológica, tampouco é apenas uma psicoterapia, mas consiste em uma abordagem, podendo ser ampliada para vários contextos como educação, grupos, organizações. Enfim, surge como uma perspectiva de homem e de mundo. A Psicoterapia de abordagem centrada na pessoa postula que todo ser humano é motivado por um processo voltado para o crescimento, o que ele denominava de tendência para realização. O terapeuta atua como facilitador, buscando auxiliar a pessoa a se perceber e encontrar condições ideais para a autorrealização. Para isso, o facilitador apresenta condições para o crescimento do sujeito. O estudo utilizou como fonte literária uma revisão em periódicos e livros direcionados à abordagem centrada na pessoa. Assumindo um posicionamento sem preconceitos e julgamentos, que aceita a pessoa como ela é, sem se prender às aparências e ao exterior do sujeito, essa abordagem consegue perceber a essência e o que faz sentido para o outro, trazendo a sua contribuição de acolhimento e aceitação sobre a forma como se percebe e como acolhe as famílias homoafetivas, considerando que essas configurações familiares necessitam viver de forma plena e ser aceitas cada vez mais, refletindo uma tendência à atualização para caminhar rumo ao desenvolvimento da sociedade. Caso contrário, a exclusão e a discriminação podem trazer sofrimentos e angústias, bem como a desvalorização do ser como pessoa. Portanto, diante do panorama social que apresenta múltiplas conjugalidades, o estudo aponta ser necessário desconstruir e reconstruir reflexões sobre o lugar ocupado por essas famílias na sociedade atual, com a garantia de direitos, respeito e reconhecimento que cabe a essas famílias.

Palavras-chave: família homoafetiva; conjugalidades; contemporaneidade; Abordagem Centrada na Pessoa.

CUIDADO ENTRE MULHERES: A ÉTICA AMOROSA DE HOOKS NUM SERVIÇO DE PSICOLOGIA

Thamiris Magalhães Iorio
Universidade Federal Fluminense
Cristine Monteiro Mattar
Universidade Federal Fluminense

O presente trabalho é um desdobramento da ação de implantação de um grupo terapêutico no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal Fluminense de Niterói, entre junho de 2022 e fevereiro de 2023, com agenda aberta para o público-alvo de mulheres. Intitulada *Grupo de Cuidado entre Mulheres*, a ação ofereceu assistência psicológica às interessadas, com base nas pesquisas realizadas pelo Laboratório de Estudos, Pesquisas e Extensão em Fenomenologia, Hermenêutica e Psicologia, cadastrado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Toda a prática tem como fundamento a desconstrução do feminino como sedimentação identitária e o empoderamento do feminino como ferramenta de resistência. Com a fase atual de análise dos resultados do projeto, o estudo busca ampliar o conhecimento acerca dos problemas de gênero que estão na estrutura da realidade brasileira e que geram sofrimento, bem como as possibilidades de cuidado clínico a partir do dispositivo de grupo. Com isso, o grupo contribui na construção ética de uma rede de cuidado e em defesa dos direitos humanos, acolhendo e propiciando às mulheres a possibilidade de encontro, relato, diálogo, reflexão em grupo. Conforme explica Camasmie (2012), a terapeuta não está acima do processo psicoterápico em grupo, mas incluída nele, já que há expectativas por parte das participantes em relação ao seu olhar e às suas intervenções. Na perspectiva de Camasmie, bell hooks desenvolve a noção de ética amorosa como caminho de resistência ao patriarcado. Nesse sentido, como adotar uma ética amorosa nas práticas clínicas em grupo com mulheres? Segundo hooks, isso é possível a partir de um compromisso com a responsabilidade, com o cuidado e com o crescimento consigo e com os demais, de modo que a vida de todas(os) seja melhorada. Nessa ética, o pressuposto é que todas(os) têm direito de ser livres e de viver bem, para isso, é necessário investir tempo e compromisso, uma vez que a ética amorosa abre caminho para a transformação de si. Para hooks, isso é o verdadeiro amor. Isso não significa que não haverá coisas ruins, mas que elas poderão ser enfrentadas de maneira que a vida seja elevada e não amaldiçoada. Assim, a facilitação de um espaço seguro possibilitou às participantes estar em condição de abertura umas com as outras, o que, gradualmente, conferiu ao grupo de mulheres vida própria independentemente do espaço institucional. Nesse sentido, a força da troca coletiva e dos laços criados no projeto demonstraram a potência do cuidado horizontal entre mulheres, indicando um caminho possível de resistência.

Palavras-chave: cuidado entre mulheres; Bell Hooks; ética amorosa; pensamento decolonial; dispositivo de grupo.

ENXERGANDO OS INVISÍVEIS: O ENVELHECER LGBTI+ À LUZ DA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA

Maria Vanessa Morais da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Bolsista CAPES

Ana Karina Silva Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O envelhecimento é parte natural da vida e um processo do desenvolvimento humano. Embora a humanidade tenha essa compreensão, cada vez mais busca artifícios tecnológicos para adiar e encobrir os efeitos do envelhecer. A sociedade contemporânea enaltece a juventude e o vigor dos corpos de modo que o encontro com a velhice vem cercado de tabus e preconceitos. O que dizer em relação ao envelhecimento de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Travestis, Intersexo e mais (LGBTI+)? Tematizar esse fenômeno é falar sobre experiências que desvelam uma dupla discriminação e intolerância nessa fase da vida. O objetivo deste estudo teórico é tematizar e refletir sobre o envelhecimento da população LGBTI+ o qual ainda tem sido pouco abordado, sendo perpassado por estigmas, estereótipos e desamparo de políticas públicas e sociais, apontando uma realidade extremamente silenciada e invisibilizada. Pensando sobre esse horizonte histórico, cabe uma questão: como essas pessoas habitam e compartilham este mundo? Considerando os vários contextos mundanos, entendendo que a sociedade tem como alicerce o patriarcado e a cis-hetero-normatividade, e o Brasil ganha o título de país que mais mata pessoas LGBTI+ no mundo, permanecer vivo é resistência! Ao mesmo tempo, viver dissidindo dessa norma imperativa aproxima algumas existências de preconceitos e violências ainda mais proeminentes. Refletir sobre as velhices LGBTI+ sob um olhar fenomenológico-hermenêutico é propor o vislumbrar de um entendimento que: só é possível construir possibilidades de ser-no-mundo como pessoas idosas LGBTI+ se combater a opressão pelas orientações normativas do mundo, reconquistando o caráter subversivo de toda e qualquer existência, uma vez que essa população é marcada por uma nadinha originária e pela ausência de qualquer determinação ontológica prévia. É justamente a partir dessa condição ontológica de não determinação que é possível pensar outros modos de existir que não os já sedimentados histórica e hegemonicamente. É urgente propor uma discussão sobre as velhices LGBTI+, uma vez que as pessoas não se dão conta que elas existem. Não ver essa população, não pensar sobre sua existência é seguir invisibilizando-a, como se os LGBTI+ não pudessem existir.

Palavras-chave: envelhecimento; população LGBTI+; fenomenologia; Martin Heidegger.

EXISTÊNCIAS INTERDITADAS POR VIOLÊNCIAS SEXUAIS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Ana Amélia Melo de Oliveira
Núcleo Poiesis

A experiência como psicóloga em atuação na clínica e no campo dos movimentos sociais e formativos levou a pesquisadora ao encontro com crianças e adolescentes que tiveram seus direitos violados por causa dos abusos e explorações sexuais. São 20 anos trabalhando no consultório, em palestras e formações com crianças e adolescentes que tiveram seus sonhos, sua infância e adolescência roubados ou interditados por uma violência alicerçada em marcadores históricos e sociais, como a cultura do machismo, do patriarcado, do sexismo, do racismo, do classicismo e da violência de gênero. Em pleno século XXI, a humanidade ainda colhe os frutos de uma colonização hegemonicamente branca, machista e patriarcal, assentada em ações de violências – como o estupro de crianças e adolescentes, principalmente meninas – como forma de dominação e docilização dos seus corpos. A fim de compreender essa herança colonial, este estudo busca analisar e refletir, a partir da hermenêutica heideggeriana, sobre a condição existencial de duas adolescentes meninas que são atendidas no consultório clínico e que trazem em suas experiências e narrativas as marcas da violência física e psicológica impingidas por pessoas do seu afeto, da sua confiança, que usam dessa condição para a prática do abuso sexual, do estupro de vulnerável. São casos marcados pela revitimização dessas adolescentes, levando-as a processos de adoecimento, sofrimento, e, em alguns momentos, tentativas de suicídio por não suportarem mais a sensação de que suas dores e seus medos não são validados, e que os agressores não foram responsabilizados. Tais agressores são homens brancos, heterossexuais, cis e economicamente provedores dessas famílias. Esse horizonte histórico é fundamental para entender a força do machismo e do patriarcado como elementos estruturantes de comportamentos misóginos e da produção da violência de gênero. O peso da colonialidade está mantido na opressão e na dominação desses corpos por esses homens. Como seguir em uma existência marcada pelo desamparo, pelo abandono afetivo e pela invisibilidade desses sujeitos que foram vítimas de violência sexual? A partir da experiência da escuta clínica, baseada na perspectiva fenomenológica heideggeriana, o atendimento busca proporcionar um lugar de cuidado, encontro, escuta e fala, acolhimento e abrigo, refletindo sobre possibilidades e impossibilidades, dando espaço às diversas cartografias existenciais, ampliando horizontes e sentidos a partir dos contextos de vida do paciente.

Palavras-chave: violência sexual; crianças e adolescentes; colonialidade; sofrimento existencial; psicologia clínica fenomenológica.

FANON E A PSICOLOGIA: A CONEXÃO ENTRE A CONSCIÊNCIA E A LIBERDADE

Hélio Luiz De Souza Costa
Facisa/UFRN

Frantz Fanon e a perspectiva humanista existencial compartilham uma preocupação central com a condição humana e a busca pela liberdade. Este ensaio teórico examina a intersecção entre as perspectivas de Fanon e a psicologia humanista existencial, explorando como suas ideias convergem em relação à consciência racial e à liberdade individual. Fanon, um psiquiatra e filósofo martinicano-francês, foi pioneiro na análise das consequências psicológicas do colonialismo e do racismo, enquanto a psicologia humanista existencial enfatiza a experiência subjetiva e a liberdade de escolha do indivíduo. A análise da contribuição de Fanon para a compreensão da condição humana objetiva destacar a importância de seus ideais na busca pela descolonização da psicologia contemporânea. Fanon em sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* resalta a importância da consciência crítica, do questionamento das estruturas de poder bem como a influência do contexto social e político na formação da identidade e na vivência da opressão; por sua vez, Rollo May, psicólogo e filósofo existencialista, na obra *O Homem à Procura de Si Mesmo*, argumenta que a consciência crítica é essencial para a autenticidade e a liberdade individual, destacando a necessidade de questionar as estruturas de poder, as narrativas sociais e as próprias crenças internalizadas a fim de romper com padrões limitantes e encontrar uma verdadeira identidade pessoal por meio da consciência crítica e da ação transformadora na busca pela liberdade individual e coletiva. Dessa maneira, é possível perceber que tanto Fanon como a psicologia humanista existencial são altamente relevantes para a compreensão da condição humana no contexto atual, especialmente no enfrentamento das injustiças sociais, como o racismo, a opressão de gênero e a desigualdade econômica, oferecendo uma base teórica e prática para a transformação social na promoção da justiça por uma sociedade mais equânime. Portanto, ao explorar a intersecção entre as ideias de Frantz Fanon e a psicologia humanista existencial, o estudo destaca a importância de considerar a consciência racial e a liberdade individual como componentes essenciais da experiência humana, que contribuem no trabalho terapêutico, fornecendo uma compreensão mais ampla das vivências dos sujeitos em contextos opressivos, engajando-se na luta por mudanças estruturais e transformação social bem como no processo de descolonização da psicologia como ciência e profissão.

Palavras-chave: Frantz Fanon; consciência racial; fenomenologia-existencial.

GORDOFOBIA E O MODO DE SER-GORDO: REFLEXÃO SOBRE O SOFRIMENTO NA CORPOREIDADE

Vitória dos Anjos Noletto Moura
Instituto Dasein

A forma como o ser habita o mundo está intrinsecamente relacionada à corporeidade. O corpo é o meio pelo qual as pessoas se relacionam e habitam o mundo, e o modo como habitam influencia a percepção e a relação com o próprio corpo, principalmente por pensar que a corporeidade é a condição fundamental do Dasein, e o habitar implica uma forma de ser-no-mundo. Este estudo considera o corpo não apenas como uma matéria mas também algo indivisível da existência do ser-no-mundo. Refletir sobre o impacto da gordofobia no habitar do modo de ser-gordo convoca a compreender a experiência corporal, sensorial e afetiva, visto que, muitas vezes, o mundo limita esse corpo físico a uma patologia. O estudo compreende a gordofobia como um fenômeno social caracterizado pela identificação, estigmatização e discriminação de pessoas gordas, podendo gerar um sofrimento pelos preconceitos nessa vivência e percepção do próprio corpo. O tema central dessa reflexão é o impacto da discriminação no habitar desse modo de ser na contemporaneidade, focando no sofrimento e no desenraizamento. Os objetivos deste estudo teórico são: analisar, pelo viés da Fenomenologia existencial, manifestações e efeitos da gordofobia na corporeidade, tendo em vista o preconceito enraizado na sociedade como se esse corpo gordo tivesse a incapacidade de ser devido a uma ideia de ausência de saúde; desvelar o sofrimento existencial a partir da dificuldade de habitar esse corpo. Para tanto, apresenta os principais conceitos dessa perspectiva teórica, assim como os conceitos de saúde que têm, muitas vezes, suas raízes discriminatórias no “cuidar” do ser-gordo. O estudo julga necessário discutir aspectos como o impacto no desenraizamento desses corpos, a construção social do corpo ideal e os discursos de culpabilização associada à gordura. Por fim, enfatiza a importância de reconhecer e combater a gordofobia como forma de possibilitar uma vivência da corporeidade cada vez mais singular tendo em vista a importância da reflexão da temática para o cuidado com esses corpos marginalizados e culpabilizados pelo mundo. O corpo gordo acaba podendo ser inabitável por ser preenchido de preconceitos. Além disso, reflete acerca da patologização desse corpo, a corporeidade e o habitar desse ser, desvelando o sofrimento nas entrelinhas dos discursos regados de preconceitos e apresenta sugestões para pesquisas futuras que aprofundem a compreensão desse fenômeno.

Palavras-chave: gordofobia; habitar; fenomenologia; corporeidade.



INSTINTO MATERNO: UMA CRISTALIZAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA MATERNIDADE?

Lidiane Verônica Collares da Silva
IFEN/ Centro Universitário UNDB

Sofia Ravinny Leal de Sousa
IFEN/ UFMA

Ana Maria Lopez Calvo de Feijóo
IFEN/ UERJ

No trabalho e na vida pessoal, a mulher é convocada a responder aos padrões que ainda imperam na sociedade moderna. Historicamente, as reivindicações feministas protagonizam a luta pela mudança de um sistema patriarcal, entretanto, os entraves relacionados ao direito de liberdade da mulher são expressões culturais presentes até hoje. Este estudo tem como objetivo apresentar os modos de produção do discurso de naturalização do instinto materno ainda consolidado nos dias de hoje, visando à discussão de caminhos possíveis para pensar a mulher no contexto da maternidade, não com o intuito de encontrar respostas definitivas, mas como possibilidade de debate acerca da mulher e, sobretudo, da mãe para além de definições biológicas e psicológicas. Para a investigação do fenômeno instinto materno, o caminho metodológico escolhido perpassou pela hermenêutica heideggeriana. Na sociedade atual, a naturalização do amor e do instinto materno como comportamentos próprios da mulher é, na realidade, uma construção histórico-social. Como resultado de um projeto capitalista da Modernidade, a criança passou a ser mão de obra e ter valor de mercado, assim, seria necessário diminuir as taxas de mortalidade infantil. Como resultado, a mulher, além da tarefa de procriação, tinha a responsabilidade do cuidado dos filhos para que eles se mantivessem vivos e saudáveis. A partir disso, surge o imaginário de que a essência da mulher é ser boa, cuidadora, maternal, logo, amar a condição de ser mãe deve ser uma regra a ser seguida por toda e qualquer mulher. As teorias psicológicas também corroboraram o discurso do instinto materno, instituindo uma lógica determinista de gênero para as funções do cuidado de uma criança. Portanto, é necessário refletir sobre qual o lugar da mulher na sociedade atual e questionar a naturalização do instinto materno, desvelando novas possibilidades de ser mulher para além do que fora predeterminado. É importante ressaltar que mesmo que a mulher siga os ideais de maternidade que lhe são propostos, ela pode experimentar a sensação de incompletude, o que leva à reflexão de que as determinações não dão conta da existência do que é ser mulher, colocando em evidência o caráter de poder-ser da existência. Não há um único modo de ser mulher. Nesse processo, ser mulher, de outros modos para além daquele que atravessa sutilmente a atualidade, é sempre uma possibilidade.

Palavras-chave: fenomenologia-hermenêutica; maternidade; instinto materno.

INTERAÇÃO LÚDICA NO ESPAÇO CLÍNICO: POSSIBILIDADES DE EXPRESSÃO E COMPREENSÃO DO SER

Jéssica Vaz Galdino
UPE- Universidade de Pernambuco

O presente relato de experiência consiste em uma iniciativa de contar a história de um caso clínico a partir das impressões da pesquisadora na condição de psicóloga. O referencial teórico que fundamenta a atividade é o pensamento heideggeriano, na perspectiva fenomenológica existencial. O objetivo do estudo é relatar o modo como a interação lúdica no espaço clínico com adultos abriu possibilidades de expressão e compreensão na relação psicóloga e mulher transgênero. Para isso, o estudo faz uso dos registros documentais do diário de bordo realizados após os encontros das sessões de psicoterapia com a paciente Lírio (nome fictício), mulher transgênero, que segue em acompanhamento há quatro anos, desde que chegou com a queixa de disforia de gênero. Ao longo das sessões, frente às suas demandas, o desamparo abraçou a pesquisadora no caminho, me vi perdida no encontro que se apresentava em boa parte do tempo, no silêncio. A forma de apoio consistiu em desapegar de técnicas psicológicas de um modelo tradicional, que faz aplicações de conceitos rígidos da psicologia e alguns pressupostos que geravam a angústia de não saber o que fazer, para, só então, a pesquisadora conseguir uma aproximação com a paciente e buscar com ela a compreensão do que a fazia sofrer em sua existência concreta e particular. No processo, houve a necessidade de aguardar para poder ver as manifestações da paciente e como ela se mostrava em si mesma. Nesse momento, surgiu o questionamento: se materiais lúdicos compõem o *setting* terapêutico e facilitam a compreensão através do brincar, por que não fazer uso de outros elementos que possam aproximar a psicóloga das narrativas da paciente? Veio, assim, a compreensão de que poderia acionar instrumentos artísticos como recursos interventivos, como a fotografia, a música, a maquiagem e a troca de vestuários, buscando uma aproximação do sentido que aquilo se expressava na existência da paciente, sendo os recursos compreendidos a partir do que foi trazido por ela nos encontros. Tais instrumentos possibilitaram ampliar a compreensão das demandas da paciente, que, aos poucos, foram sendo desveladas, entrelaçando-se com seus novos modos de estar-no-mundo, e poder realizar o poder-ser que ela é e que compõe a sua história. Subsidiada pelo não saber, a pesquisadora esteve aberta para descobrir, junto à paciente, as manifestações de suas verdades. O estudo destaca a importância de refletir acerca da atitude de abertura e acolhimento para o novo que constrói uma relação de confiança, deixando livres os acontecimentos para se mostrarem como são no encontro psicoterapêutico.

Palavras-chave: psicoterapia; mulher transgênero; fenomenologia existencial.

ITINERÁRIOS TERAPÊUTICOS DE MULHERES TRANS E TRAVESTIS: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO

Jorge Luís Lira da Silva

Faculdade de Ciências Humanas (ESUDA)

Ana Margareth Manique de Melo

Universidade Católica de Pernambuco

Pablo Raphael Ribeiro Dias

Faculdade de Ciências Humanas (ESUDA)

Esta pesquisa objetiva compreender os sentidos e significados que mulheres trans e travestis atribuem aos seus itinerários terapêuticos na busca pelo atendimento aos serviços públicos de saúde, mais precisamente no Espaço de Acolhimento e Cuidado Trans, localizado no Hospital das Clínicas, da Universidade Federal de Pernambuco. O conceito de itinerário terapêutico diz respeito à procura de cuidados terapêuticos, buscando descrever práticas individuais e socioculturais no que tange aos percursos realizados por essas mulheres, na busca de cuidados com a saúde, o que vai incluir, nesse processo, a lógica que orienta tais caminhos, constituídos a partir de redes formais e informais múltiplas de apoio e de pertencimento. No que diz respeito às mulheres trans e travestis, estas são as mais suscetíveis a diversos tipos de violências, por, muitas vezes, estarem em situação de extrema vulnerabilidade social, se comparadas a outras identidades, já que a transexualidade está no corpo, sendo, portanto, mais identificável; e, por causa da transfobia, mais passível de penalizações e de exposição a discursos e práticas de ódio. Sendo, pois, identidades consideradas dissonantes, as mulheres trans e travestis, por desestabilizarem os padrões de gênero tradicionalmente construídos, podem enfrentar várias dificuldades no seu tráfego social, afetando vários setores, entre eles, os serviços públicos de saúde. Para compreender esse fenômeno, o estudo tem como base o caminho fenomenológico existencial heideggeriano, que se distancia de uma visão metafísica, encapsuladora do ente, para uma perspectiva do ser-aí, articulada a uma dimensão histórico-hermenêutica. Na análise provisória dos itinerários terapêuticos de três mulheres trans e duas travestis, acompanhadas pelo Espaço Trans, o estudo identificou uma resistência inicial, antes de frequentarem esse espaço, em acessar os serviços públicos de saúde, preferindo evitá-los pelos modos como já foram tratadas nesses lugares – atravessados por estigmas, preconceitos e inadequações – no tocante aos tipos de atendimento aos quais foram expostas. As vivências no Espaço Trans, por sua vez, permitiram novos significados quanto à experiência na utilização dos serviços públicos de saúde, pela adequabilidade às especificidades e à existência desses corpos, o que possibilitou dialogar com a filosofia existencial, segundo a qual a existência ocorre na relação homem/mundo, no modo singular de ressignificar percursos, no aqui-agora das experiências.

Palavras-chave: itinerários terapêuticos; transexualidade; Travesti; fenomenologia.

LUTO POR MORTE VIOLENTA: A CLÍNICA COMO TESTEMUNHO

Sofia Santanna Costa Barbosa
UFRN

Maria Luisa Paes Barreto Pereira de Macedo Machado
UFRN

Luana Cabral, Symone Fernandes de Melo
UFRN

Vitória Patrícia Bezerra de Medeiros
UFRN

O luto consiste em um processo multifacetado e de dimensões complexas cujo desafio é o enfrentamento da perda. Quando essa perda é resultado de uma causa violenta, ocorre mais uma dificuldade na assimilação da dor. O presente trabalho busca compreender a vivência da morte a partir de outro significativo decorrente de atentados à vida, como no homicídio. As inquietações que provocaram este estudo surgiram pelo encontro das autoras, em suas práticas clínicas, com o fenômeno do luto por causas violentas vivenciado por diferentes pessoas de uma mesma família no contexto de insegurança pública no estado do Rio Grande do Norte. No desvelar dos processos de escuta clínica, a desassistência do estado e do município à família evidencia o descaso com que é tratada a população vítima dos atentados ocorridos no contexto mencionado. Ao considerar o cenário de crise de segurança pública como responsabilidade do estado, a expectativa é a de que os órgãos competentes devem remediar os danos causados à sociedade civil por meio da garantia de direitos, como o acesso às condições básicas à vida e aos serviços que se fizerem necessários. Frente à violência estatal, é possível observar a necessidade de articulação de uma rede intersetorial, com ênfase para o acesso a serviços em saúde e atendimento socioassistencial. No que diz respeito ao apoio psicológico prestado, os membros da referida família chegaram ao Serviço Escola de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte encaminhados pelo Centro de Referência em Direitos Humanos Marcos Dionísio para a realização da modalidade de Plantão Psicológico. A partir disso, os pesquisadores ampliaram o olhar sobre tal acontecimento à luz da fenomenologia existencial de base heideggeriana, considerando a composição dominante na era da técnica, marcada pela hegemonia da impessoalidade e do pensamento calculante, o que contribui para processos de desenraizamento, exclusão e violência. Nos plantões realizados, o atendimento priorizou o reconhecimento da narrativa de violência e da experiência traumática utilizando da clínica como testemunho(a), buscando, assim, caminhos de contraposição a movimentos de silenciamento. Nesse sentido, o estudo pretende elucidar os impactos do contexto de insegurança pública no Rio Grande do Norte sobre a saúde mental das vítimas no intuito de lançar a elas um olhar de cuidado, sendo este muitas vezes negado pelo próprio arcabouço estatal.

Palavras-chave: fenomenologia existencial; luto; morte violenta; plantão psicológico.

MATERNAR E SER-AÍ DE FORMA AUTÊNTICA EM UM MITWELT PATRIARCAL

Isabela Parente Quadrelli

Instituto Afethos de Psicologia Fenomenológica Existencial

Luciana Santos da Silva

Instituto Afethos de Psicologia Fenomenológica Existencial

Introdução: relações pautadas na dominação masculina submetem o ser-aí que habita o mundo da vida sob corpos femininos. Isso leva mulheres a identificarem a si mesmas como sub-existências, condicionadas aos ditames do patriarcado, tornando-se “seres-para-os-homens”. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é delinear uma leitura feminista da existência, com foco nas implicações do *mitwelt* patriarcal na constituição de ser de mulheres mães. Desenvolvimento: uma vez que a existência surge na relação do ser com outros seres, sua constituição ocorre, necessariamente, pela antítese de si no outro e na síntese de suas diferenças. No *mitwelt* patriarcal, não há síntese, somente imposição dos valores dos seres-homens, os quais definem a si mesmos como criadores soberanos dos valores mundanos. O mundo humano consiste em uma possibilidade existencial somente para quem a eles se submete. A maternidade é recurso de presentificação feminina, uma vez que o patriarcado a compreende como vocação natural da mulher. Esta possuiria as condições genéticas ideais para o amor e o cuidado. No entanto, o maternar, desde a gestação, é uma experiência intensa e demandante, especialmente quando mais da metade das brasileiras não planejam suas gestações. Ser mãe, nessas condições, tende a gerar uma crise existencial tamanha que algumas mulheres optam por interromper a gravidez. Então, *mitwelt* patriarcal bane a mulher ou a condena a uma presença alienante. Quando mães, assistem sucumbir a mulher que foram em suas diversas versões. O paradigma de amor materno instintivo e ideal de vida de toda mulher intimida o relato de experiências reais e não românticas, levando ao silêncio e à solidão. Psicológica e socialmente, a sociedade patologiza experiências e decisões femininas divergentes do instituído, negando a liberdade de decisão sobre seus seres. Uma prática psicológica politizada considera o *mitwelt* patriarcal e as repercussões descritas. Se não, individualizam o sofrimento materno, “adoecendo” mulheres por divergirem dos valores impostos. A iatrogenia resultante de intervenções despolitizadas gera existências maternas deficientes e despotencializadas. Considerações finais: a(o) psicóloga(o) alinhada(o) com os princípios éticos da profissão assume um posicionamento contrário a qualquer forma de opressão e promove a dignidade humana, instituindo um *mitwelt* no qual mulheres podem ser qualificadas em sua diversidade. O tratamento constrói, assim, um mundo humano com dilemas, de fato, existenciais e não patriarcais.

Palavras-chave: maternidade; patriarcado; existência; feminismo.

NÃO-ENLUTÁVEIS: O FENÔMENO DA INVISIBILIDADE DO SUICÍDIO TRANS

Sofia Lobo Costa Meskó

A Organização Mundial da Saúde estima que cerca de setecentas mil pessoas tenham morrido por suicídio em 2019, mas sem registros de quantas são transgênero, tendo em vista a dificuldade de reconhecimento da cidadania dessa população. Uma pesquisa realizada em 2021 no Rio Grande do Norte mostrou uma incidência de 41% de ideação suicida entre pessoas trans. Considerando esse cenário de invisibilidade, este trabalho busca analisar esse fenômeno para identificar novas possibilidades de compreensão. O suicídio é um fenômeno multifatorial de caráter existencial e cultural, afetado por fundamentações históricas predeterminadas. Pessoas transgênero estão mais vulneráveis a sofrer violência familiar, escolar, física e sexual. Elas também têm menos acesso a serviços de saúde especializados de qualidade. Há uma pré-compreensão cultural que hierarquiza e cristaliza a performance cis-heteronormativa, chamada de heteronormatividade compulsória, um poder instituído que sedimenta performances e sentidos como forma de manutenção da masculinidade como poder. O corpo trans tem a sua própria linguagem e subjetividade e, ao buscar a sua autenticidade fora do cis-heteronormativo enfrenta as condições de interrupção de seu projeto. A precariedade é uma forma de as pessoas estabelecerem relação com as próprias vidas, com a ênfase na substitutibilidade, no anonimato radical diante dos modos de morrer. O valor de uma vida aparece, então, na possibilidade de ser enlutada. As vidas enlutáveis são aquelas reconhecidas nos devidos enquadramentos classificatórios. Existir no mundo é ser enquadrável. Assim, estar enquadrado ou não depende do lugar que se ocupa no luto e na precariedade bem como do movimento de dor e indignação diante dos reconhecimentos. Este estudo apresenta o conceito de genocídio trans tanto para indicar o grande número de assassinatos e casos de violência como para evidenciar a invisibilidade dos corpos não cis-heteronormativos, acusando um projeto de higienização e homogeneização cultural, dada a hegemonia nas pesquisas acadêmicas partindo de uma visão técnica e causal do fenômeno do suicídio entre LGBTs e a necessidade de uma aproximação hermenêutica. Considerando que o suicídio é a segunda maior causa de morte entre a população transgênero, há necessidade de um enquadramento crítico. Esse um fenômeno alarmante e silenciado, enquadrado fora da tela, retirando das vidas transgênero seu reconhecimento como vida vivida. Quem se enluta pelas pessoas transgênero?

Palavras-chave: LGBT; suicídio; Trans; hermenêutica.

NÃO-LUGARES HABITÁVEIS: UMA ANÁLISE HERMENÊUTICA DA IDENTIDADE DE NÃO-BINÁRIA DE GÊNERO

Sofia Lobo C Meskó

A organização da sociedade ocidental contemporânea ocorre de forma categórica, binária e hierárquica. A partir disso, este trabalho busca realizar uma breve análise hermenêutica sobre a identidade transgênero não binária, que surge como uma subversão da categorização binária, como uma tentativa de fundir e desconstruir os conceitos de gênero, criando possibilidades de novas críticas ao gênero. O corpo não binário é uma forma de construir e ocupar espaços físicos e simbólicos. Não se tem um corpo, se é um corpo, na medida em que comunica e se é comunicado pelo mundo, carregado de significado e percebido pelos outros no seu habitar no mundo. O ser-aí constrói o mundo e é construído por ele através da linguagem. O discurso, na maior parte das vezes, cotidiano é o que manifesta a linguagem. Apesar disso, nos movimentos mais próprios e originários do ser-aí, a linguagem poética não se esgota em um sentido. O gênero binário e suas correspondências históricas, por vezes, configura um dispositivo de manutenção da impessoalidade. O ser-mulher e o ser-homem têm seus sentidos preestabelecidos e sedimentados na familiaridade com a qual cada um estabelece relação com o mundo. Surge, então, a abertura para a experiência da quebra dessa familiaridade quando o ser identifica uma performance distinta do ser-não-binário. Nesse sentido, noções metafísicas orientadoras dos processos de subjetivação repetem e organizam as performances mundanas, mantendo os horizontes históricos sedimentados do mundo, criando, assim, os dispositivos identitários. Assumir uma identidade significa negar o diferente. Categorizações são consequências de uma sociedade estruturada de forma identitária. A apreensão dessas identidades é que delimita os espaços de invisibilidade. Os dispositivos identitários executam uma função de normatização da condição humana, isto é, de definição de comportamentos adequados. A identidade de gênero não binária carrega no próprio nome a pretensão de negar uma estrutura sedimentada de manutenção de poder binária de gênero. Ao se localizar no espaço entre, no meio, em um novo lugar não lugar, ocorre a contestação de tal materialidade. Assim, esses dispositivos configuram o não lugar da não binariedade, na medida em que as performances não são correlatas de suas manifestações identitárias. Aproximar os debates da não binariedade é essencial para a compreensão e a reconfiguração dos padrões de gênero na contemporaneidade. O estudo sugere discutir novas estruturas pós-identitárias e suas consequências.

Palavras-chave: gênero; LGBT; não-binário; hermenêutica; identidade.

OLHA A MARICONA: HOMOSSEXUALIDADE E VELHICE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Jorge Luís Lira da Silva

Faculdade de Ciências Humanas (ESUDA)

Ana Margareth Manique de Melo

Universidade Católica de Pernambuco

Pablo Raphael Ribeiro Dias

Faculdade de Ciências Humanas (ESUDA)

Esta pesquisa busca analisar o fenômeno da velhice em homens gays, na fase idosa (60 a 74 anos), classificação definida pela Organização Mundial de Saúde, na região metropolitana do Recife, Pernambuco. Nesse sentido, o estudo considera que, embora envelhecer seja um processo inerente a todo ser humano e que ocorre de forma heterogênea e múltipla, o tratamento dado a essa temática – quanto aos marcadores sexualidade, orientação sexual e gênero – tem sido uma questão emblemática por, frequentemente, esses marcadores serem considerados em uma dimensão cis-heteronormativa e enfocada sob o viés da fase jovem do indivíduo. A partir da observação empírica desse fenômeno, a pesquisa parte da hipótese de que homens gays estariam duplamente suscetíveis a estigmas e preconceitos: seja pelo etarismo, nome dado à discriminação contra idosos, advinda tanto da sociedade, de maneira mais ampla, como da própria comunidade LGBTQIAPN+; seja pela homofobia, preconceito à orientação sexual dissonante do padrão cis-heteronormativo estabelecido, o que poderia ocasionar prejuízos do ponto de vista físico e mental. Para a compreensão desse fenômeno, este estudo tem como base o caminho fenomenológico existencial heideggeriano, que mantém distância de uma visão metafísica, encapsuladora do ente, para uma perspectiva do ser-aí, articulada a uma dimensão histórico-hermenêutica. A análise das narrativas de seis homens gays, vivendo a experiência da velhice, sustentada pelos estudos em gênero e sexualidade, no contexto de práticas psicológicas decoloniais a serviço dos direitos humanos, revelou um modo de ser-com-os-outros, em um contexto histórico, marcado por medo, violências, invisibilidade, solidão, exclusão, maus tratos, vulnerabilidade física e socioeconômica, afetividades e práticas sexuais comercializadas, baixa autoestima, episódios de depressão e ansiedade, entre outros. Tal desvelamento possibilitou reflexões em torno de um fazer clínico do psicólogo, de base fenomenológico-existencial, sustentado pelo afeto em suas diversas tonalidades, as quais abrem espaço para a instauração das crises, tendo a capacidade de suspender as prescrições heteronormativas estigmatizantes sobre ser homem gay e velho em uma sociedade LGBTfóbica e etarista, de modo a permitir, assim, que outros horizontes de sentidos emergjam, na trajetória singular de cada indivíduo, ao desocultar um espaço para a libertação dessas condições hegemônicas.

Palavras-chave: etarismo; homossexualidade; orientação sexual; psicologia fenomenológica existencial; velhice.

POPULAÇÃO LGBTQIAPN+ E FAMÍLIA ESCOLHIDA: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICAS

Lucas Gomes Maciel

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Pedro Sonehara de Moraes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Cecília Abreu de França Gonçalves

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria Vanessa Moraes da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Bolsista CAPES

Ana Karina Silva Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O dicionário brasileiro define família como: “Conjunto de pessoas, em geral ligadas por laços de parentesco, que vivem sob o mesmo teto”. Além disso, na cotidianidade, sentidos sedimentados parecem indicar que família, marcada pela descendência, deveria representar lugar marcado por amor, afeto e acolhimento. A esse respeito, este estudo questiona se, para existências LGBTQIAPN+, consideradas desviantes a partir de uma norma cis-heterossexual, em um mundo marcado por sentidos sedimentados que estão atravessados pela LGBTIfobia, a família tem sido um lugar que confere familiaridade, hospitalidade. O estudo aponta que nem sempre as famílias de origem são as que acolhem filhos LGBTQIAPN+, produzindo sentimentos de não se sentirem em casa. Então, nem sempre a descendência é familiaridade ou garante hospedagem existencial, fazendo com que pessoas LGBTQIAPN+ busquem formar uma família escolhida. Isso posto, este ensaio teórico tem por objetivo tematizar e refletir sobre a família escolhida para pessoas LGBTQIAPN+ sob um olhar fenomenológico hermenêutico. A partir da revisão das poucas produções científicas que abarcam o tema, o estudo identifica que o padrão cis-heteronormativo constitui o horizonte histórico contemporâneo e, assim, pessoas LGBTQIAPN+ existem de forma distinta. Nesse cenário, há a tentativa de normatização dessas pessoas, muitas vezes, iniciada pela família de origem. Há, portanto, um movimento de normatização familiar em forma de violência identitária que tem por consequência o desenraizamento no mundo. Pertencer é expressão do habitar existencial, sendo constitutivo de Dasein ser-em. Na impossibilidade de essas pessoas habitarem suas famílias de origem, elas buscam construir raízes em famílias escolhidas, com as quais as pessoas LGBTQIAPN+ encontram pertencimento e familiaridade. Desse modo, a ideia tradicional de família, para as pessoas LGBTQIAPN+, pode não significar espaço de habitação para existir, desvelando sentimentos de um não lugar, de não-poder-ser-si-mesmo, restringindo possibilidades em um modo de existir impróprio. Sendo o Dasein aquele que habita o mundo, o ser-aí LGBTQIAPN+, para aqueles cuja família de origem não confere esse pertencimento para ser, busca por raízes e familiaridades naquilo que será tomado como família. O estudo conclui que, para essa população, não necessariamente o que define sua família seria a descendência, muito menos o espaço físico compartilhado, mas o ter alguém ou aquilo para chamar de casa.

Palavras-chave: família; população LGBTQIAPN+; fenomenologia; habitar; normatização.

SER-MULHER ESTUDANTE DE PÓS-GRADUAÇÃO NA PANDEMIA DE COVID-19: UM ESTUDO DE CASO

Raphaela Regina Joaquina Stein Develi
Universidade Federal do Paraná
Camila de Barros Dutra
Universidade Federal do Paraná
Aneliana da Silva Prado
Bolsista
Universidade Federal do Paraná
Joanneliese de Lucas Freitas
Universidade Federal do Paraná

A pandemia de covid-19 intensificou desafios já anteriormente dados ao existir, por exemplo, os vividos por mulheres e estudantes de pós-graduação. Enquanto a pós-graduação tem se mostrado desafiadora à saúde mental, a situação existencial das mulheres é marcada pelo cuidado, essencializando-as ao espaço doméstico e ao ser-para-o-outro. Esta pesquisa é um estudo de caso que tem como objetivo compreender a vivência de uma estudante de pós-graduação nos primeiros anos da pandemia. A participante (P) é uma mulher de 34 anos, estudante de universidade pública. Para tanto, participou de uma entrevista *online*, em março de 2021, sendo gravada e, em seguida, transcrita. Na análise, as pesquisadoras adaptaram o método de Giorgi, mantendo os três primeiros passos: estabelecimento do sentido geral, identificação de unidades de significado e tradução dessas em expressões de caráter psicológico. O terceiro passo foi a organização dos sentidos traduzidos em uma narrativa que descreve a experiência singular de P. O último passo, que trata da determinação da estrutura geral da experiência, um modo de variação livre imaginativa, não foi realizado. A pós-graduação, o cuidado e o horizonte político organizam os sentidos das experiências de P. Ela considera o curso de pós-graduação como projeto existencial para além do aprendizado, tendo saído do emprego para cursá-lo. As medidas sanitárias impuseram mudanças que passaram a ser entrelaçadas à própria experiência de ser-mãe e mulher, com sua relação de cuidado com a família impactada. O mundo dos estudos de toda a família invadiu a casa, demandando maior disponibilidade para as crianças e menor para o cuidado de si, ao impor uma nova rotina que sobrepuja e confundia atividades escolares, domésticas e o cuidado dos filhos, o que P significou como sobrecarga e momento desafiador. Mudando o modo habitual de organizar a família, P reordenou o espaço doméstico, impondo novos modos de orientação e espacialização, com a necessidade de compartilhamento de equipamentos eletrônicos, o que implicou irritação e impaciência. No horizonte pandêmico, questões políticas, socioeconômicas e de gerenciamento da pandemia no país desvelaram para P vivências de desesperança e sofrimento, conflitando com seus estudos e atividades domésticas e familiares. O estudo conclui que, no horizonte pandêmico, as determinações de gênero persistiram como essencializadoras nas situações singulares de vida, desse modo, o cuidado continuou presente na situação existencial de mulheres, tensionando sua liberdade e as limitando em seus projetos existenciais.

Palavras-chave: ser-mulher; pós-graduação; COVID-19; cuidado.

SEXUALIDADE DISSIDENTES: DIÁLOGOS ENTRE PAIS E FILHOS (AS) JOVENS

Vladya Tatyane Pereira de Lira

Fits-Afya Medicina

Marcus Túlio Caldas

UNICAPPE

O debate sobre a sexualidade tem sido um desafio em nossa sociedade, pois ainda é considerado um tema incômodo, algo obscuro que deve ser omitido ou pouco discutido nas rodas de conversas das famílias. Apesar desse olhar social para a sexualidade, alguns autores sinalizam a importância do diálogo entre pais e filhos(as) jovens referente ao tema, por considerar o contexto familiar um espaço que deve proporcionar uma abertura para o debate, de forma efetiva e compreensiva. Diante disso, este estudo elege como objetivo geral: compreender, a partir da Gestalt-terapia, de que modo o diálogo sobre sexualidade tem se estabelecido no sistema familiar entre pais e filhos(as) jovens; e como específicos: estudar a comunicação familiar sobre as questões relacionadas à sexualidade e identificar como heterocisnormatividade influencia na comunicação da sexualidade. A pesquisa é qualitativa, em uma perspectiva fenomenológica hermenêutica, realizada a partir de uma entrevista narrativa com jovens entre 19 a 24 anos, de ambos os sexos, que estudaram em escolas particulares, pertencem à classe média e moram no Recife e na Região Metropolitana com seus respectivos pais. Para análise dos dados, utiliza os procedimentos adotados na análise qualitativa hermenêutica de Gadamer, no que diz respeito à compreensão de sexualidade das teorias pós-estruturalistas e a sua relação com a Gestalt-terapia. O estudo identificou que o diálogo estabelecido entre pais e filhos(as) é afetado pela estrutura heterocisnormativa e o patriarcado. Com isso, ocorrem momentos de rupturas e momentos de reprodução de modelos engessados, o que mostra que são famílias que estão em transição, pois criam novas possibilidades de lidar com a vivência da sexualidade dos(as) filhos(as), mas reproduzem os modelos aprendidos até então. Identificou ainda que, quando o diálogo é promovido entre pais e filhos(as), isso funciona como ferramenta de emancipação para sexualidade. Esse diálogo consiste em informações sobre cuidado, autoafirmação, respeito, tendo como base uma relação dialógica entre pais e filhos(as), sendo um momento propiciador para a independência e autonomia dos(as) jovens. Esse espaço dialógico fundado entre pais e filhos(as) é uma forma de oportunizar aos/às jovens o seu crescimento ao se apropriar do seu processo de expressão e vivência da sua sexualidade, sendo a principal ferramenta de heterossuporte no processo de aceitação e vivência da sexualidade, seja ela dissidente ou não.

Palavras-chave: família; sexualidade; diálogo; jovens.

MESAS INSTITUCIONAIS

MESA INSTITUCIONAL 1 – LEFE

CARTOGRAFIA CLÍNICA EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE, DIREITO E FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS INTERPROFISSIONAIS: LEFE EM AÇÃO

André Prado Nunes
Heloisa Antonelli Aun
Henriette Tognetti Penha Morato

A partir de solicitações de instituições para uma intervenção do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) do IPUSP, iniciaram-se aproximações in loco através da cartografia clínica. Ou seja, conhecer os atores institucionais em seus lugares de circulação. Por essa experiência, percorremos instituições de saúde (Hospital Universitário da USP, PET SAÚDE, CECCO BACURI/SUS, e, na pandemia as RAPS/SP), instituições de Direito (Departamento Jurídico XI de Agosto da Faculdade de Direito da USP) e projetos de formação interprofissional PROJETO BANDEIRA CIENTÍFICA da USP). Nesse sentido abriu-se a possibilidade da formação interprofissional necessária como cuidado aos atores institucionais tanto à população que procura as instituições, como também aos próprios cuidadores.

MESA INSTITUCIONAL 2 – LACLIFEP

CONTEMPORANEIDADE, SOFRIMENTO E AÇÃO CLÍNICA: ENTRE CUIDADOS E SILENCIAMENTOS

Rui Gonçalves da Luz Neto
Eder Oliveira Teixeira
Luiz Santos Pereira Henriques
Pedro Pereira Cavalcanti Filho

A presente mesa visa pôr em reflexão modos de sofrimentos que têm se revelado no contexto contemporâneo, principalmente, no contexto da clínica psicológica. Como horizonte compreensivo assumem os pressupostos fenomenológicos hermenêuticos como orientadores para a compreensão de existência, sofrimento, assim como ressonâncias desta perspectiva para pensar a clínica psicológica e o sentido de ação clínica. Nessa direção, a mesa será composta por quatro trabalhos que se constitui de recortes das pesquisas de mestrado e de doutoramentos dos componentes. No primeiro momento, com o intuito de apontar algumas reflexões acerca da clínica psicológica no diálogo com a fenomenologia hermenêutica, o autor se propõe a discutir o sentido de sofrimento na sua condição existencial. Nessa perspectiva, acolhe a compreensão de sofrimento existencial enquanto horizonte hermenêutico, rompendo com a perspectiva biologizante ou mesmo psíquica. Sofrimento existencial é assumido como possibilidade de explicitação dos afetos e das crises, sendo crise compreendida como ruptura, como o sentir de um sentido que escapa. No segundo momento, a mesa busca discutir a ação clínica a partir da compreensão de gesto, enquanto corporar da existência, como atitude de orientação fenomenológica-hermenêutica. Para tanto, parte de inquietações do saber-fazer psicologia e de seus olhares para corpos, sempre tão docilizados e domesticados pela tradição metafísica, tomando como ponto de partida a compreensão da ação clínica enquanto prática psicológica e as suas ressonâncias no modo do sofrimento contemporâneo, compreendendo que o gesto de escuta-clínica é o movimento de um corpo que se inclina a recolher o sofrimento em seu contexto existencial. Por fim, os dois últimos momentos da mesa se destinam a refletir sobre como o sofrimento tem se manifestado em nosso contexto contemporâneo frente a duas situações hermenêuticas específicas – o fenômeno do enlutamento de pais de filho(a) que deu fim à vida e a experiência de ruptura de uma relação amorosa. Nesta situação existencial de enlutamento, a partir de uma revisão de literatura, observa-se que os enlutados, de modo geral, sofrem reações e sentimentos que se expressam em: culpa, raiva, tristeza, revolta, desgaste nas relações familiares, angústia, abandono, silêncio, sintomas patológicos, entre outros. Mostra-se ainda a importância da religiosidade, o apoio dos familiares, amigos e de profissionais de saúde principalmente, psicólogos, bem como atividades de voluntariado, situações que ajudaram os enlutados a retomarem a dinâmica de suas vidas antes da perda do seu ente querido, embora a busca de explicações e a saudade ainda estivessem presentes. No que diz respeito a experiência frente a ruptura de uma relação afetiva, o que está em jogo é a reflexão em torno das condições de possibilidade dos sofrimentos que podem se revelar nessa crise. A experiência clínica aponta para a compreensão de que estes sofrimentos são produzidos historicamente e se revelam articulados num horizonte histórico compreensivo. Ao acentuarmos a articulação entre sofrimento e historicidade, visa-se fazer uma meditação para a re colocação do problema do sofrimento e, por sua vez, da clínica psicológica de inspiração fenomenológica e hermenêutica.

MESA INSTITUCIONAL 3 – IFEN

A VIOLÊNCIA CHEGOU À ESCOLA: O QUE FAZER?

Myriam Moreira Protasio

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

Flávia Moreira Protasio

Elaine Lopez Feijoo

A violência, tema constante nos debates atuais, é considerada um fenômeno crescente, incidindo de forma direta ou indireta nos espaços sociais. Entendemos que toda ação é violenta quando rompe, quebra, destrói o ritmo ou a constituição física, psíquica ou espiritual daquilo que se encontra em seu movimento usual. Uma ação humana é violenta quando o outro e os limites impostos por sua presença são esquecidos ou desconsiderados. Recentemente, eventos violentos em escolas impactaram o país. Sabemos que após os acontecimentos de violência nessas escolas, houve um grande movimento de aumento da vigilância policial nos espaços escolares. Mas, de que forma essa vigilância policial pode dar conta da complexidade do que acontece na dinâmica escolar e na nossa organização social atual? Profissionais especializados como psicólogos, assistentes sociais e orientadores educacionais, figuras centrais para intervir nas microviolências, no restabelecimento de uma comunicação não violenta e na resolução de conflitos, nem sempre estão presentes nas escolas, apesar da promulgação da lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019. Na ausência destes profissionais, como lidar com os sofrimentos e tensões experimentados nas relações escolares? Diante destas difíceis questões, nós nos propomos a refletir de forma demorada sobre esse fenômeno. Buscamos, inicialmente, uma melhor compreensão sobre o sentido de violência, sobre os impactos gerados e sobre as reações mais usuais diante deste acontecimento. A partir desta compreensão, arriscamos alguns caminhos possíveis de lida nestas situações. Constatamos que medidas tomadas de forma individualizada não são suficientes para responder ao problema e que a educação pode ser uma resposta, desde que considerada em sua complexidade de integração e respeito às diferenças e contando com políticas públicas eficazes, construídas com a participação de toda a comunidade. Identificamos a necessidade de desconstruir discursos de ódio e de reconstruir uma comunicação não violenta que comece nas escolas, se exercite nos espaços familiares e possa contagiar a sociedade, construindo vínculos de afeto, participação, cooperação mútua e respeito às diferenças e substituindo os discursos atuais de ódio, força, violência e morte.

Palavras-chave: microviolências; conflitos; comunicação não violenta; afeto; educação.

MESA INSTITUCIONAL 4 – NUCAFE

MUDANÇA DA SITUAÇÃO HERMENÊUTICA POR MEIO DAS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DECOLONIAL: LIMITES E POSSIBILIDADES

Alexandre Trzan
Marina Cecchini
Debora Elianne
Maíra Clini

Este trabalho tem como objetivo investigar as possibilidades e os limites das contribuições críticas do Pensamento Decolonial como condição de possibilidade para a mudança (transformação) da situação hermenêutica e dos modos de ser do existente humano singular (dasein). Para tanto, partiremos de um trabalho do chamado jovem Heidegger, o Natorp Bericht - Interpretações Fenomenológicas de Aristóteles: indicação da situação hermenêutica, do ano de 1922, em meio aos três momentos constitutivos fundamentais da situação hermenêutica – Blickstand, Blickrichtung e Sichtweite. Em seguida, trazemos a obra monumental de Heidegger, Ser e tempo de 1927, onde o filósofo propõe sua ontologia fundamental e descreve as estruturas mais originárias do ente humano (dasein) que compreende seu próprio ser. Ainda em Ser e tempo, Heidegger desvela a condição de indeterminação ontológica originária do existente humano e seu caráter de jogado no mundo desde sempre, mundo este que orienta e normatiza um ente ontologicamente indeterminado (analítica do dasein). E também veremos as reconsiderações que Heidegger realizou sobre os três momentos da situação hermenêutica, renomeados para: Vorhabe, Vorsicht, Vorgriff. E ainda, a descrição heideggeriana sobre a tonalidade afetiva fundamental da angústia que possibilita uma confrontação radical do existente humano com sua nadação ontológica. Isto tudo, novamente, investigando as possibilidades e os limites das contribuições do Pensamento Decolonial para transformação da situação hermenêutica e as possibilidades de rearticulação dos modos de ser do dasein em meio às crises originadas pela angústia ontológica. Em resumo, esta pesquisa busca responder em que medida o Pensamento Decolonial pode realmente contribuir ou não para uma possível mudança da situação hermenêutica, e conseqüentemente dos modos de ser do dasein e sua compreensão prévia de tudo o que se mostra.

MESA INSTITUCIONAL 5 - INSTITUTO DASEIN

MODOS DISSONANTES DE HABITAR O MUNDO

Marco Casanova
Deborah Guimarães
Beto Machado
André Sendra

A condição contemporânea não é marcada apenas por uma transformação radical nos modos humanos de existências, mas também e principalmente pela descoberta de nosso caráter constitutivamente atópico. A partir da filosofia da existência, da fenomenologia e da hermenêutica, o que veio à tona foi precisamente o quanto o ser humano é marcado por uma desorganização originária, por uma ausência de natureza, por uma naidade ontológica fundamental. Acompanhar o impacto dessa descoberta para a compreensão e o tratamento do sofrimento existencial é o objetivo do presente trabalho. Para tanto, o que faremos é alterar antes de tudo o primado dos modos subjetivos de organização para uma descrição do quanto o lugar de ser tem sempre uma relevância maior na determinação do que se torna para nós possível. Ao final da apresentação, proporemos um novo conceito de saúde existencial e uma nova forma de pensar a lida com o existir.

MESA INSTITUCIONAL 6 – POIESIS**ATENÇÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL EM DIFERENTES CONTEXTOS DE
ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

Elza Dutra
Cíntia Guedes
Ana Andréa Maux
Melina Séfora Rebouças

O núcleo Poiesis tem em seu alicerce o desejo de contribuir para a formação e capacitação de profissionais e estudantes de psicologia a partir do embasamento da psicologia fenomenológica. Num cenário social e acadêmico ainda marcado pela visão cientificista, da busca por predição e controle, a equipe Poiesis se movimenta no sentido da provocação sobre o papel da Psicologia nos diversos contextos, levantando reflexões sobre a viabilidade e possibilidade de aplicação do pensamento fenomenológico nas atividades cotidianas das psicólogas, em seus diversos contextos de atuação. Compreendemos que as demandas de sofrimento em suas inúmeras maneiras de expressão podem encontrar abrigo numa escuta acolhedora e esta pode ser possível em diversos espaços onde as profissionais de psicologia estão inseridas. Fenômenos que tem se desvelado no contexto contemporâneo em que vivemos, como a monoparentalidade adotiva por um homem gay, a permanência numa situação de violência conjugal, os diagnósticos diversos em saúde mental convivendo com a possibilidade de construção de carreira, entre outros, são possíveis de visibilidade e fortalecimento. A proposta desta mesa é apresentar exemplos de atenção psicológica no contexto de um consultório, de uma instituição de educação e de uma instituição judiciária compartilhando, a partir da apresentação de casos concretos, como o embasamento fenomenológico-existencial se descortina no cotidiano das psicólogas.

MESA INSTITUCIONAL 7 – UFRN

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA NA UFRN: QUESTÕES DA CONTEMPORANEIDADE

Symone Melo
Ana Karina Azevedo
Cynara Abreu

A psicologia fenomenológico-existencial adentrou a Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN em 2005, ano em que algumas pesquisadoras vinculadas ao Departamento de Psicologia, em meio a um cenário acadêmico predominantemente positivista e produtivista e buscando caminhos alternativos de construção de conhecimento, decidiram pela busca de um espaço próprio, compondo uma base de pesquisa formada por psicanalistas, humanistas e fenomenólogos. A despeito das divergências epistemológicas, movidas pela busca de métodos de pesquisa coerentes com uma convergente crítica à metafísica tradicional e pela defesa intransigente de uma prática ancorada em uma ética do cuidado, começava ali um percurso de estudo e pesquisa potente e instigante. O grupo foi posteriormente dividido, formando-se uma base de pesquisa específica da fenomenologia existencial, onde foram formados docentes que retornaram à instituição, compondo um grupo coeso, responsável pela inserção da fenomenologia no curso de graduação em Psicologia e por iniciativas extensionistas que se ancoravam em tal perspectiva. Quase duas décadas depois, temos em Natal um forte polo de discussão sobre a clínica fenomenológica, com três grandes congressos internacionais realizados, inúmeras dissertações e teses concluídas, uma marcante presença no curso de graduação em Psicologia e responsável por projetos de extensão de reconhecido impacto social. Pretende-se, pois, nesta mesa, trazer alguns apontamentos históricos e compartilhar caminhos de ensino, pesquisa e extensão inspirados na fenomenologia que hoje compõem a formação em Psicologia na UFRN - campus central. Os caminhos narrativos buscam, ainda, evidenciar a estreita relação entre a clínica fenomenológica que vem sendo construída e o enfrentamento de questões que se desvelam no cenário contemporâneo, marcado por uma crise ético-política que se expressa por inúmeras violações no campo dos direitos humanos e provoca intenso sofrimento psíquico.

MESA INSTITUCIONAL 8– APHETO

PESQUISAS E INTERVENÇÕES CLÍNICAS HUMANISTA-FENOMENOLÓGICAS

Lucas Bloc
Anna Karynne Melo
Karla Carneiro
Márcia Nogueira

Esta mesa-redonda tem como objetivo apresentar as pesquisas e intervenções clínicas na perspectiva humanista-fenomenológica desenvolvidas pelo APHETO – Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica. Com o título *A pesquisa em psicoterapia: desafios éticos, fenomenológicos e clínicos*, o trabalho problematiza a psicoterapia humanista-fenomenológica, apresentando aspectos históricos e conceituais que sustentam a pesquisa clínica. Neste contexto, apresenta o Projeto Cuidar-Psi que desenvolveu pesquisas e intervenções clínicas no contexto da ansiedade e da obesidade. Em seguida, o trabalho *Psicoterapia de Grupo para pacientes com ansiedade: os desafios e possibilidades no manejo clínico humanista-fenomenológico* discute o processo de composição do grupo em psicoterapia e a formação dos facilitadores, a supervisão clínica através de versões de sentido e a descrição das intervenções fenomenológicas. Seguindo neste contexto, a investigação *O grupo psicoterapêutico como um possível espaço de mudança em pacientes com ansiedade* tem como objetivo discutir os resultados da psicoterapia de grupo, realizadas durante seis meses, na perspectiva de seis pacientes, tendo como instrumento entrevistas fenomenológicas. Duas categorias são analisadas, utilizando o método fenomenológico (IPA): Do grupo como suporte ao reconhecimento das mudanças; Ouvir, falar e ser ouvido no grupo como condições para as mudanças. Por último, a pesquisa *Psicoterapia como possibilidade de cuidado na resignificação do vivido de pessoas obesas*, busca compreender a experiência vivida de pacientes atendidos em psicoterapia por um período de seis meses. Foram realizadas quinze entrevistas fenomenológicas, analisadas via método fenomenológico crítico. As categorias elencadas para análise tratam de aspectos significativos no processo de mudança na experiência de ser uma pessoa obesa.

MESA INSTITUCIONAL 9 – ABD

A HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DASEINSANALYSE

Carlos Eduardo Freire

Maria de Fátima de Almeida Prado

David Cytrynowicz

Ida Cardinalli

Título: Fundação da Associação Brasileira de Daseinsanalyse

David Cytrynowicz

Esta apresentação busca trazer o entendimento de como se deu a fundação da ABD. O horizonte deste entendimento só será possível trazendo a biografia de Solon Spanoudis, seu idealizador, sua trajetória pessoal na psiquiatria e psicoterapia e suas inquietações que o levaram ao encontro do pensamento de Martin Heidegger e à proximidade com Medard Boss. A trajetória pessoal de Solon se confunde com o nascimento da Daseinsanalyse no Brasil.

Título: Lembranças dos primeiros anos da Associação Brasileira de Daseinsanalyse

Carlos Eduardo Freire

Ao trazer memórias dos anos iniciais da ABD, pretendo mostrar a vigência do compromisso com o rigor fenomenológico - às coisas em si mesmas - como ponto central desta proposta psicoterápica. As memórias relatadas referem-se tanto a experiências da psicoterapia com Solon Spanoudis, como aos estudos iniciais de Ser e Tempo, com David Cytrynowicz e depois com Solon. Na experiência psicoterápica, destaco a importância do abrir espaço para o paciente chegar e mostrar-se. Nos estudos de Ser e Tempo, quero focalizar a preocupação, sempre presente na ABD, em tornar uma obra e seu autor, conhecidos como complexos e difíceis, como algo mais próximo e passível de ser encontrado em nossa experiência.

Título: Reflexões sobre a Daseinsanalyse na Contemporaneidade: a ABD e a Daseinsanalyse no mundo

Maria de Fátima de Almeida Prado

Esta apresentação procura refletir sobre a história da conexão da Daseinsanalyse a partir de seu lugar de origem na Europa (Zurique, Suíça) e seu primeiro braço fora da Europa, no Brasil (São Paulo): a ABATED, fundada por Solon Spanoudis, com o decisivo apoio e incentivo de Medard Boss. Serão discutidas algumas ideias sobre a tarefa do Daseinsanalista, em seu compromisso de divulgação do pensamento de Martin Heidegger e Medard Boss, assim como da formação de novos daseinsanalistas em meio aos desafios do mundo contemporâneo.